

18227

REGISTO N.º 4202



A EXTINCCÃO

DO

CONVENTO DE SÁ EM AVEIRO

E

OS JORNAIS PORTUGUEZES RELIGIOSO-POLITICOS

CARTA

AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

NUNCIO APOSTOLICO

VICENTE VANUTELLI, ARCEBISPO DE SARDIA

PELO

BISPO DE COIMBRA



004202

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1886



FUNDO
LOCAL

EX.^{MO} E REV.^{MO} SR.

Tive a honra de receber a carta que V. Ex.^a Rev.^{ma} se dignou dirigir-me em 23 de junho ultimo, perguntando-me se era verdade o não se ter satisfeito ainda á Religiosa do extincto convento de Sá de Aveiro o subsidio mensal que se lhe promettera na occasião da extincção do seu convento; e do teor d'esta pergunta, e do que se me tem dicto e se tem publicado a este respeito, eu infiro bem as queixas que certamente a mesma Religiosa terá feito a V. Ex.^a Rev.^{ma} contra mim por motivo d'uma e d'outra cousa.

Esta Religiosa, como V. Ex.^a Rev.^{ma} viu em Aveiro e muito bem sabe, inteiramente debilitada do corpo e do espirito pelos annos e pelas doenças, não tem culpa no que lhe fazem assignar as pessoas que a rodeiam, e que talvez não sejam exemptas de responsabilidade nas falsidades e calumnias que a proposito da extincção do mesmo convento se têm lido contra mim no jornal religioso-politico — *A Nação* —. E comquanto o mesmo jornal seja acreditado pela boa fé de alguns dos seus correligionarios, e comquanto sintam muito que estes, enganados e illudidos por elle, possam formar conceito menos favoravel do meu procedimento sobre este assumpto, o decoro e a dignidade do meu ministerio não me permittiam que dêsse explicações

algumas a este respeito, e V. Ex.^a Rev.^{ma} não poderá deixar de dar-me razão, porque infelizmente tem visto até que ponto tem descido o sobredito jornal e alguns outros egualmente religioso-políticos.

Outro porém é agora o meu dever em vista do que V. Ex.^a Rev.^{ma} se digna escrever-me, e vou já cumpril-o com a franqueza e lealdade que devo a V. Ex.^a Rev.^{ma}, e que é propria do meu character.

No meu sincero e verdadeiro empenho de desviar do convento de Sá de Aveiro o quartel militar para que o pretendiam, fui logo áquella cidade para ver se pessoalmente e pelos meios suosorios podia conseguir o meu fim. Infelizmente nada consegui, e, o que é mais, convenci-me de que por modo nenhum podia tentar outros com bom resultado, attentas as circumstancias especiaes do convento e as da opinião publica da cidade de Aveiro naquella occasião a respeito d'elle.

A cidade do Porto, vendo que a de Aveiro não tinha nem arranjava quartel para o corpo de cavallaria 10, que lhe tinha sido destinado, tractou de o pedir ao Governo para si; e os habitantes de Aveiro, até então extremamente jubilosos com a concessão do corpo que reputavam ser a sua fortuna, receiando perdê-la depois, pela falta de quartel e pela influencia e poderio do Porto, alarmaram-se por tal fórma, que até alguns dos mais afeiçoados ao convento vieram pedir-me á Estação, na minha sahida para esta cidade, que não pozesse difficuldades á concessão d'elle para quartel, e o mesmo foram a Lisboa pedir ao Governo em grande commissão no dia seguinte. O proprio confessor do mesmo convento que me tinha acompanhado á *gare*, chegou a retirar-se d'ella, vendo chegar esta grande manifestação, que eu recebi sem fazer promessas, e advogando pelo contrario os direitos da Religiosa e os meus na questão pendente. Todavia, se em taes circumstancias se lhes recusassem aquelles pardieiros velhos que para nada prestavam, e cujo estado de ruina V. Ex.^a Rev.^{ma} admirou, seria grande a indignação d'aquelle povo contra o convento.

E de mais a mais como podia eu sustentar e fazer valer semelhante recusa, se ninguem a pôde fazer vingar a respeito d'outros conventos que o Governo tem supprimido em melhores circumstancias e ainda com uma e duas Religiosas na clausura, como,

além d'outros, aconteceu em data não muito distante, segundo me informam, com os de Marvilla, S. Bernardo de Portalegre, Sancta Clara de Vinhaes, Sancta Monica de Evora e Nossa Senhora de Subserra da Castanheira? Porque nenhumas queixas e nenhuma bulha pela extinção d'estes conventos, e tantas e tão grandes pela extinção do de Sá? Porque se queixam do Prelado de Coimbra, que encontrou em tal assumpto estes precedentes além d'outras razões ponderosissimas, e não se queixaram dos outros Prelados que primeiro os deixaram estabelecer naquelles conventos das suas Dioceses?

Será porque o convento de Sá tinha mais esperanza do que os outros de poder subsistir depois da morte da Religiosa? Ninguem, a não estar cego e de todo obcecado, poderia esperar semelhante cousa, visto o seu estado de ruina e a divida de 2:500\$000 réis com hypotheca legal no convento. E o capellão, e a secular do mesmo convento, a Sr.^a Ravara, que julgavam garantir a existencia d'este depois da morte da Religiosa com a vinda para elle d'algumas Irmãs Franciscanas, para que eu lhes dei promptamente as licenças que me foram pedidas, viram perdida depressa tambem esta taboia de salvação a que tinham recorrido, porque estas excellentes creaturas, de quem fiquei fazendo muito bom conceito, ainda muito antes de se fallar ou de haver a menor suspeita da extinção do convento de Sá, estavam já para se retirarem para a sua casa do Porto.

Se pois o convento estava fatalmente condemnado a acabar de todo em poucos annos, se o seu acabamento antecipado não prejudicava muito o culto nem a piedade em Aveiro por haver para aquelle e para esta em uma cidade tão pequena cinco Egrejas publicas, sendo duas tambem de conventos, e além d'isso uma nova muito grande em construcção perto da de Sá, e se nem prejudicava tambem a Religiosa, porque no convento de Jesus, com as vantagens por mim propostas e promettidas, ficaria muito melhor do que estava em Sá, onde quasi que já não tinha a administração dos bens do convento pelas anteriores providencias do Governo, em vista do estado d'este: não era justo nem razoavel que por causa dos interesses apenas de meia duzia de pessoas que a rodeavam, se privasse uma cidade inteira d'um tão grande beneficio, e se fosse de encontro á vontade dos seus habitantes, quando de mais a mais eu salvaguardava aquelles

interesses com a promessa que fiz de levar tambem algumas d'aquellas pessoas para Jesus.

Parece-me que na cidade de Aveiro, em vista do grande empenho que todos mostravam por este grande melhoramento da sua terra, ninguem se recusaria a fazer qualquer sacrificio para o conseguir; e uma das Damas mais respeitaveis e mais religiosas d'aquella cidade ensinou a todos, com os actos de generosidade por ella praticados em favor da vinda do corpo de cavallaria para a sua terra, que os sentimentos religiosos e as virtudes christãs consistem não no egoismo com que pugnamos atravez de tudo pelos nossos interesses e commodidades pessoaes, mas na caridade, abnegação e sacrificio que devemos fazer pelo bem dos outros.

E de mais a mais, tendo custado a conseguir-se ha pouco tempo ainda que não se tocasse nos conventos de Jesus e do Carmo da mesma cidade, pretendidos ambos para Hospital, aquelle primeiro e este depois; seria prudente e acertado que, nas circumstancias que se davam, eu quebrasse lanças tambem pelo de Sá com a certeza de nada conseguir, e com o perigo de pôr assim em risco a existencia d'aquelles, que têm outras condições e até outra importancia em Aveiro?

Em vista pois da resposta negativa da Religiosa á minha carta sobre a transferencia d'ella para o convento de Jesus (copia n.º 1), respondi ao officio do Governo de Sua Majestade com o meu constante da copia n.º 2; e tanto neste como na Portaria que lhe respondeu (copia n.º 3) poderá V. Ex.^a Rev.^{ma} ver a attenção e deferencia que houve para com a mesma Religiosa, não podendo tambem ser maior a que posteriormente continuou a haver em tudo o que dizia respeito ao convento; e tanto que ainda depois da pouca attenção e desabrimento com que nelle foi recebido o M. R. Conego Arcipreste, meu delegado, eu cheguei a pedir-lhe que os desculpasse e que não fizesse caso de taes desabafos (copia n.º 4).

Infelizmente estes augmentavam a ponto de se converterem em resistencia formal, insultos e desatinos que o decoro da minha auctoridade não podia deixar de reprimir, e para este fim dirigi á Religiosa, muito a meu pesar, o officio da copia n.º 5, e ao M. R. Conego Arcipreste a Portaria da copia n.º 6.

Não sei porém qual admirar mais—se um tal procedimento em

senhoras que vivem na clausura, se a muita paciencia com que o M. R. Arcipreste o soffreu e desculpou, chegando até a pedir-me licença para não fazer uso d'estes documentos, já porque não queria molestar a Religiosa, já porque lhe parecia que a Sr.^a Ravara, pelas satisfações que lhe dera, andaria mais avisada d'alli em deante.

Julgava eu, pois, já quieta e menos mal accommodada a gente do convento na amplissima parte d'elle destinada para a sua habitação, quando o Governo de Sua Majestade me mandou informar o requerimento (copia n.º 7), em que a Religiosa lhe pedia licença para sahir para onde quizesse por não ter alli nem ar, nem agua, nem luz, nem sol!!

Informei o que V. Ex.^a Rev.^{ma} póde ver na copia n.º 8, e deferido o mesmo requerimento e promettido o subsidio pedido (copias n.ºs 9 e 10), principiaram a conduzir-se do convento as cousas da Religiosa para a freguezia de Fermellã, d'onde é natural o P.^e Capellão do mesmo convento, e para onde foi viver a mesma Religiosa, obtidas as licenças que me pediu e lhe concedi para sahir do meu Bispado; e ainda que as Auctoridades e não pouca gente de Aveiro notaram que sahia do convento muita bagagem, ninguém incommodou a Religiosa por este motivo, graças a quem attendeu os pedidos que se fizeram para este fim por parte do M. R. Conego Arcipreste, o que eu estimei e muito lhe louvei.

Tambem quando soube ultimamente que ella ainda não tinha recebido subsidio algum do Thesouro, apesar de ter sahido ha tanto tempo da clausura, dirigi logo ao Governo o officio (copia n.º 11); fui a Lisboa tractar d'este negocio como V. Ex.^a Rev.^{ma} viu, e dirigi de lá ao M. R. Conego Arcipreste o officio (copia n.º 12) para participar á Religiosa que lhe tinha sido concedido o subsidio de 40\$000 réis mensaes, e que em quanto não recebesse a somma de todos em debito desde a extincção do convento, o que não tardaria muito, eu lhe abonaria o dinheiro de que precisasse para que não soffresse necessidades.

Mas não julgue V. Ex.^a Rev.^{ma} que é singular e filho só de occasião este interesse que tomei pela Religiosa do convento de Sá. Ainda que muitas razões, que não esqueço nunca, me obrigavam a tel-o mais especial por ella, eu tenho-o tomado sempre por todas as Religiosas do meu Bispado, e ainda no

anno passado offereci para hospital de cholicos este meu Paço Episcopal para o desviar do convento de Sant'Anna d'esta cidade, onde queriam estabelecê-lo, e cuja Religiosa infelizmente foi agora tambem transferida para o Collegio Ursulino, como V. Ex.^a Rev.^{ma} sabe (copias n.^{os} 13 e 14).

Posso dizer afoutamente, sem que ninguem consiga desmentir-me, que em poucos Bispados ou em nenhum de Portugal os conventos têm recebido mais attenções e mais beneficios dos seus Prelados e do Governo por intervenção d'estes do que neste de Coimbra, e que difficilmente se encontrarão Religiosas, Pupillas e Recolhidas mais respeitosas e mais agradecidas ao seu Bispo do que são as da minha Diocese; e, cousa notavel, alguns jornaes religioso-politicos não cessam de gritar e de dar a entender ha muito tempo que eu sou inimigo dos conventos d'esta Diocese, e que estes são inimigos do seu Bispo!

Não é possivel publicar agora os factos e documentos comprovativos do que digo; mas entre muitos sempre transcrevo o de copia n.^o 15, e ficará para outra vez a publicação d'outros para desengano e vergonha de quem grita e accusa sem provas. E no entretanto podem essés accusadores ir fazer averiguações a este respeito, até nos proprios conventos de Aveiro — Jesus e Carmo — que, apezar de terem vindo ha pouco tempo para a minha jurisdicção, sabem já quanto e quanto tenho feito por elles ambos.

Tambem não posso ser arguido de cooperar com o Governo Portuguez na grande injustiça por elle practicada de dispôr dos bens da Igreja sem intervenção e accordo previo com a Sancta Sé. Achei estabelecidos já nas outras Dioceses, sem protesto que eu saiba, os factos que se deram agora na minha; e, se não tinha auctoridade e força para os evitar, não tenho tambem responsabilidade alguma nelles, porque, além de proceder em tudo canonicamente, como V. Ex.^a Rev.^{ma} sabe, tenho desde muito empregado todos os meios que de mim dependem para remediar tão grande mal.

Quando em dezembro de 1869 o Governo pediu o meu parecer em Portaria circular sobre as casas Religiosas d'este Bispado que por falta de rendimentos e pessoal não podessem subsistir, e sobre as que deviam ser annexadas a outras, não ficando em resultado da annexação o numero das Religiosas inferior a 12;

pedi informações ás do meu Bispado, expondo-lhes com toda a fidelidade a pretensão do Governo e as razões em que se fundava, e com estas informações, em que pela minha parte tambem quiz fundar-me, disse ao Governo franca e abertamente que Elle não podia fazer o que pretendia sem o accordo da Sancta Sé, como V. Ex.^a Rev.^{ma} póde ver no respectivo officio (copia n.º 16). E outra vez, cousa notavel, quando eu dizia isto ao Governo, e advogava a existencia dos conventos e a necessidade e justiça das profissões religiosas com a independencia e desassombro que V. Ex.^a Rev.^{ma} póde ver no documento antecedente e adeante transcripto, e isto não obstante ser ainda só governador d'este Bispado, os jornaes de que tracto faziam escandalo com o que escreviam por causa da minha pretendida guerra aos conventos!

Mais tarde, em 1872, tinha eu a honra de cooperar com o Encarregado de Negocios da Sancta Sé, com o Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e com os Srs. Patriarcha e Bispo do Porto, nas providencias que todos desejavamos obter da Sancta Sé e do Governo ácerca dos bens dos conventos, que de dia para dia se iam perdendo de todo com manifesto prejuizo da Religião e da Egreja; e em resultado das conferencias em que nos reunimos para este fim, tive a honra de assignar com os meus respeitabilissimos Collegas do Episcopado do continente a supplica e mensagem que muito respeitosamente enviámos a Sua Sanctidade por intervenção do Governo e do nosso Embaixador em Roma juncto da Sancta Sé (copia n.º 17).

Porém, se eu não tenho culpa nem responsabilidade alguma na questão do convento de Sá, e se nesta procedi por fórma que ninguem póde taxar de menos canonico e auctorizado o meu procedimento, não podem dizer o mesmo os conselheiros e conselheiras da Religiosa, porque, podendo viver muito bem na parte do convento que lhes foi destinada, e onde se lhe não tinha faltado ao respeito e ás attenções devidas (copia n.º 18), não quizeram nem ao menos esperar pela incommodidade da vizinhança da soldadesca, e foram logo espontaneamente entregar ao Governo os bens do seu convento, para a troco d'elles irem com o seu capellão para a aldeia d'este gozar uma prestação mensal certa e sabida, sem se lembrarem nem importarem de que por este modo iam fechar a Egreja do mesmo convento

ao culto publico, e pôl-a em risco de ser demolida, risco que appareceu logo, mas que felizmente não se deixou correr á revelia.

Quanto isto é triste!

Comparem-se agora os documentos officiaes e os factos que tenho exposto, e que aquelles comprovam, com o que se escreveu no jornal — *A Nação* — contra mim e contra o M. R. Conego Arcipreste de Aveiro por causa do convento de Sá.

Dizem e affirmam similhantes escriptores que a Religiosa estava emparedada na parte do convento que se destinou para a sua habitação e que não tinha ar, nem luz, nem sol, quando essa parte que lhe foi destinada é, com pouquissima differença, todo o convento menos a cerca e o claustro; quando tem ainda quarenta janellas e um pateo na frente voltado para o meio dia; quando foi escolhida para Hospital de cholicos d'uma cidade inteira, e quando finalmente lá está ainda em pé para confusão e vergonha de quem falta tão escandalosamente á verdade.

Dizem, affirmam e certificam que eu informara o Governo contra a concessão do subsidio á Religiosa, quando no respectivo officio, adeante transcripto, eu disse: — «Seja o Governo generoso com a pobre velhinha (a Religiosa) que não tem culpa nenhuma, e que está com os pés á beira da sepultura. E visto que os rendimentos do convento devem exceder os 600\$000 réis que ella pede, dê-se-lhe esta quantia, porque infelizmente não se lhe dará por muito tempo, e deixemol-a terminar os seus dias, fazendo a sua vontade e não a contrariando quando não fôr absolutamente preciso. É e foi sempre este o meu empenho, e peço muito encarecidamente a V. Ex.^a que se digne de o attender.»

Insistem finalmente ainda em taes affirmativas, chegando a dizer e a certificar que tanto ellas são verdadeiras, que um Cavalheiro (aquelle a quem dizem dever a concessão do subsidio) vira na Secretaria de Estado, e tivera na mão, o meu officio d'onde constava a informação adversa; quando nem é crível, vista a seriedade que ha na mesma Secretaria, que se mostrassem e se déssem para a mão de particulares os officios dos Bispos que entram para ella.

Mas tudo isto, que é muito, ainda não é tudo. Não toco em

muitas cousas destituidas de razão e de senso commum — odios e vinganças pequenitas — que o mesmo jornal religioso-politico publicou com a confirmação, apoio e louvor da Redacção. Noto só, entre outras, o empenho pharisaico e o odio satanico com que elle me queria fazer mação e me chamava Irmão *Lafayette* — como se isto tivesse alguma cousa para a questão do convento, e como se não fosse bem sabido de todos que eu, mercê de Deus, nem sou nem nunca fui mação.

Tambem não tenho nisto muita virtude, porque, talvez por conhecerem a minha nullidade, nunca ninguem me quiz, nem me fallou, nem me convidou para a maçonaria liberal; mas tenho alguma em não ter pertencido á miguelista de S. Miguel da Ala, onde tinha os meus parentes e muitos amigos; porque foram constantes e fortissimas em 1854, como sabem alguns d'estes ainda vivos, as instancias para eu me filiar nella, filiação que repelli sempre com toda a energia, não por desaffeição á politica que ella advogava, mas porque nestes tempos de liberdade e de publicidade me pareciam altamente ridiculos esses ritos maçonicos e mysteriosos que me contavam e que eu lia, e porque detestei e abominei sempre as trevas e os compromissos e juramentos occultos, de que não precisam os caracteres independentes, desinteressados, francos e nobres para trabalharem pelo bem da Religião e da Patria.

Todavia, quando tive a honra de ser apresentado Bispo d'esta Sancta Egreja de Coimbra, entre as intrigas e calumnias que esses jornaes religioso-politicos inventaram para impedirem a minha confirmação, a de eu pertencer á maçonaria não foi a menos explorada. Deixei-os á vontade, e nunca disse nem declarei cousa alguma, para que a defeza da verdade e da innocencia naquella occasião não podesse nunca ser interpretada por ninguem como ambição da Mitra, que eu não quiz pôr nem poria nunca na minha cabeça senão inteiramente pura e limpa.

Porém as declarações officiaes e authenticas, feitas depois de eu estar confirmado e sagrado, destruíram todas as duvidas, ou, antes, todas as maledicencias sobre este ponto; e mais ainda as destroem os factos publicos e constantes da minha já longa vida publica. Pois a abstenção, independencia e força que eu tenho mantido sempre e invariavelmente em frente de todas as luctas eleitoraes e de todas as paixões politicas; a firmeza com

que me recuso a obtemperar ás exigencias e pretensões de sabor politico de todos os partidos e de todos os governos liberaes; o desassombro com que combato os erros d'uns e d'outros em materias de religião; o vigor com que sustento os direitos da Egreja e a justiça do meu clero na apresentação dos beneficios parochiaes a despeito de todas as conveniencias politicas e partidarias, podem ser provas de eu ser maçã? E pôde alguém ter outras para affirmar que eu o sou?

Em tempo os periodicos liberaes disseram que o Sancto Padre Pio IX, de saudosissima memoria, tinha sido maçã, e os jornaes catholicos protestaram, e com razão, contra similhante aleivosia nos termos mais fortes e energicos. Mas quaes serão mais criminosos e mais dignos de lastima, os jornaes liberaes que em grande parte costumam aggreddir como que por officio os ministros da Egreja, levantando similhante calunnia contra o seu Chefe Supremo, ou o jornal — *A Nação*, — que, devendo proteger o clero e o episcopado por se dizer catholico, e occultar-lhe até quanto poder ser as faltas, como pede e exige a caridade e a religião de que tanto blasona, se compraz pelo contrario em appellidar falsamente de maçã um bispo catholico em communhão com o Sancto Padre e abençoado por Elle; e em assoalhal-o e fazel-o crer como tal aos fieis? E que indignação e castigo poderá haver para o mesmo jornal, quando depois de desmentido e de advertido de tão monstruosa falsidade, elle insiste ainda em querer sustental-a, chegando a alterar e a falsificar para este fim os documentos publicos?

V. Ex.^a Rev.^{ma} viu no n.º 7.º (1.ª serie, 3.º anno) das *Instituições Christãs*, como numa relação de mações em tempo publicada havia um chamado Manoel Maria Corrêa (B... P...) Irmão *Lafayette*, que era um doutor d'esta cidade já fallecido, e como o escriptor da *Nação* tirou d'este nome os parenthesis e os signaes maçonicos para escrever como escreveu Manoel Maria Corrêa B. P., com o fim de fazer crer que as iniciaes B. P., que dizem significar na maçonaria — Benigno Primo — e que estavam em todos os outros nomes da mesma relação, queriam dizer Bastos Pina, que era o meu nome, sem sequer se lembrar de que eu nunca me assignei Manoel Maria; e V. Ex.^a Rev.^{ma} viu tambem como o director ou redactor do jornal — *A Nação* — exultou de contente com esta prova do meu enormissimo crime, e como

apoiou o considerado e illustrado cavalheiro de Aveiro seu correspondente.

Felizmente a verdade tem força e luz a que nem sempre podem resistir por muito tempo ainda os mais cegos e obstinados, e o mesmo correspondente, forçado por ella, não tardou muito em declarar, como declarou, que dava por não feitas as suas referencias sobre este ponto, e que retirava tudo quanto a este respeito tinha dicto; e o redactor da *Nação* diz que é tanto maior e mais sincero o seu gosto ao fazer esta publicação, quanto mais profunda tinha sido a sua magua na referencia que fizera quando tambem fôra induzido em erro ácerca do Prelado de Coimbra; que se associava da melhor e mais pura vontade ás rectificações d'este seu prezado amigo na parte que lhe cabe, e egualmente ás satisfações que o mesmo nobremente se apressou a dar, e que elle de todo o coração de catholico dava humildemente ao mesmo Prelado.

Agradeço como devo esta retractação tão explicita e completa, mas a despeito d'ella poderá haver vislumbres de probidade e de consciencia em quem, apezar do muito que apregoa a sua religião e catholicidade, ousa falsificar de proposito e com revoltante má fé um documento publico para calumniar e diffamar torpemente e com a maior publicidade um bispo catholico?

Sei que alguns caracteres honrados da politica anti-dynastica ou absolutista se indignaram muito com este procedimento do seu órgão na imprensa, e que um, pelo menos, muito distincto e da mais acrisolada fé e lealdade ao seu partido, mandou logo suspender a remessa de similhante jornal, declarando depois que não queria que elle lhe entrasse mais em casa.

Tambem muitos parochos e clérigos do meu bispado quizeram protestar contra elle no jornal da Diocese as *Instituições Christãs*, mas eu pude obstar a estes protestos, e respondi-lhes o que consta da copia n.º 19.

Mas perguntará V. Ex.^a Rev.^{ma}:— Que interesse podem ter alguns jornaes que se dizem religiosos em acoimarem um bispo de mação?

Vou dizel-o. Sabendo que o nosso bom povo olha muito mal e com razão para a maçonaria, e que julga que ser mação é o mesmo que ser impio, o que o seu sentimento religioso não lhe permite tolerar, e ainda bem, os escriptores da *Nação* e os outros

do mesmo partido, que da religião e da piedade pretendem fazer privilegio só para elles, propagam nas trevas e por meio da gente simples, cuja boa fé enganam, que são *maçonicos* e pedreiros livres todos aquelles que não professem a politica antidynastica, ou que não se conformem com os seus intuitos, exaggeros e paixões, e tão abominaveis processos e perante os quaes não trepida a sua consciencia, applicam-nos a todos os padres e a todos os bispos que não se lhes submettam, por mais virtuosos e dignos que elles sejam.

Estes, por mais que se desvelem pelo bem da Religião e da Egreja, por mais que se esforcem em sustentar e defender os seus direitos, e em promover a fé e esplendor do culto divino, e por maiores que sejam os fructos do seu zelo e as benções que que recebam do Sancto Padre, não trabalham pela boa causa: faz-se em volta d'elles um grande vacuo como o *Siglo Futuro* de Hespanha recommendava ha pouco que se fizesse a todos os bispos que não imitassem os excessos d'um outro que o Sancto Padre censurara, interpretam-se mal, amesquinham-se e desvirtuam-se todas as suas obras, por mais notorias e mais sanctas que sejam, e lançam-se de continuo sobre elles suspeitas de mações, para os desacreditarem perante os fieis.

Para os outros que pela sua condescendencia estiverem no seu livro de matricula, ou nas suas graças, ha outra vara de medir: podiam não fazer nada, e tudo iria bem, podiam até fazer mal, e tudo iria ainda melhor; as censuras acolá são elogios e applausos aqui; as futilidades em uma parte são prodigios e heroismos na outra; e só o que partir dos seus abençoados póde ser religioso, catholico, sancto e do agrado de Deus.

D'esta intolerancia e facciosismo tenho eu sido victima desde o começo da minha vida publica já de mais de trinta annos, e hei de continuar a sel-o sempre, porque sou cada vez mais intransigente e implacavel com o que não fôr justo, nobre e digno, e com o que se afastar do verdadeiro espirito da Religião sancta que professamos ou da obediencia devida ás doutrinas, conselhos e recommendações do nosso Gloriosissimo Pontifice Leão XIII.

Não enumero os muitos factos que evidenciam este facciosismo tão notavel, porque nem os tenho todos presentes pela pouca importancia que sempre lhes dei, nem devo abusar tanto da paciencia de V. Ex.^a Rev.^{ma} Todavia não posso resistir á

tentação de expôr, embora rapidamente, alguns d'entre muitos que agora me lembram.

1.º

Nas minhas visitas episcopaes e solemnes ás Egrejas do meu bispado, feitas todos os annos ininterrompidamente desde a minha sagração, têm visto todos os meus diocesanos desde Gouveia até perto de Thomar, desde o Vouga até ao Zezere e até ao Liz, as fadigas e incommodos de toda a ordem que tenho tido neste desempenho do meu ministerio, e o animo e bom rosto com que exponho e deterioro a minha saude, ora estando dentro das Egrejas 7, 8 e 9 horas seguidas, exhortando, chrismando e examinando tudo o que diz respeito ao templo, ao culto e ao serviço parochial, ora atravessando longinquas e enormes montanhas por caminhos perigosissimos, e não poucas vezes debaixo de chuvas ou dos raios ardentes do sol, ora finalmente percorrendo povoações insalubres, algumas vezes já doente, para não faltar á visita das Egrejas no dia e hora destinada, porque durante 12 annos e em mais de 200 que tenho visitado, só uma vez faltei á visita d'uma no dia e hora indicada por motivo de doença grave.

Todos do mesmo modo viam como Deus Nosso Senhor abençoava os meus trabalhos pastoraes, e como em resultado d'estes se robustecia a fé e afervorava a piedade, se compunham desavenças e reformavam costumes, se levantava a disciplina e a auctoridade parochial, se reparavam os templos e se construiam outros de novo.

Os proprios correligionarios da Nação, respeitabilissimos cavalheiros da Beira, meus dedicados amigos, e dos quaes não se apagará nunca em meu coração a saudade e o reconhecimento, podem dizer-lhe como a minha visita episcopal áquellas terras se converteu em triumpho para a Religião pelo grande movimento e alvoroço religioso que produziu em todos os fieis e de todas as classes; pelo fervor com que todos corriam ao templo para ouvirem a minha voz e para receberem das minhas mãos o pão dos anjos e o sacramento da confirmação, e finalmente

pela devoção e enthusiasmo com que na humildade da minha pessoa exaltavam a auctoridade que representava.

Fizeram-se caminhos de novo em algumas parochias para receberem o seu Prelado, e por toda a parte não se viam senão arcos e flores na sua passagem, senão fieis e muitos cavalheiros acompanhando-o constantemente.

Os jornaes de todos os partidos encareciam e exaltavam os serviços que nas minhas visitas fazia á Religião e ao Estado, e eu fazia ver ao Governo, em Relatorios e Pastoraes que publiquei, quanto era grande o poder da Religião, e quanto era necessario e indispensavel que elle fosse devidamente acatado e respeitado. Pois, apezar de tudo isto, alguns jornaes religiosos da politica absolutista ou faziam um grande vacuo em volta das minhas visitas, ou se recusavam a publicar as correspondencias que se lhes mandavam com a descripção d'ellas, ou diziam e davam claramente a intender que as minhas visitas episcopaes não eram feitas segundo o espirito de Deus, mas pelo contrario com as vistas nas festas, nos foguetes e nas musicas!

bibRIA

2.º

No desempenho d'este meu ministerio pastoral nos concelhos de Pombal e Soure em 1880 vi muitas povoações dizimadas e alguns logares inteiramente abandonados e extinctos por causa da sementeira dos arrozaes; e, o que é peor, vi os povos desanimados e sem esperanza de poderem obter remedio para tão grande mal, porque os ricos e influentes eram interessados nos arrozaes, e as auctoridades não tinham força para bolir com elles e prejudicar os seus interesses.

Como pastor e protector nato de todos os meus Diocesanos revoltei-me contra esta fraqueza e egoismo, como não podia deixar de fazer quem tivesse coração. Fiz supplicas ao Governo, escrevi pastoraes, levantei a opinião publica, e mais de 200 cavalheiros de todos os partidos, liberaes, absolutistas e republicanos, reunidos por meu convite neste Paço, louvavam unanimemente a minha iniciativa e caridade pastoral, e assigna-

vam todos sem discrepancia d'um só, e com a approvação e louvor de toda a Faculdade de Medicina, uma energica representação ao Governo pedindo a extincção completa da cultura do arroz.

Os jornaes de todos os partidos apoiavam e exaltavam o meu procedimento e condemnavam a orysicultura. A grande commissão, nomeada pelo Governo em 1882 para estudar este assumpto, deu-me razão e condemnou-a tambem; e um Medico, todo humanitario e de grande talento, diz a este respeito em um livro que publicou o que consta da copia n.º 20.

Até dos jornaes *A Nação* e *A Ordem* mereci elogios no principio d'esta questão; mas a extincção dos arrozaes prejudicava os interesses que tinha na cultura d'elles neste districto um dos Redactores da *Nação*, e principiam logo a escrever-se neste jornal continuos artigos a favor dos arrozaes e contra mim, e tão insultantes eram da minha auctoridade alguns d'estes, que o de Coimbra — *A Ordem* — protestou contra a linguagem que nelles se empregava contra um bispo!

Um escriptor distincto, Redactor da *Nação*, que podia como homem de bem defender os arrozaes no campo scientifico e pratico e com dignidade, sem que ninguem o extranhasse, esconde-se nas trevas, e publica artigos e folhetos com o pseudonymo de *Amaro Mendes Gaveta* para insultar e metter a ridiculo o seu Prelado no desempenho mais sublime do seu ministerio — a caridade —, e para sacrificar ao seu interesse o bem do proximo, os sentimentos de humanidade e religião, e a nobreza de character. E para maior tristeza ainda não se póde allegar a sua boa fé na innocuidade dos arrozaes para a saude publica, porque elle residia então em Maiorca, e o Parocho d'esta freguezia, que era um bacharel formado em Theologia e character nobre e independente, contrista a todos com a narração que faz dos grandes estragos que os arrozaes faziam naquella localidade. Peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} que leia a sua informação a este respeito e que se encontra no relatorio da grande commissão dos arrozaes (copia n.º 21).

Pois não obstante estas tristezas o illustre Redactor da *Nação*, que mandou semear d'arroz umas terras que lhe davam bom milho e feijão segundo dizem, para não perder o maior interesse d'aquella cultura, fecha os olhos e o coração a taes tristezas e

desolações, e escondido e como quem se envergonha da sua propria acção, insulta e desacata o seu bispo por ter a caridade de as querer remediar em outras localidades onde ellas eram muito e muito maiores; e a *Ordem*, que tinha protestado contra a sua linguagem, sabendo que ella era d'um Redactor da *Nação*, interessado na orysicultura, adhere logo a este, abandona o seu Prelado e não duvida ser o unico jornal da terra a favor da nociva cultura do arroz.

Até o Ex.^{mo} Antecessor de V. Ex.^a Rev.^{ma}, Monsenhor Masella, que estes jornaes cobriam de continuos elogios e que não era nada suspeito para elles, como toda a gente sabe, achou tão extranho o procedimento d'elles para comigo, que me disse em 21 de março de 1881 que os desprezasse, porque não deve dar-se peso nenhum a jornaes de similhante genero: *Ad Ephemerides quoad attinet quae erga te insolenter se gerunt attendendae non sunt sed spernendae, quum nullum pondus tribuendum sit ejus generis diarüs.*

Peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} que leia as copias n.^{os} 22 e 23.

bibRIA^{3.º}

Logo que se publicou a *Encyclica Aeterni Patris* do nosso Sanctissimo Padre Leão XIII, recommendando o ensino da Philosphia de Sancto Thomaz d'Aquino nos Seminarios, e as Academias ou reuniões publicas para o propagar mais, creou-se no Seminario de Coimbra uma cadeira para o mesmo ensino, e no fim de todos os annos lectivos celebram-se nelle as grandes Academias de Sancto Thomaz d'Aquino, que V. Ex.^a desde que veio para este Reino se tem dignado de honrar sempre, um anno com a sua presença e outro com a do seu dignissimo secretario, Monsenhor Guidi.

O clero e fieis do meu Bispado e a Imprensa de todos os partidos louvaram então e louvam ainda hoje a iniciativa que tomou o Seminario de Coimbra em secundar com tanta promptidão e efficacia as grandes vistas do sabio Leão XIII na direcção do ensino Philosophico-Theologico, e até Monsenhor

Dr. Luiz Maria da Silva Ramos em um sermão prégado na Igreja das Therezinhas, exaltou o Prelado de Coimbra por ser o primeiro e o unico então que em Portugal testemunhava por esta forma a sua obediencia e dedicação ao Supremo Hierarcha da Igreja.

Foi mais esplendida do que tinham sido as anteriores a Academia de 1883, como V. Ex.^a R.^{ma} pode ver, não no Jornal da Diocese, as *Instituições Christãs*, que pode ser averbado de suspeito, mas na descripção que faz d'ella o eminente theologo Dr. Albuquerque, professor do Seminario de Braga, que veio tambem honral-a com a sua presença (copia n.º 24). Nesta Academia proferi o discurso que V. Ex.^a Rev.^{ma} pode ver (copia n.º 25), o qual a Imprensa de Coimbra apreciou, como V. Ex.^a Rev.^{ma} tambem pode ver (copia n.º 26), e que não contém, nem a Sancta Sé, a cujo exame foi submetido, disse que contivesse erro algum de doutrina ; e mais de 500 pessoas, muitas das mais puras crenças catholicas e tradicionalistas — Auctoridades, Lentes e Estudantes de todas as Faculdades — sahiram d'esta festa satisfeitos e entusiasmados com os esplendores e significação d'ella. Só o Redactor do jornal religioso — *A Ordem* — que tanta obrigação tinha de a respeitar e exaltar por ser uma festa mais do Sancto Padre do que do Bispo de Coimbra, além de estar nella com menos respeito e cortezia, insultou-a e calumniou-a por tal fórma, que me vi forçado a dizer aos meus Diocesanos que não acreditassem o que elle dizia. Peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} que veja a Portaria e advertencia transcripta no fim do discurso já citado. Todavia esta Portaria, em vez de ser devidamente acatada, como era de esperar de pessoas religiosas e catholicas, deu logar a uma rebellião ou conspiração formal dos jornaes religioso-politicos — *Ordem, Nação, Restauração, Cruz e Espada* e não sei que mais —, contra mim. Pediam uns aos outros que escrevessem artigos e folhetos que me fizessem doer, e não houve desmando de linguagem e vituperio que não empregassem injustamente contra um Bispo. Só os jornaes impios e demagogicos vão tão longe nas suas investidas contra os Ministros da Igreja.

Mas, entre outros escriptos de importancia e de muita auctoridade, como os do actual Ex.^{mo} Arcebispo de Perga, os artigos do jornal Catholico do Porto — *A Palavra* — e entre estes o do sr. Conde de Samodães (copia n.º 27); e sobre tudo os protestos

eloquentes e energicos do Clero do meu Bispado, publicados nas *Instituições Christãs* contra o procedimento de semelhantes jornaes, desaffrontam triumphantemente a minha auctoridade e collocam estes em posição bem triste.

Infelizmente nada aproveitou esta lição, porque mais tarde lia-se nas *Instituições Christãs* a seguinte:

«*Declaração.* — Tendo o jornal d'esta cidade a *Ordem* publicado, em seus n.^{os} 511 e 513 de novembro ultimo, sob o titulo *Agradavel surpresa aos nossos assignantes*, que o Sancto Padre lhe concedera uma Benção Apostolica, que essa Benção servia não só para a ter firme no seu posto, senão mais ainda para lhe incutir novo ardor, e que para satisfazer aos desejos do Sancto Padre e aos de tantos bons catholicos ia publicar-se tres vezes por semana: foi declarado officialmente de Roma ao Ex.^{mo} Prelado d'esta diocese que S. Sanctidade não concedera Benção alguma especial ao sobredito jornal.»

E ainda quando V. Ex.^a R.^{ma} veio honrar a Academia do anno seguinte com a sua presença, que toda esta cidade festejou e exaltou com os transportes de jubilo e entusiasmo, que V. Ex.^a Rev.^{ma} viu e constam das *Instituições Christãs*, junctamente com os discursos proferidos por V. Ex.^a Rev.^{ma} e por mim na mesma Academia, a *Ordem* procedeu menos bem para com V. Ex.^a Rev.^{ma} mesmo, porque, além dos seus notaveis retrahimentos, publica nessa occasião, e como trazidas então por V. Ex.^a Rev.^{ma} para ella, umas benções que o Sancto Padre tinha concedido a alguns fieis, que por intervenção da mesma deram obulo para o dinheiro de S. Pedro, e que V. Ex.^a Rev.^{ma} tinha mandado para estes já ha mezes.

Lia-se depois tambem nas *Instituições Christãs* o seguinte:

«*Benção do Sancto Padre.* — Se alguem promover a subscripção de qualquer quantia para o dinheiro de S. Pedro, practica uma acção boa e louvavel; e se, na occasião da entrega d'essa quantia, pedir e obtiver para os subscriptores a benção do Sancto Padre, esta não envolve a approvação de outros actos além do da subscripção. Quem entender outra cousa dá prova de inqualificavel ignorancia.

«E o jornal que aproveita o ensejo de uma benção assim restricta para illudir e explorar a credulidade publica, e disfarçar a posição odiosa que tenha assumido por qualquer condemnavel

procedimento, inculcando aquella benção como estimulo para proseguir no caminho que leva, e annunciando para os seus leitores a graça que é para os dictos subscriptores, o que deixa parecer que a leitura d'esse jornal é obra meritoria;—mercadeja com as cousas sanctas, e corresponde com uma perfidia a uma graça do Sanctissimo Padre.»

Escusado é dizer que a *Ordem* nunca se justificou, e que depois de tudo isto e de tantos protestos contra ella só pode ser de tristeza e pouca auctoridade o seu logar na imprensa catholica.

4.º

Em outubro de 1883 fiz a grande romaria do Rosario á cidade de Aveiro para mais cabalmente se observarem e cumprirem nesta diocese as determinações do nosso Sanctissimo Padre Leão XIII sobre as festas que naquella mez se deviam fazer mais pomposas á Virgem do Rosario. Esta romaria, pela grande quantidade de Romeiros que me acompanharam de Coimbra para Aveiro, mais de 3:000, pela auctoridade e qualidade das pessoas que nella tomaram parte, e pelo socego, respeito e devoção que em tudo se observou, foi a maior manifestação religiosa que certamente nestes ultimos tempos se tem feito em Portugal. O Redactor do jornal religioso do Porto, a *Palavra*, que veio vel-a, descreve-a pelo modo por que V. Ex.^a R.^{ma} pode ver (copia n.º 28), e fallam tambem d'ella com louvor e admiração os jornaes de Coimbra e Aveiro.

Eu participei-a ao Governo com o Relatorio (copia n.º 29) e signifiquei aos meus Diocesanos com a Pastoral (copia n.º 30) os louvores e benções de Sua Santidade que constam das cartas do Em.^{mo} Sr. Cardeal Jacobini, nella transcriptas.

Pois a despeito de tudo isto a *Ordem*, que é um jornal religioso e publicado em Coimbra, onde se organisou a Romaria, apenas transcreve d'um jornal liberal uma ligeirissima noticia d'ella, e nem antes nem depois escreveu uma palavra ácerca de tão

grande acontecimento religioso, procedimento este que até mesmo em Roma e no proprio Vaticano foi muito admirado e extranhado, como posso provar com documentos authenticos.

Mas para que enumerar e referir mais factos depois do desprezo em que o proprio Antecessor de V. Ex.^a Rev.^{ma}, Monsenhor Masella, diz que devem ser tidos estes jornaes?

E V. Ex.^a Rev.^{ma} mesmo, a despeito de todos os seus merecimentos e da Dignidade sublime que desempenha de Nuncio de Sua Sanctidade, não foi já victima tambem dos mesmos jornaes? E como Bispo catholico, em tudo respeitador da Sancta Sé, não tive eu já de protestar contra elles por causa do que alguns escreveram contra V. Ex.^a Rev.^{ma} e até contra o Sancto Padre a proposito da confirmação do illustre Bispo de Bethsaida? (copia n.º 31). E não achou V. Ex.^a Rev.^{ma} justo e de necessidade profligal-os, como profligou, na resposta que se dignou dar ao meu protesto, publicado já nas *Instituições Christãs*? (copia n.º 32).

Desapprovando e censurando tudo o que seja conciliação e prudencia que favoreça os verdadeiros interesses da Religião, e chegando até a doestar os prudentes, parece que só desejam as perturbações e conflictos entre a Igreja e o Estado, para verem se, expondo este á execração d'aquella, podem tornar mais odiosas as instituições vigentes; e é isto tão verdade, e tão grande a sua fascinação neste ponto, que entre muitos basta referir para o provar o facto, que V. Ex.^a Rev.^{ma} conhece, de ter um d'elles, a *Ordem*, chamado impio e mação a um Bispo respeitabilissimo do continente por se ter afastado dos seus intuitos na decisão justissima d'uma pendencia religiosa do seu Bispado, e de ter pouco depois exaltado ás nuvens e proclamado como heroe o mesmo Prelado, só porque elle, sentindo-se aggravado com uma Portaria do Governo, se defendeu com phrases mais asperas e mais duras; e tão longe foi o seu enthusiasmo por este grande conflicto em perspectiva, que chegou até a abrir uma subscrição para offerecer ao mesmo illustre Prelado uma cruz peitoral, que Elle se recusou a acceitar.

E nos extraordinarios elogios a este Prelado e a um outro do Ultramar a proposito da Bulla *Humanum Genus*, que censuras e que allusões directas e pungentissimas a todos os outros Prelados do Reino por terem adiado para mais tarde o que aquelles

fizeram primeiro! Que empenho em os apresentar aos fieis como desobedientes ao Papa, e fracos e pusillanimes no cumprimento dos seus deveres!

V. Ex.^a Rev.^{ma} sabe muito bem que o procedimento do Episcopado, previamente resolvido e acordado, e filho de circumstanças especialissimas e de occasião, que era necessario respeitar, longe de incorrer no desagrado de Sua Sanctidade, nos mereceu palavras de benção; e que pela prudencia que houve em tão difficil conjunctura se fechou a porta a vexames e questões gravissimas e perigosas para a Egreja Portugueza, sem quebra nem offensa da consciencia ou do decoro e dignidade de ninguém.

Quando se escrever este periodo da Historia Ecclesiastica de Portugal com todos os documentos respectivos, e que eu sinto muito não poder agora publicar, conhecer-se-ha bem que foi muito acertado o nosso procedimento, e que o resultado que obtivemos, e que tanta satisfação deve causar a V. Ex.^a Rev.^{ma}, seria muito e muito outro, se fizessemos caso do que escreviam a este respeito aquelles que, sendo simples fieis como todos os mais, não têm como os Bispos a assistencia do Espirito Sancto para saberem o que mais convem á Egreja de Deus, cujo governo e direcção só a estes pertencem.

Admittir e acceitar um mal menor para evitar um maior, captar para a Egreja e seus ministros a benevolencia dos poderes publicos com delicadezas, attensões e cortezias que não prejudicam os direitos de ninguém, é doutrina que não querem nem admittem os pretendidos mentores dos Bispos Portuguezes, porque não é a paz nem a concordia, de que depende o bem religioso e social, o fim a que elles parecem mirar.

Em 1874 estavam no convento das Therezinhas d'esta cidade, como Capellães e Confessores, dois padres Jesuitas; um, pouco intelligente e fanatico em religião e politica miguelista; outro, illustrado e bom, mas com pouco juizo practico para não se deixar arrastar por aquelle. Com as inconveniencias que diziam no pulpito, principalmente o primeiro, que não estava no caso de prégar em Coimbra; com os excessos de devoção e piedade que prendiam, nas Therezinhas, muita gente principalmente das aldeias de dia e de noute, porque só a altas horas d'esta terminava o serviço religioso dentro da Egreja para principiar logo outra

vez muito de madrugada; com a defesa apaixonada que algumas pessoas do partido anti-dynastico faziam d'estes padres, convertidos assim em instrumento de politica; com o pouco ou nenhum caso que elles, allucinados por aquellas, fizeram dos conselhos que lhes dei, não para deixarem de prégar ou para fecharem as portas da Egreja, o que eu não consentiria, mas para serem mais moderados em tudo, alarmaram extraordinariamente a opinião publica de Coimbra; e se muitos Cavalheiros respeitaveis d'esta cidade, que, honra lhes seja, estão sempre ao lado do povo e das classes menos illustradas não para as excitarem nas suas explosões mas para as conterem, não presidissem e não tomassem parte nos *meetings* convocados para expulsarem os padres de Sancta Thereza, não faltaria talvez que lamentar.

Assim mesmo o convento das Therezinhas, que era a veneração de Coimbra, e do qual eu tinha dicto anteriormente ao Governo (copia n.º 16) que até as pedras das ruas se levantariam, se alguém ousasse tocar-lhe, incorria, por causa das imprudencias d'estes padres, nos odios e malquerenças d'uma grande parte da cidade; elaboravam-se e assignavam-se nos comicios representações ardentes contra elle, e não era de todo destituído de fundamento o que se dizia de quererem deitar-lhe o fogo de noute. Apprendam nesta lição os que tanto d'ella precisam, e que não têm senão imprudencias e provocações quando se reputam seguros, e senão medo e fraqueza quando se vêm em perigo.

Nesta conjunctura, para mim espinhosa e difficil, porque não podia nem devia por modo nenhum transigir naquella occasião com as paixões populares, dirigi á Priora do convento as duas Portarias (copia n.º 33), restringindo as jurisdicções dos mesmos padres, e recommendando a necessaria prudencia e moderação nos exercicios de devoção e piedade: e quando as comissões dos *meetings* me vieram entregar, como já esperava, as representações contra elles, agradecei-lhes as delicadezas e cortezia com que se me apresentavam, respondi-lhes que já tinha tomado providencias para remediar os excessos de que os arguiam, e, desarmados já um pouco com estas, ponderei-lhes que não podia nem devia suspender e expulsar os padres, como me pediam, sem factos e sem processo; que, instaurado este, procederia como fosse de justiça, mas que em antes nada faria, ainda que assestassem na torre da Universidade con-

tra o Paço Episcopal toda a artilheria do Reino, porque, sendo como era nesta parte mais liberal (1) do que elles, não me pres-tava a semelhante despotismo. Se hoje, sem factos e sem culpa formada, se castigassem e expulsassem uns padres, só porque assim o pedem alguns cidadãos mais exaltados e ardentes, pela mesma razão devia ámanhã expulsar-se o Bispo e o Parocho, o Governador Civil e o Administrador do Concelho, quando elles o pedissem pela mesma fórma; e d'este modo o Governo liberal, que deve ser o da lei, o da ordem e o das garantias para todos, seria o governo da anarchia, da violencia e do despo-tismo.

Aplacou-se depois mais aquelle fogo liberal; e os padres, que eu não deixava sahir durante esta effervescencia, para não estabelecer no meu Bispado um precedente perigoso, passados alguns mezes (2 ou 3) sahiam de Coimbra pacificamente sem mandado nem ordem minha, e a Companhia de Jesus, substituíndo-os por um outro, tão prudente e honrado, que eu até o convidei para empregado no meu Seminario, o que elle não accei-tou, conheceu bem o muito que eu vali áquelles, como ainda hoje posso provar com os documentos em meu poder, e por tal modo se convenceu dos desmandos e culpas d'elles, que castigou um com a sua expulsão da ordem.

Coincidiu com o principio d'esta questão o dia 8 de maio, que é dia de grande gala para Coimbra por ser o do anniversario da entrada do exercito liberal nesta cidade; e assim como os cida-dãos liberaes de Lisboa festejavam naquelle tempo com *Te Deum*, umas vezes officiado, outras assistido pelo Prelado Diocesa-no, a entrada do exercito liberal na capital, tambem os de Coimbra quizeram festejar com *Te Deum* e do mesmo modo a entrada do mesmo exercito nesta cidade; e veio uma com-missão dos mais distinctos, presidida pelo respeitabilissimo Vis-conde de S. Jeronymo, convidar-me para officiar nelle. Respon-di

(1) A palavra *liberal*, que frequentes vezes emprego, não deve tomar-se na accepção que principalmente lá tem fóra de partidario do liberalismo e dos que seguem as dou-trinas d'este oppositas ás da Igreja, mas na de partidario da Monarchia Constitucional, que é a accepção em que eu a tomo e em que se toma em Portugal. Assim como os partidarios da fórma de governo—Monarchia Absoluta—se chamam absolutistas, assim tambem os partidarios da fórma de governo—Monarchia Constitucional, que póde coexistir como aquella com as doutrinas da Igreja—se chamam indistinctamente entre nós constitucionaes ou liberaes, e é neste sentido tão sómente que eu digo Governo liberal, Cidadãos liberaes e Padres liberaes.

logo que sim, porque, visto o precedente, desde seculos estabelecido, da intervenção da Religião nas festas politicas dos governos constituidos, e vista a doutrina que a este respeito sigo e expuz no meu Discurso (copia n.º 25), tanto ia na qualidade de Bispo officiar naquelle dia um *Te Deum* dos liberaes, como iria no seguinte officiar outro dos absolutistas, sendo d'elles o Governo constituido.

Pois a *Nação*, que não accusou nem se queixou do Prelado de Lisboa, o actual Sr. Arcebispo de Braga, por ter officiado no *Te Deum* da capital; a *Nação*, que nunca censurou o facto d'um dos meus antecessores ter na Sé celebrado um Pontifical e officiado um solemne *Te Deum* numa festa politica do seu tempo, e, o que é muito mais, de ter ido no fim da solemnidade religiosa para o largo da Feira assignar autos e dar vivas ao Governo absoluto; a *Nação*, que se esqueceu da cortezia que eu tive com ella e os seus correligionarios, auxiliando e indo assistir na Sé como governador do Bispado, que então era, ás exequias que alli se celebraram pelo Senhor D. Miguel, insurge-se contra mim em artigo do fundo, e não me poupa censuras nem vituperios por ter officiado no *Te Deum* de 8 de maio de 1874.

Se assim não fizesse, ou se me importasse com as vontades da *Nação*, ninguém sabe onde chegaria o fogo que as imprudencias de alguns dos seus correligionarios tinham ateado naquella occasião em Coimbra contra o Clero; e, se não fosse esta minha imparcialidade e delicadeza para com todos, não poderia celebrar como celebrei com um *Te Deum* solemne na Sé o anniversario da coroação de Pio IX, que os liberaes erradamente reputavam opposto á sua politica, exactamente no mesmo dia e até na mesma occasião em que elles no *meeting* estavam excitando ardores e enthusiasmos contra os padres de Santa Thereza, e contra tudo que julgavam significar menos affecto á causa da liberdade.

Não poucas pessoas me aconselharam a que não practicasse similhante ousadia, e não foi talvez pouco o medo com que alguns foram para a Sé, por se dizer que do *meeting* iam para alli desacatar o anniversario do Papa; mas eu não quero a prudencia convertida em fraqueza, e confio sempre tanto e tanto nos meus bons Conimbricenses, que fui resolutamente cumprir o meu dever, porque elles seriam os primeiros a extranhar que

naquelle occasião dêsse similhante prova de medo e pusillanidade, que é o peor defeito dos homens publicos. E mil graças lhes sejam dadas, porque, ao contrario do que succedia no Porto em todos os annos com estes anniversarios, tantas vezes des-acatados na presença do proprio Prelado, em Coimbra nem naquelle anno, nem em nenhuns outros houve nunca o menor signal de desapprovação por causa d'elles, e até aos do grande Leão XIII têm concorrido nos ultimos annos todas as Auctoridades civis e politicas, e muitos Cavalheiros e fieis de ambos os sexos e de todas as classes sociaes, o que tanto abona a illustração e sentimentos religiosos, liberaes e justos d'este excellente povo de Coimbra, como penhora e captiva o affecto e a gratidão do seu pastor, ainda que indigno.

Ainda mais. Em 1876 tive a honra de hospedar neste Paço o então e ainda hoje Sr. Presidente do Conselho de Ministros, Fontes Pereira de Mello, alguns dos seus collegas no ministerio, e os representantes de S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz e de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, que vieram assistir ás exequias sollemnes, celebradas em Coimbra por Joaquim Antonio d'Aguiar. Pareceu-me que esta hospedagem, á parte a modestia e humildade d'ella que S. Ex.^{as} desculpam, além de evitar o dizer-se que a terceira cidade do reino recebia em uma hospedaria tão illustres personagens, era honrosa para o Episcopado e de grande importancia e utilidade para a Egreja, por attestar as deferencias e attenções que têm com os seus Ministros os mais altos representantes do poder civil.

Alem d'isso guardaram-se na mesma hospedagem todas as conveniencias religiosas e politicas, e tão longe levei o meu escrupulo n'esta parte, que, sendo um sabbado o dia em que jantaram no Paço Episcopal com SS. Ex.^{as} os representantes tambem de todos os outros partidos politicos do Paiz, foi o jantar rigorosamente de magro para todos; e as declarações que fiz de que só particularmente podiam comer de carne os que d'ella precisassem, levantaram bem alto o exemplo que dei em tão solemne occasião da observancia devida aos preceitos da Egreja.

Pois, apesar de tudo isto, os chamados jornaes reaccionarios ralharam não pouco de mim por causa d'esta hospedagem, e de eu ter assistido ás exequias de Joaquim Antonio d'Aguiar na

minha Sé, chegando até a querer insinuar que esta ficara interdicta por causa d'ellas! E não ralharam nem disseram nada do Prelado de Lisboa, o qual, em vez de assistir unicamente como eu fiz em Coimbra, officiou e pontificou em identicas e sollemnes exequias que se fizeram tambem na capital por aquelle Estadista do partido liberal, a quem, fossem quaes fossem os seus erros, nunca foram impostas as penas ou censuras ecclesiasticas, e que, alem d'isso, morreu como religioso e christão e em communhão com a Sancta Egreja Catholica, e assim o entendeu, como não podia deixar de ser, o sabio lente da faculdade de Theologia, Dr. Rodrigues d'Azevedo, que nenhuma duvida teve de officiar nestas honras funebres.

Tambem quando em 1882 S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I e S. M. a Rainha a Sr.^a D. Maria Pia vieram inaugurar com toda Côrte e o Ministerio o caminho de ferro da Beira Alta, fiz toda a diligencia para que a benção do mesmo caminho, na qual tive a honra de officiar na Figueira da Foz, fosse uma cerimonia seria, grave, religiosa e devota; e para que o poder ecclesiastico, que se defrontava alli com a mais alta culminação do poder civil, se apresentasse muito respeitoso e cortez, mas levantado, nobre e digno; e todos viram como aquella cerimonia, tão majestosa, edificante e commovente se impoz ao respeito e admiração de todos, e como na Allocução que nella tive a honra de proferir, fiz derivar as virtudes civicas das christãs, o patriotismo da religião, e as maravilhas do progresso, do grande poder de Deus.

Julgava eu que nem os mais escrupulosos em religião, nem os mais exaltados em politica podiam ter nada que dizer sobre o que fiz então; e que, pelo contrario, tanto quanto o permittia a minha insufficiencia em tudo, tinha bem merecido da Religião e da Patria; e por tal modo assim o entenderam todos, que o proprio antecessor de V. Ex.^a Rev.^{ma}, Monsenhor Masella, não duvidou enviar-me por este motivo louvores e agradecimentos (copia n.^o 33).

Pois a Nação ralhou então tambem muito de mim, entre outras cousas, por ter enviado circulares, dizia ella, aos Parochos e Clero d'aquelles sitios para os obrigar a irem fazer comprimentos ao Sr. D. Luiz e a desampararem as suas Egrejas. Peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} que veja no principio da Allocução (copia

n.º 34) o que foi esta circular e como d'ella nasceu uma calunnia.

Mas que tem isto que admirar, se até na questão grave que tenho sustentado, não com a Universidade mas com o seu illustre Vice-Reitor, o Sr. Dr. Bernardo de Serpa Pimentel, para reivindicar os direitos episcopaes e parochiaes que S. Ex.^a, mal aconselhado, violou e usurpou no funeral do Sr. Visconde de Villa-Maior, a *Nação*, longe de se pôr ao meu lado, como jornal religioso, na defesa dos direitos e disciplina da Igreja contra similhante invasão do poder laical, pelo contrario procurou o pretexto de eu ter chamado na discussão Patriarcha da liberdade a Manuel Fernandes Thomaz, como o intitulavam, para me ferir e censurar, attribuindo-me intenções, que nunca tive, de aggravar o seu partido?

Peço tambem a V. Ex.^a Rev.^{ma} que veja o artigo que publicaram a este respeito as *Instituições Christãs* (copia n.º 35), artigo a que a *Nação* não respondeu senão com gracejos improprios do assumpto e de quem se preza.

Vai já extensa de mais esta carta, e não era minha tenção leval-a tão longe quando a principiei, e muito menos tocar nestes pontos; mas visto que tenho deixado correr tanto a penna, permitta-me V. Ex.^a Rev.^{ma} já agora que remonte mais longe ainda, e que dê conhecimento tambem a V. Ex.^a Rev.^{ma} do que escreveram os sobredictos jornaes, e a *Nação* principalmente, com o fim de impedirem que fosse confirmada por Sua Santidade a minha apresentação nesta Sancta Igreja de Coimbra.

Não foi sem grande custo e difficuldade que o Sr. José Luciano de Castro, meu respeitavel amigo e então Ministro da Corôa, referendou o decreto d'esta minha apresentação, porque, não obstante ter sido apresentado anteriórmente Bispo Coadjutor e futuro successor, apresentação de todo caducada pelo fallecimento do meu venerando Antecessor, antes de ser confirmada, faziam-no vacillar, senão sossobrar, as informações que depois lhe davam de que eu era muito ultramontano e reaccionario, e de que a minha nomeação era perigosissima para o Estado, o que S. Ex.^a me confessou, e do que podem tambem dar testemunho muitos cavalheiros ainda vivos. Entre elles o meu honrado amigo e patricio, o sr. José da Costa Sousa Pinto Basto, que

teve sempre para mim e tem ainda cuidados, dedicações e affectos de pae, e para quem será sempre indelevel a minha gratidão, informado d'aquellas difficuldades que muito o magoavam e que desejava remediar, dizia-me muito confidencialmente em carta, que tenho em meu poder, e sem declarar o fim para que, o seguinte: «D'alguns officios, por V. Ex.^a dirigidos á secretaria da justiça, tem-se tirado pretexto para o alcunharem de reaccionario e ultramontano. Peço-lhe, tambem da parte do Ministro, que modifique a sua linguagem, que seja moderado, e que evite conflictos na secretaria».

E o meu antigo e respeitavel amigo, o sr. José Dias Ferreira, que substituiu o sr. José Luciano na pasta dos negocios ecclesiasticos, quando soube que se demorava a minha confirmação, disse ao Representante então da Sancta Sé em Portugal que admirava e não comprehendia os motivos de similhante demora, e as duvidas da Nunciatura a tal respeito.

Não havia nada que admirar. Alem de eu não ter merecimentos para tanto, o Governo não combinou previamente a minha nomeação com a Nunciatura, no que eu não tive culpa nenhuma, e as influencias que preponderavam nella, e das quaes não tinha as boas graças, não podiam approvar tal precedente.

Accusado pois de reaccionario e de ultramontano nas secretarias d'Estado antes da minha nomeação, era depois d'esta accusado perante a Nunciatura de cismontano, de regalista e de subserviente ao Governo; — era mação e inimigo das Freiras e dos Conventos; — atraçoara a Igreja na questão da vigararia capitular de Vizeu; — informava dos padres para as Igrejas conforme os patronatos e a politica e não segundo os merecimentos de cada um; — gastava em luxos e em aulas de gymnastica os rendimentos do Seminario; — não respeitava as leis e a disciplina da Igreja, — e não protegia nem dava força ao Clero e aos Parochos no exercicio do seu ministerio.

Todavia as accusações que se faziam em Roma eram unicamente as relativas á maçonaria, conventos e Seminario, como soube mais tarde com toda a exactidão. Permitta-me V. Ex.^a Rev.^{ma} confrontal-as agora a todas com a verdade dos factos.

A primeira, de eu ser muito regalista ou mais de Cesar do que de Deus, conhece V. Ex.^a Rev.^{ma} já a razão que tem pelo que fica exposto.

A grande revolução de 1834 deixou a Auctoridade Ecclesiastica em Portugal sem força e cheia de medo; e a recusa do meu venerando Antecessor a dar posse em 1862 ao escrivão da Camara Ecclesiastica, nomeado pelo Governo com offensa manifesta da disciplina e do decoro e dignidade episcopal, foi o primeiro acto que principiou a levantar-a, e é escusado dizer a parte que eu tive nelle. Quando se publicar com todos os documentos esta questão, que chegou a abalar o Governo, o qual posteriormente emendou o seu erro, honra lhe seja feita, conhecerá V. Ex.^a Rev.^{ma} o serviço que o meu venerando Antecessor prestou á Egreja, e a força e desprendimento com que pela minha parte me houve em tão grande conflicto.

Vendo tambem a demasiada interferencia que o Governo d'esse tempo pretendia ter nos Seminarios, imprimir e dei a muitas pessoas o longo relatorio do Seminario de Coimbra que em 1867 enviei ao Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos na qualidade de Governador do mesmo Bispado, e nelle tive a honra de dizer com relação a este ponto o que V. Ex.^a Rev.^{ma} pode ver na cópia (n.º 36) d'uma pequena parte do mesmo Relatorio. E quando em 1858 era pela primeira vez Vigario Capitular de Vizeu, não insinuado pelo Governo, mas aclamado pelo Cabido, não consenti que o Reitor do Seminario do mesmo Bispado enviasse ao Administrador do Concelho uns esclarecimentos que lhe pedira do referido Seminario; e, indicando a resposta que devia dar-lhe, dirigi a este funcionario o officio (copia n.º 37).

Era eu, o cismontano e regalista, que impedia que o ultramontano e reaccionario, como era o mesmo Reitor, e o mais exaltado que tenho conhecido, sujeitasse um Seminario á jurisdicção d'um Administrador do Concelho! Quantos são assim! Catões, independentes, ultra-absolutistas e ultra-catholicos em theoria, são depois inteiramente outros na practica.

Tambem, quando em 1869 o Governo chamou a uma conferencia escholar em Lisboa delegados das escholas civis e dos Seminarios, eu, receiando que do facto de os Seminarios enviarem delegados á mesma conferencia se inferisse reconhecimento da competencia d'ella para tractar dos estudos dos mesmos Seminarios, respondi á Portaria convocatoria do Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos o que V. Ex.^a Rev.^{ma} pode

ver na copia n.º 38, e só enviei delegado por parte do Seminario de Coimbra depois das explicações que me deram, e com as declarações que V. Ex.^a Rev.^{ma} pode ver na copia n.º 39.

E não me enganava nos meus receios, porque chegaram a submetter-se á mesma conferencia differentes propostas sobre os estudos superiores dos Seminarios.

Parecendo-me egualmente em 1867 que era prejudicial para o piússimo estabelecimento da Bulla da Cruzada, e pouco decoroso para a Auctoridade Ecclesiastica, o systema por que se distribuiam então os subsidios pelo cofre da Bulla ás Egrejas pobres — só ás que os requeriam em Lisboa — e que não eram de ordinario as mais necessitadas, mas as que tinham mais protectores, como infelizmente se via, sustentei por espaço de quatro annos uma polemica e lucta fortissima com a Juncta Geral da mesma Bulla e com o Governo para que, distribuida por todas as Dioceses e *pro rata* do seu rendimento a quantia destinada para egrejas pobres, fosse distribuida a estas pelos respectivos Prelados a quantia que pertencesse a cada uma d'aquellas, como hoje se faz, sem que as esmolas da Bulla pela concessão dos referidos subsidios se convertam em arma politica nas mãos do Governo e dos Senhores Deputados, como então succedia.

Não posso publicar aqui a correspondencia e documentos d'esta questão, que provariam o que digo, e que só de per si formariam um grande volume. Veria V. Ex.^a Rev.^{ma} então bem quanto foi porfiada esta lucta e quanto nella fui *subserviente*.

Tambem, apesar de o sr. José da Costa me recommendar, como já disse, em 9 de dezembro de 1869, que fosse mais moderado na minha linguagem para o Governo, nem porisso deixei de me queixar, em 22 do mesmo mez, da absorpção de tantos negocios da Igreja nas Secretarias d'Estado, como V. Ex.^a Rev.^{ma} pode ver na copia n.º 40. Aos espinhos do cargo que a Providencia Divina me destinasse, qualquer que fosse, não haviam de junctar-se os da minha consciencia por ter practicado semelhante doblez para o conseguir.

Antes de eu ser Bispo era esta, comprovada ainda por outros muitos factos, a minha *subserviencia* ao Governo, de que tanto se queixava a Nação; e depois que tive a honra de me sentar na cadeira episcopal d'esta Sancta Igreja, podia V. Ex.^a Rev.^{ma} conhecê-la bem, se lesse os meus copiadorees que for-

mam já 22 volumes grandes, mas basta ler o officio que adeante transcrevo (n.º 41).

Não sou subserviente ao Governo nem a ninguém. Advogo como sei e como posso perante Elle e perante todos o bem da Igreja e da minha Diocese, mas sempre com respeito e delicadeza, e sem vistas ou fins politicos de qualidade nenhuma, que é o que mortifica a *Nação*, porque, ao que parece, só quer e só lhe agrada a religião do odio e da perseguição a toda a ordem de cousas existente.

A outra accusação, de eu ser maçã e inimigo dos conventos, já V. Ex.^a Rev.^{ma} viu o fundamento que tem, e o quanto é calumniosa e malevola.

Porém sobre a de eu ter atraído a Igreja na questão da vigararia capitular do Bispado de Vizeu, que pela segunda vez tive a honra de exercer em 1862, desejava escrever aqui muito para mostrar com toda a evidencia que esta questão, que foi a mais grave da Igreja Portugueza nos ultimos tempos, e que eu não creei nem procurei, longe de servir para impedir a minha confirmação, como pretendiam os jornaes chamados reaccionarios, não poderá deixar de servir, quando for devidamente conhecida, para me obter mais ainda do que já obtive a benção da Sancta Sé.

Se nessa questão, como cidadão, fui fiel ao que devia ao Rei, ás instituições, ás leis e ao meu Paiz; se nesta parte posso fallar bem alto e desassombradamente deante de alguns liberaes que para ahi estão sempre a gritar contra os Bispos e sem razão nenhuma, porque estão muito longe de exceder a todos estes em sentimentos patrioticos e em desprendimento e abnegação nas occasiões de luta e de perigo, não fui menos fiel, como padre catholico, que muito me prezava e prezo de ser, ao que devia á minha consciencia, á Igreja e á Sancta Sé. Posso dizer afoutamente a V. Ex.^a Rev.^{ma} que na minha idade, então de 32 annos, e nas circumstancias em que me achava, poucos levariam tão longe como eu levei o meu respeito, acatamento e obediencia ao supremo Hierarcha da Igreja, principalmente se se attender a que aquelles que primeiro em Vizeu tanto tinham combatido nesta questão o Estado em beneficio da Igreja, e que a *Nação* tanto louvara, eram mais tarde os mesmos que me diziam em documentos officiaes que, nas condições que se davam,

seguisse e attendesse eu o que mandava o Estado e não o que mandava a Egreja, conselho que oficialmente lhes declarei que não seguia.

Sinto muito não poder publicar aqui todos os pormenores e documentos d'este grande conflicto; mas essa publicação, que daria não pequeno volume, não é compativel com esta carta já tão extensa. Todavia V. Ex.^a Rev.^{ma}, que a meu pedido se dignou ver e examinar os documentos originaes d'esta questão, poderá dar testemunho da inteireza de character que nella guardei como clerigo e como cidadão; e quando mais tarde se escrever a historia d'ella, conhecer-se-ha bem a verdade do que digo, e quanto deve ser cauteloso quem escreve sobre assumptos graves e delicados para não censurar quem o não merece.

Não tem mais fundamento a accusação de eu informar dos padres para os provimentos das Egrejas conforme os patrónatos e a politica, e não conforme os merecimentos de cada um. Quanto eu podia escrever e publicar a este respeito?! Ver-se-hia que na collisão entre a minha Mitra e a justiça devida ao meu Clero no provimento dos beneficios ecclesiasticos, nunca hesitei um momento em dar aquella por esta se tanto fosse preciso. Podem dizel-o, entre outros muitos, os provimentos das Egrejas de Sernache e de S. Joanninho, e basta que V. Ex.^a Rev.^{ma} leia os meus officios para o Governo ácerca d'estes, o primeiro escripto no fim da copia n.º 25, e o segundo na copia n.º 42, para se convencer de quanto são verdadeiras as minhas asserções.

E ainda é mais significativo da minha firmeza em manter a justiça e as conveniencias da Egreja no provimento dos beneficios ecclesiasticos, o facto que se deu no provimento da Egreja da freguezia das Febres, do concelho de Cantanhede, em 1872. Esta freguezia, de 1:000 fógos, era a que mais fazia decidir a sorte das eleições por ter um grande numero de eleitores, e estes muito dedicados em tudo ao seu Parocho. O proprio Ministro dos Negocios Ecclesiasticos, que era deputado por aquelle circulo, e os seus influentes politicos d'aquella localidade, todos meus amigos, queriam collocar, como era natural, naquella Egreja um Parocho d'uma freguezia vizinha, de bastante influencia politica, a quem deviam serviços; mas não lhe sendo favoravel, por motivos que não lhe ficam mal, a minha informação, elles

todos, honra lhes seja feita, respeitam-na e attendem-na; e depois de dois concursos abertos para o provimento da mesma Igreja, é apresentado e collado nella o Parocho que lá está, que elles nem conheciam, e que nunca tinha entrado em politica, nem sabia o que ella era.

Mas não julgue V. Ex.^a Rev.^{ma} que eu procedia por esta fórma tão sómente depois que tive a honra de ser Bispo; para provar o contrario basta, entre outros muitos factos, citar só o que se deu no provimento da Igreja de Villarinho da Louzã em 1867 e 1868, quatro annos antes de eu me sentar na cadeira episcopal da Sancta Igreja de Coimbra. Digne-se V. Ex.^a Rev.^{ma} de ver no officio (copia n.º 43) como eu censuro a importancia que se dava neste provimento aos caprichos e empenhos da localidade, dizendo que acima d'elles deve estar não só a justiça, mas a independencia da auctoridade e a propria respeitabilidade do Poder; e a despeito d'aquelles e do muito que desejava attendel-os o proprio Ministro, como era bem sabido, foi provido não o clérigo que pretendiam, mas aquelle de quem eu informei melhor, e que era muito honesto e virtuoso.

Tambem pelos mesmos annos, pouco mais ou menos, o partido que estava no poder desejava muito que fosse nomeado Conego d'esta Sé o fallecido Arcediago, Manuel Simões Dias Cardoso, que pela sua grande fortuna lhe prestava importantes serviços nas eleições de deputados; e por mais de uma vez requereu elle o canonicato no concurso talvez aberto só para este fim, mas nunca foi nelle provido por eu ponderar sempre que era incompativel com a cadeira capitular o emprego publico que exercia de Professor do Lyceu; e pela mesma razão, unicamente, não foram tambem providos o M. R. Dr. Damazio Jacintho Frago, por ser Lente da Universidade, e o M. R. Gaspar Alves de Frias Ribeiro por ser Professor do Lyceu. Peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} que se digne de ver as considerações que fiz ao Governo sobre o provimento do mesmo canonicato na copia n.º 44.

O Decreto de 2 de janeiro de 1862 sobre o provimento de beneficios ecclesiasticos, que eu impugnei e pedi que impugnassem, além d'outras razões de bastante gravidade, por offender muito na fórma o decore e a dignidade episcopal, não tem com-

tudo prejudicado a Religião, a Igreja e o Clero nesta Diocese, porque procurei evitar-lhe os inconvenientes na practica com differentes providencias, e entre ellas com a da copia n.º 45; e, que me conste, não tem havido Ministro nenhum da coroa que, por meio d'elle, tenha apresentado clérigos, de cuja idoneidade o Prelado respectivo tenha informado contra. Ao menos nesta Diocese eu não duvido tomar a responsabilidade e a defeza de todos os clérigos nella apresentados pelo mesmo Decreto, e que eu tenha collado.

Ainda ha poucos annos o partido regenerador da Figueira, que estava no poder e que tinha alli grande força e influencia, pedia collectivamente, e com grande empenho ao Ministro dos Negocios Ecclesiasticos que apresentasse na Igreja parochial de Buarcos um concorrente, que não era aquelle de quem eu tinha informado melhor, allegando os inconvenientes que no caso contrario adviriam á sua politica; e o Ministro respondia-lhes nobremente que fizessem o que quizessem, mas que não passava por cima da minha informação a favor de um outro; e ha pouco tempo, e com o mesmo partido no poder, foi apresentado este, que era egresso, e não sei se de politica anti-dynastica, e com mais affeições para a progressista.

Tambem anteriormente o partido progressista da Figueira então no poder, e com a força que todos sabem que tinha, fazia o mesmo pedido ao Ministro dos Negocios Ecclesiasticos para a Igreja do Lourical a favor de um concorrente, que era um seu correligionario e bom Parocho, mas não aquelle de quem eu informei melhor; e o Ministro, apezar de tudo quanto se fez, apresentou o que eu tinha preferido, embora fosse reputado com mais affeições ao partido regenerador.

Refiro estes factos, e podia referir ainda muitos e muitos outros, não para me defender a mim, ou para ostentar importancia e valimento, que não tenho, fóra da justiça que advogo sempre do mesmo modo e para todos, e sem por fórma nenhuma faltar ao respeito e acatamento devido ao Real Padroeiro; mas refiro-os unicamente para defender tambem os Governos ou os Ministros da Monarchia Constitucional das accusações constantes que lhes fazem egualmente os jornaes religiosos de politica anti-dynastica, de que elles na apresentação dos beneficios ecclesiasticos não se im-

portam com a justiça, e que só attendem ás exigencias da politica, aos patronatos e aos empenhos.

Nos antigos regimens haveria mais justiça nestas apresentações, sendo ellas feitas pelos Padroeiros particulares, regios e ecclesiasticos d'esse tempo? Teriam o Imperante e os Ministros da Monarchia Absoluta, em que preponderava a vontade de um só, mais respeito e attensões pelos Bispos, do que estas que têm hoje com elles, o Imperante e os Ministros da Monarchia Constitucional, que não podem governar sem as maiorias ou vontades de muitos?

A historia que diga os factos que sabe a este respeito, e que responda. Pela minha parte não quero deprimir uns nem lisongear os outros. Quero sómente fazer justiça a quem a tiver, e neste ponto em que estou não posso deixar de louvar e exaltar os Ministros da Monarchia Constitucional, e de lhes pagar espontaneamente este tributo devido da minha gratidão; e é tanto maior o prazer e contentamento com que o faço, quanto tem sido e é sempre vivissimo e constante o meu desejo de que se siga este caminho de rectidão e justiça, que é o unico que póde dar força á auctoridade, levantar a respeitabilidade do poder, moralisar o paiz e promover o seu engrandecimento e prosperidade.

Pouco importaria que por este motivo caissem alguns Ministerios. Levantar-se-iam adeante com mais credito e maior prestigio, e o desgosto da quéda, e os espinhos e amarguras da vida publica, ficariam bem compensados com a satisfação da propria consciencia, e com o louvor dos homens honestos e honrados, que é a popularidade que devem procurar, e o maior galardão que podem ter todos aquelles que se dedicam e desvelam pelo bem da sua patria.

Mas desculpe-me V. Ex.^a Rev.^{ma} estas aspirações patrioticas, talvez mal cabidas numa carta para um estrangeiro, embora tão amigo da minha patria como V. Ex.^a Rev.^{ma}. E, voltando ao assumpto de que me afastei, encontro-me com outra accusação — a de eu gastar em luxos os rendimentos do Seminario de Coimbra, e de estabelecer nelle aulas de gymnastica. Muito e muito tinha que escrever e publicar tambem a este respeito.

Foi a cegueira e o disparatado de similhantes accusações que, segundo depois soube particularmente, revelou bem ao Sr. Cardeal Antonelli e ao Sancto Padre Pio IX o espirito e o fim de

quem as fazia; e de differentes pastoraes d'esta Diocese, e especialmente d'uma publicação de 63 paginas que fiz em 1879, todas relativas ao meu Seminario, e que sinto não poder aqui transcrever por serem muito longas, podia V. Ex.^a Rev.^{ma} ver o fundamento com que eram feitas, e melhor o veria ainda na carta particular que a respeito de todas tive a honra de enviar ao seu Ex.^{mo} Antecessor, Monsenhor Masella, em 9 de março de 1882, e na qual lhe dizia no principio o seguinte: «Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Se eu não conhecesse por uma larga experiencia a quantas contrariedades, desgostos e calumnias se expõem aquelles que, principalmente nesta terra, emprehendem obras e melhoramentos de certa importancia, quer na ordem religiosa quer na civil; e se não soubesse tambem o muito que soffreram os meus venerandos Antecessores de saudosa memoria, os Srs. D. Miguel da Annunciação e D. Francisco de Lemos, por construirem — aquelle o Seminario Diocesano e este o Jardim Botanico, obras que são hoje um padrão de gloria para esta cidade e para o Paiz, talvez houvesse desanimado e sossobrado já no constante proposito de augmentar e engrandecer o mesmo Seminario, fazendo d'elle um Estabelecimento cada vez mais util á Egreja e á sociedade, e isto sem recorrer ao auxilio nem causar o gravame de ninguém.

«Felizmente, os pretextos de que tem lançado mão a inveja d'uns, a má vontade d'outros, a vingança d'estes, os despeitos e interesses offendidos d'aquelles, e as paixões politicas de não poucos, com o fim de desacreditarem e deprimirem este estabelecimento e os seus empregados, tem desaparecido sempre como o fumo deante da verdade dos factos, que ninguém se atreve a contestar, e aos quaes eu tenho procurado dar toda a publicidade com a franqueza e desassombro que só podem nascer da justiça e da tranquillidade da propria consciencia.....»

Mas não prosigo na publicação d'esta carta que daria muitas paginas, porque nunca faltei e muito menos faltaria agora ás cortezias e delicadezas que devo ter e que tenho sempre com os Ex.^{mos} Srs. Nuncios de Sua Sanctidade; e se Sua Ex.^a R.^{ma} levou de Portugal, e tem ainda algum motivo de desgosto, Sua Ex.^a R.^{ma} sabe muito bem que não tive nisso culpa alguma: vá esta a quem tocar. Pela minha parte não fiz mais do que defender-me sem lhe crear difficuldades, e estive sempre ao seu lado, ainda

quando nas ruas era menos respeitada a sua pessoa e a sua autoridade, como V. Ex.^a Rev.^{ma} pôde ver na copia n.º 41.

Além d'isso, para que fallar agora de semelhantes accusações ao meu Seminario, se se fez já toda a luz ácerca d'ellas, e se foram e estão de todo fulminadas com os frequentes testemunhos de benção e de louvor que elle tem tido a honra de receber da Sancta Sé, e, entre outros, do que consta da carta de Sua Sanctidade adeante publicada, e do officio de V. Ex.^a Rev.^{ma} ha poucos dias ainda recebido? (copia n.º 46).

Tenho vontade, mas não tenho dotes nem recursos para fazer a esta cidade e a esta Diocese, que tanto amo, os serviços e beneficios que desejava. E no pouco ou nada que lhe tenho feito, não fallaria se não no Seminario, porque é nelle que tenho trabalhado mais e com maior proveito, e é nelle em que mais me parece ter servido aqui a Religião, a Igreja e o Estado. E todavia, custa a crel-o, era com o Seminario que me queriam accusar e hostilizar em Roma! O Sr. Auditor de então, que sabia isto muito bem, não pôde occultar a sua indignação quando visitou e admirou este estabelecimento; e V. Ex.^a Rev.^{ma}, que tambem egualmente se dignou visitá-lo, não poderá deixar de dar testemunho de quanto ella era fundada.

Todavia para V. Ex.^a Rev.^{ma} conhecer a justiça dos elogios e censuras dos jornaes religioso-politicos, de que estou tractando, com relação aos seminarios, peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} que me permitta fazer algumas considerações sobre este ponto; e peço ao Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha e ao Sr. Reitor do Seminario de Santarem que não me levem a mal o tomar este para objecto d'ellas. Nem Sua Em.^a e o Sr. Reitor, que superintendem nelle ha dois annos, podem ter culpa no que se passava no mesmo ha mais de dez, nem é desconhecido o zelo e boa vontade com que trabalham agora no governo e direcção d'este importantissimo Seminario.

Zelando, como era meu dever, os interesses d'esta Diocese, e especialmente os do Seminario e das Igrejas pobres, tive a honra de dirigir ao Governo de Sua Majestade em 16 de março de 1874 um longo officio, e na primeira parte d'elle adeante transcripta (copia n.º 47) expuz ácerca do Seminario o que V. Ex.^a Rev.^{ma} poderá ver.

Dizendo-se-me porém extra-officialmente que era preciso dar

ao Seminario de Santarem maiores subsidios por serem alli os Professores mais difficeis de obter e mais dispendiosos do que em Coimbra, dirigi eu ao Governo outro officio, tambem muito longo em 2 de outubro de 1874, e na ultima parte d'elle e com relação a este ponto disse o seguinte: «O Seminario de Coimbra gastou em Professores em 1873 4:565\$000 réis e o do Patriarchado tão sómente 1:628\$000 réis por não pagar aos de instrucção secundaria, se bem que a verba só dos da superior é mais alta ainda em Coimbra do que no Patriarchado. No mesmo anno o Seminario de Coimbra dispendeu no refeitório com 165 alumnos, apesar de lhes dar almoço de garfo todos os dias 8:934\$414 réis, e o de Santarem com 98 alumnos 9:245\$846 réis, e nem a alimentação em Santarem será mais cara do que em Coimbra, nem o tractamento alli melhor do que aqui (1).»

«Com o mesmo numero de alumnos o Seminario de Santarem gastou em empregados e serventes 3:055\$690 réis e o de Coimbra 2:529\$508 réis. Aquelle em obras e reparos 866\$510 réis e este 6:847\$903 réis. Aquelle em despesas diversas 2:169\$101 réis, este 744\$824 réis; e em 1870 a parcella das despesas diversas foi em Coimbra de 448\$274 réis, e em Santarem de 5:269\$936 réis; os rendimentos proprios no mesmo anno de 1873, de que tracto, foram em Santarem 17:497\$879 réis, e em Coimbra 6:367\$970 réis o que é mais que o ordinario; e apesar d'isso aquella Diocese recebeu do cofre da Bulla para subsidio e professores 6:956\$000 réis, e a de Coimbra nada. No Seminario de Santarem fizeram-se 162 exames, no de Coimbra 495, e o mesmo proporcionalmente tem acontecido nös annos anteriores, como tudo V. Ex.^a pode ver e examinar no mappa comparativo aqui juncto.

«Pois não obstante tudo isto, ao Seminario de Coimbra, cuja administração tem merecido louvor, eliminou-se de todo o subsidio que se lhe costumava dar; e ao de Lisboa, cuja administração declara o seu proprio Reitor que tem sido pouco regular, propoz a Junta na sua ultima consulta que se lhe dessem, além do subsidio já referido, mais 700\$000 réis em 1874 para concertar os telhados.

«Repito a V. Ex.^a que me custa muito tocar nestes factos: não

(1) No Seminario de Coimbra ha almoço de garfo, prato de meio todos os dias e vinho as quintas e domingos (hoje é tambem todos os dias). No Seminario de Santarem não havia almoço de garfo nem prato de meio senão ás quintas e domingos.

o faço por espirito de censura, e menos ainda de inveja; cito-os unicamente para corroborar a justiça do meu pedido; e da de V. Ex.^a espero a graça de me desculpar e attender. — Deus guarde a V. Ex.^a. Coimbra, 2 de outubro de 1874. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*»

Peço a V. Ex.^a Rev.^{ma} o incommodo de examinar bem o mappa citado neste officio e adeante transcripto (copia n.º 48), e pelos dados que elle apresenta, tirados das proprias contas dadas pelo Seminario de Santarem e publicadas no *Diario do Governo*; pelas declarações do proprio Reitor, e feitas no seu Relatorio, de que era pouco regular a administração do mesmo Seminario; e pelo facto de o Governo ter mandado pôr em deposito e não lhe confiar o dinheiro do subsidio de um anno por falta de contas, ninguem poderá dizer senão que era desgraçada então a administração d'este estabelecimento na parte economica; e na parte disciplinar, com quanto um ou outro facto isolado succedido em um Seminario, por mais grave que seja, não deponha geralmente em desabono d'elle e dos seus empregados, não foi isento o Seminario de Santarem de alguns factos d'esta natureza.

Pois, não obstante tudo isto, a *Nação* e a *Ordem* exaltavam ás nuvens o Seminario de Santarem. Na *Ordem* escreviam-se artigos de fundo com altissimos louvores d'elle e com allusões claras e deprimentes do de Coimbra; e na *Nação* quasi que se chegou a dizer que os Bispos das outras Dioceses deviam ir apprender a governar os seus Seminarios ao de Santarem.

O Reitor do Seminario de Santarem nesse tempo era miguelista exaltado, e tanto que dois padres, que participavam das mesmas exaltações, um d'esta Diocese e outro nella residente, não obstante terem sido ambos aqui suspensos por mim do uso de todas as suas ordens por causa de outros motivos, foram logo para o Seminario de Santarem chamados por elle e lá empregados.

Chegando agora ás ultimas accusações de não respeitar as leis e disciplina da Igreja, e de não proteger os Parochos e o Clero no exercicio do seu ministerio, eu sinto muito não poder aproveitar o ensejo que ellas me offerecem para escrever neste ponto a historia da minha administração ecclesiastica antes e

depois de ser Bispo, mas nem tenho espaço e tempo para tanto, nem ella é precisa para V. Ex.^a Rev.^{ma} e para o meu Bispado.

Sabe-se aqui muito bem que tenho procedido e procedo de modo inteiramente contrario, e que não só digo, mas que provo com os factos que antes de alguém passar por cima dos meus padres ha de passar por cima de mim.

Quando entre alguns abusos da disciplina ecclesiastica, e algumas practicas inconvenientes de que tenho feito a diligencia por limpar o meu Bispado, eu prohibia *in limine* as Missas resadas na noute de Natal, sustentando sempre e invariavelmente a mesma prohibição; e quando já anteriormente eu prohibia tambem que as mulheres cantassem nas musicas ou philarmonicas dentro das Egrejas d'esta Diocese, prohibição em vigor já ha muitos annos, não obstante a força que tem sido precisa para a sustentar contra pretensões altamente apadrinhadas, e o exemplo em contrario de outros Bispados:

Quando negava sepultura ecclesiastica a differentes individuos, e a alguns ainda antes de ser Bispo, chegando a dizer ao Parocho d'um d'elles (o de Sepins) que não se assustasse nem tivesse cuidado com o processo criminal que a Auctoridade Judicial instaurava contra elle por este motivo, porque seria eu só o que havia de responder no mesmo processo (copia n.º 49):

Quando a um Estudante da Universidade, que se suicidou em 1872 com circumstancias aggravantes para a religião, eu prohibia que se lhe fizessem officios e honras funebres; e á Academia que, excitada e cheia de fogo como é natural, encheu logo todo o pateo, escadas e salas d'este Paço a pedir-me que revógasse tal prohibição, eu respondia, sereno e tranquillo, que só o podia fazer deixando de ser Bispo, e que não era proprio de mancebos generosos, e que amanhã seriam tambem auctoridades como eu, violentar-me a transgredir a lei e o meu dever, e a praticar um acto de fraqueza e cobardia que me desautorava para sempre, até aos olhos d'elles mesmos, ponderações estas que, não obstante a sua excitação, ouviram com tal respeito e delicadeza que me captivaram muito (copia n.º 50):

Quando era interdicto o cemiterio de Sancta Combadão por ter o respectivo Administrador do Concelho feito enterrar nelle um cadaver contra a ordem do Parocho em contrario, chegando o Ex.^{mo} Governador Civil do Districto a pedir-me que mandasse

benzer outra vez o cemiterio para nelle poder continuar a enterrarem-se os cadaveres, pedido a que eu attendi promptamente, o que tudo V. Ex.^a Rev.^{ma} pode ver nos documentos publicados sob o n.^o 51:

Quando mais tarde, em 1876, e a proposito d'outro caso da mesma natureza, eu pedia ao Ex.^{mo} Sr. Ministro do Reino que se dignasse ordenar que se executasse em todos os cemiterios d'este Bispado a sabia e previdente Portaria de S. Ex.^a, que manda juncar a todos os cemiterios uma porção de terreno não bento, para os enterramentos das pessoas a quem se não pôde dar sepultura ecclesiastica, e obtinha de S. Ex.^a a resposta adeante transcripta, n.^o 52:

Quando em 1868, para não desprestigiar as prerogativas do cabido de Coimbra e para não relaxar a disciplina da Igreja, eu dizia ao Sr. Arcebispo de Braga o que V. Ex.^a Rev.^{ma} pôde ver no Documento n.^o 53, e pelo mesmo motivo me oppunha á concessão das honras de conego da Sé de Coimbra a um Parocho antigo d'esta Diocese e Tio do proprio Ministro que então era dos Negocios ecclesiasticos, a quem devia muitas finezas, e que, muita honra lhe seja feita, respeitou e não contrariou os meus escrúpulos; e quando mais tarde nem para o meu proprio Tio, Parocho tambem antigo d'esta Diocese, e sempre muito respeitado e estimado de todos, eu apoiei a concessão de igual graça que lhe requereram alguns dos seus muitos amigos sem elle nem eu o sabermos (copia n.^o 54):

Quando emprégo todos os meios para levantar o respeito e a consideração que eu desejo que tenham os Parochos e o Clero do meu Bispado, e para lhes evitar difficuldades que possam prejudicar o exercicio livre e proveitoso do seu ministerio, já promovendo a estima e harmonia que deve haver entre todos, e castigando aquelles que d'ella se afastam, como V. Ex.^a Rev.^{ma} pôde ver na copia n.^o 55; já afastando-os das luctas eleitoraes que tanto os prejudicam, não deixando de admoestar e suspender todos aquelles que nellas se excedem, quaesquer que sejam os partidos a que pertençam e os candidatos que protejam, como tenho feito sempre e invariavelmente desde 1860 até agora, e como é bem sabido neste Bispado, e se pôde ver nas muitas sentenças de suspensão por este motivo archivadas na Camara Ecclesiastica:

Quando instaurava processos na Camara Ecclesiastica e sol-

licitava no Juizo das Comarcas respectivas, a punição — em 1860, d'uns homens da Ega, que se divertiram pelo Entrudo a vestirem-se de padres com sobrepellizes, faltando assim ao respeito devido á Religião (copia n.º 56) — em 1861, a d'uns de Lorvão, que faltaram ao respeito ao Seu Parocho Encommendado — em 1865, a d'um estudante que não quiz descobrir-se na passagem d'uma procissão, com o Sanctissimo Sacramento, da freguezia de S. Christovão (copia n.º 57) — em 1868, a d'um homem que faltou ao respeito ao Parocho de Sancta Clara na occasião d'um baptismo (copia n.º 58); os quaes todos foram querelados, pronunciados e julgados em audiencias geraes — em 1873, a de uns homens de Brasfemes, que faltaram tambem ao respeito ao seu Parocho (copia n.º 59) — em 1880 a d'um homem de Buarcos, que offendeu e desacatou a Religião Sancta que professamos (copia n.º 60) — e em 1884 a d'um homem que no Bairro Baixo d'esta Cidade insultou uma procissão e os padres, como tudo V. Ex.^a Rev.^{ma} póde ver na copia n.º 61:

Quando em 1869 eu me queixava e conseguia que ficasse sem effeito a pronuncia d'um Parocho na Comarca de Cêa por não se ter observado a Portaria de 21 de março de 1853 (copia n.º 62):

Quando em 1868, com as reclamações da força publica e com as providencias promptas e energicas que tomei, era subjugada a freguezia da Ega, inteiramente revolucionada para não deixar dar posse, unicamente por motivos politicos, ao Parocho que nella tinha collado, e que é hoje e foi logo alli muito bem-quisto, e actualmente até Arcipreste do Arciprestado de Soure (copia n.º 63):

Quando mais tarde, dando-se quasi o mesmo caso em outra freguezia, eu sustentava e defendia, contra desenfreadas paixões politicas, o Parocho que ellas não queriam, e representava mais tarde ao Governo a proposito do provimento d'outra, que não attendesse o Requerimento dos seus freguezes para ser apresentado um clerigo e excluidos outros, e dizendo a este respeito na minha Representação o seguinte:

«Ainda ha pouco tempo alguns povos d'uma freguezia d'este Bispado, instigados por despeitos e paixões politicas, insurgiram-se sem razão alguma contra um clerigo apresentado e muito justamente na Egreja da mesma freguezia, imaginando que po-

diam induzir-me com as suas queixas contra o mesmo clérigo a não o collar na Igreja em que tinha sido apresentado.

«Agora, instigados também por motivos que não têm nada de justos, levantam-se em outra freguezia a favor d'um clérigo e contra outros; e eu pela minha parte tenho obstado sempre e hei de continuar a obstar a que se ponha á mercê das conveniências ou paixões politicas, ou dos interesses e ambições pessoaes e particulares, a justiça e o bem da religião, e o crédito e reputação dos meus padres que eu préso e zélo como devo.»

Quando em 1876 levantava a auctoridade do Parocho do Espinhal, abatida e desprestigiada, mandando que encarregasse a parochialidade ao Parocho da freguezia visinha, que consumisse as sagradas particulas e que viesse para Coimbra até lhe dar collocação; o que não foi preciso, porque os seus freguezes submeteram-se-lhe logo, sendo despronunciado na Relação o Administrador do Concelho que tinha sido pronunciado na Comarca respectiva por ter prendido uma mulher que desobedecera ao Parocho dentro da Igreja, e sendo transferido para outra Comarca o Delegado do Procurador Regio que requerera a pronuncia (copia n.º 64):

Quando em 1865 sustentava polemica fortissima com a Ill.^{ma} Camara Municipal de Coimbra para fazer respeitar no cemiterio, como fiz, os direitos dos Parochos d'esta cidade, polemica de que não transcrevo os documentos por serem muitos e muito extensos:

Quando, rompendo por considerações pessoaes e respeitos humanos, Deus sabe com que violencia e desgosto, eu defendia e sustentava na Portaria (copia n.º 65) os direitos da Igreja, mais que manifestamente postergados no funeral d'um varão illustre, Portaria cuja doutrina, por muito corrente, verdadeira e sabida que é, ha de subsistir sempre, porque não ha talentos nem subtilezas que a destruíam, nem subterfugios e ardis que alterem e escureçam os factos sobre que assenta e a que foi applicada:

Quando em 1878 eu reclamava com grande energia e delicadeza perante as Auctoridades Administrativas e Judiciaes e perante o Governo contra a prisão menos regular d'um Parocho d'este Bispado em occasião de vivissima lucta eleitoral, sendo o mesmo Parocho posto logo em liberdade, e sendo pouco depois demittido o Administrador do Concelho que o prendera; o que

tudo se veria bem da mesma reclamação que eu sinto muito não poder publicar:

Quando finalmente era e tem sido este sempre o meu procedimento na manutenção da disciplina da Sancta Igreja, na defesa do meu Clero e no apoio que lhe dou para bem exercer o seu ministerio: deixo á illustração e fino criterio de V. Ex.^a Rev.^{ma} a qualificação das accusações em contrario de que estou tractando.

Mas nada d'isto admira; porque a *Nação* ou os seus correspondentes, que é o mesmo, accusou-me tambem de eu ter dado um jantar no Bussaco ao fallecido Sr. Duque de Loulé, e até de eu ter feito um funeral pomposo ao meu venerando Antecessor, meu bom e sempre chorado amigo, Sr. D. José Manuel de Lemos, que morreu muito christã e religiosamente em communhão com o Sancto Padre e abençoado por Elle, e bem-quisto e estimado de todo o mundo, e que até em tempos difficeis ajudou a salvar da morte alguns correligionarios da *Nação*.

E que hei de dizer d'outra accusação, de não punir um Parocho, entre outras cousas, por ter celebrado um matrimonio com impedimento sem dispensa, sobre que se escreveu por muito tempo na *Nação* em 1871?

Permitta-me V. Ex.^a R.^{ma} contar, embora rapidamente, esta historia que é curiosissima.

Principiando a fazer-se em 1870 e 1871 muitas queixas e accusações a um Parocho do meu Bispado, conheci pelas averiguações a que procedi logo a tal respeito, que ellas prendiam na recusa d'este a prestar a dois dos seus parochianos, correligionarios da *Nação*, a vassallagem a que elles se julgavam com direito pela sua antiga linhagem, nobreza e mais predicaos, e no facto de o Parocho ter levado emolumentos em um funeral a que não era extranho um d'elles; e um d'estes parochianos, que nas averiguações a que procedi e sobre que foi inquirido affirmava em um auto por elle assignado que o Parocho era bem comportado e que tinha as sympathias da freguezia pelos serviços que lhe prestava, escrevia logo em seguida para um periodico uma correspondencia anonyma, mas de seu proprio punho, accusando-o com maior violencia ainda do que até alli.

Mas ainda ha mais. O Parocho effectivamente celebrou em boa fé um matrimonio com impedimento de parentesco, porque, estando ha pouco tempo na freguezia, não o sabia e ninguem

lh'o poz nos proclames. E os sobredictos parochianos que, sabendo do impedimento, não o declararam, gritavam que o Parocho estava excommungado por ter assistido áquelle matrimonio, quando eram elles unicamente os que tinham incorrido na pena de excommunhão; e, obtida a dispensa para a revalidação d'elle, affirmava-se que elles não eram extranhos ás difficuldades que punha o contrahente na mesma revalidação. Não publico por delicadeza e caridade os documentos d'estas miserias.

Felizmente foi de grande fortuna para o Parocho esta guerra acintosissima, porque, não o tirando eu da sua Egreja, nem desejando que elle sahisse senão para outra melhor, para não pôr o ministerio parochial á mercê de caprichos, injustiças e prepotencias, sejam de quem forem, está elle hoje no melhor beneficio do extincto Bispado de Aveiro, merecendo, pela sua bondade, virtude e zêlo religioso, o respeito, estima e affecto dos seus freguezes.

Por tudo isto, pois, pode-se avaliar bem o que se faria, não só para que estas accusações chegassem á Nunciatura e á Sancta Sé e com mais negras côres ainda, mas tambem para que se conservassem fechados todos os orificios por onde podesse entrar para lá a mais pequena luz ácerca d'ellas.

O meu bom amigo, o Sr. Conselheiro Dr. Rodrigues d'Azevedo, sabio Lente de Theologia, e absolutista de caracter franco e firme, indignado com similhante procedimento, debalde escrevia e assignava de seu motu proprio duas correspondencias para a *Nação*, as unicas talvez que para lá tenha escripto, affirmando que era falso e calumnioso o que diziam de mim, sobre tudo na questão de Vizeu, cujos documentos tinha visto. Respondiam que estava illudido, e não faziam caso do que elle declarava e affirmava com a sua auctoridade, bem maior que a da *Nação*.

Debalde, e pelo mesmo motivo, fazia declarações identicas na *Nação* um outro seu correligionario, beneficiado d'esta Sé: diziam a mesma cousa. E o meu sancto e sempre chorado amigo, Dr. Lima e Lemos, tão conhecido e respeitado em todo o paiz, e que foi a honra e o modelo do clero d'esta Diocese e do partido absolutista, que tanto sublimava com as suas virtudes e com o seu exemplo, debalde tambem se cançava em dar bom testemunho de mim, pelo muito que me conhecia, chegando até a indignar-se e a

exaltar-se muito quando via a guerra acintosa que me faziam. Ponderavam particularmente que elle estava velho e chocho, e que eu tinha tido artes para o illudir.

O Sr. Auditor da Nunciatura, vindo a Coimbra por essa occasião, admirou o ver-me rodeado de tanta gente e de tanto clero, e estimando-me todos muito, porque, pelo que tinha ouvido dizer de mim, reputava-me um padre sem compostura, sem religião, sem piedade, e de que todos fugiam; e mais admirado ficou ainda de ver o que eu tinha feito e fazia no Seminario, porque me parece que só lá esperava encontrar, pelo que depois me disse, gymnasticas, esgrimas e lojas maçonicas. Até ao Sr. Nuncio de então, como me affirmou o mesmo Sr. Auditor, foram dizer falsissimamente que eu tinha ido ao Theatro de S. Carlos quando fôra prestar o juramento no processo da minha confirmação, chegando até a declarar a S. Ex.^a Rev.^{ma} que tinham fallado commigo no mesmo theatro!!! Não foi extranha a Nação a esta torpissima calumnia, porque, fallando da minha ida a Lisboa para aquelle fim, dizia que eu devia ter trazido impressões agradaveis do Theatro de S. Carlos. É bem sabido que eu nunca frequentei os theatros. Fui algumas vezes ao Academico quando era estudante, e em 1867, alguns annos antes de ser Bispo, passei algumas noites, pouquissimas, com o meu fallecido e bom amigo, Sr. José Ribeiro da Cunha, em uma saleta que elle tinha juncto ao seu camarote de S. Carlos, na qual os seus amigos jogavam o wisth e eu ouvia o canto do theatro. Nada mais.

Bem faz pois V. Ex.^a Rev.^{ma} em sahir da Nunciatura frequentes vezes para ir ver tudo com os seus proprios olhos; em querer ouvir e receber a todos com a bondade que tanto o distingue, e sobre tudo em se unir com os Bispos em vez de se unir com informadores apaixonados e algumas vezes inimigos d'elles; porque do contrario não podia ter evitado tantos males, e conseguido tantos beneficios para a Igreja Portugueza. Nem é bom pensar onde iriam ter algumas questões graves que se têm levantado no tempo de V. Ex.^a Rev.^{ma} se não as dirimissem com reconhecida utilidade religiosa, o alcance, perspicacia e genio conciliador de V. Ex.^a Rev.^{ma}, e a harmonia e confiança que existe entre V. Ex.^a Rev.^{ma} e o Episcopado de Portugal.

Não sé fazendo assim como V. Ex.^a Rev.^{ma} faz, por mais perspicacia e amor da verdade que haja nos Srs. Nuncios, é facil o

serem induzidos em erro, porque os seus informadores tambem muitas vezes o são, por terem como verdadeiras muitas cousas que a affeição politica, o despeito e a inveja fazem chegar desfiguradas ao seu conhecimento; e por este motivo tive eu já a honra de dizer ao seu Ex.^{mo} Antecessor o seguinte: «Deploro e lastimo a pouca ponderação e delicadeza com que sobre assumptos de tanta gravidade se põe de parte o Prelado Diocesano, a quem elles dizem respeito, para se acreditarem sómente as pessoas, sejam quem forem, que informam a Nunciatura Apostolica em Portugal, e que por mais d'uma vez a têm compromettido e collocado em posições bem distantes da verdade, como eu posso provar com factos e documentos, sendo necessario.»

Mas ao empenho que havia, como já disse, em manterem de pé as accusações que me faziam, accrescia que eu pela minha parte nada escrevia nem fazia directa ou indirectamente para combater similhante guerra. Quando ia á Nunciatura por dever de cortezia, a que nunca faltava, ou deixava bilhete, ou comprimentava o Sr. Nuncio, mas nunca lhe fallei na minha confirmação e na demora d'ella. Disseram-me que enviasse ao Sr. Marquez de Thomar, nosso embaixador em Roma, um relatório documentado do que eu tinha feito, para Sua Ex.^a poder destruir taes accusações, e cheguei a escrevel-o, mas não me atrevi a expedil-o. Tenho-o aqui ainda. Receiava que por este modo me apresentasse como parte interessada e supplicante a pedir e advogar o que um clérigo digno nunca póde nem deve pedir para si proprio. E era tal o receio, ou antes a delicadeza que em tudo isto queria guardar para com o Sancto Padre e para commigo, que, pedindo-se em 1871 esmolas em todas as dioceses para o dinheiro de S. Pedro, eu, que não queria que esta de Coimbra deixasse de concorrer para elle, e que ao mesmo tempo desejava evitar que algum malevolo podesse dizer, pelas circumstancias especiaes em que me achava, ou que eu queria obter a confirmação com as minhas liberalidades e zelo para o dinheiro de S. Pedro, ou que o Sancto Padre, concedendo-m'a, o faria por causa d'ellas, pedi e propuz ao meu Cabido que me permittisse mandar em nome d'elle uma esmola para aquelle fim, proposta que acceitou e louvou, sendo todavia a esmola dada não por mim, no que não consentiu, mas por todo o Cabido; o que tudo consta das actas capitulares, assim como a carta enviada

a Sua Sanctidade com data de 15 de fevereiro de 1871, assignada por mim na qualidade de chantre e por todos os outros capitulares.

Mais tarde o meu dedicado amigo, Bispo de Bragança, D. José Alves Feijó, que me conhecia muito de perto desde 1854, e que não podia levar a bem a demora na minha confirmação, propunha-me e pedia-me com muito empenho que escrevesse uma carta ao Sancto Padre ácerca d'ella, e affirmava-me que o Sr. Auditor da Nunciatura approvava e indicava a mesma carta; e o Sr. Dr. Rodrigues pôde dar testemunho de quanto foi sollicitado pelo Sr. Bispo de Bragança para me rogar que a escrevesse, o que nunca me rogou.

Respondi que escreveria com muito gosto ao Sancto Padre todas as cartas que um filho obediente e dedicado pôde escrever a um Pae extremoso, mas que tendo eu, quando fui apresentado, escripto a Sua Sanctidade, como é de uso e estylo, a carta (copia n.º 66), em que fôra tão explicito sobre o que tinha feito no passado e o que promettia fazer no futuro, receiava que não fosse bem interpretada por Sua Sanctidade mesmo a carta que de novo se me pedia, especialmente não havendo, como não havia por parte da Sancta Sé, indicação alguma que me auctorisasse a escrevel-a.

Todavia as exigencias d'aquelle meu bom amigo eram cada vez mais instantes, mais auctorizados os precedentes em que as fundava, e maiores as suspeitas de orgulho que me dizia levantarem-se por este motivo contra mim. Nestas circumstancias, mortificado já com tudo isto, escrevi-lhe a carta (copia n.º 67), a qual me disse ter mandado para a Nunciatura, como eu soube depois que mandou, e onde deve estar archivada, porque foi mandada depois por mim tambem; e não foram poucos os meus receios de que então alli tivessem esta recusa e desabafo particular como queixa minha contra Sua Sanctidade.

Pois, não obstante o que fica exposto e a falta de carta ou informações minhas, não obstante a exempção de toda e qualquer violencia por parte do Governo Portuguez para obter a minha confirmação, violencia que elle não tem practicado nunca, pelo menos nos ultimos tempos, honra lhe seja feita, a Sancta Sé, depois de mettido de permeio o tempo que por estas circumstancias especiaes julgou necessario, confirmou-me muito espon-

taneamente a 21 de dezembro de 1871. Tal é a cautela com que procede, a perspicacia que tem para conhecer a verdade, e a inteireza com que faz justiça a quem a tiver a despeito de todas as paixões; e tanto isto é verdade, que a *Nação*, não podendo abafar as suas iras e occultar a sua indignação por eu ser confirmado, ousou escrever a este respeito o seguinte: «Ai! de seguro, que mui grande é a ira de Deus contra este desventurado Paiz que nem mesmo em Roma acha auxilio á sua fé, conforto á sua esperança; antes de lá lhe vem de retorno toda a casta de lobos que o liberalismo, condemnado pela Igreja, d'aqui envia.»

Não sei, nem tão pouco sabe a *Nação* as razões que teve a Sancta Sé para proceder como procedeu neste e noutros casos; mas um jornal religioso que em vez de as respeitar como deve, sejam ellas quaes forem, leva o seu descomedimento e insolencia ao ponto de desacatar por esta fórma o Vigario de Christo na terra, e de dizer que o Sanctissimo Padre Pio IX manda de retorno para Portugal toda a casta de lobos, poderá ser tudo menos religioso, poderá deleitar-se com este desafogo d'uma ruim paixão, mas não poderá ter paz na consciencia, nem achar desculpa em quem for verdadeiramente catholico e temente a Deus.

Perdoae, Padre Sanctissimo, d'esse Throno de gloria em que a minha fé me diz que vós deveis estar pelo muito que no mundo fizestes e soffrestes pelo bem da Religião, perdoae aos vossos inimigos que vos escalaram a porta pia e vos fizeram prisioneiro no Vaticano; e perdoae sobre tudo aos que, dizendo-se vossos filhos e vossos defensores, vos escalaram o coração e pretenderam escalar o credito com estas offensas da vossa honra, e do vosso zelo apostolico, que é o que mais custa.

Desatinos incompreensíveis de gente obcecada! Pela minha parte ainda poderia comprehendel-os, se a *Nação* os prendesse só na falta de merecimentos meus para tão sublime Dignidade, e que eu sou o primeiro a confessar; mas não os posso comprehender, prendendo-os ella tambem no liberalismo, como faz, porque eu nunca tive, nem tenho partido nenhum, e nunca em minha vida entrei em luctas politicas; e pelo contrario o fallecido Bispo de Vizeu, Sr. Alves Martins, que era politico ardente e apaixonado, que vivera sempre no meio das revoluções e tomando

parte nellas, que era tribuno exaltado nas camaras e na imprensa, e que não occultava a ninguem os seus sentimentos e ideias liberaes, não foi como eu guerreado pela *Nação* quando foi apresentado Bispo, antes foi recebido com demonstrações de muito agrado, e não questionaram a sua confirmação.

Seja porém como for, o jubilo e enthusiasmo, espontaneo e fervoroso com que foi festejada nesta cidade e em todo o Bispado a minha confirmação, e até por alguns dos mais distinctos correligionarios da *Nação*, que por tal motivo fizeram festas pomposas nas suas Egrejas e Palacios (copia n.º 68); a extraordinaria concorrência de fieis á minha sagração nesta Sé Cathedral, o grande numero de summidades na aristocracia do sangue, do talento, das letras, da politica e dos cargos publicos, que de perto e de longe se dignaram de vir honral-a com a sua presença; e o grande luzimento d'esta festa como ainda não se tinha visto outra em Coimbra, o que todos sabem muito bem, e consta dos jornaes d'esse tempo, e entre elles da copia n.º 69, desaffrontaram a auctoridade do Sancto Padre e a minha, e lavraram os mais solemnes protestos contra as insolencias que um jornal religioso de Portugal ousou dirigir a um Pontifice tão venerado, tão bom e tão sancto como Pio IX de sempre gloriosissima memoria.

Tambem nas alegrias e festas da minha confirmação tomaram parte, e com visivel contentamento, distinctissimos correligionarios da *Nação*, e que eram, e ainda são alguns, a honra e a flor do seu partido: — Dr. José Maria de Lima e Lemos, Dr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres, Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, Dr. Antonio Bernardino de Menezes, Dr. Antonio José de Freitas Honorato, actual Arcebispo de Braga, Dr. Joaquim Cardoso d'Araujo, illustre Barão de Sancta Combadão e outros.

Pois a *Nação* não duvidou desacatar tambem todos estes Cavalheiros do seu partido na publicação d'uma correspondencia, em que se lê com relação a estas festas o seguinte:

«Pelo que diz respeito a festas..... tenho a dizer-vos que ha muitos *fogueteiros*: que estes fogueteiros têm muitas *lojas*: que estas lojas têm muitos *officiaes*, e que estes officiaes fazem muitas *bombas*. Deus queira que não appareçam as d'Orsini.»

Perdoe-lhe Deus e perdoem-lhe todos assim como eu lhe

perdão também estas indignidades; e não se desconsolam os meus Irmãos no Sacerdocio ou no Episcopado que soffrerem as guerras da *Nação*, porque estas, em vez de prejudicarem, costumam ser em alguns casos o prenuncio feliz de benções e prosperidades futuras. Bastam para o provar os factos seguintes:

O Sr. Bispo do Porto, que também soffreu essas guerras e desapiedadamente, e cuja confirmação se esforçaram muito por impedir, passados alguns annos foi nomeado Cardeal da Sancta Igreja de Roma com o grande applauso devido aos seus merecimentos.

O Sr. Bispo de Bethsaida, que já depois de sagrado foi agredido e censurado violentissimamente por um jornal anti-dynastico, por se ter ausentado da camara dos Pares em junho ultimo para ir *ad sacra limina*, ausencia mais que justificada, até porque se sabia de antemão que não era necessaria nella a sua presença para a questão religiosa, como não foi, teve depois no Vaticano em seguida áquellas censuras o acolhimento benevolo que todos souberam.

O Sr. Prior de Salreu, que em 1871 foi por muito tempo accusado e agredido pela *Nação*, sahiu d'uma freguezia, muito pobre e muito doentia, para outra que é muito rendosa, e tem hoje, como poucos, a estima dos seus freguezes e dos seus collegas, e o respeito e a consideração de todo o partido chamado catholico. E eu, que tenho andado sempre nas pontas dos dardos do mesmo jornal, tenho também, embora immerecidamente, a estima, que V. Ex.^a Rev.^{ma} sabe, do meu clero e do meu Bispado.

Do proprio Sancto Padre Pio IX tive a honra e a satisfação de receber benções e differentes testemunhos de benevolencia, e entre estes o do n.º 70: e do seu venerando successor, o Sanctissimo Padre Leão XIII, e do Em.^{mo} Sr. Cardeal Secretario de Estado, e de seus Antecessores, sabe V. Ex.^a Rev.^{ma} muito bem as repetidas benções especiaes e frequentes testemunhos de louvor que igualmente tenho tido a honra e a satisfação de receber, sendo bem notavel o da carta de Sua Sanctidade, que louva e approva o meu procedimento como Bispo de Coimbra (copia n.º 71).

Peço agora a V. Ex.^a Rev.^{ma} que me permita fazer as considerações que naturalmente dimanam do que tenho tido a honra de expôr.

Tive sempre muito respeito e deferencia pelo partido tradicionalista, absolutista, realista ou miguelista, como lhe queiram chamar; e bem digno me parece elle do respeito de todos e, especialmente do Clero, pela sua desgraça e perseverança, e pela bandeira religiosa que hastea, embora algumas vezes sem o prumo devido, para lhe servir de pharol, de conforto e de esperança na cerrada noute dos seus infortunios.

Alguns dos seus mais distinctos correligionarios, já fallecidos, foram sempre por mim tractados com inexcediveis cortezias e affectos na vida e na morte; e d'um, que era parochio respeitabilissimo neste Bispado, e fallecido ainda ha poucos dias, com bastante magua minha, póde V. Ex.^a Rev.^{ma} ver no officio que enviei ao Ministro da Fazenda (copia n.º 72) o quanto eu o estimava, e os esforços que fiz para lhe evitar, como evitei em quanto pertenceu a este Bispado, o desgosto de lhe desamortisarem os passaes. É sincera a minha amizade e estima por muitos que felizmente ainda vivem, e que lhe fazem muita honra, e como bispo, como padre e como cidadão, nunca molestei nem aggravei o partido do Sr. D. Miguel, nem sei em que tenha dado motivo justo para as aggressões que me têm feito os seus jornaes.

Pelo contrario estive por muito tempo persuadido de que elle e estes, apoiando a Egreja e os seus ministros, e mantendo as antigas tradições religiosas da patria, eram um elemento poderoso e uma força grande para salvaguardar e defender os mais altos interesses religiosos dos perigos a que os expõem aquelles que tudo querem avançar em religião e em politica.

Infelizmente a experiencia e os factos obrigam-me a modificar as minhas opiniões, não emquanto ao partido, para o qual são sempre as mesmas, e muito menos emquanto a muitos dos seus correligionarios, para os quaes é cada vez maior a minha estima e veneração, mas emquanto á sua imprensa pelo mal que me parece servir a causa da Religião e da Egreja.

É bem sabido, e ninguém pôde negar que ha annos a esta parte se tem levantado mais o espirito religioso do Paiz, e que é auspiciosa uma especie de reacção que se nota contra a indifference e desprezo pelas cousas da religião, não só pelo receio que a todos inspiram as ideias impias e dissolventes de que se pretende fazer propaganda, mas tambem pela maior actividade e zelo do Clero em geral para lhe applicar o contra-veneno, com o desempenho mais activo e cuidadoso da sua missão.

Construem-se Egrejas de novo, concertam-se outras, e em todas se prima no seu maior aceio e decencia. As funções religiosas são mais sollemnes e concorridas de fieis, são mais frequentados os sacramentos, mais completa a desobriga dos preceitos quaresmaes, mais procurados e com maiores sacrificios os Parochos e Capellães para as Egrejas pobres e ermas; e não faltam aos clerigos dignos e que sabem cumprir os seus deveres a obediencia e acatamento dos fieis e as benções de Deus e dos homens, e isto que eu vejo cheio de consolação na minha Diocese, é o que succede tambem nas outras, principalmente do norte, segundo me informam.

Mas para que este movimento religioso progrida, e para que produza todos os seus beneficos resultados, é necessario que a imprensa e as pessoas que o auxiliarem e dirigirem não suscitem em ninguem a menor suspeita de quererem tirar d'elle significações politicas e vantagens partidarias: é necessario que todos possam manifestar a sua fé religiosa sem prejudicarem a sua fé politica, e que não se vejam na necessidade de occultar aquella para que não se tirem illações menos favoraveis a respeito d'esta.

E estará neste caso a Imprensa Religiosa do partido absolutista?

Para responder que não, basta recordar as suas affirmativas, tão calorosamente sustentadas, de que só pôde ser religioso e catholico quem professar as doutrinas do seu partido; os apodos que dirige a todos aquelles que julgam poder servir a Religião e a Egreja e cumprir os seus deveres religiosos sem pertencerem ao seu campo politico, e a insolencia com que a todos estes chama catholicos liberaes, querendo assim fazer do catholicismo, que é um só e o mesmo para todos, essa divisão absurda e pre-

judicialissima de catholicos absolutistas e catholicos liberaes, divisão todavia em que não insistem já tanto, por terem visto levantada contra ella toda a gente sensata que quer a Religião para servir a Deus, e não para especulações da politica:

Basta recordar a intolerancia e facciosismo com que ella applaude e exalta todas as manifestações religiosas da iniciativa e direcção dos primeiros, e o retrahimento, se não as censuras, que tem para todas as que partirem d'aquelles que reputa serem dos segundos:

Basta recordar que as Associações catholicas e Congressos catholicos que se têm inaugurado em Lisboa, Porto e Braga não têm dado resultado, ou morrem logo, porque, não tomando a feição partidaria da mesma imprensa religioso-politica, encontram desde logo nella a mais crua guerra:

Basta finalmente recordar as desavenças que ella teve com dois dos seus correligionarios, talvez as maiores intelligencias do seu partido, só porque elles, mais cordatos e com mais alcance, ousaram dizer, pouco mais ou menos, que se podia ser religioso e catholico dentro da Carta Constitucional.

E não são só os seus correligionarios de maior valia que ella tracta mal, e que se vêem obrigados a separar-se do seu órgão official por causa da sua intolerancia e obcecação partidaria. Os Bispos do Continente, todos sem excepção nenhuma, antes das ultimas apresentações, têm sido por ella maltractados, censurados ou desacatados. Aqui chama impio e mação calumniosamente a um; alli falsifica documentos publicos para chamar Irmão *Lafayette* a outro. Numa parte censura este por ter feito cumprimentos na capital da sua Diocese a S. M. El-Rei o Sr. D. Luiz I; noutra parte censura aquelle por não resolver alguns negocios ecclesiasticos segundo o seu gosto, e até não trepida em dar como excommungado um já fallecido, aliás muito illustrado e piedoso, e em arremessar á face de todos esta grande insolencia:—Que a Sociedade dos Livres Pensadores ia convidar os Bispos Portuguezes para seus socios honorarios.

E, cousa notavel, o clerigo redactor do jornal religioso de politica absolutista que escrevera ou publicara estas ultimas cousas; que se rebellara contra o seu Prelado; que era vivamente censurado em documentos publicos pelo clero d'uma Dio-

cese inteira, tinha não obstante isto muita importancia em algumas regiões superiores; era appellidado de Veillot portuguez e brindado com pennas d'ouro pelos seus correligionarios do Porto. E mais tarde, no seu mesmo jornal, confessam-se as suas faltas e os seus erros, e pede-se desculpa e perdão para elles.

Pela minha parte de muito boa vontade lhe perdôo, e longe de lhe querer mal, antes lhe desejo todo o bem, e a todos aquelles a quem sou obrigado a referir-me menos favoravelmente nesta publicação. Combato os erros e faltas de probidade, mas não as pessoas, que amo sempre em Jesus Christo; e emendados aquelles e reparadas estas, só têm razão para dizerem que eu sou mais que benevolo e generoso.

E quanto eu desejava sel-o já também com a imprensa religiosa do partido absolutista! Só Deus o sabe; mas ella infelizmente, além de se separar dos Bispos e de os maltractar, leva ainda mais o longe o seu arrojo.

Nas citações constantes de Pio IX, nas referencias extremamente laudatorias que lhe fazia, e nos retrahimentos que guardava em tempo para com o seu Dignissimo Successor, todos viam e conheciam bem como era tractado e recebido por ella o proprio Leão XIII; e a tal ponto chegou o calor e a inconveniencia com que ella se intrometteu em questões desagradaveis para Sua Sanctidade, que o venerando Pontifice, maguado com este procedimento de quem não o devia esperar, viu-se na necessidade de mandar censurar os periodicos da imprensa religioso-absolutista: *Nação*, *Ordem* e *Cruz e Espada*, como se vê da copia n.º 73.

E outra vez, cousa notavel, quando o Sancto Padre censurou um Bispo de Hespanha por ter escripto uma pastoral cheia de resaibos de politica carlista, a imprensa religioso-absolutista de Portugal exaltou até ás nuvens e apresentou a todos como um heroe o Prelado censurado; e agora que ella é também censurada, alguns poucos dos seus correligionarios e adeptos mais ardentes, sem approvação certamente do seu partido, enviam felicitações, e algumas com abaixo assignados, aos periodicos censurados pelo motivo de merecerem uma censura do Sancto Padre, que dizem ser uma prova de amor, e de se terem sub-

mettido e acceitado com muita obediencia a mesma censura, como se não fosse antes para vergonha, e para lagrimas e arrependimento o primeiro motivo, e como se o segundo, que não passa do cumprimento natural e indispensavel d'um dever, podésse merecer elogios, a não ser para dizerem que elles eram capazes de desobedecer ao Sancto Padre, e que o facto da obediencia tem muito merecimento por ser uma grande generosidade.

Nestas circumstancias, censurada pela Sancta Sé, e desaucturada como está a imprensa religiosa de que estou tractando, e de mais a mais aferrada sempre a uns certos exclusivismos que o Sancto Padre combate, e que são perigosissimos, parece-me que ella não poderá só de per si desenvolver e beneficiar muito o movimento religioso do Paiz.

Afóra muitos cavalheiros da politica anti-dynastica que honram o seu partido e a religião com o seu exemplo, com o seu saber e com as suas virtudes, e que valem tambem muito pela sua fortuna, mas que não approvam, como alguns dizem, o caminho seguido pela sua imprensa; afóra muitas familias christãs que são ainda o modelo e o esplendor da religião, e a força e apoio dos seus ministros, mas que não se conformam com exclusivismos e exaggerações; afóra finalmente algumas Damas piedosas, que na sua louvavel boa fé têm como obra meritoria perante Deus ouvir, acreditar e seguir tudo o que escreve a mesma imprensa: vêem-se em algumas partes como formando o grosso e o fundo d'um certo chamado partido catholico da imprensa religioso-politica, uns bons homens e umas boas mulheres, crentes e piedosas, que merecem muito louvor pelo sancto caminho em que querem andar, mas que pouca força e valimento têm e podem ter nas regiões em que se tractam os assumptos da religião e da politica: e como influentes, chefes e directores do mesmo partido vêem-se tambem em algumas terras, a par de alguns clerigos bons e piedosos, alguns seculares com muitos bons desejos, mas que, sem fortuna, sem posição social, sem prestigio e consideração publica e sem virtudes em grau que suppram estas faltas, não levariam ninguem de importancia atraz de si em um certo momento dado.

Podia citar muitos factos comprovativos do que digo, mas não o faço para não desanimar ninguém.

Além d'isso como esta imprensa, por mais rectas e desinteressadas que sejam as suas intenções sobre assumptos religiosos, é sempre suspeita para muita gente, se ella fosse a directora do movimento religioso do Paiz, e a que tomasse só conta d'elle com os Bispos ao seu lado e ao seu dispor, como têm sido sempre as suas ambições, uma grande parte de Portugal, aquella em que estão as suas forças dirigentes, a sua actividade, a sua maior importancia social, os seus recursos e rendimentos publicos, não só se retrahiria nas suas manifestações religiosas, e no apoio á Egreja e aos seus ministros, mas talvez até se absteria de tomar parte nas funcções e solemnidades do culto Divino; porque, desejando a mesma imprensa influir por meio d'estas no espirito publico a favor da restauração da Monarchia absoluta e da vinda do Sr. D. Miguel para Portugal, os Constitucionaes ou Liberaes, que não querem que elle venha, ousariam praticar taes extremos para não darem força aos que pretendem abrir-lhe o caminho por esta fórma.

Nem se diga que taes extremos não tinham fundamento, e que seriam desarrazoados e injustificaveis. Era muito de temer que os practicassem apezar d'isso; e ali estão muitos factos para o provar. Debalde se fazem representações com milhares de assignaturas a favor das ordens religiosas, a circumstancia só de ellas serem patrocinadas principalmente pelo chamado partido catholico absolutista ou miguelista é bastante para não serem attendidas. O Decreto de 2 de janeiro de 1862 sobre o provimento de beneficios ecclesiasticos, não obstante a representação collectiva dos Bispos d'esse tempo contra elle, e os inconvenientes que lhe acharam na practica, não foi ainda revogado ou modificado por causa principalmente da attitudo que tomou a imprensa do mesmo partido nesta questão; e é preciso olhar para as cousas, não como ellas deviam ser, mas como realmente são.

Tambem a imprensa de que tracto, apoiando, louvando e defendendo sempre e indistinctamente todos os seus adeptos por menos cordato e discreto que seja o que elles fazem, concorre

bastante para que d'entre estes alguns clérigos se exaggerem, embora com sanctas intenções, no seu zelo, nos seus ensinamentos, conselhos, practicas e devoções religiosas. Aqui salvam dos perigos algumas donzellas e levam-nas até das suas casas para onde possam conseguir mais facilmente a perfeição da vida christã, o que é muito louvavel, mas parece que nem sempre têm tido primeiro com as suas familias e superiores a prudencia, prevenções, consentimentos e delicadezas devidas; alli trazem as mulheres, que não são chamadas a esta perfeição, muito tempo pelas Egrejas com prejuizo da sua casa, da sua vida e do cumprimento dos outros deveres que esta lhe impoz; acolá fazem-nas commungar todos os dias, o que, sendo digno de louvor, pôde ser exequível para algumas, mas não para outras que todavia romperão por tudo para não ficarem atraz d'estas; e finalmente segregam-nas quasi, não poucas vezes, da outra vida licita e honesta da sociedade, e tornam-nas até menos benevolas e caritativas para as suas familias e para todos aquelles que não apoiarem ou não seguirem com ellas o mesmo caminho.

E por tudo isto a piedade, que eu amo tanto do coração (copia n.º 74), e que espero em Deus hei de afervorar cada vez mais no meu Bispado para robustecimento da fé e salvação das almas; a piedade, que é flor de suavissimos aromas, o ornato mais precioso da mulher, e para todos, e em todas as condições sociaes, uma força para o espirito, uma doçura para o coração, um desfogo para as almas, um balsamo e conforto para os desgostos da vida, e um elemento poderoso de moralisação e virtude para a sociedade, não tem para muitos, por causa d'aquelles excessos, e do exclusivismo com que é advogada, o respeito, a veneração, os encantos e o amor que deve ter para todos; e até as pessoas piedosas, que mais ostensivamente se entregam á piedade e que porisso tanto louvor merecem, são alcunhadas, magua é dizel-o, de beatas e beaterio com menos respeito e muito mau espirito.

Lamentando isto, e condemnando nesta parte todos os excessos, dizia-me ha pouco um respeitavel clérigo Jesuita que as mulheres eram naturalmente religiosas e piedosas, que devia haver toda a cautela para não excitar neste ponto a sua phantasia e imaginação mais viva, e que, embora precisassem muito de serem convenientemente dirigidas espiritualmente, seriam

mais necessarios, de maior proveito e alcance empregados nos homens, os maiores trabalhos, cuidados e assiduidade que havia na direcção espirital d'ellas.

Nestes tempos, pois, em que infelizmente ha tantas complacencias para tudo o que for indifferença religiosa, relaxação e impiedade, e tantos reparos e censuras para tudo o que diga respeito ás solemnidades do culto divino e ao cumprimento dos deveres religiosos, é da maior necessidade que a prudencia, moderação e bom senso dirija, afervore e sustente todas as practicas e exercicios de piedade, para que esta, em vez de se tornar odiosa e aborrecida para muitos, se levante abençoada e querida por entre os respeitos e adorações de todos; e para que os inimigos da Religião catholica se rendam, não só á verdade das suas doutrinas e á divindade do seu culto, mas tambem ao fructo das suas obras e á pureza das suas practicas, sem fanatismos nem superstições e exaggeros que a Egreja condemna, e que a illustração do nosso tempo não approva nem tolera. Confundem-se e assombram-se elles com as virtudes heroicas que ella inspira, e que só se encontram na *loucura* da cruz, virtudes de que ainda ha pouco nos deu exemplo edificantissimo a catholica Hespanha, nessa abnegação sublime com que tantas filhas devotas de Jesus Christo corriam umas após outras ao meio da peste, e com a certeza quasi da morte, para acudirem aos empestados, não por considerações e premios da terra, mas por esperanças e recompensas do ceu, não por obediencia á auctoridade que as mandava, mas por desafogo ao amor de Deus e do proximo que lhes abraçava os corações.

Demos muitas graças ao Senhor por estes prodigios de valor e de heroismo no seu sancto serviço, e por estas glorias fulgurantissimas da Religião, que sustentam e consolam os crentes na sua fé, que emmudecem e desenganam os incredulos nos seus erros, e que desarmam e vencem os impios nos seus combates.

Envidemos, porém, todos os esforços para que estes não tenham nada que notar ou censurar nem nas nossas practicas religiosas, que produzem e alimentam aquellas virtudes, nem na vida das pessoas que mais se distinguirem como piedosas. Se aquellas não forem prudentes, desinteressadas, puras e sanctas, não edificam, destroem; e se estas não ajustarem o mais que

podér ser ao teor da sua vida religiosa o teor da sua vida moral, não honram a religião, vituperam-na. Será morta, ou esteril e sem fructo a nossa fé e o nosso fervor religioso se não lhe corresponderem na practica as boas obras, e em todas as relações com o nosso proximo a lealdade e inteireza de caracter, e os sentimentos de honra e probidade. Os que louvarem a Deus no templo com os labios, e não com o coração e com as obras, e que fizerem subir incensos para a Divindade com uma das mãos, e odios, malquerenças, intrigas e calumnias para os seus semelhantes com a outra, não são religiosos e devotos, são phariseus.

Mas ai de quem ousa dizer hoje semelhante cousa! É logo apodado de *maçonico* pelo menos, e quem sabe o que já me terá acontecido por ter posto algumas clausulas na licença que dei para missões no meu bispado em 1874, e por ter dicto o que V. Ex.^a Rev.^{ma} já viu na Allocução ás Associadas do Coração de Jesus em Aveiro? (copia n.º 75). Paciencia... attendo aos mais altos interesses da Religião, e sigo os dictames mais seguros da minha consciencia. E Deus sabe que eu, combatendo aquelle phariseismo, combato incomparavelmente muito mais e com outra força a libertinagem dos inimigos da piedade. Não vêm d'elle os males que vêm d'esta, e não são as pessoas que frequentam a Igreja e os sacramentos que em geral desobedecem ás leis e ás auctoridades; que commettem os grandes crimes que enluctam a sociedade, e que incitam as massas populares para a anarchia e para o rompimento de todos os laços sociaes.

É porisso tambem que em todas as minhas visitas episcopaes ponho especial cuidado em recommendar aos Parochos que exhortem os seus freguezes á devoção e á piedade. Poucos terão deixado de ouvir nas minhas homilias sobre este ponto pouco mais ou menos o seguinte: Com a vossa assiduidade na casa do Senhor para lhe cuidardes do aceio e zelardes a honra; com a vossa regularidade na celebração do Sancto Sacrificio da Missa todos os dias, não com a pressa e desenvoltura que scandalisa os fieis, mas com o recolhimento e devoção que os sanctifica; com a diligencia que deveis empregar para os chamardes á frequencia dos sacramentos e á practica das boas obras, não com a aspereza dos modos e com o imperio da auctoridade, mas com a doçura das palavras, com a ternura do coração e com a in-

fluencia salutar do bom exemplo, que são as armas e o segredo maravilhoso do bom pastor, avivai a fé e levantai o espirito religioso em vossas parochias, e tende sempre aberta e patente a porta do confessorio nas horas devidas, para que os vossos freguezes, absolvidos nelle os seus peccados, recebam na sagrada mesa o pão dos anjos, que os guarde e preserve dos perigos e tentações do mundo.

Fallemos agora d'outro ponto, e não menos grave com relação á imprensa do partido absolutista. É bem sábio; e muitos partidarios d'esta politica não negam, que a sua imprensa, em vez de conciliar a estima e a consideração publica com a delicadeza da sua linguagem, com a cordura das suas opiniões e com a justiça e imparcialidade do seu procedimento em tudo, incorre pelo contrario no desgosto de muitos, por seguir caminho inteiramente differente, e por combater systematicamente e por todos os modos tudo o que são as ideias, o espirito e o progresso do tempo presente, e as pessoas que o favorecem; e como a mesma imprensa se arvora em defensora da Religião e da Igreja, reputam-n'a como órgão d'uma e d'outra, e vêm por consequente a cahir, embora injustamente, sobre os padres, sobre os bispos e sobre o proprio Papa, as incompatibilidades, odios e malquerenças, que ella provoca com os seus escriptos; o que é um mal gravissimo para a confiança que os ministros do altar devem inspirar a todos os individuos e a todos os partidos, e para a paz religiosa que incessantemente devemos procurar.

Porém se a imprensa do partido absolutista tem os inconvenientes já expostos, e se alguns dos padres, seus adeptos e mais ardentes se exaggeram algumas vezes no cumprimento dos deveres do seu ministerio, devemos pôr de parte aquella e estes, e recorrer á imprensa do partido constitucional e aos padres constitucionaes ou liberaes para dirigir e activar o movimento religioso do Paiz?

Não, mil vezes não. A par de não poucos jornaes serios do

partido constitucional que respeitam a religião, que se respeitam a si e a todos, os outros, ou por impiedade, ou por ignorancia das cousas religiosas, ou por espirito de opposição aos jornaes absolutistas, escrevem as maiores heresias, ridicularisam e insultam a cada passo a Religião, o Papa, os bispos, os padres e até a propria Divindade.

E dos padres liberaes ou constitucionaes, a par de não poucos tambem que honram o ministerio parochial, a Religião e o Paiz com o seu saber, piedade e bom exemplo, outros infelizmente, uma parte, e talvez não pequena, dos que se adornam com este titulo, ou porque herdaram da revolução o espirito contrario ao dos seus adversarios politicos, ou porque não tiveram a educação necessaria e conveniente, ou porque julgam errada e loucamente que devem proceder como procedem para agradarem á sociedade, não primam nem por zelo e espirito religioso, nem por devoção e piedade, nem por compostura na vida, no trajo, nas acções e nas palavras.

No discurso que fiz ainda ha pouco tempo na Academia de Sancto Thomaz d'Aquino disse que era de todo perdido e sem fructo o ministerio do padre que não tivesse compostura, devoção e piedade, e que nos vinham dos antigos regimens os modelos para elle (cópia n.º 76); e na minha já longa administração ecclesiastica em duas ou tres Dioceses, com quanto não deseje nem apoie os padres absolutistas, imprudentes e exaggerados na devoção e na piedade para os outros, por mostrar a experiencia que é maior o mal que fazem do que o proveito que tiram, procuro, considero e attendo sempre tanto os outros do mesmo partido que forem prudentes e honestos, como tenho fugido e fujo dos padres liberaes que não tiverem estas qualidades, se bem que no chamamento d'uns e d'outros para o serviço da Egreja, e nas muitas informações que tenho dado de todos ao Governo para o provimento dos beneficios ecclesiasticos, nunca fallei, nem uma só vez, em elles serem absolutistas ou constitucionaes. Importo-me só com os seus meritos ou demeritos, e não com o partido a que pertençam, eahi estão os meus copiadores e os meus officios archivados nas differentes Secretarias d'Estado, para provar o que digo.

Felizmente a Revolução já lá vai ha mais de 50 annos, e os padres hoje com educação já muito differente não querem saber

de questões dynasticas. Fogem da *Nação* e dos seus congeneres por causa dos seus exaggeros e obcecações, mas tambem não vão para os periodicos liberaes. O que elles querem é o bem da Religião e da Igreja, e que se respeitem e attendam os seus ministros; e, attendidos tambem os interesses da patria, pouco se importam que estes beneficios venham por uns ou por outros. Pelo menos a respeito dos da minha Diocese parece-me poder affirmal-o assim.

Mas se nem a imprensa religiosa anti-dynastica, nem a constitucional ou liberal podem promover e advogar só de per si o bem religioso do Paiz, de modo que reunam e attraiam, como é necessario, os catholicos de todos os partidos, sem inconveniencia ou prejuizo para a profissão e bandeira politica de cada um, o que deve fazer-se?

Em um dos meus officios para o Governo adiante transcriptos (copia n.º 41) tive a honra de dizer o seguinte:

«Sem os Bispos, ou, peor ainda, contra elles, que depois dos Papas são os unicos com auctoridade legitima para dirigirem e governarem a Igreja de Deus, e para superintenderem em tudo o que diga respeito á Religião, pouco ou nada poderão conseguir em Portugal.»

Unam-se pois os Bispos que são os mestres da doutrina, os depositarios da fé, e aquelles sobre quem mais pésa a responsabilidade da boa ou má direcção das cousas religiosas nas suas Dioceses e no seu Paiz: e, visto que a imprensa periodica é hoje o meio mais poderoso de propaganda para o bem e para o mal, peçam a venia e a benção do Sancto Padre, e, obtida ella, fundem em Lisboa para o bem um jornal religioso, grave e serio, que seja de todos os Bispos Portuguezes, de todas as Dioceses e de todos os partidos; que seja como orgão official da Religião, da doutrina e da politica do Sancto Padre em Portugal; que tracte estes assumptos livremente, mas sempre com tino, peso e medida; que defenda a Igreja e os seus ministros com força e vigor, mas sempre tambem com linguagem decorosa e digna, e sem ferir nem offender ninguem, qualquer que seja o partido a que pertença, ou a injustiça e má fé com que tenha procedido; que seja completamente estranho á politica militante, mas que dê aos seus leitores, para os interessar, todas as noticias que

houver a respeito d'ella e tanto para um lado como para o outro; que mantenha esta posição com todo o escrupulo e fidelidade, mas que apoie no que ella permittir o Governo e os Ministros que estiverem no poder, qualquer que seja o partido a que pertençam; que do mesmo modo e dentro da mesma posição, combata com franqueza e lealdade. não só as medidas e actos governativos do poder central e local que atacarem a Religião, a Egreja e o seu Chefe supremo, mas tambem a opposição menos justa que fizerem, com o pretexto de religião, ao Governo estabelecido os jornaes politicos de qualquer partido que sejam; que não entre nunca nestes combates e na defeza de algum Prelado, de algum Parocho ou de algum Clerigo sem averiguar bem a verdade dos factos e a justiça que lhes assiste; e que finalmente tenha sempre todas as attenções e deferencias com os jornaes do partido anti-dynastico, e que, longe de os hostilizar ou de abrir polemica com elles, muito pelo contrario sollicite e agradeça sempre muito o seu auxilio e coadjuvação dentro d'este programma.

Este jornal, superintendido e dirigido por alguem, delegado do Episcopado, e collaborado pelos mais distinctos escriptores, clerigos e seculares, de todos os partidos que não duvidarem prestar-lhe o seu auxilio conforme o programma prescripto, e aos quaes se pagaria bom ordenado para a sua collaboração ser mais efficaz e constante, segundo o meu humilde paracer deveria ser apresentado ao clero e aos fieis com uma carta collectiva de todos os Bispos Portuguezes, na qual se declarassem os motivos e fins da sua publicação e a approvação de Sua Santidade; assim como tambem me parece que devia declarar-se muito explicitamente que se não queria hostilizar o partido absolutista ou miguelista e a sua imprensa; que muito pelo contrario se reconheciam, confessavam e agradeciam os bons serviços que os seus correligionarios prestavam á Religião e á Egreja em Portugal, umas vezes com o seu exemplo, outras com a probidade e honradez do seu character, outras com os seus escriptos, outras com a sua prudencia, tolerancia e bom senso, e não poucas com a fidelidade no cumprimento dos seus deveres religiosos; que se pedia muito encarecidamente a continuação d'estes bons serviços, e que muito se confiava no seu auxilio e valoroso apoio; que podiam do mesmo modo continuar

a advogar a sua politica, da qual os Bispos não queriam saber nem para a prejudicar nem para a favorecer (1); e que apenas queriam evitar a responsabilidade e prejuizo que advinha á Religião e aos seus ministros de a imprensa anti-dynastica querer fazer servir esta aos seus intentos, ora arvorando-a em bandeira do seu partido, ora querendo que não se possa ser bom catholico fóra d'este.

E aos reclamos dos jornaes religioso-politicos, tão instantemente repetidos a favor da creação d'um partido catholico e da interferencia dos ministros da Religião na politica, mas na politica d'elles já se sabe, respondo com duas cartas de dous Prelados de França — uma de 12 de outubro ultimo, e outra de 3 do corrente. Na primeira lê-se este trecho:

«Nos dois retiros ecclesiasticos de ha um mez recommendei instantemente, pelo contrario, ao meu clero reunido que se não embrenhasse nas luctas eleitoraes, em consequencia do principio superior de que o Padre, que deve o seu ministerio a todos, quaesquer que sejam as suas opiniões politicas, o comprometteria, pronunciando-se por um partido qualquer, porque, fazendo-o, alienaria infallivelmente a sympathia dos partidos oppostos.»

A outra é do teor seguinte:

«Soissons, 3 de novembro de 1885. — Senhor director: — Certos jornaes, dotados aliás de excellentes intenções, annunciam em suas columnas em caracteres maiusculos o apparecimento d'um *partido catholico*, e excitam a adhesão de seus leitores aos programmas semi-religiosos e semi-politicos d'esse *partido*.

«Contêm elles, é convicção minha, tenções e linguagem contrarias aos avisos constantes da Sancta Sé e dos bispos: os recentes innovadores do supposto *partido catholico* parece-me não terem comprehendido bem ou terem esquecido depressa as sérias advertencias da *auctoridade catholica*.

(1) Pela minha parte não poderiam ser mais sinceras do que são estas declarações, nem maior o meu desejo de que o partido realista se nobilite também pela altura e decoro da sua imprensa. Não lhe faltaria, como não lhe tem faltado nunca, o meu respeito; e se nesta publicação o magoar com alguma ideia ou palavra menos bem cabida, e se tiver succedido isto principalmente por ter chamado a paginas 9 maçonaria miguélista á ordem de S. Miguel de Ala, em razão da justa indignação de que me possui por me quererem também agora fazer mação á força, peço ao mesmo partido e aos meus amigos que fazem parte d'elle que me desculpem, e que tenham como não escripta esta passagem ou outra semelhante.

«Não é permittido solidificar o catholicismo com qualquer systema politico. Convertel-o em partido é rebaixal-o, dividil-o (1). O catholicismo não é antagonico com um partido quando este professa o respeito pela justiça e por consequencia pela Igreja. Em todos reconhece elle filhos honestos e religiosos.

«Não quer isto dizer que um bom catholico deva ou possa ficar indifferente a todas as causas politicas ou abster-se de toda a ingerencia nos negocios publicos, porque esta ingerencia prejudique ou se opponha aos direitos e necessidades da Igreja. Não, elle póde e deve, em certos casos, ligar-se com o partido politico que lhe parecer melhor. Mas seja qual for o partido que elle abraça, deve todavia pôr as suas faculdades e a sua coragem ao serviço da sua religião.

«Mas, em um paiz catholico sobre tudo, a equidade, a prudencia e a caridade lhe prohibem abrir o fôssco dos partidos entre a Igreja e uma porção dos filhos da Igreja. A Igreja sómente é que pertence dizer a qualquer d'estes ultimos: Vós não sois do meu partido.

«Não nos é menos prohibido ligar a causa da Igreja, isto é, do Evangelho e da salvação das almas, com a causa d'uma monarchia terrestre, por mais veneravel e, direi mesmo, por mais desejada que possa parecer.

«Em França, mais do que em outra parte, a denominação de *partido catholico* não é bem appropriada. Aquelles que arvoram a bandeira d'esse supposto partido não a receberam da mão que

(1) No fim do discurso que proferi na Academia de Sancto Thomaz d'Aquino em 1883 (copia n.º 23) disse o seguinte:

«Ministros da paz, da caridade e do amor, demo-nos do mesmo modo a todos os partidos, ou sejam vencidos ou vencedores, para os approssimar e unir na concordia e na paz; demo-nos do mesmo modo a todos os homens, ou pertençam a uns ou pertençam a outros, ou sejam justos ou peccadores. Para todos se hasteou a cruz no calvario, e sobre todos quer Deus derramar o orvalho da sua graça Divina. Procuremos pois salvar-os a todos com a mesma fé, com a mesma esperanza e com a mesma caridade. Abramos para todos os nossos templos; sejam de todos e para todos as nossas festas religiosas; e, levantando um muro em volta do nosso Bispado, para que não passem para cá as grandes impiedades, luctas e perseguições que vemos ao longe, estabeleçamos n'elle uma Associação catholica e um partido catholico — a Associação catholica de todos os nossos Amados Diocesanos, e o partido catholico de todos os fieis, nossos Amados Filhos.»

Por este modo pronunciei-me bem contra a criação d'um partido catholico que tanta gente e de tão boa fé advoga e pretende, e muito folgo de ver confirmada a minha humilde opinião por um respeitabilissimo Prelado de França.

só teria o direito de a dar. É um estandarte levantado, estou certo, por mãos piedosas e dedicadas; mas não sei bem se essas mãos serão sufficientemente intelligentes ou doceis.

«Encontrar-se-hão sem duvida no caminho da honra; mas creio dever affirmar que nem sempre é esse o que se desenrola exactamente na direcção da verdade.

«Recebei, Senhor director, a affirmação dos meus melhores sentimentos em Nosso Senhor. — *Odon*, bispo de Soissons e Laon.»

Exaltando muito esta carta, o *Moniteur Universel* expõe com a maior clareza os perigos que adviriam á Religião e á Igreja da formação d'um partido catholico (copia n.º 77).

Voltemos porém ao jornal de que me lembro, o qual nas condições e com as cautelas que ficam apontadas, teria a grande vantagem de estreitar mais a união entre o clero e entre os Bispos, e a de os estimular e confortar a todos nos seus trabalhos pastoraes, e na defeza cada vez mais proficua dos verdadeiros interesses da Religião, da Igreja e do Estado. E se ninguem, qualquer que fosse o seu partido ou as suas opiniões politicas, podia ter já o menor escrupulo de intervir e tomar parte em todas as manifestações religiosas sob a direcção e appello desinteressado dos Bispos, e se por este modo seria mais vigoroso e mais benefico para todos o sentimento religioso do Paiz, tambem os partidos e os Governos não teriam razão alguma para se preoccuparem ou receiarem de qualquer importancia ou influencia que adviesse d'esta união para a Igreja Portugueza.

Não ha Episcopado mais prudente e conciliador, e mais empenhado em manter e estreitar a harmonia entre a Igreja e o Estado do que o Episcopado Portuguez, e já no citado officio para o Governo disse a este respeito o seguinte:

«O Episcopado, longe de crear difficuldades aos Governos e de procurar no appello aos seus diocesanos por meio da sua grande força moral o remedio dos males que estão padecendo as suas Igrejas episcopaes, pelo contrario excede-se em precauções de prudencia e de cautela, e em primores de attenção e cortezia, para não levantar conflictos, e para conciliar, com os deveres do seu ministerio e com a integridade dos seus sagrados direitos, o procedimento do Imperante civil *circa sacra*, e o mesmo faz geralmente o clero parochial.»

E mais abaixo, e depois de expôr os males provenientes de os Bispos empregarem a grande influencia que têm noutro caminho, disse eu tambem ao Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos o seguinte:

«Mas nem V. Ex.^a nem ninguem se arreceie do Clero e d'estes extremos, porque estão de sua natureza evitados já na cordura e deferencia dos Governos para com o Episcopado, e no maior interesse e benignidade com que hão de olhar para as necessidades da Egreja; já nos esforços que eu e os meus collegas temos feito e havemos de fazer sempre para manter com o Imperante civil a cordialidade de relações e a troca de mutuos auxilios, que tanto convem aos interesses religiosos e sociaes; e já, finalmente, na convicção, que Bispos e Governos não podem deixar de ter, dos males gravissimos que necessariamente causariam a todos as luctas religiosas, dissidencias e combates entre a Egreja e o Estado.»

Não preciso dizer agora mais nada sobre este ponto. Nos Bispos Portuguezes ninguem pôde ver hoje com espirito recto e despreoccupado senão um elemento de ordem e de paz, senão desejos e esforços sinceros para a manterem na Religião, na Egreja e no Estado. Têm deante de si o exemplo que lhes dá o Grande Leão XIII, e, contra o que tantos gritam certamente com menos boa fé, nem pela imaginação lhes passa a ideia de restaurações monarchicas, ou a do predominio e quinhão no governo civil do seu Paiz. Conhecem a sua missão, o tempo em que vivem, e a corrente das ideias e dos espiritos que ninguem pôde suste, e não têm senão motivos de muito respeito e gratidão para o illustrado e bondosissimo Monarcha que ora se senta no Throno Portuguez.

Não pensem pois os Governos e os estadistas liberaes, como eu sei que os mais illustrados e de todos os partidos não pensam, em vexar mais a Egreja, em separal-a do Estado, ou em legislar e decretar a liberdade de cultos, que seria uma fonte perenne de perigos e de renhidas luctas religiosas e politicas; porque os Bispos pela sua parte não pensam senão em cumprir os seus deveres, em prestar apoio no que podérem á auctoridade civil, e em concorrerem para que o desempenho d'ella seja penhor de segurança, de paz e de liberdade para cada um poder conseguir

o fim a que se propozer, tanto na ordem religiosa como na civil e politica.

Tambem esta attitude, que eu desejo que os Bispos tomem nas cousas religiosas do Paiz, não promoveria só o bem religioso dentro d'elle, mas concorreria tambem muito para destruir os maus creditos que injustamente temos lá fóra em materia de religião; e como amigo da minha patria, e sempre dedicado por ella, não é isto o que eu desejo menos.

Não são só os partidos liberaes que, sendo opposição, não duvidam dar para o estrangeiro noticias e informações pouco lisongeiras do estado politico e financeiro do Paiz com o fim de prejudicarem o Ministerio que está no poder. Tambem alguns partidarios da Monarchia absoluta, para mostrarem que a Religião não é compativel com a Monarchia constitucional, exaggeram e pintam com as mais negras côres os males e vexames que ella soffre com este regimen. E com o que escrevem, informam e dizem no Vaticano e por toda a parte, somos tidos nos outros Paizes catholicos como um Paiz de mações e de todo perdido para a Religião.

Tenho protestado sempre contra semelhante aleivosia em publico e em particular, com a penna e com a palavra; porque, apesar de o estado religioso do nosso paiz não ser muito bom, é incomparavelmente melhor que o de outros Paizes, ás vezes tão gabados por alguns dos nossos escriptores catholicos.

Ao passo que nesses Paizes são temerosas as luctas entre a Igreja e o Estado, violentissima a guerra á Religião Catholica, e desapiedada a perseguição feita aos padres e aos Bispos, levados para as cadeias e para os exilios sem se importarem com os rebanhos de Jesus Christo, que ficam sem pasto e sem pastores: em Portugal o Imperante ou o Governo chama todos os Bispos para juncto de si, e depois de os ouvir e consultar, discute e resolve de commum accordo com elles, e na maior harmonia, alguns dos negocios mais importantes da Igreja Portugueza.

Ao passo que nesses Paizes o poder civil parece algumas vezes andar a excogitar as medidas que ha de tomar para opprimir e prejudicar a Igreja e os seus ministros, em Portugal o proprio Governo retira das camaras as propostas que nellas tinha feito sobre assumptos ecclesiasticos por conhecer mais

tarde que ellas não eram necessarias, e que sem necessidade não devia maguar os Bispos ou o poder ecclesiastico.

Ao passo que nesses Paizes as Auctoridades da Egreja e as do Imperio se aggridem e maltractam, em Portugal são cordialissimas geralmente as relações entre umas e outras, e mutuo o auxilio que reciprocamente se prestam no desempenho dos seus deveres. (1) As Auctoridades judicias, a requerimento das ecclesiasticas e mesmo sem elle, processam e condemnam os que faltam ao respeito devido á Religião Catholica, que é a do Estado. O auxilio do braço secular é concedido de prompto quando é convenientemente pedido, e os Ministros da Corôa, e felizmente no Governo de todos os partidos, afóra um ou outro caso de mais aspereza, são muito attenciosos com o Episcopado. Mantêm as suas honras e os seus direitos, e procuram sempre attender e deferir as suas pretensões, e ahi estão para o provar, entre outros muitos factos, a concessão do Pariato por direito constitucional, e os frequentes subsidios concedidos pelo Thezouro a pedido dos Bispos para Egrejas, para Conventos, para Sés e para Paços Episcopaes.

Ao passo que um Bispo tão illustre da França, o bem conhecido Dupanloup, o orador que fazia alarmar Paris para o ouvir quando prégava, se via na necessidade de fazer as recommendações, que constam das suas obras, para que os fieis e as auctoridades das parochias que visitava, concorressem e assistis-

(1) Podia citar e referir muitos e muitos factos para provar o que digo. Cito só o que succedeu ha poucos dias neste Bispado e que as *Instituições Christãs* referem do modo seguinte :

«Tractava-se de celebrar um casamento civil na capital de um concelho d'este bispado de Coimbra. O parcho da freguezia, muito maguado, assim o participou ao sr. Bispo Conde. Suppoz-se depois, por informações recebidas por outra via, que o casamento se não faria; mas no dia 4 do corrente recebeu S. Ex.^a Rev.^{ma} nova participação do parcho de que o casamento havia de celebrar-se no dia 6, dois dias depois, para o que estava tudo prompto e preparado. Era realmente bem pouco o tempo que mediava, para que S. Ex.^a podesse tomar quaesquer providencias no sentido de evitar aquelle desacato á religião e crenças catholicas; mas o seu ardente zelo pela salvação das almas e pelos interesses religiosos e moraes da sociedade não sossobrou ante a estreiteza do tempo e a distancia de muitas leguas, a que fica a alludida freguezia fóra do districto administrativo de Coimbra, e, mercê de Deus, no dia 8 recebeu a noticia, não de que o casamento se fizera civilmente no dia 6 como esteve tractado, mas de que se tinha feito no dia 7 catholicamente. Para este feliz resultado valeu-se o sr. Bispo Conde da prestante obsequiosidade de varios cavalheiros e das auctoridades civis, com quem vive em boas relações de amizade. E sirva este facto de lição, para os que d'ella precisam, de quanto é util e vantajosa a harmonia entre as auctoridades ecclesiasticas e civis.»

sem á sua visita: em Portugal, quando qualquer Bispo, por mais humilde que seja, visita alguma Igreja do seu Bispado, correm os fieis aos milhares para juncto d'elle, e é muitas vezes necessaria a força publica para os conter.

Ao passo que nesses Paizes finalmente são frequentissimos os chamados baptismos, casamentos e enterros civis, em Portugal, fóra alguns casos em Lisboa e no Porto, quasi que não existem, apezar de terem sido permittidos ha muitos annos no nossoCodigo Civil; e, contra o que acontece lá fóra, não temos ainda em Portugal, que eu saiba, pessoa alguma de importancia conhecida que tenha casado civilmente.

Não ha estrangeiro que, estando algum tempo em Portugal, não admire o sentimento religioso d'este bom povo. Não temos aqui, e pelo menos em tão grande força e com tanto sequito, a propaganda anti-religiosa e impia que ha nos outros Paizes.

Se alguns talentos nossos, ainda assim e infelizmente, ousam escrever e fallar contra a Religião de nossos Paes, não encontram echo na consciencia publica do Paiz, e ficam sendo até por ella mal considerados; e em Nação nenhuma a unidade Catholica será tão completa como na Fidelissima. V. Ex.^a Rev.^{ma} mesmo o tem já visto e admirado tambem; e o respeito, enthusiasmo e fervor religioso com que V. Ex.^a Rev.^{ma} foi recebido em Coimbra, Aveiro e Leiria, por milhares de fieis e por todas as Auctoridades civis e politicas, prova bem o que digo. Nos outros Paizes poderia V. Ex.^a Rev.^{ma} ter recepções mais ricas e pomposas, mas não as teria com fé e sentimento religioso mais vivo, e com obediencia e dedicação maior ao Sancto Padre Leão XIII, e ao seu Digno Representante em Portugal, Monsenhor Vanutelli. Sôam ainda agradavelmente aos meus ouvidos estas palavras, por V. Ex.^a Rev.^{ma} proferidas: «Estou não só confundido, mas commovido com o que vejo.»

É porém triste condão nosso o deixarmos de louvar o bem proprio, para louvarmos o mal alheio. Todos sabem que infelizmente não é bom o estado religioso do Brazil. Parochias com dezenas de leguas de circumferencia têm um só padre, o parrocho, para lhes ministrar todo o pasto espirital, e ainda assim em muitas são poucos os fieis que concorrem á missa conventual da Igreja matriz nos dias sanctificados; e, salvas honrosas excepções, quem obeservar a fé, os sentimentos religiosos e o cum-

primimento dos preceitos da Egreja, de tantos portuguezes que voltam do Brazil depois de lá estarem alguns annos, não poderá deixar de reconhecer que é pouca a cultura religiosa que geralmente ha naquelle Imperio, não obstante os altos dotes religiosos e moraes do seu Imperador, e o saber e zelo apostolico dos seus Prelados.

Sobre estes males e abandonos, padecidos pela Religião de Jesus Christo naquellas longinquas e vastissimas regiões, outr'ora tão portuguezas, e ainda hoje tão nossas irmans, levantaram-se ha annos luctas violentas e medonhas entre a Egreja e o Estado, as quaes serviram mais para ostentar o saber e a eloquencia dos Estadistas Brasileiros que tomaram parte nellas por um e outro lado, do que para beneficiar a Religião e as christandades d'aquelle vasto Imperio; e embora ficasse nas mesmas luctas bem consignado o saber, zelo e valor religioso do Episcopado Brasileiro, a historia, a gente sensata, e a propria Sancta Sé não acharam então, e não acharão no futuro só prudencias que louvar, só elogios que tecer, e só corôas de triumpho e palmas de martyrio que decretar.

Pois os nossos jornaes religioso-politicos desvaneceram-se de contentamento em presença de taes luctas, e de quem as tinha levantado; exaltavam o Brazil na parte religiosa a mais não poder ser, e corriam mares em fóra os manifestos e testemunhos do seu louvor e enthusiasmo; e já muito depois d'ellas um dos mesmos jornaes, a *Ordem*, referindo o facto de um Bispo estrangeiro ser apedrejado pelos seus Diocesanos dentro da sua propria Sé, falla d'elle por tal modo, e envia taes felicitações e parabens ao Bispo desacatado, que certamente reputaria summo bem religioso succeder o mesmo em alguma Sé de Portugal.

E que diligencias não fizeram ha annos em Lisboa para levantarem entre nós e pelo mesmo motivo as luctas do Brazil? E que allusões injustas e envenenadas ao estado religioso do Paiz e aos Bispos Portuguezes, que, digam o que disserem, têm sabido manter nas suas Dioceses e em todo o Reino a paz religiosa que gozamos, sem quebra da fé nem offensa dos direitos da Egreja, ou da liberdade dos seus ministros no desempenho do seu ministerio?

Parece-me pois de necessidade dar outra orientação, como

agora se diz, á imprensa religiosa do nosso Paiz, e leval-a, entre outras cousas, a fallar de nós, não com favor mas com verdade, para sermos julgados lá fóra com a justiça que merecemos.

Submetto este meu parecer aos meus respeitabilissimos collegas, e a todos os homens de boa vontade que se interessarem pelo bem da religião e pela honra da patria. Não lhes peço que o adoptem, porque nem tenho confiança em mim para tanto, nem poderia levar tão longe a minha ousadia. Peço-lhes porém que estudem este assumpto, e que me considerem sempre ao seu lado para executar fielmente o que resolverem ácerca d'elle; e peço-lhes sobre tudo, e a V. Ex.^a Rev.^{ma} tambem, que façam justiça á rectidão das minhas intenções, ao amor da verdade e aos sentimentos religiosos e patrioticos que me animam nesta publicação.

Nem de todos eu terei esta justiça que espero de V. Ex.^a Rev.^{ma} e dos meus Veneraveis Irmãos no Episcopado; e não poucos taxarão de amor proprio, de vaidade e até de vingança a publicação d'esta carta, e de imprudencia e pouco tino o abrir polemicas na imprensa sobre questões passadas, e o expor a minha humilde pessoa ás represalias, censuras e aggressões, que talvez me esperem, dos jornaes que onsei combater.

Sou o primeiro a dar-lhes razão, porque, attento o egoismo e a lethargia que parece querer dominar todos os espiritos e todas as almas, amortecer os brios e humilhar a independencia do character portuguez, são tão grandes os socegos e complacencias para quem no serviço publico condescender com tudo e não fizer nada, como acerbos os desgostos para quem seguir outro caminho. De mais a mais eu sei quanto estes são inseparaveis dos Bispos de Coimbra; e se até soffreram tantos tantos os meus Venerandos Antecessores D. Miguel da Annunciação e D. Francisco de Lemos, que encheram esta terra com os seus talentos, com as suas virtudes, com as suas riquezas e com as suas obras, não admira nada que tambem os soffra quem d'esta herança gloriosa não recebeu outra cousa em que os possa imitar.

Más não se tracta da minha pessoa, que não é nada; tracta-se da religião, da verdade e da justiça, que é tudo. E se me censurarem por ter fallado tanto de mim, e por ter transcripto alguns documentos em que sou tractado com favor mais que immedecido, que é o que me pesa e do que peço desculpa, Deus sabe

que o fiz por necessidade derivada do fim d'esta publicação, e não por jactancia e vangloria.

Tambem o meu silencio, paciencia e longanimidade no passado, e em presença de tão injustas e immerecidas accusações e quando ellas mais queriam e podiam prejudicar-me, defende-me bem da imputação d'outros sentimentos differentes que por ventura me façam no presente. E se por commodidade, socego e zelo da minha pessoa, e por medo dos periodicos e das suas censuras deixasse de procurar o bem da Religião e da minha Diocese, e o credito e a honra da minha Patria, não devia sentar-me na Cadeira Episcopal d'esta Sancta Egreja, nem usar o titulo honorifico que as virtudes civicas e christãs dos meus Antecessores lhe conquistaram e honraram.

Não foi para ornato que me pozeram uma cruz ao peito, mas para supportar-lhe o peso e soffrer-lhe os espinhos, e quando estes forem mais agudos, e mais violento o fogo das paixões ateado contra mim, em nada se alterará o socego e a paz do meu espirito, porque nem me faltará a fé nas promessas d'Aquelle que me conforta e anima, nem a tranquillidade de consciencia, que é a arma que me defende, e a bussola que me guia na trabalhosa navegação da vida.

Tenho a honra de ser com o maior respeito e veneração

De V. Ex.^a Rev.^{ma}

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo
de Sardia, Dignissimo Nuncio
Apostolico nestes Reinos:

Coimbra, 12 de Novembro
de 1885.

Servo att.^o e muito Venerador

Manuel, Bispo Conde.

COPIAS

bibRIA

bibRIA

COPIA N.º 1

Ex.^{ma} Sr.^a — Pelo que eu já sabia, e sobre tudo pelo que hontem vi e observei, Aveiro entende que a sua salvação e a sua prosperidade futura está na vinda do corpo de cavallaria que lhe foi concedido; e tem alguma razão, porque 60 contos de reis talvez que elle gastar por anno, espalhados em uma cidade pobre, devem ser para ella de grande beneficio; e como não tem edificio nem sitio para quartel, senão esse convento onde quizeram já estabelecê-lo ha muitos annos e para que já tinham plantas e estudos, e como a demora agora no arranjo do quartel pôde privar a cidade d'aquelle beneficio, gritam todos, todos, e sem distincção: — Sá, Sá. —

Ninguém ahi me fallou hontem em outra cousa, e todo o commercio veio á estação pedir-me que pelo amor de Deus não pozesse difficuldades a este negocio pela minha parte.

Estando as cousas neste pé, e havendo já o que hontem disse á Sr.^a Abbadessa e a V. Ex.^a, poderemos nós resistir e luctar com vantagem? Parece-me que não, sobre tudo depois que o Sr. Barreto se combinou e contractou com a Camara Municipal, porque pôde elle ou esta exigir de prompto o seu credito de 2 contos e não sei quantos centos de mil reis; e como este se lhe não pôde pagar, haveria por justiça toda a cerca e talvez parte do convento.

Além d'isso, se por causa do convento o corpo não vier para Aveiro, que más vontades e que odios se levantariam contra elle, e que amargurado fim de vida podia isto trazer á Sr.^a Abbadessa! Chora-me o coração com a lembrança do incommodo e desgosto que se lhe causa e a V. Ex.^a, e a minha pena é maior ainda por ter valido aos conventos de Jesus e das Carmelitas e não poder valer ao de Sá, a quem devo serviços e obsequios como a nenhum outro; mas, como eu hontem disse a V. Ex.^a, quando nós não podemos sustentar e ter mão na corrente, em vez de nos levantarmos no meio d'ella com a certeza de sermos submergidos e de perdermos tudo, é bem melhor afastar algum tanto para o lado e aproveitar o mais que poder ser.

Vi hontem, e com satisfação, que não falta este discernimento á Sr.^a Abbadessa e a V. Ex.^a, e que se conformam com a ideia que lembrei de se fazer uma divisão no convento para VV. Ex.^{as} ficarem nelle e o quartel,

tudo com as devidas seguranças e recato; e vi tambem que lhes fez impressão não muito desagavel a ideia de irem para Jesus nas condições e pelos motivos que expuz; e ainda ha um terceiro alvitre, que é o de ir a Sr.^a Abbadessa e V. Ex.^a para a hospedaria que eu ponho á disposição de V. Ex.^{as}, e fico muito satisfeito se este alvitre minorar o desgosto da Sr.^a Abbadessa, que é todo o meu empenho.

Mas o que será mais conveniente e de mais vantagem para a Sr.^a Abbadessa? Pelo que me disseram depois que fallámos o convento não tem capacidade para ficarem bem a Sr.^a Abbadessa e o quartel. As obras divisorias que têm de fazer-se incommodariam em extremo as suas habitantes e as mortificações e desgostos de todos seriam inevitaveis; a soldadesca ainda depois incommodaria mais, e a privação dos logradouros e aguas da cerca tornar-lhe-ia a vida ahi triste e sem desafogo (1). Optava mais e muito mais pela mudança para Jesus, e nisto fazia-se um grande serviço a Aveiro, á Religião e a mim, e a Sr.^a Abbadessa ficava muito e muito melhor.

Se ella ahi fallecer, em mais ou menos curto espaço de tempo, como é de esperar, attenta a sua idade, o Governo toma logo conta de tudo, e não se importa com as habitantes do convento, que se vão embora sem attenção nem contemplação, visto que, pelo empenho da casa e pela deterioração e ruina em que está, a ninguem pôde lembrar a conservação d'ella depois de fallecida a Sr.^a Abbadessa. Nem as Senhoras que ahi estão, nem a Religião, nem Aveiro, lucravam nada por este modo.

Pelo contrario, indo a Sr.^a Abbadessa agora para Jesus, eu conseguiria do Governo que se fizessem com este pretexto algumas obras que alli são muito precisas para bem do collegio lá estabelecido, e no qual tenho muito empenho; e pelo fallecimento da Sr.^a Abbadessa podiam ficar para aquella casa as rendas da de Sá com grande proveito da Religião e da educação do sexo feminino nessa cidade; o que d'outro modo ficará tudo perdido (2).

A Sr.^a Abbadessa e V. Ex.^a viveriam em Jesus, como já disse, em economia e aposentos separados, e com todos os rendimentos e todas as cousas que podessem d'ahi levar. Viveriam ahi vida descansada e satisfeita, e a Sr.^a Abbadessa teria lá um fim de vida feliz; e não se devem preoccupar com a sorte das outras Senhoras. As Irmãs Franciscanas, que eu muito estimei conhecer e que espero ainda chamar para o meu Bispado, pediram-me já licença para ir para o Porto, e as meninas educandas que ahi estão, iriam para Jesus como alumnas internas.

Além d'isso Aveiro, que deseja todo e com grande sobresalto que não se perca o corpo de tropa por causa de V. Ex.^a; que estima como grande serviço feito á terra a sahida de V. Ex.^a para Jesus, e que me pede incessantemente que rogue á Sr.^a Abbadessa e a V. Ex.^a que não lhes ponham

(1) Quando dizia isto, não suppunha que se destinasse para habitação da Religiosa uma parte tão grande do convento e com tantas reparações e independencias.

(2) Julgava que a Religiosa, enquanto viva, podia usufruir as suas rendas em outro convento para que fosse, como anteriormente tinha acontecido em casos identicos; mas conheci depois que isto não podia ser pelo que posteriormente se determinou.

difficuldades, a ponto de me dizerem alguns Cavalheiros que levariam VV. Ex.^{as} para suas casas e que as poriam num throno, Aveiro digo, cobriria de benções e de louvores a Sr.^a Abbadessa e V. Ex.^a, se as vissem sahir espontaneamente para Jesus. Seria uma procissão de triumpho a ida de ambas para lá, e eu não deixaria que outrem acompanhasse para alli VV. Ex.^{as} e tractasse de tudo. Falle pois muito com a S.^a Abbadessa sobre este assumpto, e diga-me na volta do correio o que resolveu sobre este ponto para meu governo. — De V. Ex.^a — Ex.^{ma} Sr.^a D. Henriqueta Ravara. — Servo rev.^{to} e ven.^{or} — *Manuel, Bispo Conde.* — Coimbra, 28 de novembro de 1884.

COPIA N.º 2

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Logo que tive a honra de receber o officio de V. Ex.^a sobre a transferencia da unica Religiosa professa do convento de Sá d'Aveiro para algum dos outros da mesma cidade, a fim de se estabelecer naquelle o regimento de cavallaria n.º 10, como pretendem o Ministerio da Guerra e a Camara Municipal d'Aveiro, fui immediatamente áquella cidade para ver se poderia estabelecer-se o quartel em outra parte, para não acabar mais um convento, e não amargarar e violentar no fim da vida a unica Religiosa que o habita.

Infelizmente não se descobre nem ha alli outro sitio tão apropriado e tão commodo para o quartel, e vi o espirito da cidade, de todas as Auctoridades, de todos os Cavalheiros e de todos os partidos por tal modo voltado para o convento de Sá, que não me pareceu facil nem possivel desviar d'elle esta corrente.

Além d'isso um Cavalheiro da terra tem no convento uma hypotheca legal de 2:300\$000 réis pouco mais ou menos, sobre que já fez contractos com a Camara Municipal, e o convento queimado e de todo em ruinas, e a cerca muito pequena e pouco productiva, pouco mais valem.

Se a Religiosa e a Auctoridade Ecclesiastica e Civil obstassem á sua concessão para aquelle fim, a Camara ou aquelle Cavalheiro poriam em execução a sua hypotheca e tomariam conta do convento, porque não ha nelle outras propriedades para solver aquelle credito.

Perdida tambem por este motivo, embora com muito sentimento meu, a idéa da continuação do mesmo convento depois do fallecimento da referida Religiosa, pareceu-me que a transferencia d'ella para o convento de Jesus, mediante as devidas licenças e nas condições e com as vantagens que lhe propuz pessoalmente e por escripto, era de grande utilidade para ella e para o convento de Jesus; porque, luctando com muitas difficuldades por falta de meios o excellente collegio de meninas internas e externas que nelle fundei e que ha de prestar grandes serviços á Religião e a Aveiro, indo a mesma Religiosa agora para elle com os seus haveres, poderiam

estes redundar em favor do convento de Jesus; far-se-iam no mesmo as accommodações e obras precisas, e dava-se destino conveniente ás Sr.^{as} Seculares e meninas que estão em Sá, como já lhes fiz ver.

D'outro modo, fallecendo a Religiosa, o que infelizmente não poderá tardar muitos annos pela sua idade e doenças, o Governo toma conta de tudo, e tudo será perdido para as habitantes do convento, para a Religião, para o culto divino e para a educação religiosa do sexo feminino naquella cidade.

Pareceu-me que estas considerações justissimas e de todo o peso calaram muito no espirito da Religiosa e no da Sr.^a Secular com quem vive; e em vista da extensa carta que lhe escrevi a este respeito, julguei tudo combinado e resolvido; mas talvez por effeito de conselhos e de suggestões alheias respondeu-me que não sahia do seu convento por caso nenhum e que havia de nelle morrer.

Não extranho, antes acho isto muito natural e muito desculpavel, embora o sinta na conjunctura em que nos vemos.

Mas a Religião não é só a perfeição da vida christã na clausura, os fervores da oração no côro e o culto e os canticos divinos no sanctuario, embora tudo isto seja muito louvavel, edificante e sublime; é tambem a practica das boas obras, o bem do proximo, o soccorro aos pobres e até o melhoramento da vida terrena em ordem á eternidade, como diz Sancto Agostinho; e eu que sei quanto é pobrissima e decadente a cidade d'Aveiro, composta em grande parte de pescadores, e que avalio e comprehendo bem o grande beneficio que ella recebe da permanencia d'um corpo de cavallaria, que distribuiria cada anno por todas as classes sociaes d'aquella terra mais de cem contos de réis, segundo me informam, não posso e não devo difficultar pela minha parte este grande beneficio para aquelles meus Diocesanos, unicamente por causa da pertinacia, desculpavel, mas pouco justa e esclarecida, d'uma Religiosa valetudinaria e mal aconselhada. Levanta-se mais alto o meu espirito e o meu coração.

Por causa do commodo e egoismo d'um só não deve prejudicar-se o beneficio e utilidade de tantos, e ninguem poderá attribuir este meu pensar, que será errado, mas é consciencioso, a menos interesse pelas casas Religiosas do meu Bispado, porque sabem o que tenho feito por ellas e o quanto sou dedicado por todas, incluindo as d'Aveiro.

Mas, Ex.^{mo} Sr., tudo se combina bem. No convento de Sá ha capacidade (1), segundo me informam, para o quartel e para a Religiosa poder ficar emquanto viver, juncto á Igreja, mediante as convenientes separações; o que approvam tambem em Aveiro, segundo me informam, e no que ella e a Sr.^a Secular, a quem já me referi, concordaram commigo.

Façamos-lhe pois a vontade e incommodemol-a o menos que for possivel. É este o meu grande empenho, e para o conseguir farei todos os sacrificios que de mim dependam. Portanto, e embora a meu pesar, quer-me parecer

(1) Não se repare em eu dizer em uma parte que havia, e noutra que não havia no convento capacidade para a Religiosa e quartel; e numa parte que o corpo dispenderia 60 contos e em outra mais de 100. Foram informações que me deram por diferentes vezes.

que se póde destinar já o convento para o quartel militar com as seguintes condições: 1.^a de se fazerem as divisões necessarias da parte juncto á Igreja, da qual a Religiosa precisar para estar emquanto viver com todo o recato e segurança, e inteiramente isolada do contacto com gente profana; 2.^a de Camara Municipal lhe entregar cada anno emquanto ella viver e por conta tambem da renda da casa da Camara Ecclesiastica d'Aveiro, hoje da minha mitra, a qual a mesma Camara está gosando gratuitamente por emprestimo meu, a quantia de 80\$000 réis como indemnisação da cerca e logradouros de que a mesma Religiosa vai ficar privada; e 3.^a de Auctoridade Civil e Militar empregar todos os meios para que se não falte ao respeito devido á Religião, á parte do convento que ficar subsistindo como tal e a todas as suas habitantes e serventes.

E quando tiverem de principiar as obras do quartel e se quizer occupar e tomar posse da cerca e parte do convento para elle destinado, conceder-se-hão as licenças precisas e competentes para a profanação da clausura e appropriação dos bens nella incluídos.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 1 de dezembro de 1884. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 3

Tendo sido presentes a Sua Majestade El-Rei pela Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça o officio da dos Negocios da Guerra, de 22 de novembro ultimo, e a representação da Camara Municipal do concelho de Aveiro, relativo á concessão do edificio e cerca do convento da Madre de Deus de Sá, da mesma cidade, para ser adaptado a quartel do regimento de cavallaria n.º 10, ultimamente creado e alli collocado: Sua Majestade, tomando em consideração as razões allegadas, e conformando-se com o parecer do Reverendo Bispo da Diocese de Coimbra, Houve por bem conceder a necessaria auctorisação, para que a parte do edificio do sobredito convento da Madre de Deus de Sá, que a unica Religiosa alli existente póde dispensar, assim como a cerca respectiva, sejam provisoriamente destinadas para quartel do alludido regimento; devendo observar-se nesta concessão o seguinte: 1.º que a parte cedida para quartel fique inteiramente separada e independente d'aquella em que residir a Religiosa, para que ella possa continuar a permanecer alli com a segurança que lhe é devida, e seja mantida a necessaria clausura religiosa; 2.º que a Camara Municipal d'Aveiro ficará obrigada a pagar á mesma Religiosa, emquanto viver, a prestação annual de oitenta mil reis, como indemnisação do rendimento da cerca.

O que Sua Majestade manda comunicar ao Reverendo Bispo de Coimbra para que haja de providenciar como for conveniente e competir á sua

auctoridade sobre o cumprimento das presentes resoluções regias, dando opportunamente conhecimento á mencionada Secretaria de Estado do que ácerca do assumpto se fizer.

Paço, em 3 de dezembro de 1884. — *Lopo Vaz de Sampaio e Mello.*

COPIA N.º 4

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Approvamos e muito louvamos o procedimento de V. S.^a no desempenho da commissão de que o encarregámos com relação ao convento de Sá d'essa cidade, tanto no que diz respeito á acceitação por parte da Ill.^{ma} Camara Municipal da Portaria do Governo de Sua Magestade de 3 do corrente, como á prudencia e caridade com que se houve na presença das inconveniencias da secular D. Henriqueta Ravara recolhida no mesmo convento; inconveniencias e queixas de todo o ponto infundadas e injustificaveis em vista de tantas circumstancias que se deram.

Desculpemos e perdoemos porém estes desabafos, e não obstante elles pedimos a V. S.^a que continue a pedir como tem feito que se incommode a Religiosa o menos que for possivel, e parece-nos mais que sufficiente a parte do convento que V. S.^a diz que lhe destinaram para sua habitação.

Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 12 de dezembro de 1884. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cônego Arcipreste d'Aveiro. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 5

Ex.^{ma} Sr.^a — Temos visto com muito sentimento e desgosto as difficuldades e resistencias que se tem posto por parte do seu convento ao cumprimento das nossas ordens e das do Governo de Sua Magestade sobre a applicação da cerca e parte do mesmo convento para o quartel de cavallaria 10, chegando-se até ao excesso e desatino da Sr.^a Ravara recolhida nesse convento tractar mal de palavras o nosso M. R. Delegado.

Não obstante isto, nós temos desculpado e pedimos que se desculpem estes desabafos, embora tristes e injustificaveis, e não cessamos de recomendar que se procure incommodar a V. Ex.^a o menos que for possivel, porque, além do nosso respeito e veneração por V. Ex.^a, sabemos que se abusa da sua idade e enfraquecimento para, em seu nome ou á sua sombra, se dizerem e praticarem excessos que d'outro modo não se dariam; e a carta de V. Ex.^a, dirigida ao nosso M. R. Arcipreste com uma interpretação da Portaria de 3 do corrente, e com a falta de legalidade e competencia por parte da Camara Municipal para acceitar as condições da mesma Portaria, não se póde tomar a serio.

Mas apesar de toda a nossa contemplação para com V. Ex.^a e do nosso desejo sincero de não a molestarmos na minima cousa, não podemos levar aquella até ao ponto de ser desattendida e menospresada a nossa auctoridade e a do Governo de Sua Majestade.

Tudo, menos isso; e, embora com sentimento e magua nossa, expedimos hoje uma portaria ao M. R. Conego Arcipreste com as providencias de que elle dará conhecimento a V. Ex.^a, para que seja prompta e peremptoriamente obedecida a nossa auctoridade.

Rogamos porém a V. Ex.^a que, mais bem aconselhada, evite o emprego d'ellas, não fechando as portas, nem estorvando nos seus trabalhos os operarios encarregados pela Camara Municipal de vedarem a parte do convento destinada para habitação de V. Ex.^a

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 15 de dezembro de 1884. — Ex.^{ma} Sr.^a Abbadessa do convento de Sá d'Aveiro. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 6

Sendo necessario tomar providencias energicas para obstar ás resistencias que se põem no convento de Sá á vedação da parte do mesmo convento para habitação da unica Religiosa professa na forma da Portaria do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, e á teimosia bouca e indesculpavel de fecharem as portas ou de impedirem os operarios no seu trabalho, pon-do-se assim em guerra aberta com as nossas determinações e com as do Governo de Sua Majestade: Cumpre que o M. R. Conego Arcipreste intime da nossa parte a mesma Religiosa e todas as Recolhidas no mesmo convento para abrirem as portas e não impedirem os operarios no seu trabalho; e se, contra o que nós esperamos, assim o não fizerem, o mesmo M. R. Arcipreste, pedindo o auxilio da auctoridade civil e judicial, procederá ao arrombamento de todas as portas que forem precisas, e aos autos e termos de desobediencia e corpo de delicto para ser devidamente punida a mesma desobediencia. E porque sabemos que a Senhora Secular do mesmo convento, D. Henriqueta Ravara, é a causa de todas aquellas resistencias e desobediencias, o mesmo M. R. Arcipreste determinará da nossa parte á sobredicta Religiosa que a faça sahir do convento dentro de 24 horas; e se não for cumprida esta ordem, rogará da nossa parte ao Ill.^{mo} Administrador do Concelho que, fazendo-se acompanhar d'uma Senhora honesta, tire com o mesmo M. R. Conego Arcipreste a referida Senhora para a casa d'essa cidade onde ella quizer recolher-se, ou na falta d'esta para alguma das casas Religiosas da mesma cidade, onde damos licença para que possa demorar-se alguns dias até preparar casa onde viva. E de tudo o que for occorrendo nos informará para nosso governo.

Paço Episcopal de Coimbra, 15 de dezembro de 1884. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 7

Senhor. — Soror Anna Benedicta de S. Miguel, Abbadessa e unica Religiosa professa do convento da Madre de Deus de Sá d'Aveiro, vem muito respeitosamente pedir a Vossa Majestade a graça de estabelecer-lhe uma prestação mensal, que não poderá ser inferior a 50\$000 réis ou 600\$000 réis por anno, sem prejuizo da verba a cargo da Camara Municipal de Aveiro estabelecida por Portaria de 3 dezembro de 1884 por indemnisação da cerca do seu convento.

Senhor! O convento da Supplicante foi concedido para quartel do regimento 10 de cavallaria; mandou-se deixar á Supplicante a parte indispensavel para sua habitação e das que lhe fazem companhia, mas é certo que a parte deixada é impossivel de habitar, porque não só se lhe tirou a cerca o claustro, a agua, o sol, a luz, a cozinha, etc., deixando-se-lhe assim uma habitação que é uma verdadeira prisão, com a circumstancia de não ter onde se despejem as aguas nem terreno que as consuma. Nestas circumstancias, a Supplicante, não pôde alli viver, e, obtidas as licenças canonicas, tem resolvido sair; mas a sua condição, a sua idade e padecimentos, e os votos que a ligam, obrigam-a a despezas indispensaveis não só com a sua pessoa mas com as pessoas indispensaveis para sua companhia, e que constituem sua familia, e ainda com o culto religioso, do que a Supplicante, seja qual for a sua morada, não é dispensada, pelos votos sagrados que a ligam em boa consciencia.

Convence-se a Supplicante de que o magnanimo e generoso coração de Vossa Majestade não consentirá que ella soffra privações e vexames nos ultimos e poucos dias da sua vida, e lhe concederá uma prestação em harmonia com as suas circumstancias e com os bens d'este convento convertidos em bens nacionaes. — Péde a Vossa Majestade a graça de deferir-lhe.

E. R. M.^{co}

Convento de Sá d'Aveiro, 13 de janeiro de 1885. — *Soror Anna Benedicta de S. Miguel, Abbadessa.*

COPIA N.º 8

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Indignou-me o Requerimento, sobre que V. Ex.^a se digna de pedir a minha informação da unica Religiosa do convento de Sá d'Aveiro, Anna Benedicta de S. Miguel, pelo abuso que estão fazendo do estado d'esta Senhora as pessoas que a rodeiam, pela falsidade com que

se allega que a parte do convento destinada para a sua habitação não tem ar, nem luz, nem sol, pela especulação com que em resultado d'isto se pede ao Governo de Sua Majestade que tome conta dos bens do mesmo convento, e que se lhe dê a quantia de 680\$000 réis para ella ir viver fóra da clausura e onde lhe aprouver, e finalmente pela facilidade e promptidão com que certas pessoas e certos jornaes que se dizem religiosos e muito catholicos louvam e applaudem todos os procedimentos que partem do convento e vituperam e censuram todos os que partem das Auctoridades que nelles intervêm.

Quando pelas circumstancias que tive a honra de expor a V. Ex.^a no meu officio do 1.º de dezembro ultimo, perdi a esperanza de poder desviar d'este convento o quartel de cavallaria 10, e propuz a transferencia da Religiosa e d'uma Secular que lhe faz companhia para o convento de Jesus da mesma cidade pelas vantagens que d'ahi proviriam para aquella e para esta, respondeu-se-me que a Senhora Abbadessa não sahia do seu convento por caso nenhum e que havia de n'elle morrer. E agora já quer sahir não pela razão da incommodidade, de estar juncta a um quartel de soldados, mas por não ter, segundo allega, nem ar, nem luz, nem sol, nem agua, na parte do convento que destinaram para sua habitação, quando essa parte que lhe foi destinada tem ainda 40 janellas como affirma o respectivo Conego Arcipreste no officio incluso por copia, quando para lhe compensar a falta da agua e dos logradouros da cerca que não presta para nada, e que toda semeada de milho não dará 30 alqueires, se lhe deu a quantia de 80\$000 réis por anno, quantia que, deduzidas as despesas de mandar vir de fóra toda a agua precisa, dobraria ainda algumas vezes todos os rendimentos da mesma cerca, e quando finalmente não obstante isto é das habitantes do convento a culpa de não terem agua nelle, porque não deixaram abrir em outro sitio um poço para lh'a dar como lh'a dava o que tinham na cerca.

Mas não quer sahir para algum dos conventos da Diocese, onde continuaria a viver em clausura, com a decencia e recato que exige a sua profissão, e cercada do respeito, da benevolencia e da caridade das suas irmãs, como certamente ella quereria e faria se o peso dos annos não lhe tivesse offuscado já a luz da razão.

Quer sahir para uma casa particular — para onde quizer e com quem quizer — e que o Governo lhe dê 600\$000 réis e a Camara 80\$000 réis para a sua decente sustentação!!

Como tudo isto é transparente, e como se entristecem as pessoas de sã religião e de sã consciencia, quando vêem estas transparencias naquellas que se arrogam o exemplo e o modelo da piedade, da abnegação e das virtudes christãs!

Mas seja o Governo generoso com a pobre velhinha, que não tem culpa nenhuma e que está com os pés á beira da sepultura. E visto que os rendimentos do convento devem exceder os 600\$000 réis que ella pede, dê-se-lhe esta quantia, porque infelizmente não se lh'a dará por muito tempo, e deixemol-a a terminar os seus dias fazendo a sua vontade e não a contrariando quando não for absolutamente preciso.

É e foi sempre este o meu empenho, e peço muito encarecidamente a V. Ex.^a que se digne de o attender.

E pelo que respeita aos seus conselheiros ou conselheiras, ainda que a justiça era fazer o que diz o Conego Arcipreste com o bom senso, rectidão e zelo religioso que o distinguem, desculpemol-os tambem, porque servir-lhes-ha de castigo o remorso que devem ter por este papel que representam, e por não quererem prestar á cidade d'Aveiro, que tem sido a sua terra ha tantos annos, os beneficios que da transferencia, por elles impedida, da Religiosa para o convento de Jesus, adviriam para o collegio de educação neste estabelecido, e por consequencia para o bem religioso e moral da mesma cidade.

Além d'isso a Camara Municipal d'Aveiro, que tem tido e deseja ter com a Religiosa e mais habitantes do convento todas as attenções e delicadezas, do que eu dou testemunho, precisa de principiar quanto antes, segundo diz, a mandar dar tiros nas paredes velhas do mesmo convento para as demolir, e receando que as mesmas habitantes se assustem com estes, deseja que se lhes faça a vontade que tem de sahirem do convento; mas se não se lhes der a quantia que pedem pôde ser que já não queiram sahir, e obrigarão a pobre Freira a incommodos que desejo evitar, e é tal o empenho que tem nistó a illustre Camara Municipal que, embora não haja razão para ella dar á Religiosa 80,5000 réis annuaes depois da sua sahida do convento, visto o Governo tomar conta dos bens, e ella já não precisar dos logradouros da cerca, não tem duvida em continuar a dar-lhe a mesma quantia para ella sahir como pede e deseja.

Tenho pois a honra de pedir a V. Ex.^a que, tomando em consideração tudo o que fica exposto, se digne de resolver o que julgar mais justo em sua alta sabedoria.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 6 de fevereiro de 1885. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario do Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Satisfazendo ao que V. Ex.^a Rev.^{ma} me ordena em officio de 30 de janeiro ultimo relativamente ao requerimento da M. R. Abbadessa do convento da Madre de Deus de Sá, tenho a honra de informar o seguinte:

Quando por V. Ex.^a Rev.^{ma} me foi commettida a execução da Portaria de 3 de dezembro de 1884, em que o Governo de Sua Majestade concedeu aquelle convento para quartel do regimento de cavallaria n.º 10, devendo ficar para clausura da unica Religiosa alli existente a parte do edificio que ella não podesse dispensar, eu procurei obter que sem prejuizo da concessão do Governo se deixasse o espaço bastante para a menos incommoda habitação não só da unica Religiosa, mas tambem de todas as Senhoras Seculares Recolhidas naquella casa. A Camara Municipal annuiu de boa vontade ao que lhe propuz, tendo ouvido o engenheiro Araujo e Silva: e assim destinou-se para a clausura a parte do convento que, comprehendidos os côros — superior e inferior — se prolonga desde elles até

à rua e ao correr com o adro ou pateo que também ficou privativo do convento com a igreja, e extendendo-se para o interior até ao claustro: como então tive a honra de comunicar a V. Ex.^a Rev.^{ma}

Essa parte do edificio tem tres andares, e é a unica habitavel, pois que o resto (sabe-o V. Ex.^a Rev.^{ma} muito bem, porque o visitou) era quasi um pardieiro, ameaçando ruina por todos os lados.

Tendo pois attendido tanto quanto as circumstancias m'o permittiam as conveniencias de todas as Recolhidas, não posso agora lér sem magua no requerimento a queixa de que em vez de clausura lhes deixaram uma verdadeira prisão, sem luz, sem ar, sem sol, sem agua, e sem cozinha!

Conhece V. Ex.^a Rev.^{ma} esta casa, e sabe porisso que as affirmações constantes do requerimento são falsas e mentirosas: por quanto no 1.^o andar ha quatro portas e um portão; no 2.^o seis janellas para o adro ou pateo e tres para a rua; e no 3.^o outras tantas janellas para o pateo e para a rua, sendo que do lado do claustro tem ainda a parte do convento que ficou para clausura vinte e quatro janellas com vidraça: são ao todo quarenta e duas janellas, por onde entra o sol, o ar, a luz, como até ahí entrava. Não tem agua, é verdade; como não a tem outros muitos conventos, que nem porisso se julgam inhabitaveis, como não a tem a maior parte das casas da cidade, que por isso a mandam vir das fontes publicas. Devo porém accrescentar que ainda assim é por um capricho seu que as Recolhidas não têm a agua, de cuja falta agora se queixam: pois que, tendo eu obtido da Camara Municipal a precisa auctorisação para á custa do municipio lhes mandar abrir um poço no pateo, fui pessoalmente comunicar ás Senhoras Recolhidas essa resolução, e na sua presença dei ordem ao mestre de obras da Camara para começar desde logo esse trabalho. Com espanto meu soube depois pelo referido mestre de obras que as mesmas Senhoras lhe declararam que, visto não lhes darem o claustro, também *não queriam o poço*; porisso se não fez. Não tem cozinha, diz-se ainda no requerimento com a mesma verdade com que affirmam não ter luz, nem ar, nem sol: pois que, além d'uma cozinha que já havia na parte do convento que agora habitam, a Camara Municipal a meu pedido mandou fazer-lhes outra nova na occasião em que se vedou o edificio pelo lado do claustro, dando então ordem para se lhes fazer um forno que me pediram.

Cito estes factos não só para destruir a mentira, mas para mostrar a V. Ex.^a Rev.^{ma} o empenho com que procurei attender, quanto me foi possível, ás necessidades da habitação das Recolhidas naquella casa, minorando-lhes o desgosto que naturalmente sentiam pela privação do resto do edificio e cerca.

Restringindo-me agora mais á materia principal do requerimento, direi a V. Ex.^a Rev.^{ma} que achei sempre conveniente que a unica Religiosa existente no convento não continuasse a viver alli; e senti que paixões pequeninas, senão especulações improprias do sentimento religioso, com que pretendiam encubertal-as, influissem no animo de quem quer que seja para levarem a velha Senhora Abbadessa a não attender ás ponderosas razões de conveniencia moral e social que V. Ex.^a Rev.^{ma} lhe expoz e eu

lhe repeti. Agora acho não só conveniente, mas de necessidade a sabida d'aquella Senhora do convento que occupa, não pelos motivos que allega, mas porque, tendo sido sempre menos atilada e apoucada de intelligencia, hoje está quasi como uma creança, que nem a si mesmo se sabe dirigir no que lhe convem, quanto mais governar uma casa religiosa; podendo dizer-se que ella actualmente é apenas um pretexto para outros viverem á custa dos rendimentos do convento.

Parece-me pois que deveria saber para outro convento da sua ordem, que por ventura exista ainda na Diocese confiada aos cuidados pastoraes de V. Ex.^a Rev.^{ma}, onde ella possa encontrar a paz e socego em sua tão avançada idade, e o culto religioso a que rigorosamente se considera obrigada pelos seus votos, e onde não a sigam parasitas para lhe sugarem a substancia da prestação mensal que lhe for arbitrada, e que acho abundante, se subir a vinte e cinco mil réis, a fóra o que a Camara Municipal tem obrigação de pagar-lhe annualmente.

Deus Guarde a V. Ex.^a Rev.^{ma} — Aveiro, 4 de fevereiro de 1885. — Ex.^{mo} e Rev.^{no} Sr. Bispo Conde. — O Conego Arcipreste, *José Candido Gomes d'Oliveira Vidal*.

COPIA N.º 9

Tendo sido presente a Sua Majestade El-Rei, pela Secretaria d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, a representação em que Soror Anna Benedicta de S. Miguel, unica Religisa professa do convento da Madre de Deus de Sá em Aveiro, ponderando não querer continuar a viver ua parte do respectivo edificio reservada para a sua habitação e pretendendo porisso deixar a clausura, pede que para este fim lhe seja concedida pelos rendimentos do mesmo convento uma prestação mensal para a sua subsistencia, em harmonia com as circumstancias em que se acha: Sua Majestade, tomando em consideração o exposto e tendo em vista as informações havidas a tal respeito, houve por bem resolver que o Reverendo Bispo da Diocese de Coimbra adopte as providencias necessarias para que a sobredicta Religiosa seja transferida com a possivel brevidade e com a devida decencia para o logar que escolher para sua residencia; devendo dar conta pela referida Secretaria d'Estado, apenas se verifique a transferencia, a fim de se expedirem as ordens precisas para se pagar mensalmente á mencionada Religiosa a pensão que se julgar sufficiente para a sua decente sustentação, e para se determinar tambem o que se julgar acertado sobre o destino dos bens do mesmo convento nos termos das leis. O que se communica ao Reverendo Bispo de Coimbra para seu conhecimento e execução.

Paço, em 7 de fevereiro de 1885. — *Augusto Cesar Barjona de Freitas*.

COPIA N.º 10

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Tendo nós recebido participação official de que fôra deferido o requerimento que a Religiosa professa no convento de Sá d'essa cidade fizera ao Governo de Sua Majestade para tomar conta dos bens do mesmo convento, dando-lhe a prestação que requereu para viver fôra d'elle e onde lhe aprouver: Cumpre que V. S.^a lhe participe este deferimento para que a mesma Religiosa, visto não querer continuar a viver na clausura possa tractar da sua sahida d'elle, para o que lhe concedemos tambem as nossas licenças, e em breve lhe enviaremos os competentes diplomas do Governo de Sua Majestade.

Deus Guarde a V. S.^a — Carregosa, 9 de fevereiro de 1885. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Conego Arcipreste d'Aveiro. *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 11

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Quando V. Ex.^a se dignou de pedir a minha informação sobre o Requerimento que em 13 de janeiro d'este anno fez a Sua Majestade a Religiosa do extincto convento de Sá d'Aveiro, D. Anna Benedicta S. Miguel para sahir do seu convento por ser impossivel habitar na parte d'elle destinada para sua habitação, por não ter agua, nem ar, nem luz, nem sol, não pude deixar de significar a V. Ex.^a a minha indignação por haver quem abusasse da pobre Religiosa a ponto de a fazer assignar tão monstruosa falsidade, porque a parte que lhe foi destinada e que é com pouca differença todo o convento com excepção do claustro e da cerca e da parte que tinha sido queimada, tem ainda 40 janellas afora um grande pateo na frente; e é tal a grandeza e capacidade da casa, a sua muita luz e ventilação por todos os lados que essa mesma casa sem mais dependencia nenhuma estranha, foi destinada ultimamente para hospital de cholexicos da cidade d'Aveiro, e lá está ainda de pé e intacta para confusão e vergonha de quem leva uma Religiosa a faltar tão escandalosamente á verdade e principalmente ao seu Rei.

Todavia eu pedi a V. Ex.^a que desculpasse a Religiosa e os seus conselheiros, e que se lhe desse o subsidio de 600\$000 réis pelo thesouro e 80\$000 réis pela Camara Municipal que ella pedia para sua sustentação e da sua familia fôra da clausura, e pedi tambem a V. Ex.^a com muito empenho que fizesse a vontade á Religiosa e que a não desgostasse; e V. Ex.^a ordenou em Portaria de 7 do mesmo mez que eu adoptasse as providencias necessarias para a mesma Religiosa ser transferida com a

devida decencia para o logar que escolhesse para a sua residencia, e que participasse a sua transferencia, logo que se realisasse, afim de se expedirem as ordens precisas para se pagar mensalmente á mesma Religiosa a pensão que se julgasse sufficiente para a sua decente sustentação; o que cumpri, e tive a honra de assim o participar a V. Ex.^a em officios de 18 e 23 de março seguinte.

Dizem porém os jornaes d'estes ultimos dias que ainda se não pagara á sobredicta Religiosa pensão alguma, do que não me cumpre saber, porque, tendo a mesma Religiosa sabido do meu Bispado e da minha jurisdicção, e tendo-me pedido as devidas licenças para este fim e para ficar sujeita á jurisdicção do Em.^{mo} Prelado do Porto, licenças que immediatamente concedi; nada mais me competia fazer a respeito d'ella depois da data d'estas, e tanto ella reconhece que não é minha subdita, e que não posso nem devo tomar já conhecimento das suas pretensões, que nada me tem participado nem requerido a respeito d'ellas.

Além d'isso eu não tinha razões senão para suppor que a mesma Religiosa estava já no gôzo do subsidio que pedira porque uma parte da imprensa de um partido religioso-politico, que se constituiu em protectora e órgão da Religiosa e de quem a rodeia, affirmou muito solememente que tinha sido concedido a esta o subsidio de 600\$000 réis, e que fôra um cavalheiro, rogado pelos escriptores da mesma imprensa, que lhe obtivera esta graça do Governo de Sua Majestade.

Vejo porém que houve n'esta affirmativa a mesma verdade com que affirmaram que eu informara contra a concessão do mesmo subsidio, chegando até a dizer-se que o mesmo cavalheiro vira e tivera na mão o meu officio de que constava a informação adversa, e a mesma verdade ainda com que disseram ha bem pouco tempo que eu privara ou queria privar a mesma Religiosa da renda do pequeno quintal da casa da hospedaria do convento e hoje meu hospicio: quanto em relação ao primeiro caso eu não podia ser mais favoravel do que fui ao Requerimento da Religiosa, e quanto em relação ao segundo nem fallei nem ninguem me fallou nem auctorisei ninguem que fallasse em similhante renda, que deve ser ridiculissima.

Não admiro nada d'isto, porque a mesma imprensa, apesar de se dizer religiosa, insulta e calumnia os Bispos, chegando até a falsificar com revoltante má fé os documentos publicos para tornar mais criveis as suas calumnias contra elles, illudindo e enganando assim muitos cavalheiros distinctos e por mim respeitados, que attenta a sua boa fé a tem por seu órgão politico senão ainda religioso.

Lamento porém, e muito profundamente, a sorte da Religiosa do extincto convento de Sá, que, a não querer estar no seu convento, podia estar muito bem no de Jesus da mesma cidade, do mesmo modo que está no das Ursulinas de Coimbra e muito satisfeita e contente a Religiosa do extincto convento de Sancta Anna, que teve o bom senso e espirito religioso e christão de desprezar os maus conselhos que lhe deram para fazer o mesmo que fez a de Aveiro; porque, attenta a sua avançada idade e a sua bem conhecida falta de forças physicas e intellectuaes, esta não tem

culpa nenhuma nos interesses e paixões de que usam servir-se á sombra d'ella os seus pretendidos protectores, e cujo alarde religioso corre parelhas com a falta de probidade e decoro, tristissimamente revelada nos factos e documentos publicos e particulares d'esta questão.

E ainda que eu não sou seu Prelado, nem posso n'esta qualidade pedir nada para ella, comtudo pela gratidão que lhe devo, e que não esqueço nunca de me ter cedido a velha hospedaria do seu convento para meu hospicio; e pelo meu ardente desejo de que ella não soffra privações, nem seja contrariada nos ultimos annos da vida, peço a V. Ex.^a que se digne de mandar expedir as ordens necessarias para lhe ser pago quanto antes, se ainda o não tiver sido, o promettido e devido subsidio; e ainda que estou certo de que não tem dependido da vontade de V. Ex.^a, mas de circumstancias independentes d'ella, a demora no pagamento d'este, e de que não é preciso mais sollicitação alguma para a resolução d'este negocio quanto antes, permita-me V. Ex.^a que eu vá renovar o meu pedido pessoalmente no dia 1 de julho, e que não me retire da capital enquanto não obtiver de V. Ex.^a a graça do deferimento que supplico, o que farei unicamente pelos sentimentos que me animam para com a Religiosa, e não por menos respeito e confiança em V. Ex.^a, porque nem V. Ex.^a toleraria procedimento contrario, nem elle é preciso, nem eu podia conceber semelhante ousadia.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 26 de junho de 1885. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 12

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Apezar da Religiosa do extincto convento de Sã ter sahido do nosso Bispado e da nossa jurisdição, desgostámo-nos muito quando vimos ultimamente nos jornaes que ella ainda não tinha recebido subsidio algum e que estava em necessidade. Dirigimos logo ao Governo o officio de que amanhã de Coimbra lhe enviaremos copia datado de 26 de junho ultimo, pedindo que se lhe dêsse o subsidio; e dizendo que vinhamos no 1.º de julho renovar pessoalmente o nosso pedido. Cumprimos a promessa, e hontem e antes d'hontem tratámos na secretaria d'este negocio que estava demorado não por má vontade do Governo á Religiosa, ou por não querer dar-lhe o subsidio, mas pela natureza especial d'esta pretensão.

Queria o governo attender o pedido que nós tínhamos feito para se lhe conceder o subsidio de 50,5000 réis por mez como ella tinha pedido, mas como a largueza d'esta concessão se afastava muito de todos os precedentes em relação a outras Religiosas no mesmo caso, e como além d'isso encontrava outras difficuldades, era precisa uma resolução mais estudada

e demorada d'este assumpto, e era d'esta que se estava á espera, porque o Ex.^{mo} Ministro, occupado com os trabalhos da Camara e com a gerencia da pasta do Reino ao mesmo tempo, não tinha podido tractar d'aquella.

N'estas circumstancias, e para cortar difficuldades e não haver mais demoras, pedimos que se lhe dessem 40\$000 réis mensaes; e quando hontem de tarde sahimos da Secretaria, ficou preparado o decreto para se lhe dar esta quantia todos os mezes d'aqui em deante, e todos os que estiverem em divida desde a data da extincção do convento.

Póde fazer constar isto á Religiosa, e ainda que agora não se demora o pagamento d'estes subsidios, se ella precisar que se lhe faça já algum adeantamento, promptamente lhe faremos o que ella quizer, porque apezar do que diz a gente que a rodeia, não queremos que a pobre velhinha soffra a minima necessidade no fim da vida (1).

Deus Guarde a V. Ex.^a — Lisboa, 4 de julho de 1885. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Conego Arcipreste de Aveiro: — *Manuel, Bispo Conde.*

(1) A este officio respondeu a Religiosa, ou responderam por ella o seguinte :

«Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Conego Arcipreste. — Venho agradecer a Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo Conde a *boa noticia* que se dignou mandar comunicar-me por via de V. S.^a Rev.^{ma}; e bem assim agradeço muito reconhecida o generoso offerecimento do mesmo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo, a quem peço me permita não acceitar, pois que a pessoa que me tem fornecido até aqui os meios de subsistencia está prompta a continuar a fazel-o por mais estes dias.

«Como tinha empenhado varias pessoas neste negocio, tenho tambem recebido cartas dando parte — attribuindo cada um a si o bom resultado!... e eu gosto de ter occasião de agradecer a todos, porque, estando eu contente, folgo que outros o estejam igualmente.

«Desejo a V. S.^a Rev.^{ma} muito boa saude, e sou com toda a consideração — De V. S.^a Rev.^{ma} muito attenta e veneradora — Recolhimento de S. Francisco, 10 de julho de 1885 — *Soror Anna Benedicta, Abbadessa.*»

Todavia, quando recebeu a somma dos subsidios em divida, escreveu-me agradecendo as valiosissimas diligencias que diz eu fizera para tal resultado, e falla-me ainda na generosidade que diz ser propria do meu caracter. Compare-se esta carta com aquella e com outros documentos que a têm feito assignar, uns publicos e outros particulares mas de que tenho conhecimento, e avalie-se quanto se abusa da pobre velhinha, e quanto teria sido preferivel para ella o ficar no convento de Jesus, onde podia estar com o contentamento e commodidades com que está nas Ursulinas a Religiosa de Sanct'Anna, a ir para a aldeia de Fermelã, onde dizem que está triste e arrependida.

Tambem o *Jornal de Estarreja* confessou ser incontestavel dever-se a mim a resolução da questão do subsidio, e não póde ser suspeito para a *Nação* e para o seu correspondente de Aveiro o escriptor d'este Jornal, porque não se cançou de escrever contra o Sr. Cardeal Bispo do Porto e contra mim por causa da extincção do Bispado de Aveiro. Dizer-se que eu a promovera por interesse pessoal e para alargar a minha jurisdicção até ao Vouga, é o cumulo da falsidade e da calunnia; porque dos documentos officiaes publicados em Appendix (n.º 1 e 2) consta com toda a evidencia que eu pretendia e pedira inteiramente o contrario; e ao Ex.^{mo} Ministro, que era o Sr. Adriano Machado, pedi publica e particularmente, e por mais de uma vez, que, a extinguir-se o Bispado, passasse a cidade de Aveiro para a Diocese do Porto, como Sua Ex.^a pode testemunhar.

F. Mas não admira isto, porque o mesmo jornal tambem disse ha pouco que eu tinha trazido para Coimbra as cousas da Mitra de Aveiro — paramentos pratas, etc., quando da Mitra de Aveiro não trouxe para Coimbra senão o rendimento d'ella, que é de réis 13\$500 por anno, que todavia me descontaram na congrua que recebia aqui. O mais lá está tudo onde estava e como estava. Tenho para lá levado muito e muito, mas não

COPIA N.º 13

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Conferenciando hontem com o Ex.^{mo} Presidente da Camara Municipal d'esta cidade e Director do hospital provisorio para cholicos, se a Deus Nosso Senhor não aprouver livrar-nos do flagello da cholera, concordámos nos gravissimos inconvenientes que tinha a escolha do convento de Sanct'Anna para o mesmo hospital, porque, estando ainda nelle uma freira professa e mais de 70 mulheres, uma grande parte já velhas e pobres, sem recursos nem conhecimentos alguns fora do convento, a expulsão rapida e violenta de toda esta gente para a rua, occasionaria a morte de algumas por desgosto, e causaria na cidade um alarme não menor que o da cholera.

E nestas circumstancias, e não se descobrindo outra casa para o hospital, e desejando eu pela minha parte evitar aquellas violencias e alarmas, e concorrer quanto em mim estiver para remediar as difficuldades em que se veja a minha cidade episcopal, offereci para hospital de cholicos este Paço Episcopal em que habito por ser muito arejado e com agua no centro, indo eu residir para o Seminario. Diz-se, porém, que elle não serve para este fim por estar collocado no centro da cidade, e resolveu-se pedir ao Governo de Sua Majestade que se digne de permittir e auxiliar o estabelecimento do referido hospital no novo Paço Episcopal, em construcção na cerca de Sanct'Anna, e cujas obras estão ha muito tempo paradas, e eu tenho a honra de junctar os meus pedidos a V. Ex.^a para o mesmo fim.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 2 de agosto de 1884. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria. — *Manuel, Bispo Conde.*

tenho trazido nada, a não ser o coração cheio de affecto e de gratidão para com os seus habitantes que muito me têm penhorado. Também a não ser uma cruz peitoral e umas insignificantes pratitas, nada tinha que trazer, porque do rico espolio da Mitra de Aveiro tudo desapareceu depois da morte do ultimo Prelado.

Achei justa, justissima a magua do escriptor do mesmo jornal e de todos os Aveirenses por lhes extinguirem o Bispado, magua que eu fui sempre o primeiro a desculpar; e lamentei que elles, para advogarem a conservação d'este com mais força, não tivessem, ao contrario do que succedia com os outros bispados extinctos; nem Paço Episcopal, nem espolio, nem moveis ou bens alguns da Mitra, nem Sé, nem Cabido, nem Seminario, nem rendimentos alguns ecclesiasticos.

COPIA N.º 14

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em 27 de janeiro ultimo dignou-se V. Ex.^a de officiar-me sobre a pretensão que tinham o Governador Civil e a Camara Municipal d'esta cidade, e o Ministerio do Reino e da Guerra, de estabelecerem no convento de Sanct'Anna d'esta cidade o quartel de infantaria n.º 23, pelas razões que expunham.

Não respondi logo a V. Ex.^a, porque no meu empenho de não desviar aquella casa religiosa do seu fim, e de não incommodar no fim da vida a Religiosa que a habitava, queria ver se podia desviar d'ella o quartel, do mesmo modo que no anno passado desviei do mesmo o hospital para cholicos, chegando a offerecer para este o Paço em que vivo, e o que se anda construindo de novo, indo eu viver para o Seminario.

Com este fim tive algumas conferencias com o digno Presidente da Camara Municipal d'esta cidade, a quem agradeço muito a benevolencia com que tinha attendido o meu anterior empenho, e o desejo sincero que mostrou de attender tambem o de agora em vista das razões por mim expostas.

Mas acudia logo: «O corpo não pôde continuar no quartel em que está; e se não se lhe dá outro, pôde o Ministerio da Guerra d'aqui tiral-o, o que é grande prejuizo para Coimbra, e a Camara Municipal não pôde fazer um quartel novo, e não se descobre na cidade casa alguma em que elle possa estabelecer-se convenientemente senão no convento de Sanct'Anna.»

E por outro lado dizia-se-me superiormente em carta particular: «V. Ex.^a de certo se interessa pelo que é util á cidade de Coimbra, e d'isso tem dado sobejas provas, mas eu difficilmente poderei conservar alli o regimento, que tanto convem ao commercio d'essa cidade, se não tiver onde aquartelal-o em condições regulares. Depende de V. Ex.^a resolver esta difficuldade.»

A tudo isto accrescia o seguinte: A unica Religiosa Professa e Prelada d'este convento, D. Maria José de Carvalho, apezar do seu juizo sempre claro e recto, e das suas virtudes por todos tão conhecidas, e do zelo e empenho que sempre mostrou pela disciplina e boa reputação do seu convento, não podia já governar as muitas creadas, encostadas e seculares que alli viviam com economia e casa separada, e vindas de diversas proveniencias com differentes educações, genios e precedentes, e na maior parte com ligações maiores ao seculo do que á clausura, em que estão por necessidade ou conveniencia de circumstancias. Recebia não pequenas queixas do viver d'aquella casa religiosa, e não pouco se me queixava tambem a Prelada de algumas das suas habitantes.

Tinha muita pena d'ella, e custava-me tambem muito certa irregularidade que havia na disciplina d'este convento, e que eu só poderia remediar

com providencias energicas, que iriam maguar muito a Prelada, o que desejava evitar.

Além d'isso, tambem a affligia não pouco a falta de meios com que luctava para sustentar o côro e o culto divino e fazer as funcções religiosas da casa, no que era zelosissima. Vendo pois algumas pessoas que lhe são dedicadas estes trabalhos em que ella estava, e não havendo a minima esperanza de que por morte d'ella o convento continuasse a subsistir como casa religiosa, porque, ao contrario do que tem succedido com outras d'esta Diocese, ninguem que seja sensato poderá descobrir fundamento algum para similhante esperanza a respeito d'este, lembrou-se-lhe já ha annos a sua mudança para o collegio Ursulino d'esta cidade, para ter uma velhice mais socegada e para muitos dos haveres do mesmo convento, que por morte d'ella se perderiam, passarem para o collegio Ursulino que tanto os merece.

Não lhe desagradou já então, antes muito a satisfazia a idéa de favorecer as Religiosas Ursulinas que já tinham estado em Sanct'Anna, e pelas quaes tinha muita predilecção; mas custava-lhe deixar o seu côro, a sua Sanct'Anna e os seus Sanctos, e causar desarranjo com a sahida d'ella ás outras pessoas que alli viviam — escrúpulos bem entendidos e que eu muito louvei.

Tinha ella ainda agora os mesmos escrúpulos se não mais fortes, e as lagrimas que derramou ao lembrar-se de deixar o seu convento, e algumas Sr.^{as} Seculares, encostadas e creadas que nelle habitavam, provam bem quanto elles são sinceros; mas com o seu espirito religioso e christão, e com o seu juizo e bom senso que lhe fazem considerar de mais alto as circumstancias que se davam, respondeu que se conformava com a vontade de Deus e dos seus Superiores, e que, obtidas todas as licenças devidas, iria para o collegio das Ursulinas com as Sr.^{as} Seculares e creadas que eu lhe disse que podia levar.

Em vista d'isto combinei logo com o digno Presidente da Camara Municipal o fazer-se-lhe no collegio Ursulino os aposentos necessarios, para que ella alli vivesse commodamente com o pessoal que levava, e de todo separada da vida e economia do collegio — empresa difficil por este ser muito pequeno, e todo preciso para o movimento escholar e pedagogico de tão importante estabelecimento.

Todavia, auctorizado pelo mesmo dignissimo Presidente da Camara, fiz nelle para este fim algumas obras, das quaes terei a honra de mandar as contas (as proprias folhas) a V. Ex.^a para serem pagas pelo Ministerio de V. Ex.^a ou do das Obras Publicas, porque o collegio, como V. Ex.^a sabe, não tinha meios alguns para as fazer. Com essas obras, que não custaram muito, como V. Ex.^a verá, ficou a Religiosa com o seu pessoal muito bem accommodado e em excellentes condições para ella e para o collegio, o que muito me satisfaz e contenta, e farei sempre quanto podêr para que ella não tenha o minimo desgosto ou motivo algum de arrependimento.

Realisou-se a sua mudança para elle no dia 6 do corrente, o que só agora tenho a honra de participar a V. Ex.^a por ter estado ausente d'esta cidade, domingo e hontem.

Muito antes da sahida da Religiosa do convento, mandei fazer inventario de todos os moveis, alfaias e paramentos do mesmo convento, e permitti á Religiosa, como era de razão e justiça, que levasse para o collegio Ursullino aquelles que quizesse, e parecendo que alguns que alli não são precisos, não ficavam bem em Sanct'Anna, foram todos para as Ursulinas, e de lá irão para as Igrejas parochiaes os que poderem dispensar, e que pouquissimos são, porque o convento era muito pobre, e têm não poucos de ficar na Igreja do convento, em que deve continuar a haver culto. Anda-se hoje a mudar para o collegio Ursulino o orgão que é muito fraco e de pouquissimo valor, mas que é alli muito preciso por ser melhor que o do collegio.

Passado o dia de hoje entregarei a chave do convento que está em meu poder a quem V. Ex.^a mandar, ou ao Delegado do Thesouro, ou á Camara Municipal, ou ao commandante do regimento n.º 23, e enquanto a não entregar, providenciarei para que nada se tire do convento. o qual pedirei que seja devidamente policiado.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 9 de junho de 1885. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 15

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Segundo participámos a V. S.^a Rev.^{ma} em nosso officio de 14 de abril ultimo, sahimos d'esta cidade no dia 21 do referido mez, acompanhado do nosso Secretario, do Mestre de cerimoniaes e de quatro creados, para a visita episcopal ás Igrejas dos Arciprestados de Nogueira-do-Cravo e Sandomil, na distancia de muitos kilometros da capital da Diocese. Querendo, porém, ver e animar a construcção da nova Igreja da Louzã, que, a pedido nosso, fôra resolvida na occasião da nossa visita episcopal áquella villa em novembro de 1872, alli fomos pernoitar naquella dia; e muito gostámos de ver o andamento dos trabalhos, a solidez e elegancia da obra, e as boas disposições em que achámos os parochianos para a levarem a cabo, mediante o auxilio que esperam do Governo de Sua Majestade, e que certamente lhes não faltará.

Grande foi, pois, o contentamento que sentimos ao encontrar este notavel melhoramento religioso, pelo qual tanto nos havemos empenhado, em tão bom andamento, e já desembaraçado dos estorvos e difficuldades, que a principio se levantaram contra elle, e que teriam feito sossobrar a illustre Commissão, por nós nomeada para o dirigir, se não fôra sua muita perseverança e boa vontade, a que estamos sobremaneira agradecido.

Para este feliz resultado concorreu, mais que ninguem, a Ex.^{ma} Viscondessa do Espinhal, da mesma villa, com o seu generoso donativo de 2:000\$000 réis para a nova Igreja: e muito esperamos e confiamos ainda

de Sua Ex.^a, pois, se é grande o seu patrimonio e a sua fortuna, é maior ainda a sua religião, e a sua caridade e grandeza de alma.

No dia 24 fomos pernoitar ás hospedarias do convento do Desagravo do SS. Sacramento de Villa-Pouca-da-Beira, sendo alli esperado pelo clero, por muitos cavalheiros, pelas auctoridades locais, e pela força d'um destacamento de infantaria estacionado em Oliveira-do-Hospital; e naquelle logar nos demorámos bastantes dias visitando a Egreja do convento e as das freguezias circumvizinhas.

Em todo este tempo tivemos occasião de observar e admirar a abnegação e a dedicação sublime e quasi sobrehumana, com que aquella devota communitade, de quatro religiosas professas e dezeseis pupillas, preenche cabalmente todas as obrigações do seu austerissimo e sancto Instituto: e não se comprehende nem se acredita hoje no seculo, que estas senhoras, quasi todas velhas, e com quatro doentes e de todo impossibilitadas, levem a abnegação e a piedade a ponto de cumprirem com maximo rigor as obrigações todas do seu sancto Instituto

Além do serviço do côro, que é muito pesado e a differentes horas do dia e da noite, e a que assistem todas, estão duas, que se revezam, constantemente de joelhos, de dia e noite, em adoração ao SS. Sacramento. Cuidam dos diversos guisamentos e alfaias empregadas no culto divino: e nesta parte é muito para admirar o aceio e boa ordem que mantêm em tudo; o esmero das roupas brancas, todas de muito trabalho; o arranjo dos paramentos, alguns mui ricos e a maior parte concertados e preparados por ellas; as muitas flores artificiaes que fazem, e muito delicadas, para adornar a Egreja, que é um verdadeiro primor de aceio e de elegancia. Além d'isto, carregam com todo o trabalho da enfermaria, da botica e da roda; cultivam e tractam um pequenino jardim; fazem por si só o serviço da cozinha e do refeitório, porque nem podem nem lhes é permittido ter creadas; cozem o pão e a broa para o convento e para a hospedaria, onde vivem o padre confessor e os creados da lavoura; varrem e lavam as casas, que estão muito limpas e aceadas: e para todas estas cousas chegam-lhes o tempo e a saude!

E, para descançarem e se confortarem de tantos trabalhos, fadigas e vigílias, têm apenas, para habitação, uma casa em paiz frio, exposta aos rigores do norte, humida, muito velha, crivada de buracos, e sem conforto de qualidade alguma, a não ser a enfermaria; — para alimentação, comida de magro todo o anno, jejum quasi sempre, e pão e agua para a ceia: — para vestuario, um habito de burel sobre o corpo, atado na cinta com um cordão de S. Francisco, e um panno preto por cima da cabeça e da cara, tanto de verão como de inverno; — para dormida, uma pequena cella com uma grande cruz de madeira, algumas tábuas nuas postas sobre dois bancos, uma coberta de burel, e um cepo com uma cavidade no meio, onde reclinam a cabeça; — e para distracção e recreio, a penitencia e o silencio continuos!

E, por cima de tudo isto, é admiravel a larga idade a que chegam, e a sancta alegria e satisfação em que vivem; só porque as consola e anima o amor divino em que se abraçam, e porque não lhes corróem nem minam

a vida as paixões, as contrariedades e os remorsos, que no seculo a tantas e a tantos dão morte prematura e atribulada!

Assim, pois, nestes tempos de frio egoismo, e quasi só de gozos e prazeres materiaes e de interesses mundanos, são summamente consoladores, enternecem e edificam tamanhos prodigios de abnegação, de caridade e de heroismo, que só a religião sancta de Jesus Christo é capaz de inspirar: e nós damos a Deus muitas graças por nos conceder a mercê de termos nas terras da Beira, que constituem a parte maior do nosso Bispado, um convento tão venerado pelos Fieis, e que é um verdadeiro modelo na perfeição da vida religiosa e na practica das virtudes christãs, cuja fragrancia se derrama por todos aquelles contornos, com proveito assás conhecido para a conservação dos bons costumes, para o bem dos proximos, e para a salvação das almas.

Todas estas cousas referimos e expozemos nós ao Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos, e tencionamos chamar em tempo opportuno a attenção de Sua Ex.^a para esta casa religiosa, que, embora um pouco mais remediada hoje, ainda vive de esmolas; e em tempo já chegou a taes apuros, que as religiosas se alimentavam de leitugas e saramagos! E o Governo de Sua Majestade, que tem sido sempre benevolente e generoso para com todas as Religiosas d'este bispado, não ha de querer que as de Villa-Pouca soffram outra vez tão duras privações; e certamente Deus Nosso Senhor não ha de tal permittir, enquanto nós tivermos, ou poder-mos haver, um boçado de pão para repartir com ellas.

Cheio, pois, de consolações, e extremamente grato e reconhecido a esta virtuosissima communnidade pelas bondades e desvelos que teve para conosco, deixámos nós com muita saudade aquelle asylo de religião e de piedade no dia 3 de maio, para continuarmos a visita das Igrejas, que ainda faltavam, do Arciprestado de Nogueira-do-Cravo; e, na que fizemos á de Aldêa-das-Dez, do mesmo Arciprestado, tivemos occasião de ver e admirar detidamente o majestoso sanctuario da Senhora das Preces do lugar de Maceira, na mesma freguezia: e, se nos surprehendeu e arrebatou o horizonte maravilhoso, que se descobre d'aquella encosta da serra do Colcorinho, impressionaram-nos ainda mais e commoveram-nos muito os monumentos, que lá encontrámos, da devoção e piedade dos Fieis para com a Sanctissima Virgem, que alli se venera sob aquella invocação.

Parece que das alturas de tão grande cordilheira de montes, que separa a Beira alta da Beira baixa, está continuamente esta Divina Mãe dos homens abençoando os seus filhos d'estas duas Provincias, e extendendo por cima d'elles o manto de sua valiosissima protecção. E nem d'outro modo se pôde explicar, como vêm de tão longe tantos romeiros subir ás eminencias escabrosas da montanha, para deporem no altar da Virgem tantas offertas e esmolas, testemunhos de seu filial amor, e penhores de sua gratidão.

Com que fé e com que fervor não agradecem elles alli, uns a saude que não poderam encontrar na medicina; — outros, a vida que a milagrosa Senhora lhes roubou á morte; — estes, o filho querido que Ella restituiu aos paes extremosos; — aquelles, o chefe da familia, a quem a mesma

Senhora livrou dos luctos da viuvez e das tristezas da orphandade; — e todos, enfim, os allivios e consolações com que foram soccorridos em seus infortunios e adversidades!

Beindicta seja a religião sancta de Jesus Christo, que temos a fortuna de professar; porque, aos corações partidos pela dôr ou feridos pela desgraça, só ella pôde e sabe accudir com o conforto de suas consolações, e com o balsamo de suas esperanças!

Todas aquellas offertas, e mui valiosas, segundo nos informaram, são recebidas e administradas pela Irmandade da Senhora das Preces, toda composta de parochianos da freguezia de Aldêa-das-Dez: e, ainda que nós estejamos certo da sua boa vontade e zelo em promover o culto da Senhora e em engrandecer o seu sanctuario, não podêmos comtudo occultar que nos enristeceram algumas obras que alli se têm feito, e que revelam pouco acerto e indesculpavel falta de gosto.

É de necessidade que as auctoridades administrativas, a quem compete superintender na administração de todas as Irmandades, tomem quanto antes a respeito d'esta as providencias necessarias, sollicitando uma lei especial, se tanto fôr preciso, para que o sanctuario da Senhora das Preces venha a ser, pela acertada applicação de suas esmolas, não só um monumento de religião e de piedade, senão tambem um padrão de honra e gloria para toda a provincia da Beira.

Da Senhora das Preces fomos visitar a freguezia do Piodão, para onde os caminhos são tão semeados de precipicios e abyssos, que até se denominam *portas do inferno* alguns dos pontos por onde passámos: e, depois de visitarmos tambem a de Alvôco-das-Varzeas, situada em um valle profundissimo, passámos para o Arciprestado de Sandomil, e fomos terminar nossa visita na Igreja de Paranhos do Arciprestado já de Sancta Marinha; tendo visitado ao todo vinte e sete Igrejas parochiaes, e deixando ainda para o anno outras vinte e sete, para concluirmos, querendo Deus, a nossa visita á parte mais alta do Bispado.

Longa e penosissima foi a visita d'este anno, pois que, apezar d'os povos concertarem os caminhos por onde tinhamos de passar, chegando alguns com geral admiração a fazerem caminhos de novo; ainda assim tivemos de percorrer, debaixo d'um sol ardente, grandes distancias a pé por montanhas fragosas e entre desfiladeiros e precipicios, para chegarmos ás Igrejas de algumas freguezias sertanejas, onde nos diziam que não podiamos ir; mas as quaes nós por caso nenhum deixariamos de visitar, porque não ha trabalhos, incommodos ou perigos que possam embaraçar o pastor de ir ver as suas ovelhas, onde quer que estejam, nem jámais nós commetteriamos similhante fraqueza no cumprimento de nossos deveres, nem dariamos aos Parochos e Clerigos d'aquellas localidades tão deploravel exemplo.

Porém mais pesado e mais custoso para nós era o trabalho de cinco, seis e sete horas por dia, que, depois d'uma jornada penosa, tinhamos dentro das Igrejas, e muitos dias seguidamente, para celebrar o sancto sacrificio da Missa, dar muitas vezes por nossas proprias mãos a sagrada

communhão aos Fieis, administrar o sacramento da Confirmação a centenas e milhares de pessoas, orar em procissão solenne pelos defunctos, examinar todos os objectos consagrados ao culto divino, e exhortar os povos, os Parochos e os Clerigos ao cumprimento de seus deveres, nas practicas e homilias que sempre lhes fizemos em todas as Egrejas que visitámos.

Só com o auxilio do Céu, que tão visivelmente nos assistiu nesta sancta visita, podiamos nós fazel-a do modo por que a fizemos e sem prejuizo da nossa saude, que não é muita, como V. S.^a Rev.^{ma} sabe.

Felizmente estes trabalhos e fadigas, por muito grandes que fossem, nem nos custavam, nem d'elles nos lembramos, em presença das abundantes consolações que sempre os acompanharam.

O alvoroço e fervor religioso, com que os povos por toda a parte corriam ao encontro do seu pastor, para o saudarem e para receberem a sua benção; o contentamento e alegria que a todos causava a sua presença; as demonstrações commoventes e edificantes, que lhes davam, de seu respeito e amor, e de sua religião e piedade; as festas tão excessivas e tanto do coração, com que, espontaneamente e como que á porfia, celebravam a nossa visita ás suas Egrejas, já tapetando de verdura, ornando e embandeirando as ruas e as casas em grandes distancias, já lançando de todos os lados nuvens de flores sobre o prestito episcopal; as muitas lagrimas de consolação que derramavam, quando nós lhes dirigiamos a palavra e os acarinhavamos e abençoavamos; a sofreguidão com que todos queriam beijar-nos o anel e acompanhar-nos; os melhoramentos, e alguns muito importantes, que se fizeram nas Egrejas que visitámos, e que de outro modo nunca se fariam; a promptidão com que, nesta parte, attendiam todas as indicações que lhes faziamos, resolvendo-se até a construcção de Egrejas novas, de sacristias e de cemiterios e outras obras, em alguns logares; a limpeza, o aceio, e a boa ordem em que todos os Parochos pozeram as suas Egrejas, paramentos e alfaias, para receberem a nossa visita; o excellentes resultado que esta produz nos zelosos e diligentes, para os animar e consolar, e nos indolentes e tibios, para os mover e espertar; as difficuldades que uns e outros, em suas parochias, removem com a presença do Prelado; o bom exemplo que elles e todos os clerigos davam aos Fieis, acompanhando-nos em grandes distancias, sem embargo das doenças e idade de muitos, e ostentando sempre a caridade, a união, o mutuo auxilio e a estima que deve reinar entre todos os ministros do Sanctuario, com o que muito nos penhoraram e captivaram; as supplicas, que dentro de suas proprias Egrejas e na presença de seus freguezes, nós lhes faziamos em nossas homilias, para que se compenstrassem bem das obrigações que para com elles todos nos impunha o nosso sancto ministerio; a commoção visivel, e por vezes acompanhada de abundantes lagrimas, com quê elles respondiam a estes nossos pedidos de pastor, pae, irmão e amigo; a impressão profunda, que tambem nos Fieis produziam os nossos conselhos e exhortações paternaes, para que se conservassem cada vez mais firmes na religião de Jesus Christo, amando-se uns aos outros, levando com paciencia as adversidades da vida, e compondo

todos uma como familia de irmãos, unidos pelos vinculos da paz e da caridade; as crenças e sentimentos religiosos, os principios de ordem e de respeito ás auctoridades, as idéas de justiça e amor ao trabalho, que por este modo se firmam e arraigam mais, assim no clero como no povo; a disciplina que se levanta, os costumes que se reformam, os escandalos que se remedeiam, as inimizades que se extinguem, as offensas que se perdoam, as dissensões e discordias que se compõem com a presença do Prelado; e enfim a concordia, o jubilo e o contentamento que se manifestam por toda a parte: tudo isto, dizemos, suavisa e consola, a mais não poder ser, os espinhos e amarguras do nosso apostolado; dá grande apoio e conforto ao nosso sancto ministerio; aviva e profunda cada vez mais em nosso coração o amor que temos aos nossos Diocesanos; e produz resultados de mui grande alcance não só para o bem da religião e salvação das almas, senão ainda para a ventura e prosperidade dos povos e bom governo e direcção da sociedade: e a pessoas instruidissimas ouvimos nós dizer que não sabiam se a nossa visita aproveitava mais á Egreja, se ao Estado. Tão admiravel e tão proficuo é este grande poder da Religião, e tão mal avisados andam aquelles que pretendem destruir e roubar a fé aos povos, tirando-lhes este jugo suave, que os contem em suas paixões, e este refugio seguro e consolador, a que se acolhem em suas adversidades!

Concorreram tambem, e muito, para os fructos notaveis que temos colhido de nossas visitas episcopaes os nobres e honrados cavalheiros da Beira, que, primando em sentimentos de religião e em generosidade e fidalguia, são sempre os primeiros a dar o exemplo do respeito devido á Religião e aos seus ministros. Todos nos queriam hospedar e levar para suas casas; todos nos acompanhavam em nossa visita ás Egrejas vizinhas; todos, os que não estavam chrismadados, recebiam devotamente de nossas mãos o sacramento da Confirmação; todos, finalmente, exaltavam e cercavam de honras e distincções a nossa dignidade Episcopal, não obstante a humildade da pessoa que a representava. O mesmo fizeram tambem as auctoridades administrativas e municipaes dos concelhos de Oliveira-do-Hospital e de Cêa; e jámais poderemos mostrar-nos assás reconhecido pelos extremos e finezas que uns e outros praticaram para conosco.

Em presença, pois, de quanto deixamos exposto, e do que, summamente commovido, temos observado e presenciado na visita annual que ha quatro annos fazemos á nossa Diocese, é pena que não vejam e não estudem tambem este sentimento religioso dos povos, tão profundo e tão ardente, alguns espiritos mais avançados da nossa terra, que, levados talvez do estudo abstracto de seus gabinetes, e da observação insufficiente dos costumes e idéas dos grandes centros de população, se lembram de advogar e pedir no estado presente, não sabemos com que fundamento nem para que fim, a liberdade de cultos para o nosso paiz.

Sem o quererem, fariam elles com que, por meio de similhante liberdade, passasse grande preponderancia politica e grande influencia no governo da sociedade portugueza para as mãos dos Bispos catholicos, que, soltos

das peias que hoje os prendem, quizessem e soubessem exercel-a e aproveitall-a: e não seria a força das auctoridades civis bastante para levar os povos de encontro ao que, no interesse da religião, da moral e da justiça, lhes prégassem os seus Bispos, que, revestidos do seu caracter sacerdotal e da grande força e auctoridade que lhes dá o seu poder divino, apparecessem com os seus parochos no meio d'elles, despidos de quaesquer ambições e interesses mundanos, e cheios sómente de abnegação, paciencia e caridade evangelica. Todavia, poderiam ser então grandes e graves neste Reino Fidelissimo as luctas entre o Sacerdocio e o Imperio; e, ainda que a victoria (d'isso estamos convencido) seria certa para a Igreja Catholica, pedimos a Deus que afaste de nós tão dolorosas provações; e que, ao espectáculo lamentavel que nos offerecem outros paizes, hoje a braços com ellas com manifesto prejuizo da religião, da salvação das almas, e da sociedade, nós possamos responder sempre com a harmonia, que, afóra alguns conflictos nas sés vacantes, os quaes muito deploramos, existe hoje, felizmente, entre o Episcopado e o Governo Portuguez; com o auxilio e respeito, que se prestam um ao outro; e com o zelo e empenho, que todos temos, em melhorar as nossas cousas ecclesiasticas, mediante o concurso e approvação de Sua Sanctidade, que havemos pedido, e a cujos direitos sagrados todos prestamos a devida homenagem de respeito e obediencia.

Todas estas considerações fizemos nós ao Governo de Sua Majestade, no officio em que lhe participámos o nosso regresso a esta séde episcopal e a regularidade com que, em nossa ausencia, correu todo o expediente e governo do Bispado, como era de esperar do zelo e illustração do M. R. Mestre Eschola da nossa Sé Cathedral, a quem o encarregamos. E, parecendo-nos que o nosso Rev.^{mo} Cabido, que é o nosso senado e conselheiro nato, estimaria tambem esta informação e noticia de nossos trabalhos episcopaes, aqui lh'a offerecemos na presente carta, que esperamos será recebida como testemunho de nossa estima, veneração e affecto para com V. S.^a Rev.^{ma}

Deus guarde a V. S.^a Rev.^{ma} — Coimbra, 12 de junho de 1875. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Deão, Dignidades e Conegos, Cabido da Sancta Sé de Coimbra. — *Manuel, Bispo Conde.*

Post scriptum. — Já depois de impressa esta carta recebemos, com grande satisfação nossa, do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça o seguinte Officio: Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça — Direcção Geral dos Negocios Ecclesiasticos — 2.^a Repartição — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Em referencia ao officio de V. Ex.^a de 21 do corrente, tenho a honra de comunicar-lhe, para seu conhecimento e devidos effectos, que em despacho de hontem foi concedido ás religiosas do convento do Desagravo do Sanctissimo Sacramento de Villa-Pouca-da-Beira o subsidio de noventa mil réis para o actual anno economico de 1874-1875; e que nesta data foram dadas as ordens convenientes para, pela Repartição de Contabilidade d'este Ministerio, se fazer effectivo o pagamento da sobredicta quantia. — Deus guarde a V. Ex.^a — Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, Direcção Geral dos Negocios Ecclesiasticos, em

23 de Junho de 1875. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra. — *Luiz de Freitas Branco.*

As devotas Religiosas de que tracta este Officio vamos participar a mercê que o Governo de Sua Majestade se dignou de conceder-lhes; e agradecer tambem a S. Ex.^a o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, a consideração que lhe mereceu a minha representação a favor d'ellas, e a promptidão com que foi servido attendel-a. — Coimbra, 27 de junho de 1875. — *Manuel, Bispo Conde.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Quando no anno proximo preterito voltei da minha visita episcopal, pedi a V. Ex.^a um subsidio para as Religiosas do convento do Desagravo do Sanctissimo Sacramento de Villa Pouca da Beira que tinha visitado, e cuja austeridade e perfeição de vida me edificara e enternecera tanto, como me commovera e magoara a sua pobreza, se bem que agora mais remediado do que em outro tempo; e não obstante recejar muito que V. Ex.^a não podesse attender-me por estar já de todo a terminar o anno economico e por consequencia esgotada a verba destinada no orçamento para este fim, motivo porque limitei o meu pedido á quantia de 90\$000 réis, V. Ex.^a dignou-se de conceder-m'a logo, o que então muito agradei e novamente agradeço a V. Ex.^a

Porém esta quantia, como é facil de ver, não é sufficiente para attender a todas as necessidades d'aquella casa Religiosa, e tanto ou mais do que á mesma quantia montam as esmolas que pessoas devotas e caritativas lhe têm mandado por minha intervenção desde então até agora; o que é na verdade consolador, e mostra bem a conta em que se deve ter o sentimento religioso, felizmente tão arraigado ainda em tantos corações.

Todavia, posto que a pobreza é um dos votos da Religião, e especialmente d'aquellas Religiosas; e ainda que a alegria com que ellas se entregam dia e noite aos rigores de todos os outros, desprendidas completamente de si e do mundo, e até com a subsistencia, toda de jejuns e penitencia, dependente só de esmolas, torna mais sublime e mais inebriante de graças e inspirações celestes a sua vida e a sua virtude, eu desejava bem que V. Ex.^a lhe podesse dar um subsidio annual com que ellas podessem attender ás suas necessidades sem precisarem de esmolas, para evitar as censuras acres que se fazem ao governo de Sua Majestade por se ter apoderado dos bens dos conventos, e consentir que algumas Religiosas, muito poucas e todas já decrepitas e valetudinarias, estejam a passar fome e dependentes da caridade dos fieis.

Não seria muito penoso nem por muito tempo o sacrificio do thesouro; e eu, não obstante ter já declarado a estas Religiosas que ellas nunca teriam fome enquanto o seu Prelado tivesse alguma cousa, teria grande satisfação em ver mais beneficiada a sua sorte, e respeitada e acatada pelos poderes publicos a sua justiça e as suas virtudes.

Peço pois a V. Ex.^a que se digne de attender este meu pedido, e de conceder aos meus trabalhos pastoraes esta consolação, que augmentará mais

ainda o reconhecimento de que eu e a minha Diocese somos devedores a V. Ex.^a

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 27 de abril de 1876. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.
— *Manuel. Bispo Conde.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho-me demorado em cumprir o officio da Direcção Geral dos Negocios Ecclesiasticos, datado de 6 de maio proximo preterito, sobre a concessão d'um subsidio annual ás Religiosas do convento do Desagravo do Sanctissimo Sacramento de Villa Pouca da Beira, porque, estando a sair naquella occasião para a visita da Diocese, e com tenção de visitar tambem outra vez o mesmo convento, embora de passagem, pareceu-me melhor ouvir pessoalmente a communitade do mesmo convento sobre a quantia do referido subsidio, e que em cumprimento do mesmo officio eu devo declarar, deferencia esta que muito agradeço a V. Ex.^a

Fallei effetivamente com as Religiosas d'aquelle convento, que, reconhecidas assim como eu, ao beneficio que o Governo de Sua Majestade já lhes concedeu, e á boa disposição em que está, e que este officio bem denota, de lhes fazer ainda maior concessão, não cessam de manifestar a sua gratidão e contentamento, e de pedir a Deus por quem tanto as quer socorrer em sua pobreza e decrepitude.

Foi longa a conferencia que tivemos sobre este ponto, porque ellas nem queriam pedir uma quantia elevada para não parecer que abusavam, ou que pretendiam dar entrada no seu convento a quaesquer idéas de ambição, de commodidades ou de gozo que o seu Sancto Instituto não comportava; nem queriam tambem cerceal-a muito, porque, não lhes dando, como era de esperar depois da concessão de que se tracta, as muitas esmolos que agora lhes dão, receavam não poderem custear depois as muitas despesas do convento com o culto Divino, com as festas da ordem; com os empregados, com os creados e creadas das hospedarias para o serviço d'estas; para o amanho das poucas terras que têm em volta do convento, e para a guarda de um pequeno rebanho de que tiram a lã para os seus habitos.

Attentas pois estas circumstancias, pareceu-lhes que a quantia de 300\$000 réis (1) juncta aos redditos que têm seria sufficiente para a communitade poder viver, e sustentar o convento no pé em que está, sem a necessidade que têm tido até aqui de recorrer á caridade dos fieis; e é esta quantia annual que eu tenho a honra de pedir a V. Ex.^a para as sobredictas Religiosas pelas razões expostas no meu officio de 27 de abril ultimo; e não pesará infelizmente por muito tempo sobre o thesouro o pagamento d'esta quantia, porque, a não haver alguma medida prompta que perpetue a existencia d'esta casa Religiosa nas terras da Beira, como eu muito tenho pedido a V. Ex.^a, e especialmente na minha extensa representação de 14 de março

(1) Este subsidio foi arbitrado e concedido pelo Governo e recebido pelas Religiosas em quanto se julgou ser-lhes necessario.

de 1870, dentro em pouco e pela ordem natural das cousas, fallecerão as duas unicas Religiosas que alli existem, já muito velhas e decrepitas, e assim aeabará com grande prejuizo da Religião e da sociedade, e com profundo desgosto meu e d'aquelles povos meus Diocesanos, este venerando e abençoado Instituto Religioso, que é o unico que resta em toda aquella vasta provincia do meu Bispado, para attestar a piedade de nossos paes, e para implorar as benções do ceu sobre os seus habitantes com o fervor constante das suas orações e com a sublimidade e heroismo das suas virtudes.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 19 de junho de 1876. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.
— *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 16

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Ordena V. Ex.^a em portaria de 19 de dezembro ultimo que eu, pelas razões nella expostas, informe com o meu parecer quaes as casas Religiosas d'esta Diocese que por falta de rendimentos e pessoal não possam subsistir, e neste caso a quantia com que deva ser subsidiada cada Freira; e quaes as que, não podendo supprimir-se, devam ser annexadas a outras, não ficando em resultado da annexação o numero das Religiosas inferior a doze.

Reconheço, como V. Ex.^a muito bem reconhece, a necessidade d'uma providencia que remedeie o estado actual dos conventos em Portugal; porque ao passo que nuns estão as Religiosas a morrer de fome, estão noutros uma ou duas disfructando rendimentos que d'antes chegavam para uma communitade inteira; e se o Governo tem obrigação de dar alimentos áquelles como tem dado, não póde recusar-se-lhe que procure superintender pelos meios competentes nas sobras d'estes; mas qual seja e como deva ser tomada no estado presente a mesma providencia é que eu não sei bem dizer.

Em primeiro logar é meu humilde parecer que as Religiosas professas não podem canonicamente annexar-se, incorporar-se ou transferir-se, fóra dos casos de força maior, sem a intervenção e accordo da Sancta Sé; e em abono d'este meu parecer está não só o direito que me abstenho de expor, mas os precedentes d'este Paiz, ainda do tempo em que mais foram respeitadas as prerogativas da Coroa Portuguesa.

Além d'isso, ainda que este accordo não fosse strictamente necessario, em julgo-o de grande utilidade para uma providencia geral a tal respeito, porque sem elle nem o Estado póde tirar tanto proveito e tão prompto dos bens das ordens religiosas, nem se evitariam no confessorario os emba-

raços e difficuldades a que dá logar a applicação dos mesmos bens sem a auctorisação da Igreja.

Demais, se as Freiras ainda com a intervenção Pontificia hão de ter muitas difficuldades em deixar na velhice os seus conventos em que têm vivido sempre, e a que estão acostumadas, não haveria sem esta intervenção quem as persuadisse e resolvesse a abandonal-os, porque aos habitos e affeições d'uma vida inteira junctavam-se escrupulos de consciencia nem sempre exaggerados de boa fé, e seria mais facil leval-as ao martyrio do que a resistir-lhes.

É isto que ao officio juncto por copia, e não obstante o que nelle se refere, me dizem quasi todas as Religiosas d'este Bispado, que ouvi e consultei como me cumpria para melhor poder informar a V. Ex.^a, e é isto tambem o que eu tenho visto pela experiencia, porque na transferencia do Collegio Ursulino do Lourical para o d'esta cidade uma Religiosa d'aquelle preferiu ficar no Lourical, privada e desamparada de tudo, a vir para o de Coimbra onde nada lhe faltaria. Consciencias timidas, intelligencias pouco esclarecidas merecem respeito e desculpa, e agora principalmente que estão já quasi todas á beira da sepultura.

Parece-me, pois, á vista d'estas circumstancias que as Religiosas d'esta Diocese não sahiriam hoje dos seus conventos senão constrangidas e obrigadas por força; e que, attenta a velhice e debilidade de todas, não poucas morreriam de pena e de desgosto nas mãos de quem as constrangesse; e esta violencia, que não se compadece nem com o animo de V. Ex.^a, nem com a decrepitude d'umas pobres mulheres, parece-me tambem que não produz nesta Diocese para o Thesouro resultados que a justifiquem, por serem aqui os conventos quasi todos muito pobres.

Alguns, ainda que se vendessem, sahindo d'elles as Religiosas, talvez não rendessem o necessario para lhes darem as prestações respectivas pela posição em que estão collocados, como Lorrvão, Semide e Villa Pouca. O de Lorrvão, um dos mais historicos de Portugal, e d'uma fabrica muito vasta e grandiosa, talvez nem licitante tivesse, porque no sitio em que está nem pôde adaptar-se facilmente a fim algum, nem é possivel transferir d'alli ao menos os materiaes para outra parte.

Não estão no mesmo caso, pela posição, os que são vizinhos d'esta cidade, mas alguns, e entre elles o das Therezinhas, gozam de tal veneração em toda a cidade e fóra d'ella, pela austeridade do seu instituto, e pelas virtudes e sanctidade das Religiosas que alli vivem, entregues de todo só a Deus e ás suas orações, que, se se fallasse em supprimir aquella casa e em tirar d'ella as Religiosas, levantar-se-hiam as pedras das ruas contra quem ousasse tocar-lhe.

O mesmo se pôde dizer do do Lourical por ser de ordem mais austera ainda, e do de Sancta Clara por estar alli a Rainha Sancta Izabel, gloria de Coimbra e brazão da Corôa Portugueza; se bem que este Mosteiro pela sua posição e importancia, e pela extensão da casa e numero de Religiosas que ainda tem, é dos de toda a Diocese o que está mais no caso de continuar a subsistir.

Tambem o de Cellas, que tem sido todos os annos subsidiado pelo Go-

verno, é tão pobre, e a casa está tão velha e tão distante da cidade, que o Thesouro pouco auferiria da sua suppressão e antes perderia, tendo de dar prestações ás Religiosas.

Já não digo o mesmo do de Sanct'Anna, porque juncto á cidade e com uma casa grande e bem collocada, e com uma cêrca, embora pequena e pouco productiva, tem mais importancia e valor que os antecedentes, e não se recommenda, como alguns d'elles, pelo seu ascetismo e austeridade.

Todavia neste convento, que apenas tem duas Religiosas, e uma bastante doente, estão tantas Sr.^{as} Seculares quasi octogenarias, que seria prudente demorar qualquer providencia a respeito d'elle para evitar o alarma e sensação que produziria o expulsar d'esta casa para a rua algumas Senhoras invalidas, e sem amparô nem familia; alarma que se manifestou já e d'um modo bastante ruidoso só pelo facto das informações que pedi á respectiva Prelada.

Por tudo isto, pois, parece-me que, no caso de não andarem perdidos grandes valores, como a respeito d'estes conventos não andam, seria conveniente demorar mais algumas providencias que por ventura se tomem a respeito d'elles, porque as Religiosas, muito poucas já e todas muito velhas e doentes, pouco podem viver; e por pouco tempo é melhor deixal-as morrer em paz nas suas casas entregues a Deus e separadas do mundo.

Alem d'isso, a reunião d'ellas em um só convento, entre outros obstaculos, encontraria o da diversidade de Institutos que só a Sancta Sé pode remediar canonicamente.

Porisso eu peço a V. Ex.^a que me permita ponderar a conveniencia d'um accordo com a Sancta Sé para regular d'um modo geral e definitivo este e outros negocios da Egreja que tanto o reclamam; e para mais facilmente o conseguir, eu não vejo inconveniente, deixe-me V. Ex.^a declaral-o, em permittir as profissões religiosas em alguns apenas dos conventos existentes, porque, alem das vantagens já expostas, e que são grandes, outras muitas resultavam d'esta permissão tanto na ordem religiosa como na social e politica.

Abstrahindo da edificação e influencia salutar que produz nos Fieis o quadro que lhes apresentam constantemente as Esposas do Senhor, separadas do mundo e votadas unicamente ao serviço de Deus, e os beneficios que podem obter da Misericordia Divina por meio das suas orações e penitencia, que são a condição da religião catholica e a base da vida ascetica e contemplativa, eu fallo só nas desgraças e desgostos de familia a que não poucas vezes valem os conventos das religiosas como ninguem desconhece. Só depois d'elles não existirem é que se conhecerá a falta que fazem nesta parte. Alem d'isso os Governos liberaes fortificam-se e conquistam a estima dos povos pela recta administração da justiça, e pela egualdade de todos perante a lei; e se a lei concede a todos o direito de associação para o conseguimento de seus fins sociaes, não ha razão alguma para o negar aos que pretendem do mesmo modo associar-se para conseguirem o fim religioso, que é igualmente reconhecido e garantido na lei, e mais nobre que todos os outros.

Bem sei que se pretende justificar a prohibição d'esta associação com

os perigos e riscos que d'ella podiam resultar para o regimen liberal, e talvez que a licença hoje para as profissões religiosas servisse de pretexto para queixas da politica especulativa, e para temores e apprehensões da opinião publica.

Porém, se é certo que os Governos liberaes devem viver da opinião publica, não é menos certo que devem illustral-a e dirigil-a, e de modo nenhum sacrificar o bem da Nação aos seus desatinos: e na verdade seria irrisorio hoje, nas circumstancias em que nos achamos, ter medo d'umas poucas de mulheres fechadas em uma casa, sujeitas em tudo aos seus Prelados e com Directores e Confessores da escolha e approvação d'estes.

Paizes mais liberaes e adeantados que o nosso permitem as profissões religiosas sem terem semelhantes medos, e mal segura estaria entre nós a liberdade, pouco valeria a nossa confiança nella, se temessemos que podesse ser abalada com tão pouco.

Demais não nos illudamos. O grande fervor pelas profissões religiosas passou, como passam muitas outras cousas neste mundo.

Nas Ursulinas, apesar de serem simples os votos das profissões que ali se permitem, quasi ninguem professa; e o mesmo succederia talvez nos conventos de ordem ascetica, se nelles fosse permittido professar hoje.

Porém, quando assim não acontecesse, evitavam-se os inconvenientes das profissões religiosas em grande escala, determinando-se o numero dos conventos em que fosse permittido professar, e fixando-se o numero das Religiosas professoras que podia ter cada um, de modo que não podesse ter logar profissão alguma estando o numero preenchido.

E para evitar ainda que se dessem hoje nas profissões os abusos que dizem que algumas vezes se deram em outros tempos, podia a Auctoridade civil exercer o direito de inspecção, que se arroga, com relação a idade, condições e solemnidades externas com que devem ser feitas.

Por este modo os negocios da Igreja entravam em melhor caminho, como é de necessidade para ella e para o estado, evitavam-se as queixas e declamações continuas da Imprensa religiosa, prestava-se respeito e homenagem aos bons principios, e o Governo, adquirindo assim mais força para reprimir excessos e demasias, acreditava-se muito perante as pessoas sensatas que amam o bem da religião e da patria.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 14 de março de 1870. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — Manuel, Bispo Eleito Coadjutor, Governador do Bispado.

Beatissimo Padre. — Por mercê da Divina Providencia para commosco foi Vossa Sanctidade collocado na Cadeira de S. Pedro, e desde o primeiro dia do seu maravilhoso Pontificado tem sido incançavel em promover o

bem estar espiritual e temporal do rebanho universal confiado por Jesus Christo ao seu Vigario na terra.

Instrucção aos ignorantes, correcção aos que erram, alento aos fracos, animação aos fortes, e consolação a todos, conhece Vossa Sanctidade o que a cada um é preciso, e a nenhum falta em sua constante sollicitude.

Se pois os abaixo assignados, Patriarcha, Arcebispos, e Bispos da Egreja Lusitana, vêm aos Pés de Vossa Sanctidade expor com filial reverencia quaes as suas necessidades, não é porque ellas tenham escapado á vigilancia do seu Supremo Pastor, e muito menos porque o seu Coração de Pae se não tenha ha muito condoido e ardentemente deseje attendel-as.

Bem o sabemos, Sanctissimo Padre; e cada um de nós com gratidão reconhece as provas de paternal affecto que Vossa Sanctidade nos tem dispensado. Tem o Successor de S. Pedro sempre presentes as palavras de N. S. Jesus Christo — *Confirma Fratres tuos* —, e não tem Elle faltado a seus Irmãos com o conforto nas occasiões de desalento.

Não nos basta porém a confiança que a todos nos anima e a certeza que temos de que Vossa Sanctidade conhece qual o mal e qual o remedio: queremos mais: viámos depor nas Sagradas Mãos do Supremo Pastor um testemunho de união e adhesão ao nosso Chefe, e desejamos ser perante Elle os interpretes da porção do seu rebanho que á nossa pastoreação confiou.

Não ignora Vossa Sanctidade o estado em que se acha a Egreja neste reino de Portugal em consequencia das vicissitudes por que tem passado.

Para o coração de um Pae, como Vossa Sanctidade o sabe ser, em todo o tempo é doloroso ouvir as magoas dos Filhos, mas muito mais quando estas vêm tornar mais sensiveis as amarguras e tribulações que já o opprimiam. Bastavam por certo para affligir Vossa Sanctidade as circumstancias desfavoraveis com que hoje na maior parte das nações luta a Egreja, e das quaes Vossa Sanctidade mesmo é a primeira e mais innocente victima; e não era necessario que a ellas viessem accrescer os nossos cuidados. Se porém o nosso amor filial e fervorosa dedicação nos ordenam o silencio, por outro lado o acrisolado amor paternal do nosso Summo Pontifice nos inspira que a seus Pés devemos depôr as difficuldades em que nos achamos, e que nossa supplica será attendida quando Lhe pedimos não sómente força e alento, mas tambem indulgente compiacencia para com esta pequena porção do seu Rebanho Catholico, a Egreja de Portugal.

Foi ella sempre, e hoje o é mais que nunca, digna da melhor sorte pelos sentimentos religiosos que seus Fieis têm conservado: pois creia Vossa Sanctidade que, não obstante o pernicioso exemplo de outros paizes, o povo portuguez ainda é, como sempre foi de coração, Catholico, Apostolico, Romano e dedicado ao Supremo Pontifice.

Não julgue Vossa Sanctidade que os nossos Monarchas tenham presenciado indifferentes a decadencia da Egreja Lusitana, e que tenham desmerecido o seu titulo de Fidelissimos com que um grato Antecessor de Vossa Sanctidade os assignalou entre os Principes Catholicos. A verdade é que circumstancias mais poderosas do que os seus bons desejos os têm

impedido de seguir as pisadas dos seus reaes predecessores na liberalidade para com a Igreja; pois que no amor á Religião e dedicação a Vossa Sanctidade conservam-se elles a par dos mais benemeritos.

Agora porém não nos queixamos do Governo de Sua Majestade, e reconhecemos que nos parece animado dos mais sinceros sentimentos de devoção e interesse para com a Igreja. Conhece elle quanto é precario o seu estado actual devido a medidas todas provisórias, e que não deve nem pôde por mais tempo continuar esta situação sem o maior prejuizo para a Igreja e para o proprio Estado.

O Clero todo, quer Parochial, quer Capitular, quer mesmo Prelaticio, é tão escassamente retribuido, que mal pôde attender á sua sustentação, e muito menos ao seu devido decore e ás necessarias obras de caridade. De dia para dia diminue o numero dos seus Ministros pela raridade de vocações para o estado ecclesiastico, que só lhes promette a miseria. Os templos carecem de reparos, e o culto apresenta-se pouco edificante pela sua pobreza, porque para as Fabricas não ha sustentação arbitrada. Aos Cabidos das Cathedraes e Collegiadas falta o necessario numero de Capitulares para celebrarem como devem os officios divinos, e está impedido o preenchimento dos seus quadros por Decretos provisórios. As dioceses são administradas irregularmente: algumas, excessivamente pequenas, terão de ser supprimidas; e para esse fim já Vossa Sanctidade permittiu fossem governadas por Vigários Geraes: outras por serem hoje mais faceis as communicações espera-se que sejam unidas sem prejuizo dos Fieis, e para algumas d'ellas também já não são apresentados Prelados; outras enfim têm inconveniente circumscripção, que difficulta o seu bom governo espirital; e todas soffrem por este modo grande prejuizo, accrescendo que tam grande mal corre risco de se aggravar com os ultimos Decretos também provisórios: pelo que nos parece urgente algum remedio. Os Seminarios, nossa mais cara esperança, e objecto dos nossos mais incessantes desvelos, não tem o preciso desenvolvimento, porque o seu maior subsidio ainda é, graças a Vossa Sanctidade, o obolo das esmolas dos Fieis á Bulla da Sancta Cruzada. E por ultimo os Conventos das Religiosas sem esperança de restauração vão-se extinguindo, e o que resta só o nome tem de Ordem Religiosa.

Eis aqui, Beatissimo Padre, a parte mais penosa dos nossos males, e a mais urgente das nossas necessidades, ás quaes o Governo de Sua Majestade tem vivo interesse em accudir de prompto remedio. É forçoso porém confessar que lhe será necessario trabalhar com a maior tenacidade para vencer todos os obstaculos e resolver todas as difficuldades que por varios motivos tem de encontrar deante de si.

Desejoso de acertar nas providencias que tem de propor, acaba o Governo de Sua Majestade de se dirigir a todos os Bispos d'este reino pedindo-lhes o seu parecer sobre varios pontos relativos ao estado da Igreja. Esta deferencia, Beatissimo Padre, para com a auctoridade ecclesiastica, rarisimas vezes observada em identicos casos, ao passo que obriga os nossos mais sinceros agradecimentos, também nos é um penhor da sua lealdade e firme proposito de attender ás justas reclamações da Igreja de Portugal.

Vossa Sanctidade por certo terá já conhecimento d'esta consulta pela pessoa actualmente encarregada dos negocios da Ex.^{ma} Nunciatura Apostolica: nella temos sempre encontrado tão benevola annuencia aos nossos desejos, tão efficaz cooperação e intelligente espirito de conciliação, que bem fundada esperança nos acompanha de que a Vossa Sanctidade tambem foram presentes os embarços em que nos achamos.

Nas nossas respostas aproveitaremos a occasião propicia que se nos offerece para expormos tudo quanto nossas Igrejas reclamam, e com as nossas conscienciosas informações procuraremos esclarecer o Governo de Sua Majestade.

Certos de suas boas intenções e correspondendo tambem ao que Vossa Sanctidade espera de nós, diligenciaremos conciliar como Prelados os deveres do nosso Ministerio Episcopal com os do respeito devido á Auctoridade do Estado.

Faltariamos, porém, ao principal dever de nosso cargo, ao juramento de fidelidade prestado ao Summo Pontifice, se não lhe dissessemos com verdade qual a situação em que estamos collocados, e o perigo que nos ameaça.

É grande, Beatissimo Padre, o sacrificio que á Igreja Lusitana se pede, bem o conhecemos: não pôde deixar de se entristecer o coração paternal de Vossa Sanctidade, e creia que o acompanhamos na sua magoa, e duplamente o sentimos.

Por mais dolorosas porém que sejam as providencias que se projectam, em consciencia entendemos que maiores males ainda proviriam á Igreja, se nesta occasião não aproveitassemos as boas disposições em que se acha o Governo de Sua Majestade para connosco. Ficariam exaerbados os animos, e reservado um pretexto aos inimigos da Igreja, para de futuro completarem, como tanto desejam, a sua ruina.

Assim pois as circumstancias são tão imperiosas, que não nos é licito olhar com magoa para o passado, mas sómente cuidar com anciedade no futuro. Não queremos, Sanctissimo Padre, se possivel for, ver destruir inteiramente o que ainda resta do edificio da Igreja Lusitana, e perder com ella para sempre todas as nossas esperanças: o que queremos, o que pedimos, o que é nosso maior e talvez unico dever, é tentar conservar, com a annuencia da Igreja, a parte que d'ella ainda subsiste para acudir ás necessidades mais urgentes, quer na actualidade, quer no futuro.

Lembrados, porém, do salutar aviso do Propheta Rei — *Nisi Dominus aedificaverit domum, in vanum laboraverunt qui aedificant eam* —, sabemos que inuteis serão quaesquer tentativas para reconstruir o edificio da Igreja de Portugal, se Vossa Sanctidade não for o operario: e conhecedores das difficuldades e obstaculos, que perante nós se podem levantar, da ignorancia de uns, da má vontade de outros, e mesmo do sancto zelo de muitos, a nossa dedicação á Sancta Sé nos diz que é de Vossa Sanctidade que nos deve vir a necessaria força e auctoridade espiritual, para que o nosso sagrado ministerio, se não for de consolação para todos, como tanto quizeramos, ao menos para nenhum seja de escandalo.

Possuidos d'estes sentimentos de submissão e respeito, depomos aos

Pês de Vossa Sanctidade a expressão das nossas necessidades, e imploramos com fervor para bem d'estes rebanhos, que são ainda mais vossos do que nossos, o que Vossa Sanctidade em sua paternal sollicitude houver por melhor, attentas as circumstancias expendidas. Aceite Vossa Sanctidade esta supplica, não só como manifestação d'aquelles a quem honra com o titulo de Irmãos, mas ainda mais como homenagem da constante obediencia dos que timbram ser seus amados Filhos, e reverentes pedem Sua Benção Apostolica para si e para todos os seus diocesanos, em cujo nome protestam ser — De Vossa Sanctidade os mais humildes e dedicados subditos. — Lisboa, 19 de outubro de 1872 (1).

COPIA N.º 18

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Desejando nós saber se os operarios ou alguém encarregado de fazer as devidas separações no convento de Sá, faltou por qualquer modo ás attensões devidas á Religiosa e mais pessoas que viviam no mesmo convento, e se ellas tiveram alguns motivos de queixa: haja V. S.^a de nos informar a este respeito.

Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 20 de abril de 1885. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Conego Arcipreste d'Aveiro. — *Manuel, Bispo Conde.*

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Tive a honra de receber o officio de V. Ex.^a Rev.^{ma} com data de 20 do corrente, a que mé apresso a responder, afirmando que nenhum operario nem outra qualquer pessoa das que intervieram nas obras de vedação e separação de terreno ordenadas no convento de Sá. para que nelle podesse permanecer o pessoal ao tempo alli existente, faltou por maneira alguma ao respeito e attensões devidas á M. R. Abbadessa e ás sr.^{as} Recolhidas naquella casa religiosa: e nem similhante falta pôde presumir-se, attendendo ao modo como se dirigiu esse negocio.

Já tive a honra de dizer a V. Ex.^a Rev.^{ma} que, acceitas pela Camara Municipal as condições exaradas na Portaria da concessão de parte do convento de Sá para quartel, e regulado o que dizia respeito ao estabelecimento da clausura, eu fui pessoalmente expôr á M. R. Abbadessa as resoluções tomadas, sendo auxiliado pelo muito digno engenheiro, Sr. Araujo e Silva, que obsequiosamente me acompanhou, para attender quanto fosse possivel ás necessidades da habitação da M. R. Abbadessa e sr.^{as} Recolhidas naquelle convento. Ahi concordámos em deixar á M. R. Abbadessa, ou antes ás sr.^{as} que a dirigiam, a escolha dos operarios que haviam de fazer as

(1) Esta mensagem foi assignada pelo Sr. Patriarcha e por todos os Bispos então do continente, menos pelo de Vizeu.

obras para a clausura, a cozinha, etc: ellas acceitaram o nosso efferecimento e designaram-me um mestre d'obras do seu agrado, cidadão honrado e excellente chefe de familia. Dei logo conhecimento d'isto ao digno Presidente da Camara Municipal, que immediatamente e da melhor vontade prestou esse mestre d'obras, dispensando-o d'um serviço seu proprio, em que o trazia empregado.

Assim já V. Ex.^a Rv.^{ma} vê que não é crível qualquer agravo e desat-tenção á M. R. Abbadessa e ás Sr.^{as} do convento por parte dos operarios, que *ninguém lhes impoz, antes ellas escolheram por serem da sua confiança.*

E que effectivamente não houve motivo para queixas prova-o ainda outro facto: eu fui ao convento durante muitos dias successivos desde o começo das obras, fallei por diversas vezes com aquellas senhoras, estive lá muito tempo inventariando os objectos existentes no mesmo convento em observancia das ordens que de V. Ex.^a Rv.^{ma} recebi, e *nunca pessoa alguma* d'aquella casa religiosa se me queixou de qualquer agravo ou desat-tenção recebida dos empregados na obra: ora não é crível que, se taes agravos existissem, m'os occultassem, fallando-me tantas vezes sobre assumptos relativos á sua situação.

A accusação de menos respeito e consideração para com as senhoras não estava ainda *inventada* ao tempo em que as obras de vedação e se-paração *se concluíram*; veio depois em reforço ás outras (que valem tanto como esta) de se ter deixado *emparedada* (!) a M. R. Abbadessa, sem sol!! sem ar!!! e sem luz!!!!

A meu vêr é tudo obra da mesma procedencia, e vizando ao mesmo fim de attenuar, talvez, o pessimo effeito que no animo de muitos produziria o facto de a M. R. Abbadessa abandonar o convento, fechando assim o templo ao culto e requerendo ao *Governo temporal* para tomar conta de tudo o que pertencia áquella *casa religiosa!!* com a condição de lhe pagar a ella uma avultada mensalidade. Para isto accumularam-se pretextos, inven-taram-se agravos, e exaggeraram-se incommodidades, embora a verdade soffresse.

Deus Guarde a V. Ex.^a Rv.^{ma} — Aveiro, 23 de abril de 1885. — Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Sr. Bispo Conde. — O Conego Arcipreste, José Candido Gomes d'O. Vidal.

COPIA N.º 19

III.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Disse ha pouco um jornal religioso de Hespanha, e muito bem conceituado, que ás provas da Divindade da Religião Catholica, de todos conhecidas, offerecem estes nossos tempos mais uma e não menos concludente, e que é a seguinte: «A Religião Catholica é divina, porque existe não obstante a conducta que se observa em muitos dos que se chamam catholicos.»

E em verdade, quando os jornaes e os individuos que se inculcam como

modelos de catholicos, em vez de apoiarem os Prelados que o Sancto Padre continuamente apoia e abençoá, empregam todos os meios para os calumniarem, chegando até a falsificar de proposito e com revoltante má fé os proprios documentos publicos para fazerem acreditar as suas calumnias, os fieis abandonariam certamente a religião que tem taes modelos e defensores, se ella não fosse divina.

Contra similhante procedimento protestam V. S.^a e os RR. Parochos e Clerigos do seu Arciprestado na mensagem que nos dirigem com data de 10 do corrente, e que sobremodo nos entenece e commove porque no meio das difficuldades e amarguras do nosso ministerio, nada nos consola tanto como o vermos sempre ao nosso lado os nossos dilectissimos irmãos e amados cooperadores.

Pedimos pois a V. S.^a que acceite e que transmita a elles tambem os nossos sinceros e cordeaes agradecimentos por estas consolações e pelo testemunho que nos dão da confiança e estima que lhes merecemos, e que esperamos em Deus não havemos de perder, mas pedimos-lhes egualmente que não se desgostem e não dêem importancia, assim como nós a não damos tambem, ao que diz e escreve essa gente facciosa e apaixonada, que se revolta contra os Bispos e contra o Papa, e que, inculcando pelas palavras o que não mostra pelos factos, não poucas vezes se afasta dos sentimentos da honra e da probidade, e do verdadeiro zêlo pelo bem da Religião e pela salvação das almas.

Peçamos a Deus que a illumine e a traga a melhor caminho.

Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 24 de abril de 1885. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcipreste de... — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 20

Oryzicultura. — Acabamos de lêr com muito interesse um livro do sr. dr. Eduardo d'Abreu — *Algumas Fumigações á carga do vapor Allemão «Rosario»*. A proposito do objecto principal, que é a justificação do seu procedimento em um conflicto que se deu entre a Auctoridade superior do districto de Angra do Heroismo e o mesmo sr. Eduardo d'Abreu servindo de Guarda-mór de saude d'aquella cidade, faz o auctor interessantissimas e muito illustradas considerações sobre varios assumptos que dizem respeito á hygiene e saude publica. Este livro, escripto com toda a isenção, é mais uma prova do esclarecido e vigoroso talento do sr. dr. Eduardo d'Abreu.

Condemnando a oryzicultura, escreve na introdução, pag. xxxi e xxxii:

«No meio d'este estado de cousas (o da falta de força para extinguir a oryzicultura), que, além de conter ultrage permanente ao nosso regimen constitucional, exprime tambem uma affronta constante dirigida por meia

duzia de anonymos contra as imposições da saúde publica, que deve ser o patrimonio de quatro milhões de portuguezes, é consolador ver que um só homem tem sabido manter-se no seu posto, firme como uma rocha, surdo aos gritos felinos com que debalde o têm tentado contrariar, cego perante todos os poderes que não forem os da sciencia e do bem, superior emfim, pela elevada missão que exerce e pelos formosos dotes do seu character, á oryicultura do paiz, com tudo que ella valha perante a alta finança e a politica baixa. Orando em reuniões selectas ou percorrendo o districto, numa attrahente propaganda contra a oryicultura; evangelizando os seus principios em documentos escriptos, e levando-os a toda a parte; instando com os governos pelas providencias legislativas que o assumpto requeria, não foram poucos os serviços que prestou e continúa prestando contra a nefasta cultura do arroz. A elle se deve o poderosissimo movimento, que para sempre ficou accentuado na opinião culta e desapaixonada, contra a oryicultura. D'este assumpto, que é d'uma importancia vital para a nação, é inseparavel o actual bispo conde de Coimbra, o sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina.» (1)

Agradecemos ao sr. dr. Eduardo d'Abreu o exemplar com que nos brindou (Das *Instituições Christãs*).

COPIA N.º 21

bibRIA

Entre os testemunhos dos parochos attrahiu-nos a attenção, como attrahira a da commissão, o do parochio de Maiorca, o reverendo Manuel Jacintho Simões: d'elle transcrevemos alguns periodos, que são uma dolorosa elegia, elegia de factos, mais triste e pungente que as de sentimentos e rimas:

«Nesta freguezia os arrozaes são pantanos permanentes, por mais que aperfeçoem os systemas de cultura. Defendel-os é defender charcos, com a differença de serem muito lucrativos. Serão prejudiciaes á saúde publica? Os sabios do arroz respondem negativamente *ex cathedra*.

«Ao norte da freguezia, sobre um pequeno monte que corre de nascente a poente, está situado o lugar de Sancto Amaro. De roda, pelo nascente, sul e poente, ha extensos arrozaes, que nalgumas partes não distam da povoação mais de 200 metros. Seus moradores são geralmente de temperamento lymphatico, perseguidos de sezões, e queixam-se de padecimentos interiores. É um phenomeno encontrar-se lá uma pessoa de temperamento sanguineo. Tenho visto morrer muitos de sezões perniciosas, que raras vezes resistem á primeira e segunda. Perdem logo a falla, ficando-se em

(1) Tambem, entre muitos artigos da imprensa periodica, o illustre Ministro da Marinha, Sr. Pinheiro Chagas, escreveu por essa occasião um muito notavel no *Diario da Manhã*, exaltando a propaganda caritativa do Bispo de Coimbra, e censurando muito a Nação.

somno profundo, de que nunca despertam, por mais que os chamem. Neste estado absolvem-se e ungem-se. Alguns fazem-se hydropicos, num dia melhores, noutros peiores, num dia com sezões, noutro sem ellas, assim a vida se lhes vai gastando. As pneumonias são tambem frequentes, muitas vezes acompanhadas de intermitentes e quasi sempre fataes entre os tres e oito dias.

«As pessoas que se empregam nas mondas armam-se-lhes bolhas no corpo e manchas nas pernas. Sua formosura é nulla e a intelligencia obcecada.

«Nesta povoação a mortalidade tem sido extraordinaria nestes ultimos annos, sem poupar edades. Metade das creanças morrem no periodo da amamentação ou até aos sete annos. Tendo uma população que passa de 400 almas, encontram-se apenas 18 com idade superior a sessenta annos. Em 1877 ainda tinha 140 fogos e hoje apenas 113.

«Ao poente de Sancto Amaro, perto, está o logar das Biscainhas, mais em plano com os arrozaes e mais juncto a elles. Aqui, nos Casaes da Alegria e Arneiro de Fôra, que lhe ficam fronteiros, entre os quaes, e ao nascente e poente, se têm feito grandes lavras de arroz, tem havido uma restolhada de mortos. Abstenho-me de mencionar aquelles que tenho visto fallecer com anasarcas e no meio de fogueiras de febre. Nestes e noutros logares da freguezia morrem pessoas sem sacramentos, ou só ungidas, e isto succede, não por serem irreligiosas, mas porque muitas vezes trabalham ainda hoje, e amanhã caem num somno lethargico, e as familias esperam que acordem, mas debalde; o somno é fatal, como não pensavam.

«Estas tres povoações ainda em 1877 tinham 40 fogos e hoje 30.

«Tambem no logar de Casaes de Baixo tem morrido muita gente, e a que vive arrasta a vida cheia de padecimentos. O mais velho de seus habitantes tem 56 annos. Os arrozaes ficam-lhe ao oriente, a pouco mais de $\frac{1}{2}$ kilometro de distancia e alguns 10 metros abaixo do seu nivel.

«A 1 e 2 kilometros de distancia da villa de Maiorca, ao nascente, extendem-se grandes arrozaes, e, com quanto esta povoação seja das menos doentias da freguezia, é bastante flagellada pelas sezões. Desde 1877 até agora tenho lembrança de morrerem oito pessoas tísicas. Ha uma constipação, vêm sezões, e, num dia melhores, noutros peiores, assim a existencia se lhes definha.

«O logar de Sanfins assenta sobre um monte ao sul da freguezia. Em baixo desliza o Mondego. A poesia de alguns pontos das suas margens não existe aqui; em logar das chilreadas dos passaros, por entre as ramagens dos salgueiros e choupos que as bordam, ouve-se o coaxar das rãs, que estrugem os ouvidos, acoitadas nos charcos arrozaceos de uma ou outra margem. Sanfins é a mais desgraçada povoação da freguezia. Quem ha vinte annos a visse e agora a vê sente profunda tristeza. O que são as povoações! São como os individuos; tambem morrem! A custo lá se vê uma casa habitada por entre as ruinas das que o foram ainda ha poucos annos. Quando os defunctos são conduzidos ao cemiterio, já pelo caminho se ouve perguntar se são os ultimos. O aspecto dos que restam causa dô. Ainda em 1877 tinha 47 fogos e hoje só 34.»

Em vista da inspecção propria e do testemunho das pessoas competentes e desinteressadas das localidades a commissão é de parecer que se prohiba indirectamente a cultura do arroz, julgando insufficiente o permittir-a sob condições determinadas em regulamentos, porque não confia no cumprimento d'elles. O modo indirecto de prohibição que se lhe afigura mais efficaz é um tributo elevado sobre a cultura do arroz, de modo que a cultura do milho e outras se tornem mais lucrativas; proposta identica á que em 1881 tinha sido apresentada ao parlamento pelo fallecido conselheiro Augusto Saraiva de Carvalho.

COPIA N.º 22

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Tenho a honra de enviar a V. Ex.^a Rev.^{ma} um exemplar de uma carta pastoral que acabo de dirigir aos RR. Parochos d'esta Diocese sobre a administração da Bulla da Sancta Cruzada; e porque agora chegou tambem da imprensa uma outra publicação minha sobre a cultura do arroz no meu Bispado, tenho egualmente a honra de enviar a V. Ex.^a Rev.^{ma} um exemplar. Nesta questão sobre que publiquei tambem já uma carta pastoral, que egualmente tive a honra de enviar a V. Ex.^a Rev.^{ma}, tenho sido e sou apoiado por tudo quanto ha nesta terra de religioso e honesto, e todos sem distincção de côr politica, tanto nesta cidade como fóra d'ella, louvam os esforços que faço para remediar os males gravissimos que causa aos meus Diocesanos a sementeira do arroz.

Ha porém um jornal que, não obstante ter ha mais tempo louvado tambem estes esforços, e querer primar de religioso, não duvida ultimamente combater em cartas, e o que é mais, ridicularisar um Bispo e a sua auctoridade por se metter nesta questão toda de caridade e amor do proximo; e isto tudo, segundo dizem, porque um dos redactores ou influentes do mesmo jornal — *A Nação* — é cultivador de arroz neste Bispado, e teme perder os lucros que aufera de tal cultura. Não noto isto a V. Ex.^a Rev.^{ma}, porque me moleste, ou porque prejudique a causa que defendo o que diz o mesmo jornal, noto-o só para o lamentar, e para V. Ex.^a Rev.^{ma}, que está aqui ha pouco tempo, poder conhecer e avaliar o prestigio e importancia de um jornal religioso que se presta a representar papeis taes, papeis que os seus correligionarios mais dedicados sentem e lamentam.

Digne-se V. Ex.^a Rev.^{ma} de desculpar-me esta liberdade que tomei para com V. Ex.^a Rev.^{ma}, e de acceitar os protestos com que tenho a honra de ser de V. Ex.^a Rev.^{ma} — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Neocesarea, Dignissimo Nuncio Apostolico em Portugal. — Servo reverente e venerador.

— *Manuel, Bispo Conde.* — Coimbra, 15 de março de 1881.

COPIA N.º 23

Excell.^{mo} ac R.^{mo} Domine. — Maximas ago gratias Dominationi Tuæ Excell.^{mo} ac R.^{mo} qua omnes epistolas pastorales vel quæcumque acta publica a Te edita mihi dare dignaris, quemadmodum ad me misisti Litteras diei 15 et 21 januarii et diei 26 februarii hujus anni.

Ad ephemerides quod attinet, quæ erga Te insolenter se gerunt, attendendæ non sunt sed spernendæ, quum nullum pondus tribuendum sit ejus generis diariis.

Ea interim qua par est reverentia et obsequio permaneo. — Tibi Excell.^{mo} ac R.^{mo} Domine. — Olisipone, die 21 martii 1881. — Excell.^{mo} ac R.^{mo} Domino — D. Emmanueli Correa de Bastos Pina. — Episcopo Conimbricensi, Humillimus addictissimus Famulus. — *Cajetanus Archiepiscopus Neocaesariensis*, N. Ap.

COPIA N.º 24

Realisou-se no dia 20 a sessão solenne da inauguração da *Academia de Sancto Thomaz de Aquino*, fundada em Coimbra pelo sr. Bispo Conde.

Foi uma festa notavel, que deixou gratas recordações em todos os cavalheiros que a ella assistiram. Teve logar no vasto salão, que o sr. Bispo Conde mandou construir n'uma parte do seu vastissimo Seminario. Não ha talvez em Coimbra um salão de tão desusadas proporções; a sala dos actos grandes da Universidade talvez não o exceda. N'esse dia estava rica e primorosamente adornado; desde o vestibulo até ao throno da presidencia notava-se um esmero e uma grandeza de ornamentação, que faziam lembrar os aureos tempos da influencia da egreja univêrsal na vida religiosa e social dos diversos povos, que a reconheciam por suprema dominadora dos seus mais alevantados destinos.

As oito horas e meia da noite estava cheia de convidados a grande sala da *Academia*. Mais de quinhentas pessoas, distinctas pelas lettras ou pela sua posição official, correram áquelle certamen scientifico-litterario, em que deviam tomar parte talentos por muitas vezes festejados em outras assembléas não menos distinctas. Pares do reino, lentes da Universidade, professores de diversos Seminarios do paiz e do lyceu de Coimbra, academicos de todas as faculdades e disciplinas, como tambem muitos outros cavalheiros da alta sociedade occupavam os logares, que lhes tinham sido indicados por dous illustrados sacerdotes, que se haviam encarregado da boa direcção d'uma solemnidade tão copiosamente concorrida.

As nove horas deu entrada na sala da *Academia* o sr. Bispo Conde.

Todos os convidados se levantaram para saudarem com os mais profundos respeitos um dos successores dos Apostolos, um Bispo que o sabe ser dignamente no meio das tribulações, que surgem a cada momento para affligir os homens do dever, um Prelado, que pôde conquistar os respeitos dos seus subditos não pelo temor do castigo, mas pelo amor, igual ao amor com que sabe amar os seus diocesanos. A sua figura majestosa, as suas maneiras delicadas e attrahentes, e os esmaltes do seu coração de bom Pastor, levam ao espirito de quem o vê uma satisfação intima, que não será facil traduzir por meio da palavra. Na presença do sr. Bispo Conde os seus subditos não estudam o modo como lhe devem ser agradaveis, nem occultam antipathias, que a prudencia ou as conveniencias sociaes mandam occultar; na sua presença o agrado com que se lhe dirige, a dedicação que lhe manifestam, o amor que lhe tributam, é tudo natural e espontaneo.

Tomando logar no seu throno e tendo convidado para o seu lado o sr. dr. Rodrigues de Azevedo, chantre da Sé, e o sr. conego Fresco, principiou o seu discurso de abertura.

Doutrina sempre catholica, sempre franqueza em suas affirmações, accentuação vigorosa nas suas palavras, muitas vezes eloquentes, foram, além d'outros, os esmaltes d'esta sua primeira oração.

Através da naturalidade da declamação parecia aos ouvintes que improvisava o seu notavel discurso, que era terso na linguagem, profundo nos conceitos e sabio pela erudição.

Aberta a sessão, subiu á tribuna o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, que recitou uma dissertação academica de subido merecimento sobre o *homem terciario*. Parecendo extranho o assumpto, que escolhera para dissertar, era comtudo muito apropriado: fallava numa academia scientifica, perante distinctos cultores de todas as sciencias; fallava a muitas pessoas, que, apezar de muito eruditas, talvez nunca vissem tractar no campo theologico aquelle importante problema das sciencias naturaes; era conveniente, era necessario mostrar-lhes que os theologos estudam mais profundamente esses problemas, para lhes darem uma resolução em harmonia com a sciencia theologica, do que alguns philosophos estudam as questões theologicas para lhes darem uma resposta meramente scientifica.

Ao sr. dr. Luiz Maria seguiu-se o sr. Arcediago e Vice-Reitor do Seminario. Discorreu sobre a religião e a arte. Leu o seu trabalho, muito digno d'uma academia. Numa linguagem quasi sempre pomposa e com muita erudição e philosophia demonstrou a grande influencia do christianismo em ordem á objectivação do verdadeiro ideal do bello na arte.

Depois do sr. Arcediago subiu á tribuna o sr. dr. Eduardo Nunes, que fallou da influencia do clero na sociedade. Quem haverá ahi que não conheça ao menos pela sua subida reputação o distincto conferente da cathedral de Coimbra, esse orador que falla e discorre com uma espontaneidade que espanta, que d'um para outro momento medita, compõe e decora um discurso mui digno de ser recitado nas assembléas mais conspicuas e sabias? Foi mais uma vez eloquente, mais uma vez confirmou a justa e elevada reputação de um dos oradores mais distinctos do seu tempo.

Por ultimo dissertou o sr. conego Alves Mendes sobre a influencia do christianismo nos grandes factos da actividade humana. O seu discurso foi quasi um conjunto de bellas e acabadas descripções oratorias. Estylista de primeira plana, dotado d'uma eloquencia florentissima, por muitas vezes teve suspensa a assembléa pelas correntes da sua inspiração artistica, que transmittia a todos os espiritos, que estavam concentrados n'uma só admiração, que não é facil conquistar nas difficeis campanhas da tribuna.

Nos intervallos d'estes discursos foram recitadas por estudantes algumas poesias em latim e em vulgar.

Todos os que entraram n'estes jogos *floraes* foram vivamente applaudidos.

Encerrou a sessão o sr. Bispo Conde, recitando um novo discurso, que interessou sobre-maneira a assembléa. Quando discorria com a authoridade que lhe dá o saber e a experiencia, a virtude e o seu character episcopal, sobre as relações da Igreja com o Estado, e fazia sentir que é um grande perigo para a Igreja a tactica inconsiderada de alguns catholicos, que promovem a discordia entre a Esposa de Christo e o Imperio, e que é um grande mal para o Estado o procedimento de alguns regalistas, que se empenham em mover a guerra do Imperio contra a Igreja, como que todos os assistentes approvavam com sua profunda attenção as palavras do nobre Antistite Conimbricense.

Foram estas as gratas impressões que ficaram ao auctor d'esta breve descripção, que recebeu a honra de ser um dos convidados, e que d'esta cidade de Braga foi expressamente a Coimbra para ter o prazer de assistir a uma festa que se perpetuára nos annaes da Igreja Conimbricense.

BIBLIA

COPIA N.º 25

Meus Senhores. — Cabendo-nos a honra de abrir esta sessão solemne da Academia de Sancto Thomaz d'Aquino, saudamos antes de tudo, com o respeito e gratidão que devemos, o gloriosissimo Pontifice que ora preside á Igreja universal de Deus, e o bondosissimo Monarcha que ora se senta no throno de Portugal; porque estas saudações são o lemma e a bandeira do Seminario de Coimbra — respeitar a Deus e a Cesar, dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar — sem que nunca o façam desviar de Deus as tentações e promessas dos reinos de Cesar, porque lhes dá a resposta do divino Mestre, referida no seu Evangelho — *Dominum Deum tuum adorabis* — e sem que tambem o façam insurgir e revoltar contra Cesar as allegações dos erros e das injustiças d'este, porque Cesar era Tiberio, quando Jesus Christo formulou em tão sublime concisão todo o seu ensino divino, e porque Cesar era Nero, quando o grande Apostolo mandou que todas as almas estivessem submettidas ás potestades superiores.

E com este respeito e obediencia aos dois poderes espirital e tempo-

ral, e com a força que lhe vem da rectidão e imparcialidade com que cumpre os seus deveres para com um e para com outro, tem este Seminario vencido grandes difficuldades, e progredido sempre no caminho dos seus melhoramentos, tanto moraes, litterarios e disciplinares, como materiaes, hygienicos e economicos: e este salão, que, apesar de não estar ainda concluido, se inaugura já hoje com esta Academia, corrobora em certo modo o que acabamos de dizer, e é motivo de muita consolação para nós, e uma corôa de gloria para os seus empregados e professores, a quem felicitamos cordealmente por este fructo tão visivel de seus trabalhos, e que ainda assim é o mais secundario. Grande é pois o jubilo do nosso Seminario com esta inauguração, e com a presente Academia, por ver aqui reunidos para ella os representantes do saber e da auctoridade publica, a aristocracia das letras e a flôr dos mestres e dos discipulos, e muitos hospedes respeitabilissimos, entre os quaes vemos, cheios de consolação e de reconhecimento, os dignos delegados e representantes da Ex.^{ma} Junta Geral da Bulla da Cruzada e de muitos Seminarios do paiz, que, fraternizando com este, quizeram por este modo engrandecer esta festa, captivar o nosso animo e animar os incessantes trabalhos e honrados esforços do Seminario de Coimbra, para servir cada vez melhor a Igreja e o Estado, a Religião e a Patria.

Só destôa d'esta magnificencia e das scintillações rutilantes da sabedoria de tão conspicua assembléa a humildade do presidente, que os Academicos de Sancto Thomaz escolheram para ella.

Porém, senhores, na grande obra da educação religiosa, moral e litteraria do paiz, em que trabalhamos cada um no seu posto, e todos com as vistas em um e unico fim, o bem da humanidade n'esta e na outra vida, não ha só os mestres e operarios a quem Deus concedeu a scintella do genio e do talento, ha tambem os serventes, que são necessários e indispensaveis para que aproveite e resplenda o trabalho d'aquelles; e tantos d'estes obreiros infatigaveis, que vemos aqui presentes, e que na sua qualidade de mestres muito distinctos se estão impondo ao respeito e á gratidão d'esta assembléa, não primam só pelos fulgores do genio e pela aureola dos seus serviços, mas tambem pela delicadeza e generosidade com que permitem que suba a esta presidencia, que de justiça lhes pertencia, o servente apenas, que, embora não possa levar para a obra um grão de areia de propria lavra, nem porisso é o servo inutil do Evangelho; porque, n'este posto de Prelado, ainda que indigno, da Sancta Igreja de Coimbra, leva-lhe ha muitos annos os seus cuidados e vigalias, a sua tenacidade e perseverança, os esforços da sua vontade, as faculdades do seu espirito, os desejos do seu coração, os desvelos do seu amor pelo rebanho cuja guarda lhe foi confiada, e finalmente a solicitude pastoral com que tem percorrido e visitado o campo da fé em que elle se apascenta, desde as alturas escabrosas e inhospitas da serra de Estrella até aos valles e platuras da terra chã, desde Gouveia até perto de Thomar, e desde as margens do Zezere até ás do Ceira, até ás do Alba, até ás do Mondego, e até ás do Dão, e desde as do Dão até ás do Liz.

Mas estes trabalhos, tão proficuos para o rebanho e tão consoladores

para o pastor, não produzirão beneficios para a religião, fructos para as almas e triumphos para a fê, se aquelles que tiverem de nos ajudar na cultura d'este campo, não levarem d'aqui as sementes das boas doutrinas e a pericia necessaria para as preservar e defender das hervas ruins e venenosas.

Para aqui, pois, estão voltados desde muito os nossos cuidados e desvelos, como sabeis, Senhores; porque d'esta eschola normal, em que vem instruir-se os soldados da milicia de Jesus Christo para pelejarem conosco as pelepas do Senhor; d'este centro de educação e de ensino christão, d'estes dignos Professores, que são a alma e a vida do nosso Apostolado, e d'estes alumnos seminaristas, que são a nossa consolação no presente e a nossa esperanza no futuro, é que ha de vir o bem ou o mal para a religião, o fructo ou a ruina para as almas, a alegria ou a tristeza para o rebanho e para o pastor.

Debalde porém nos cançaremos, se o nosso Seminario se não sujeitar á unidade da fê, da disciplina e do ensino da Sancta Egreja Catholica, unidade que a distingue de todas as instituições humanas, e que lhe dá a força e estabilidade que estas não têm; porque, ou sejam imperios ou republicas, monarchias absolutas ou constitucionaes, hereditarias ou electivas, aristocracias ou oligarchias, mal se levantam, principiam logo a tremer e a desabar, porque, sujeitas ao vento de todas as doutrinas, á inconstancia de todas as vontades e á violencia de todas as paixões, em parte nenhuma encontram firmeza e apoio. Enquanto que a Sancta Egreja Catholica, a despeito de se ter levantado já ha 18 seculos com uma cruz por divisa e com a humildade, resignação e os soffrimentos por preceito, o que tem concitado contra ella as guerras do orgulho e dos gozos mundanos, ali está firme e de pé, sem vacillar nem tremer; e sem que a façam desviar do seu caminho e da sua missão divina, nem os favores e beneficios de Constantino e de Carlos Magno, nem os editos sanguinarios de Diocleciano, nem os despotismos e crueldades de Henrique VIII e Anna Bolena, nem as modernas usurpações dos direitos e do poder temporal dos Papas.

Tudo vai passando, só ella fica, e ha de ficar sempre de pé, com os seus templos, com os seus altares, com o seu culto e com os seus ministros, como eloquentemente provou ainda ha pouco tempo, em a nossa Sé Cathedral, o distinctissimo orador sagrado que vemos aqui presente, e a quem damos por dever de justiça, e deante de tão respeitavel assembléa, o merecido testemunho do nosso agradecimento e da nossa admiração. E aquelle factio assombroso, que humilha e embaraça os modernos Julianos, provém, como todos sabem, da instituição e assistencia divina da Sancta Egreja, e da firmeza e apoio que ella tem em Roma. Está em Roma o delegado de seu divino fundador e Vigario de Christo na terra, presidindo continuamente ao seu governo, sem depender da vontade das maiorias, das combinações da politica, do pendor das idéias ou das ambições e luctas dos partidos; porque acima de todas estas versatilidades humanas está o *non praevalébunt*, até hoje não desmentido, que segura e firma a sua existencia; está a fê, que é a sua força, a verdade, que é o seu poder, o

Evangelho, que é o seu direito, e a salvação da humanidade, que é o seu dever e o seu fim.

De Roma, pois, que é a depositaria da fê, a mestra da doutrina e o centro da verdade e unidade catholica, deve vir para todas as Igrejas, que se honram e gloriam com o titulo de catholicas, a mesma crença, a mesma doutrina e o mesmo ensino, do mesmo modo que do sol, que é o centro do systema planetario, vai a luz e calor para todos os pontos da terra.

E nós, que desejamos sobre tudo para esta Sancta Igreja de Coimbra e para o seu Prelado, ainda que indigno, aquelle honrosissimo titulo, que pomos acima de todos os outros honorificios que a ennobrecem, pomos tambem como primeiro dos nossos deveres a nossa adhesão e obediencia à Sancta Igreja de Roma e ao seu supremo Jerarcha.

Quando pois o nosso Sanctissimo Padre Leão XIII, que a está governando com tanta sabedoria e applauso de todos, aconselhou e recommendou o ensino da Philosophia Aquinatense nos Seminarios, dêmo-nos pressa em crear neste uma cadeira especial para o mesmo ensino. E á similhança do que se practica em outros paizes, principiámos aqui a celebrar Academias em honra do Doutor Angelico, para que o sol d'Aquino, illuminando com os seus raios as sciencias que se professam nesta casa, as dirija e encaminhe, como nós queremos, para a verdade, que é o supremo fim, e para Deus, que é o supremo bem.

E, posto que em nenhum outro Seminario d'este Reino se tenham cumprido ainda, que nos conste, as recommendações Pontificias, pôde este facto ser devido á falta de meios, ou á de Professor tão dedicado a este ensino, como é o sr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos; mas não é devido certamente a menos desejo de obedecer á voz do Vigario de Jesus Christo, ou a conceito menos favoravel da utilidade e importancia dos estudos philosophicos que elle recommenda.

Estão infelizmente á vista de todos, e não é necessario que nós demonstremos perante uma assembléa tão illustrada, os males que nos affligem na ordem religiosa, social, civil e politica. A revolta contra a Auctoridade divina e por consequencia contra a auctoridade humana, o desejo infrene de gozos e prazeres que desnorteam o espirito e pervertem o coração, o egoismo que abafa os sentimentos da justiça, da probidade e da honra, e tira o valor necessario para soffrer com resignação christã os trabalhos e desgostos da vida, originam por um lado essa multiplicidade assombrosa de suicidios, que são o symptoma mais assustador da corrupção social, e por outro essas associações medonhas de malfeteiros e internacionalistas, que se organisam nas trevas com os mais execrandos compromissos e juramentos, para arrazarem e destruirer tudo — os Imperantes e as Auctoridades, a Religião e a familia, o capital e a propriedade. E os governos, que vêem as Nações conturbadas no presente e ameaçadas no futuro, augmentam cada vez mais os seus exercitos, e cada vez é menor a sua força para susterem a auctoridade nas mãos, e para obstarem aos tramas que pretendem alluir pela base o edificio social.

Ensinarão aos povos a liberdade de tudo e para tudo; ensinaram-lhes

que todos os homens são eguaes, que vem todos das mãos do Creador com os mesmos direitos e sem preponderancia nenhuma d'uns para com os outros, doutrina verdadeira e que nós confessamos e reconhecemos; mas não lhes ensinaram ao mesmo tempo que acima dos homens na terra está Deus no céu, e que é necessario obedecer aos homens e á sua auctoridade para obedecer a Deus. Como querem agora que elles obedeçam uns aos outros, e que seja respeitada a sua auctoridade na terra, se não é respeitada a auctoridade de Deus no céu? Debalde se soccorrem ás theorias philosophicas do contracto social; porque, se os homens não têm superioridade alguma entre si, não pôde dal-a a um d'elles o suffragio de muitos em seu favor. Uma somma de zeros, por maior que seja, não constitue uma unidade.

Todavia não nos atterremos com os males sociaes que acabamos de expôr: tem-nos havido maiores em outros seculos, e remediaram-se como se hão-de remediar estes. Não pôde negar-se a aspiração e trabalho incessante da humanidade para progredir e aperfeiçoar-se, mas o seu progresso nem sempre se realisa sem gravissimos erros e enormes desastres, e em presença d'estes, como agora estamos, devem unir-se e darem-se as mãos, com o fim de os attenuar e remediar, os homens de boa vontade e os que pela sua posição social têm maiores deveres e maiores responsabilidades.

Longe de nós os que, egoistas ou imbecis, não sabem senão carpir e chorar, e fazem cada vez peor com a sua inercia e com o seu desanimo. É muito outro o exemplo que nos dá o Sancto Padre, a quem devemos imitar. Estudando as perturbações religiosas e politicas que trazem em sobresalto a geração presente e ameaçam as futuras, Sua Sanctidade, mal subiu ao throno Pontificio, viu logo, do alto das sete collinas que dominam os seculos e o mundo, que as mesmas perturbações provinham das idéas, das doutrinas e do ensino. Os homens instruidos são e hão de ser sempre os que influem na marcha e direcção da sociedade, tanto para o bem como para o mal. As idéas preparam os sentimentos, o entendimento o coração, e as doutrinas os costumes. Se as idéas, o entendimento e as doutrinas forem erroneas e pervertidas, não tardarão a perverter-se tambem o coração e os costumes. Diz um escriptor que, quando em uma nação se levantam publicamente as cadeiras do erro, deve tremer-se logo pela sorte d'ella; porque dentro em pouco passarão para o campo dos factos os erros ensinados nas aulas; e a historia, que é testemunha do passado, aviso do presente e advertencia do futuro, sobejamente tem mostrado já que os Marats, os Dantons e Robespierres só apparecem depois dos Voltaires e dos Encyclopedistas.

No seu empenho, pois, de promover o bem da humanidade, e a paz dos imperios e das nações, entendeu Sua Sanctidade — *lumen in coelo* — que pelos caminhos por onde veio o mal devia vir o remedio, e que a reacção, devia principiar onde principiou a enfermidade; e como as causas d'esta são especialmente os erros das doutrinas e das escholas philosophicas, proclamou o nosso Sanctissimo Padre na Encyclica *Aeterni Patris* a necessidade de se restaurar o ensino da verdadeira Philosophia, da Philosophia Christã, que tem a seu favor a auctoridade de S. Bernardo, Sancto Anselmo

Alberto o Grande e S. Boaventura, da Philosophia finalmente de Sancto Thomaz d'Aquino, sabios todos que foram a gloria da Egreja e a admiração do mundo (1).

Secundemos pois o louvavel e sancto empenho do Vigario de Christo na terra, que, firme na esperanza de que Deus Nosso Senhor ha de converter o mal em bem, quando lhe aprouver, não cessa de aconsellar e recommendar o que devemos fazer para apressar esse desejado momento. E se, como não pôde deixar de ser, devem collocar-se ao seu lado todos os que amam a Religião e a Patria, os Seminarios catholicos, mais que todos, devem cumprir este dever e dar este bom exemplo.

E não se diga que a Egreja pretende com aquella restauração pôr barreiras ao progresso scientifico, fazer retrogradar a philosophia aos tempos tenebrosos da idade media, matar a liberdade das escholae, e apagar, com a sciencia d'um frade do seculo XIII os clarões luminosos de Kant, Hegel, Krause e Comte.

O dever de não abusarmos demasiadamente da vossa benevolencia, Senhores, não nos permite responder a estas objecções, como poderia fazel-o a curteza do nosso entendimento. Diremos, todavia, que accusar a Egreja de querer pôr barreiras ao progresso scientifico é fazer-lhe grande injuria, porque não houve nos seculos passados, não ha nos presentes, e não haverá nos futuros instituições alguma que seja mais solícita pela cultura scientifica dos seus filhos. E a propria Encyclica *Aeterni Patris* é uma prova bem evidente de quanto ella acata e respeita os foros e o poder da razão humana, e de quanto se empenha, até pelo seu proprio interesse, no progresso de todas as sciencias: pois, segundo dizem o cardeal Wiseman e o sabio Hettinger, o verdadeiro progresso scientifico termina por converter-se em apologia do christianismo, e já antes Bacon tinha dicto que a pouca sciencia nos afastava de Deus, mas que a muita nos conduzia para Elle.

A Egreja, pois, quer o progresso e o estudo profundo de todas as sciencias, incluindo as physicas e as mathematicas; mas o que não quer são os sabios que, apenas com umas simples noções de chimica e geologia, e com as observações feitas em um silex qualquer, julgam, muito senhores de si, que podem argumentar contra a Biblia e destruir a Religião e o seu Auctor.

— Quer a civilisação, o progresso e todos os melhoramentos materiaes que cercam a nossa existencia de esplendor, de encanto e de belleza, progresso e melhoramentos que ella está continuamente louvando e abençoando pela bocca dos seus Papas, dos seus Bispos e dos seus Ministros; mas o que não quer é que se reduza tudo só á materia, e que se julgue que se pôde salvar o mundo com o vapor, com a electricidade, com os prodigios da industria e com as applicações da dynamite, ou que se pôde restituir a paz ás nações conturbadas, o respeito á Auctoridade, a obediencia ás leis e a honestidade aos costumes só com a abundancia do ouro e das riquezas.

(1) Supponos que na recitação, quando queriamos dizer *Philosophia Christã*, dissemos *Philosophia de Sancto Thomaz*.

—Quer que se estudem todas as sciencias sociologicas e experimentaes; que se estude o direito, que se estude a medicina; mas não quer que se vote ao desprezo o conhecimento do Soberano creador de todas as cousas, o conhecimento do homem e dos deveres que tem para comsigo mesmo, para com os outros homens, com quem vive em sociedade, e para com Deus, de quem vem como seu primeiro principio, e para quem vai como seu ultimo fim.

—Quer o estudo da verdadeira Philosophia que, dando as mãos á Religião de que é irmã, como filhas que são ambas da mesma intelligencia infinita, ponha como fim de todos os seus trabalhos e lucubrações o melhoramento da vida practica do homem e da sociedade; mas não quer o estado philosophico moderno, que ou vai para um falso idealismo, que chega a negar as realidades exteriores das cousas, ou para um materialismo grosseiro, que nega a alma e nega a Deus.

—Quer finalmente a verdadeira evolução racional, que nos leva do visivel para o invisivel, do creado para o increado, do finito para o infinito, da obra para o obreiro e do mundo para Deus.

Mas desculpae-nos, Senhores, porque vamos abusando muito da vossa attenção, e entrando no campo da sciencia, que é vedado aos nossos poucos estudos, e á nossa qualidade de presidente apenas honorario d'esta Academia.

Emendamo-nos já, e vamos dar a palavra ao distincto e talentoso Academico, Sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos.

Depois dos discursos dos M. RR. Senhores doutor Luiz Maria da Silva Ramos, Arcediago Antonio José da Silva, Vice-Reitor do Seminario, doutor Augusto Eduardo Nunes e Conego Alves Mendes da Silva Ribeiro, e das poesias que recitaram o R. José Manuel de Moraes, e os Alumnos do Seminario Camillo Ferrão e Annibal d'Azevedo, encerrámos a Academia pela fórma seguinte:

Vamos encerrar a nossa Academia, e não obstante a benevolencia com que vós, senhores, a tendes favorecido, o que muito vos agradecemos; não obstante as melodias de suavissima musica, o esmalte das poesias e a elevação dos discursos, todos admiraveis pela profundeza e verdade das doutrinas, e pelo ornato e elegancia da fórma, deve estar já muito cansada a vossa attenção, o que muito sentimos e de que vos pedimos desculpa. E ainda que nós agora não devíamos cançal-a mais, nem fazer descer com a nossa palavra, pobre e desataviada, o que ficou tão alto, permittir-nos comtudo, senhores, que desafoguemos convosco as grandes consolações que tem derramado em nossa alma esta brilhante e majestosa festa litteraria.

Ao passo que vemos por muitas partes cada vez mais accentuada a guerra á Igreja e ao Clericalismo, como hoje dizem, por julgarem erradamente que o Clero, a despeito do que tão eloquentemente acaba de expôr o Sr. Dr. Eduardo Nunes, se oppõe á civilisação e aos progressos da so-

cidade, e que pretende voltar á theocracia, á inquisição, ao obscurantismo e a antigos regimens, hoje impossiveis, como diz um sabio Bispo de França (1):

— Ao passo que vemos alimentada esta guerra tambem pelas questões partidarias, e pela errada supposição de que a Religião só deve ser para alguns partidos, e de que não deve ser catholico senão quem pertencer a esses partidos (2):

— Ao passo que estes funestos exclusivismos (3) estão fazendo com que muitos politicos e homens importantes julguem a Igreja incompativel e inimiga das nossas instituições modernas; e com que muitas consciencias catholicas, que são do seu tempo, se acanhem e retraiam na defesa das suas crenças, e nas manifestações da religião e do culto Divino, por não quererem comprometter com a sua fé religiosa a sua fé politica (4):

— Ao passo, finalmente, que tão prejudiciaes e lamentaveis prevenções estão por toda a parte desunindo os filhos da Sancta Igreja, separando a auctoridade civil da auctoridade ecclesiastica, e semeando desconfianças, odios e malquerenças onde só devia haver mutuo auxilio, respeitosa benevolencia, e constante e sincera cooperação: na capital da Sancta Igreja de Coimbra, dentro de seu Seminario, e sob a presidencia d'um humilde Bispo portuguez, vêem-se, em paternal e doce união, clerigos e seminaristas, differentes auctoridades litterarias, politicas e civis d'esta terra, respeitabilissimos cavalheiros, e generosos mancebos de todas as faculdades academicas da Universidade, ouvindo todos, sem distincção de partidos e de opiniões politicas as doutrinas da religião e da Igreja.

E não é só agora, e não é só aqui, que isto succede. Desde a nossa elevação ao Episcopado, e tanto nas cidades como nas villas e aldeias, temos visto sempre em volta de nós, desculpando a humildade da nossa pessoa e respeitando a nossa auctoridade, todos os nossos Amados Diocesanos, auctoridades e cidadãos, clerigos e seculares, nobres e plebeus, ricos e pobres, pequenos e grandes. E para estas demonstrações de respeito e amor, que muito nos commovem e edificam, têm concorrido differentes causas, que nos abstemos de expor, por estar a hora muito adeantada (5).

Porém não se diga que esta feliz concordia, e que este accordo e união da auctoridade ecclesiastica com a civil, provém de relaxação ou de condescendencias nossas com prejuizo da justiça e dos interesses da religião e da Igreja.

(1) São as palavras textuaes do Sapientissimo Bispo d'Amiens, muito considerado pela Sancta Sé, e muito respeitado por toda a Imprensa incluindo a catholica; e estas mesmas idéas foram exprimidas já ha 40 annos em um discurso que proferiu no seu Seminario um respeitabilissimo Bispo Portuguez.

(2) Nestas palavras, que fielmente proferimos, tanto nos quizemos referir aos partidos que julgam necessario pertencer-se aos mesmos para se ser catholico, como aos que se julgam dispensados de serem catholicos por pertencerem a outros.

(3) Vide esta nota no fim.

(4) São idéas e palavras do mesmo Sapientissimo Bispo e tão applicaveis ao nosso paiz, que nos parece que ninguem podera contestar a verdade que encerram.

(5) Vide nota no fim.

Estão ahi os factos para provar o contrario, e que nós não expomos agora tambem pelo mesmo motivo (1). Confessamos só o muito que devemos aos nossos Amados Diocesanos e a Deus Nosso Senhor por ter favorecido e beneficiado tanto esta Diocese, não obstante a indignidade do seu pastor.

Façamos pois todos por continuarmos a merecer estes beneficios, e por mantermos a paz e harmonia, o mutuo auxilio e respeito que aqui ha entre o sacerdocio e o imperio, entre o clero e os fieis.

E vós, dignissimas auctoridades e cavalheiros, que vos dignastes de honrar o nosso solio e esta festa litteraria com a vossa assistencia, acceitae o testemunho do nosso respeito e gratidão, e a certeza de que faremos sempre toda a diligencia para, sem quebra dos nossos direitos, não desmerecermos a benevolencia que tendes para connosco, e que muito vos agradecemos. E no vosso proprio interesse, no interesse da civilisação e da ordem publica, protegeei e auxiliaei sempre com a vossa auctoridade e com o vosso exemplo a Religião Sancta que professamos e o seu culto Divino, para que seja cada vez mais salutar e benefica a influencia que ella exerce no bem dos povos.

E vós, dignissimos Academicos e oradores da Academia de Sancto Thomaz d'Aquino, que hoje se inaugura mais solemnemente; dignissimos redactores e collaboradores do seu órgão na imprensa — *As Instituições Christãs*, e dignissimos professores e empregados d'este Seminario, sêde gratos tambem a estas cortezias para com vós; acceitae os nossos louvores e agradecimentos pelos importantes serviços que nos prestais; não vos desvieis nunca do bom caminho em que vai o vosso jornal, e que muito vos louvamos; e com os vossos talentos, com o vosso saber e com a auctoridade do vosso nome e da vossa posição social e litteraria, continuae a defender a Igreja e o seu Chefe Supremo, a causa de Deus e das almas, nas Academias, nas cadeiras, no pulpito, no jornal e no livro; e, para que a vossa defesa produza fructos de benção, tomae para bandeira d'ella a cruz e só a cruz, a cruz que é o unico estandarte do Apostolado verdadeiro e sincero, a cruz e só a cruz que é de todos e para todos. Fallae aos povos, aos partidos, ás auctoridades e aos reis, mas não vos esqueçais, como diz Balme, de que acima dos partidos está a religião, e de que acima das auctoridades e dos reis está Deus. Prégae a uns e a outros as verdades eternas, o cumprimento dos deveres religiosos e a moral christã, mas acantelaes-vos, e evitaes tudo o que possa concorrer para os desunir e separar. Não imiteis o nosso seculo, que parece querer separar o que Deus uniu — a Igreja do Estado, a sciencia da fé, a philosophia da religião, a eschola do crucifixo, o ensino e a educação do catechismo, e os individuos e as familias das graças e benções celestes.

Seja outro o nosso caminho. Ministros da paz, da caridade e do amor, demo'-nos do mesmo modo a todos os partidos, ou sejam vencidos ou vencedores, para os approximar e unir na concordia e na paz; demo'-nos do mesmo modo a todos os homens, ou pertençam a uns ou pertençam a

(1) Vide nota no fim.

outros, ou sejam justos ou peccadores. Para todos se hasteou a cruz no calvario, e sobre todos quer Deus derramar o orvalho da sua graça Divina. Procuremos pois salvar-os a todos com a mesma fé, com a mesma esperança e com a mesma caridade. Abramos para todos os nossos templos; sejam de todos e para todos as nossas festas religiosas; e, levantando um muro em volta do nosso Bispado para que não passem para cá as grandes impiedades, luctas e perseguições que vemos ao longe, estabeleçamos nelle uma Associação catholica e um partido catholico — a Associação catholica de todos os nossos Amados Diocesanos, e o partido catholico de todos os fieis, nossos Amados Filhos. E para que este movimento scientifico religioso produza tão bons resultados, imitae as virtudes e o exemplo do vosso patrono, Sancto Thomaz d'Aquino, e segui os conselhos e recommendações do nosso Sanctissimo Padre Leão XIII, que se dignou de honrar e favorecer a nossa Academia com a sua benção Apostolica chegada ha pouco pelo telegrapho, a qual em Seu Nome vamos conceder-vos com toda a effusão da nossa alma.

Benedictio Dei Patris omnipotentis descendat super vos et maneat semper. In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.

Notas. — 1.^a Censuram e reprovam estes exclusivismos o nosso Sanctissimo Padre, Leão XIII, e não poucos Bispos Catholicos, declarando unanimemente que a Egreja não prescreve nem adopta de preferencia nenhum regimen politico: que tem soffrido com todos, mas que a todos se accomoda e com todos vive, observando elles o direito e a justiça que ella deve ensinar e prégear a uns e outros, sem deixar de tomar as precauções devidas para que as diferentes evoluções sociaes não quebrem o vaso precioso que leva nas mãos, e que encerra, com a salvação do mundo, todos os elementos de verdadeiro progresso, e todas as garantias de paz e felicidade publica.

Não peçais á Egreja, diz o muito sabio Bispo de Amiens, a sua preferencia ou predilecção por uma fôrma politica qualquer, monarchica ou republicana, porque ella evidentemente não vol-a pôde conceder sem comprometter a missão universal de que está encarregada, e segundo a qual deve dirigir-se a todos os regimens com igual benevolencia, com igual respeito e com o mesmo amor.

2.^a Estas causas são o auxilio divino, que não cessamos de pedir e implorar; o nosso character de ministro de Jesus Christo e successor dos Apostolos, ainda que indigno, as diligencias que fazemos para tornar proveitosas as nossas visitas episcopaes, a fé e os sentimentos religiosos dos nossos Amados Diocesanos; o bom exemplo que dão as auctoridades e cavalheiros das differentes localidades, cercando de cortezias e respeitos o seu Prelado, e tambem a nossa completa e bem sabida neutralidade em relação a todos os partidos politicos que dividem a nossa terra, neutralidade em que nos confirmam cada vez mais as lições da experiencia e da historia. O nosso partido é o da religião, da verdade e da justiça; e o respeito que temos hoje pela monarchia constitucional, tel-o-iamos amanhã

do mesmo modo pela monarchia absoluta, e no dia seguinte por outra qualquer fôrma de governo que o paiz escolhesse e adoptasse como mais conforme ao seu temperamento, aos seus interesses, á sua religião, aos seus costumes e á sua civilisação.

Reconhecemos com o Sanctissimo Padre Leão XIII, nosso mestre e nosso guia, que o poder vem de Deus; mas que aos povos pertence escolher a pessoa ou pessoas que o hão de exercer e o modo como. Nada pois temos com essa escolha na nossa qualidade de Bispo e de ministro de Jesus Christo. E será sempre erro flagrantissimo, accrescenta o mesmo sabio Bispo, collar o altar ao throno, porque, despedaçado o throno, pôde despedaçar-se tambem o altar; e este não se fez para se collar ao throno dos Reis, ou ás cadeiras dos Presidentes das Republicas, ou ás dos Ministros, ou ás dos Deputados. É mais alta e mais serena a região, em que deve collocar-se para conquistar e merecer o respeito e a veneração de todas as classes, de todas as intelligencias e de todos os partidos.

Todavia não se julgue que nós queremos isolar o Padre da sociedade, e circumscrever a sua missão só á vida mystica e contemplativa, só aos fervores da oração, á administração dos sacramentos e á salvação das almas, como pretendem não poucos dos seus inimigos, para se livrarem talvez do prestigio e influencia que elle tem no meio dos povos. Vai muito mais além o dever do sacerdote christão, como temos ponderado ao nosso amado clero em diferentes cartas pastoraes. A religião Sancta que professamos não cuida só da bemaventurança na vida futura, mas tambem da felicidade na vida presente; e o Ministro de Jesus Christo, que não vive no espaço, mas na sociedade, e que reúne ao seu character sacerdotal a sua qualidade e direito de cidadão, não pôde nem deve ser indifferente ao bem ou ao mal da sociedade em que vive, e por consequencia á politica do seu paiz, que tão poderosamente concorre para um ou para outro.

Cumprê-lhe por isso nesta parte advogar, fóra das suas funções religiosas, os principios do direito e da justiça, e aconselhar o exercicio livre e consciencioso dos direitos politicos, e especialmente do de votar em todas as eleições geraes ou parciaes por ser este o mais importante, e de que provem maior bem ou maior damno para os interesses sociaes; e além d'isso pôde tambem com o seu exemplo beneficiar a politica do seu Paiz, indo votar nas diferentes eleições só nos homens dignos e honestos, e conforme tão sómente com os dictames da sua consciencia, e tendo sempre a maxima cautela para não prejudicar com o exercicio dos seus direitos de cidadão a fidelidade no cumprimento dos seus deveres como ministro de Jesus Christo, e para não ferir os interesses da religião, a que deve attender primeiro que tudo, com os zelos pouco prudentes e discretos pelos interesses da politica. É por isso da maior necessidade e conveniencia, que não entre nas luctas e contendas eleitoraes filiado e arregimentado nos partidos e facções politicas, para não converter em inimigos da Religião e dos seus ministros aquelles que por esse facto se reputarem os seus adversarios politicos.

Quem, desapaixonado, meditar seriamente no que sobre este ponto tem succedido no nosso Paiz, ha de convir necessariamente, em presença dos

11 Bispo d'Amiens

factos, que muitas das medidas governativas que nelle têm prejudicado a Religião e a Igreja antiga e modernamente, foram tomadas não tanto com o fim de prejudicar e offender uma e outra, como para tirar vingança e desforço dos seus ministros, que partidariamente combateram os governos ou os partidos que as decretaram.

E não admira isto muito, porque, mesmo em relação áquelles que nunca entraram nestes combates, e que nunca pertenceram nem pertencem a partidos alguns, raras vezes estes e os seus jornaes se conservam na posição serena da verdade e da justiça.

Conhecem tudo isto muito bem os nossos RR. Parochos e cooperadores, e parece-nos que não precisamos já de continuar a recomendar-lhes, como temos feito constantemente, que se abstenham de entrar nas questões agitadas e violentas dos partidos, e nas temerosas luctas e contendendas eleitoraes; porque as suspensões de beneficio e do uso de todas as ordens que temos imposto a muitos por este motivo, e de todos os partidos indistinctamente; as difficuldades, trabalhos e desgostos que têm vindo para outros pelo mesmo motivo, e os beneficios ecclesiasticos de que têm sido excluidos não poucos unicamente por causa do seu sestro politico, a todos tem levado o desengano de que da sua interferencia em semelhantes contendendas não vêm quasi sempre senão incommodos e desgostos para elles, embaraços e difficuldades grandes para o bom desempenho do seu ministerio. E para que se não illudam a este respeito os RR. Parochos e Clerigos que vieram de novo para o nosso Bispado, e que não têm conhecimento ainda d'estes factos e das nossas pastoraes e providencias a respeito d'elles, transcrevemos no fim d'estas notas as ponderações que em 1878 fizemos ao Governo de Sua Majestade para serem excluidos do provimento em um beneficio ecclesiastico dos melhores d'esta diocese todos os concorrentes ao mesmo provimento por se terem envolvido em luctas eleitoraes, e isto não obstante serem muitos os concorrentes e alguns d'elles Parochos dignos e com muitos annos de bons serviços; ponderações que, não obstante as exigencias da politica, foram plenamente attendidas, abrindo-se novo concurso por provas publicas para o provimento do mesmo beneficio. Conheçam pois os Presbyteros d'esta Diocese que devem habilitar-se para os beneficios ecclesiasticos perante o seu Prelado e a sua Camara Ecclesiastica, e não perante as Secretarias de Estado e as Administrações do Concelho.

3.^a Ahi está a justiça, sempre observada na collação e provimento dos beneficios ecclesiasticos d'este Bispado, não obstante as exigencias em contrario da politica e dos patronatos:

Ahi está o nosso clero cada vez mais instruido, mais zeloso e honesto, e cada vez mais dedicado ao seu Prelado, não obstante a inteireza e inflexibilidade da disciplina:

Ahi está a consideração e respeito com que elle é tractado nesta cidade e em toda a Diocese, e a firmeza e exempção com que são defendidos os seus direitos, e sustentada a sua justiça perante o Real Padroeiro:

Ahi estão os grandes augmentos d'este Seminario, o numero cada vez

maior dos seus ordinandos, o melhoramento da sua disciplina sem comparação nenhuma com o que era antigamente, e os serviços que estão prestando na vida parochial os que d'aquí sahem para ella, como é confessado e sabido em todo o Bispado :

Ahi estão as funcções religiosas cada vez mais concorridas, mais respeitosas e devotas, e o culto divino cada vez mais levantado e pomposo não só nesta cidade, mas nas freguezias ruraes :

Ahi está o empenho e zelo que se tem desenvolvido ha annos pelo asseio e decencia dos templos, tendo-se feito alguns de novo, andando outros em construcção, obras e reparos em muitissimos, não esquecendo a nossa Sé em que se tem dispendido ha annos bastantes contos de réis :

Ahi está o facto de não haver culto algum neste Bispado que não seja o catholico, e o de não ter havido ainda nelle, mercê de Deus, baptizado, casamento e enterro algum civil, á excepção de dois enterros, incluindo o de um estrangeiro, que foram civis por não darmos licença para serem catholicos (1) :

Ahi está o rendimento das esmolas da Bulla da Sancta Cruzada, elevado no nosso antigo Bispado da quantia de 1:700\$000 réis á de 7 contos approximadamente ; os roes dos confessados com pouquissimos dos nossos Amados Diocesanos em aberto no cumprimento dos preceitos quaresmaes, e dezenas e dezenas de milhares d'elles por nós já confirmados em 200 freguezias approximadamente que já visitámos :

Ahi estão os testemunhos de consideração que em differentes cartas nos tem dado o nosso Sanctissimo Padre Leão XIII e o seu venerando Antecessor de sempre saudosissima memoria :

Ahi estão finalmente estes factos, e alguns outros, attestando bem que a Religião não está decadente, e que a disciplina não está relaxada na Sancta Igreja de Coimbra, apesar da indignidade do seu pastor.

E não julgue ninguem que expomos estes factos para nos gloriarmos, Deus sabe que não é esse o nosso fim, e que não queremos nem temos nada de que nos gloriemos. Expomol-os pela necessidade em que infelizmente nos vemos de zelarmos, não a nossa pessoa que nada vale e nada merece, mas os creditos e reputação do nosso Bispado, que estimamos e presamos mais que tudo.

Copia. — ...Dadas por esta fôrma as informações por V. Ex.^a pedidas ácerca de cada um d'estes Presbyteros, e notada quasi em todos a circumstancia de se terem involvido em luctas eleitoraes, não julgue V. Ex.^a, e não julgue ninguem que eu quero privar os Parochos e Clerigos do meu Bispado de exercerem os direitos politicos que a lei lhes concede, ou que reputo impedimento para os beneficios ecclesiasticos o exercicio dos mesmos direitos, exercicio que aliás póde algumas vezes ser de grande utilidade

(1) Os jornaes disseram ha tempo que se tinha feito um baptizado civil, como dizem, em um Concelho d'este Bispado; mas Deus Nosso Senhor abençoou os meios que empregámos para que o seu unguido não tivesse tão grande desgosto. Ao registro civil na Administração do Concelho seguiu-se ou vai seguir-se já o baptizado na Igreja com grande alegria e satisfação nossa.

para o bem publico. Nada d'isto, e antes pelo contrario eu desejo que o Clero intervenha com o seu voto consciencioso na governação do Paiz, e muito confio no bom serviço que por este modo poderia prestar-lhe; mas, em quanto elle se não desprender das questões irritantes e pessoas das localidades, a que o fazem descer nem sempre pelo motivo do bem publico, mas a maior parte das vezes como instrumento de caprichos, odios e discordias; em quanto elle se não levantar, unido e forte no seu grande poder e influencia, para na elevação do seu character e do seu ministerio propugnar só pelo que for mais justo e mais conveniente para a Igreja e para o Estado—que males não resultam para elle e para a religião da sua intervenção menos comedida nas luctas eleitoraes, attenta a intolerancia, a injustiça e os acirramentos dos partidos?

Os mesmos partidarios que, a proposito dos clérigos que os seguem, exaltam a interferencia do clero na politica, e a obrigação que tem o Parocho de aconselhar os seus freguezes no exercicio dos seus direitos politicos, insurgem-se no mesmo momento e ás vezes no mesmo lugar contra semelhante interferencia com relação aos que lhes são adversos, e proferem contra elles os maiores desatinos e juram as maiores vinganças.

Naquelles, por maiores que sejam os seus desregramentos, não vêem senão bondades e virtudes que o Prelado deve louvar; nestes, por mais honestos que sejam, não vêem senão immoralidade e corrupção que o Prelado deve punir.

Nuns, o pedido recatado d'um ou outro voto contra elles é um abuso e um desaforo, a que se deve obstar; noutros, as correrias de dia e de noite, e toda a sorte de ardis para conquistar em favor d'elles os votos d'uma freguezia inteira, são o exercicio d'um direito politico, que nada tem de censuravel no Parocho e no Padre.

E, o que é peor, vão muitas vezes dar desafogo ás suas paixões, concitando e levantando os freguezes contra os Parochos que lhes foram adversos. E d'aqui vem que, no fim de qualquer lucta eleitoral, são innumerados os requerimentos que eu recebo dos fieis contra os seus Parochos—uns, porque elles dão escandalo com faltas commettidas ha muito, e de que poucos já se lembram, e em que ninguem já fallava:—outros, porque se não querem confessar com elles por causa da politica, ou porque pelo mesmo motivo os não absolveram nem lhes deram a sagrada communhão;—estes, porque elles querem sujeital-os ao exame da doutrina christã, e porque se recusam a casar-lhes os filhos, ou a passar-lhes attestados, por causa das eleições;—e aquellos, porque pretendem mudar de freguezia para se livrarem do seu Parocho, que é seu inimigo politico; e assim vão estabelecendo a discórdia e sizania entre rebanho e pastor, e arrastando fatalmente a religião, os sacramentos e tudo quanto ha mais sancto e sagrado, para as luctas facciosas e apaixonadas da politica, com prejuizo da salvação das almas, do socego da parochia e do proprio interesse dos Parochos e da dignidade do seu ministerio.

Posso infelizmente comprovar com a experiencia e com factos tudo quanto affirmo; e o processo, que instaurei para conhecer das queixas, feitas por motivos eleitoraes, contra alguns dos meus clérigos por occasião

das ultimas eleições municipaes d'este Districto, é uma prova bem triste e desconsoladora da injustiça, facciosismo e intolerancia, a que a paixão politica faz descer os espiritos esclarecidos e os caracteres aliás probos e honrados.

Sendo pois isto assim, como é, pôde o Bispo em sua consciencia transigir com semelhantes males, e deixar de empregar todos os meios para furtar a elles a Religião e o seu clero? E que poderá elle conseguir com os seus conselhos e exhortações, se os Parochos e clerigos virem que, posteriormente ás luctas eleitoraes, são preferidos e collados nos melhores beneficios aquelles que nellas mais se distinguiram e excederam?

Por todas estas razões, pois, já V. Ex.^a vê quanto é de justiça e conveniencia para a disciplina da minha Diocese, e para o bem da Igreja e do Estado não collar no beneficio de que se tracta os Clerigos de que tenho tido a honra de informar a V. Ex.^a, alguns por falta de idoneidade, e quasi todos por se terem demasiado nas questões e luctas politicas das suas localidades. E não me demoro com mais explicações a este respeito, porque V. Ex.^a sabe muito bem, e sabem todos, que eu sou nisto determinado, não por alguma affeição politica, que não tenho, ou por qualquer respeito e consideração humana, mas unicamente pelos dictames da minha consciencia e pelo bem do meu clero e do meu Bispado.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 12 de julho de 1878. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.
— *Manuel, Bispo Conde.*

Advertencia final. — Mais de 500 pessoas, que assistiram á Academia de Sancto Thomaz d'Aquino, de todas as posições sociaes e de todos os partidos e cores politicas, louvaram e applaudiram unanimemente, com toda a Imprensa da terra, esta festa religiosa e litteraria: todos assistiram a ella com o maior respeito e cortezia. Só um clerigo, de fóra do Bispado, e redactor d'um jornal religioso que aqui se publica, entendeu que devia censural-a e mettel-a a ridiculo, já pela descortezia que nós vimos com que esteve na sala, de que se retirou muito cedo; já pela descripção da mesma festa que faz no jornal, na qual occulta e cala inteiramente toda a parte religiosa: — communhão geral por nós dada aos ordinandos; Missa solemne com musica vocal e instrumental, sermão e mais devoções religiosas de tarde, e Benção Apostolica concedida por Sua Sanctidade, e por nós dada no fim da Academia —; já pelo proposito que parece ter havido de calar todas estas cousas para fallar d'umas limonadeiras que vira certamente fóra do pateo do Seminario, e com o que este nada tinha; já finalmente pelo modo pouco decoroso e grave com que falla dos discursos de alguns oradores, e tambem dos nossos, attribuindo-nos idéas e palavras que não proferimos.

E não podendo, nem devendo nós deixar passar em julgado as apreciações falsas e injustas que da referida festa faz um jornal que se diz religioso, para evitar que, em razão do seu titulo, os nossos Amados Diocesanos formem conceito menos favoravel dos nossos esforços e dos dos nossos cooperadores para servirmos a causa da Religião e da Igreja; e

não permitindo o decoro da nossa auctoridade que fizéssemos pedido algum áquelle clérigo para remediar o mal que tinha feito, visto o seu anterior procedimento em relação a este Bispado: mandámos o Secretario da nossa Camara Ecclesiastica dizer na redacção que não nos mandassem mais o jornal, em vista do que dizia da Academia de Sancto Thomaz d'Aquino e dos discursos que nella proferimos, os quaes podia julgar livremente como entendesse mas não alterar.

Quizemos por este modo dar logar a que o seu redactor cahisse em si, e viesse, como clérigo que era, dar-nos as devidas explicações. Não succedeu porém assim. Respondeu ao Secretario da nossa Camara Ecclesiastica que tinha ouvido o que tínhamos dicto, quando elle já não estava ha muito tempo na sala, quando proferimos o ultimo discurso, que é aquelle de que mais se occupa; e debalde esperámos que elle viesse ou mandasse alguém dar-nos alguma explicação.

Nestas circumstancias vimo'-nos forçados a expedir no dia seguinte aos nossos RR. Arciprestes e Parochos a circular que se segue:

Circular. — Publicando-se nesta cidade um jornal que se diz religioso, intitulado a *Ordem* e redigido por pessoas de fóra d'esta Diocese; e podendo os nossos Amados Diocesanos, em razão do seu titulo, acreditar como verdadeiro o que diz o mesmo jornal com relação a este Bispado e ao seu governo ecclesiastico: julgamos dever prevenir os nossos M. RR. Arciprestes, RR. Parochos e seus freguezes de que o referido jornal nesta parte costuma occultar umas cousas, dizer outras menos verdadeiras, deturpar e desfigurar não poucas, chegando até, na noticia que dá dos discursos que proferimos na ultima Academia de Sancto Thomaz d'Aquino, a attribuir-nos idéas e palavras que não proferimos.

Paço Episcopal de Coimbra, 25 de maio de 1883. — *Manuel, Bispo Conde.*

E para se avaliar do constrangimento, desgosto e violencia com que tomámos esta providencia, e do nosso proposito, já antigo, de não fazermos cousa alguma que parecesse denotar hostilidade da nossa parte contra este jornal, unicamente por causa do seu titulo, bastará dizer que nunca o advertimos e inquietámos nem quando, entre muitas cousas relativas ao nosso Bispado deu ha pouco tempo por excomungado um Bispo Portuguez, muito illustrado e piedoso; nem quando o seu correspondente de Lisboa disse que ouvira que a sociedade dos *Livres Pensadores* que alli acabava de fundar-se ia enviar diplomas de socios honorarios aos Bispos do continente portuguez; accrescentando que achava optima a resolução dos *Livres Pensadores*. (N.º 388 de 19 de agosto de 1882.)

Lamentamos porém muito e muito que aquella nossa providencia, que é simplicissima, e que em si mesma contém os motivos que a determinaram, e as razões que a justificam, seja levada injustamente para o campo dos partidos e das paixões, com que não tem nada; e que um jornal d'esta cidade, querendo defender-nos, defesa a que somos completamente extranho, tome este pretexto para accusar e molestar os seus adversarios, e

para na mesma occasião se queixar d'uma casa religiosa digna de muito respeito e veneração, e que tem merecido e ha de merecer sempre a nossa estima, em quanto se não afastar da Regra do seu Sancto Instituto.

Todavia agradecemos o que ha de benevolencia para conosco na mesma defeza, mas não podemos deixar de a sentir e desapprovar por tractar de alguns factos alheios do assumpto e do dominio da imprensa, que nada pôde dizer nem affirmar com verdade ácerca dos mesmos.

Coimbra, 3 de junho de 1883. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 26

Se não fossem de todos bem conhecidas e justamente apreciadas as exemplares virtudes, a muita illustração, elevado character sacerdotal e nobreza de sentimentos do venerando Sr. Bispo Conde, bastaria para mostrar quanto nelle se tornam dignos do nosso profundo respeito os meritos scientificos esmaltados pelas mais acrisoladas virtudes evangelicas, o discurso por S. Ex.^a proferido na Academia de Sancto Thomaz no Seminario diocesano no dia 20 de maio.

Neste precioso documento, no qual se reúnem o valor scientifico e a utilidade practica educadora, encontramos a apreciação mais justa e a critica mais desapaixonada da philosophia do Doutor Angelico, deixando-se entrever o verdadeiro pensamento que presidiu á sabia resolução do Sancto Padre Leão XIII, quando aconselhou e recommendou o ensino d'essa philosophia em todos os seminarios catholicos, traçando em algumas paginas de incontestavel verdade e persuasiva eloquencia, o quadro grandioso da civilisação hodierna, no qual sobressahem e destacam brillantemente as instituições do catholicismo que a iniciou, desenvolveu progressivamente, e tem obrigação e necessidade impreterivel de aperfeiçoar, para o que muito pôde contribuir na opinião do Sancto Pontifice e virtuoso prelado conimbricense, que tambem soube comprehender e pôr em practica o louvavel empenho de Sua Sanctidade.

Ha neste discurso afirmações de tal modo verdadeiras, sensatas, e de uma tal imparcialidade, que muito seria para desejar que todos os bispos, que todos os parochos, numa palavra, que todo o clero que prêsa a sua dignidade sacerdotal e ama os progressos politicos da sua patria, o lessem e meditassem attentamente.

Continue o digno prelado da diocese a dar testemunhos tão solemnes, demonstrações tão evidentes da augusta sublimidade do seu character, de amor á Igreja Catholica, de dedicação á sua patria e á humanidade, de submissão e respeito ao Summo Pontifice, do qual tem sido nesta diocese incansavel cooperador, e um dos mais zelosos auxiliares em Portugal; continue o illustre prelado a educar com a sua palavra e com o seu exemplo, como bom pastor, as suas ovelhas, e a dirigir affectuosa e prudentemente

o seu rebanho, que lhe não faltarão as bênçãos do ceu, os applausos da Igreja, os louvores do Vigário de Christo, a consideração e o reconhecimento do Estado, o respeito, a sincera admiração e a affectuosa e desinteressada estima dos seus diocesanos, os quaes, particularmente os membros do clero, muito têm que aprender e muito devem aprender na leitura d'este discurso.

COPIA N.º 27

O venerando Prelado da diocese conimbricense, pela sua extrema benevolencia, costuma honrar-me com as suas cartas pastoraes e outros documentos importantes, que tem publicado, os quaes collecciono cuidadoso, porque nelles vejo o zelo com que S. Ex.^a exercita o seu difficil ministerio, e por algumas vezes tenho recorrido á imprensa para tornar publicos os meus sentimentos de estima pela sua sagrada pessoa, e de contentamento pelos seus serviços á Igreja em geral, e á sua diocese em particular. Não quiz S. Ex.^a Rev.^{ma} fazer uma excepção com referencia ao seu ultimo discurso na Academia de S. Thomaz d'Aquino, já que por me não chegar a tempo o seu convite para assistir a ella eu não pude ter o gosto de beijar mais uma vez o anel do respeitavel e respeitado Bispo. Foi no Douro que recebi a missiva de S. Ex.^a poucas horas antes da marcada para abrir-se o certamen litterario, que ia ter logar em honra do grande Dominicano.

O discurso de S. Ex.^a foi transcripto na integra neste jornal, e não podem os seus leitores adeantar mais com qualquer humilde apreciação que eu fizesse. O que me surpreendeu foi que uma oração tão correcta, recheada de sã doutrina, tão breve e destinada a uma festa meramente ecclesiastica, commemorativa do restabelecimento de uma cadeira de theologia thomista no Seminario conimbricense, em harmonia com as expressas recommendações do Supremo Chefe da Igreja na terra, dêsse motivo a censuras por parte de um jornal catholico, e que essas censuras, ainda antes de ser conhecido o texto do discurso, fossem perfilhadas e saudadas por certa imprensa politica, á qual pertence aquelle jornal. Isto me confirmou mais uma vez no tristissimo estado em que se acham os espiritos neste malfadado paiz, obscurecidos por pequenas paixões politicas, mesquinhas e injustificaveis.

Causou-me porém profunda magua, porque, quando a imprensa, que se chama catholica, briga com os Bispos, desobedecendo ás repetidas recommendações do Pontifice Romano, a que fica reduzida a sua auctoridade, como poderá ella responder com vislumbres de verdade á imprensa revolucionaria e pestifera que por ahi assola tudo?

Forçoso é dizel-o; a imprensa catholica, divorciada dos Bispos, que estão em união com a Sancta Sé, e em opposição com os conselhos saudaveis do Supremo Hierarcha, é um cadaver, porque toda a sua força dimana para ella de representar a verdade; e a verdade é a doutrina da

Egreja, em que o Papa é o Chefe e os Bispos são doutores. Ainda ha pouco vimos em Gôa um jornal catholico rebellar-se contra o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} arcebispo, uma das glorias da Egreja portugueza; vemos agora outro em hostilidade com o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo Conde; vemos a causa d'este jornal ser abraçada por outros, embora com pronunciada côr politica, mas dizendo-se sempre catholicos; e d'esta anarcúia que ha de resultar? O bem da Egreja, o remedio aos males que a affligem, a consolação para os fieis, a imposição necessaria aos poderes publicos e aos seus conselheiros para que respeitem a Religião e não golpeiem os direitos da Egreja Catholica? De certo que só loucos se convencerão de que o resultado seja este.

O triumpho é pleno para os inimigos da Religião e detractores da Egreja e dos seus institutos; e nunca elles o tiveram maior do que neste momento, em que vêem a rebellião no campo catholico.

O maior dos peccados é a soberba, origem de todos os outros; a maior virtude a humildade, porque esta avoca todas as demais.

No campo catholico a obediencia é um dever, o respeito pela auctoridade um principio, o escrupulo pela verdade um dogma. O catholico é humilde, respeitoso e verdadeiro. E pois para lamentar que se faça ostentação de ser o contrario.

Declaro muito categoricamente que não leio nunca o jornal que se arvorou em Aristarcho do Ex.^{mo} Prelado. Não leio tambem os jornaes que militam no mesmo partido politico. Disponho de pouco tempo para leituras, e desejo aproveitar esse pouco para alguma coisa mais util do que para repisar questões resolvidas. Concluo porém da circular do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde que se deturparam as palavras, as idéas e as intenções de S. Ex.^a O discurso, hoje impresso, é uma resposta solemne e completa.

Cumpre-me neste logar observar que o discurso vem acompanhado de notas e advertencias, que, sendo posteriores á circular de 25 de maio, pela qual foi prevenido o Rev.^o Clero e diocesanos do Bispado contra a veracidade, com que a *Ordem* se exprimiu a respeito do discurso de S. Ex.^a e a outros actos seus, não podiam motivar a mesma carta.

Sobre estas ouvimos reparos á parte da nota 2.^a em que S. Ex.^a parece inculcar-se completamente indifferente aos negocios politicos do Estado.

Lê-se na referida nota:

«O nosso partido é o da religião, da verdade e da justiça, e o respeito que temos hoje pela monarchia constitucional, tel-o-íamos amanhã do mesmo modo pela monarchia absoluta, e no dia seguinte, por outra qualquer fôrma de governo, que o paiz escolhesse e adoptasse como mais conforme ao seu temperamento, aos seus interesses, aos seus costumes (1) e á sua civilização.»

Este periodo seria realmente equivoco se não fosse precedido da primeira proposição. Esse respeito ás diferentes formas do governo, que o

(1) aos seus costumes, á sua religião e á sua civilização. É o que diz a Nota. E por isto, e porque eu digo nella que não quero isolar o padre da sociedade e da politica, que elle pode e deve beneficiar, não ha motivo para os reparos ou indifferença de que S. Ex.^a quiz defender-me com a sua muita bondade para comigo, á qual sou muito reconhecido.

paiz podia adoptar, para poder ser-lhes tributado, exige que esses governos tomem por base a *religião, a verdade e a justiça*.

O equívoco desaparece quanto ao escriptor, na qualidade de Prelado. Na outra, que tambem tem, de cidadão e sobre tudo de representante da nação, que é, não pôde mesmo ser-lhe indifferente a fôrma do governo, pois nos cumpre trabalhar para que seja a melhor.

É innegavel que o Sr. Bispo Conde tem prestado e continua a prestar à sua diocese assignalados serviços, e que nenhum outro Prelado o pôde egualar em actividade e energia. Graças às suas forças physicas e à sua vigorosa saude, S. Ex.^a tem visitado toda a sua diocese, e além dos grandes beneficios, que dimanam da inspecção ocular, só por meio das visitas conseguem os Prelados que o Sacramento da Confirmação seja ministrado à grande maioria dos fieis.

Mas, pondo de lado esses e outros muitos serviços, que seria facil enumerar, porque são publicos e recentes, no momento presente a questão é de princípios, e nestes não pôde haver discrepancia.

A imprensa catholica não pôde ter por scopo senão coadjuvar, cooperar e auxiliar os Prelados no desempenho da sua espinhosa missão.

Pela posição eminente d'estes não podem elles, como regra, entrar em discussão permanente com os jornaes, que de proposito disseminam a má doutrina. Uma vez por outra podem S. Ex.^{as} rebater os erros ou fallando ou escrevendo, mas a sua situação inhiibe-os de estar sempre em polemicas.

A imprensa catholica é então um auxiliar poderoso, que deve trabalhar sob a inspiração dos Mestres, revestidos do caracter sagrado do episcopado.

Tudo quanto seja sahir d'este campo é causar escandalo, prejudicar a boa causa e tornar-se nocivo em vez de ser util.

Desadoramos o procedimento de quem se julga orgulhosamente auctorizado para oppôr-se aos Bispos, como potencia a potencia.

Individualmente cada Prelado é susceptivel de errar, e o escriptor, que é independente, pôde, mas sempre respeitosamente, pedir explicações; mas em geral é regra que um Prelado só pôde annunciar a doutrina que é verdadeira.

Ha uma cousa que a imprensa catholica em caso nenhum pôde fazer: é desvirtuar as palavras e os sentimentos de qualquer orador ou escriptor; e muito principalmente, se elle é um Principe da Egreja; é indigno e improprio do seu caracter ridicularisar as pessoas d'aquelles ou os seus actos.

É para lamentar que se dêem aberrações d'esta ordem, e aquelle que por um delirio se deixou cahir nellas tem só uma defesa possivel e reparação condigna: é confessar a sua allucinação e abluir o mal causado.

A rebellião é um estado intoleravel na Egreja. Nem o justifica a paixão partidaria, nem as indisposições pessoaes, nem os agravos recebidos.

Por isto lastimando o caso que se deu ultimamente em Coimbra, só temos a louvar o discurso de S. Ex.^a Rev.^{ma}, a cultura da philosophia, em que fôra mestre o grande S. Thomaz d'Aquino, e que é tão desvelada no Seminario, encarregando-se de ensinal-a homem tão competente e douto como o sr. Silva Ramos, e esperar que o espirito de humildade entre nos conselhos d'aquelles que se deixaram arrastar até ao ponto de fazerem

frente ao pontifice, a quem Deus e a Sancta Sé confiou o governo da vasta diocese de Coimbra e Leiria. — *Conde de Samodães.*

COPIA N.º 28

Realisou-se no domingo, como previamente havíamos noticiado, a imponentissima e piedosa romaria do Rosario, organizada e dirigida pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde, um dos Prelados mais activos da Igreja lusitana.

Esta peregrinação, que teve por escopo realisar os desejos manifestados pelo grande Pontifice Leão XIII na sua ultima Encyclica sobre o Rosario, na qual ordenava aos Bispos que promovessem procissões publicas nas terras em que as circumstancias o permittissem, foi uma brilhantissima manifestação, que avivou os sentimentos catholicos dos diocesanos confiados á sabia direcção do nobre Antistite Conimbricense, e deixou gratissimas recordações a quem, como nós, foi d'esta cidade expressamente a Aveiro para assistir a esta estupenda romagem, unica que, para o mesmo sancto fim, se fez em Portugal.

Havíamos anticipadamente feito uma leve idéa da imponencia da romagem catholica de Coimbra a Aveiro; e sendo, como era, promovida e organizada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde, cujo zelo apostolico é illimitado, previamos uma manifestação respeitavel; mas, com a maxima franqueza o dizemos, a peregrinação excedeu extraordinariamente a nossa expectativa.

Aveiro nunca viu dentro de seus muros tanto povo, nem talvez jámais presenciou uma festa tão imponente e que tão gratas reminiscencias lhe deixasse.

Oh! festas d'esta ordem não podem descrever-se, porque a penna mais habil, que o tentasse fazer, apenas apresentaria um pallido reflexo do que alli se passou!

O entusiasmo dos romeiros era extraordinario, indescriptivel!

No comboio, que partiu d'esta cidade ás 6 1/2 horas da manhã, dirigiram-se para Aveiro bastantes pessoas, e em todas a estações, principalmente nas de Espinho e Ovar, aguardavam-no grande numero de individuos, a maior parte ecclesiasticos, que se iam aggregar á peregrinação. Neste comboio foram, pelo menos, umas trezentas pessoas para Aveiro.

Ás 9 1/2 horas da manhã começaram a affluir á *gare* de Aveiro os parochos d'aquella cidade e das freguezias limitrophes, innumerous clérigos, auctoridades civis, camara municipal, um piquete de infantaria 14 com o respectivo commandante e officiaes, tres philharmonicas e immenso povo. O pateo da *gare*, no comprimento approximado de 20 metros, achava-se completamente occupado e difficilmente se podia transitar; e fóra da estação, apinhadas num vasto largo, achavam-se seguramente mil pessoas.

Às 10 horas e um quarto o sibilo da locomotiva annunciou a chegada de parte dos romeiros, e uma girandola de foguetes estrondeou no espaço, annunciando á cidade de Aveiro a entrada dos peregrinos. As tres musicas, a um tempo, tocaram um mimoso hymno dedicado á Virgem do Rosario, e os peregrinos, ao apear-se, levantaram entusiasticos vivas. Este primeiro comboio trouxe 20 carruagens, completamente peçadas, vindo alguns peregrinos de pé por não terem logares. A lotação de cada carruagem é de 60 pessoas.

Às 11 horas e dez minutos o sibilar da locomotiva annunciou a chegada d'outro comboio. Nova girandola de foguetes se fez ouvir e as musicas romperam com o hymno da Virgem do Rosario. Neste chegou o nobre Antistite Conimbricense, acompanhado de seu illustre irmão, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Prior de Cedofeita, do Ex.^{mo} Cabido, Parochos e Clerigos, dos Seminaristas, de algumas irmandades, etc.

Apenas parou o comboio, que era composto de 22 carruagens, romperam estrepitosamente os vivas ao illustre Prelado de Coimbra e á cidade de Aveiro, vivas espontaneos, vindos do amago d'alma, que bem mostravam a sincera amizade e respeito que aquelle povo devota ao seu nobre Prelado.

S. Ex.^a Rev.^{ma} apeiou-se do carro-salão, em que vinha, e foi cumprimentar a camara e as auctoridades, agradecendo-lhes a sua presença alli e pedindo-lhes desculpa do incommodo que lhes havia dado.

O povo tentou abrir alas para deixar passar o illustre Antistite, mas não o conseguiu, porque os mais arrebatados lançaram-se em tropel aos pés do seu Pastor, embargando-lhe a passagem, a fim de receber a sua benção e beijar-lhe o sagrado anel.

Era uma confusão enorme! Todos corriam, pressurosos, a prestar tributo de respeito e consideração ao popular Prelado, e almejavam a honra de receber a sua benção.

O bondoso Antistite nem um só momento mostrou signaes de enfado. O sorriso candido, que lhe é peculiar, transparecia-lhe ininterruptamente nos labios e para todos tinha palavras affaveis, repassadas de bondade.

Houve um momento em que só se divisava a figura austera, imponente, majestatica do nobre Prelado, que sobresahia da massa compacta rojada a seus pés para lhe oscular o anel.

O delirio attingiu o seu zenith!

Às 11 horas e 45 minutos chegou o terceiro e ultimo comboio, composto de 20 carruagens. Os romeiros apeiaram-se levantando vivas, e em seguida S. Ex.^a Rev.^{ma}, já devidamente paramentado e mitrado, mandou organizar a procissão pelos mestres de cerimoniaes, deputados para esse fim, e poz-se tudo em marcha para a igreja de Nossa Senhora do Rosario, percorrendo o itinerario traçado previamente.

Abriam o prestito quatro soldados de cavallaria. Seguia-se o pendão da Senhora do Rosario, atraz do qual iam os meninos orphãos da Sancta Casa da Misericordia de Coimbra, irmandades de sanctos e sanctas das cidades de Aveiro e Coimbra e das freguezias ruraes, irmandade da Rainha Sancta Izabel de Coimbra e da Princeza Sancta Joanna de Aveiro, irmandades e

confrarias de Nossa Senhora, de Aveiro, Coimbra e das freguezias ruraes, irmandades e confrarias do Senhor das duas cidades e das freguezias ruraes, Ordens Terceiras de Coimbra e Aveiro, andor de Nossa Senhora do Rosario, Parochos e Clerigos das duas cidades e das freguezias ruraes, professores de sciencias ecclesiasticas de Aveiro, e o Ex.^{mo} Cabido de Coimbra, 14 anginhos com emblemas e disticos allegoricos, e, em seguida, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde conduzindo o Sancto Lenho debaixo do pallio, devidamente acolitado e revestido de capa de asperges e mitra. Após o pallio iam a camara municipal e as differentes auctoridades, duas musicas, a força militar com os respectivos commandante e officiaes e grande numero de fieis.

Intermeiando a procissão, iam tres philarmonicas.

Seis mestres de cerimonias dirigiam a procissão: um, desde o pendão da frente até ao fim da irmandade de Sancta Joanna: outro, todas as confrarias e irmandades de Nossa Senhora; outro, todas as irmandades e confrarias do Senhor; outro, as Ordens Terceiras de Coimbra e Aveiro; outro, os ordinandos das duas cidades; outro, finalmente, o Rev.^{mo} Cabido e clero das cidades de Aveiro e Coimbra e das freguezias ruraes.

O Rev.^{mo} Parocho de Nossa Senhora da Gloria recebeu a procissão e dirigiu a entrada do cortejo na sua egreja.

A 1½ horas da tarde começou a missa, que foi de assistencia pela estreiteza do tempo não permittir que fosse de Pontifical. Cantou-a o Rev.^{mo} Conego Arcipreste e Parocho da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, acolitado pelo Rev.^{mo} Cabido de Coimbra.

A musica foi regida pelo Rev.^{mo} Padre Manuel Ferreira.

Ao Evangelho subiu ao pulpito o bem conhecido orador, dr. Eduardo Nunes, que já tivemos o prazer de ouvir nesta cidade. O seu verbo eloquente teve, por vezes, arroubamentos sublimes.

À distancia a que nos encontravamos do pulpito, o qual, por ordem de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo Conde foi mandado collocar juncto da porta para o sermão poder ser ouvido não só pelos fieis que se achavam apinhados dentro do templo, mas pelos que, em grande numero, se conservavam fóra por não terem logar dentro, não nos foi possivel ouvir toda a oração do illustre orador, honra e lustre do pulpito portuguez. Apesar d'isto, tentaremos dar uma leve idéa do sermão de S. Rev.^{ma}, promettendo publicar brevemente o exordio de tão brilhante oração, que obsequiosamente nos foi promettido pelo verboso prégador.

S. Rev.^{ma} disse que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde, zeloso, como é, pelo bem espiritual dos seus diocesanos e respeitador fiel e admirador constante do grande luminar que ora preside á Egreja de Deus, — o sabio Leão XIII —, não lhe soffria o animo ficar mudo ante as solicitações do illicito varão do Vaticano, que ordenou a prece do Rosario para que Deus dê melhores dias á verdadeira Egreja, que no tempo actual está passando por grandes provações.

Ha occasiões em que Deus, disse, pouco mais ou menos, o illustre orador, parece abandonar a sua Egreja aos seus inimigos, e na epocha actual é que se tem accentuado mais este abandono. Por isso o sabio Piloto da

Barca de Pedro, sentinella vigilante da Egreja, manda recitar o sancto Rosario para chamar as misericordias divinas sobre os catholicos de todo o orbe e sobre a sua Egreja. O Papa mandou resar, e que fizestes vós? A voz do Pastor Conimbricense, que solicitou as vossas preces em harmonia com os sentimentos do sabio Leão XIII, respondestes do modo o mais brilhante possível, vindo em piedosa romagem ao templo de Deus endereçar-lhe piedosas preces e resar pela intenção do Papa.

Accrescentou que a piedosa romagem fazia com que o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra viesse hoje estreitar mais intimamente os laços que o ligavam a Aveiro.

Disse mais que o respeito, a confiança e o amor são os sentimentos que devemos ter, ao recitar o sancto Rosario.

A essencia do thema de S. Rev.^{ma} foi demonstrar que esta devoção era actualmente tão necessaria, como quando foi instituida por Domingos de Gusmão.

Terminou pedindo á Virgem Sanctissima que illumine o sabio Leão XIII.

Depois de terminada a missa, S. Ex.^a Rev.^{ma} deu a benção papal aos romeiros, a qual tinha sido impetrada de Leão XIII pelo Sr. Bispo Conde, e que prompta e gostosamente foi concedida pelo augusto Prisioneiro do Vaticano.

Em seguida o digno Antistite desceu da sua cadeira e dirigiu-se pela egreja abaixo. Nesta occasião deu-se uma scena commovente. O povo e o clero rojados no chão, solicitavam a benção de S. Ex.^a Rev.^{ma} e a honra de lhe beijarem o anel. A agglomeração era tanta e o desejo de se appropinquarem do seu Pastor tão vehemente, que o digno Antistite era levado quasi no ar pelos fieis. Alguns vimos, e não em pequeno numero, com as lagrimas em borbotões pelas faces.

Eram 4 horas quando a missa terminou.

Fôra da egreja aguardava o illustre Prelado uma carruagem, que o conduziu, junctamente com um ecclesiastico, para a sua residencia, outr'ora pertencente ao convento de Sá.

Para casa de S. Ex.^a Rev.^{ma} dirigiram-se, a pé, os ecclesiasticos que o acompanharam de Coimbra, bem como seu illustre irmão, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Prior de Cedofeita.

Ás 5 horas e um quarto chegou o nobre Antistite á estação do caminho de ferro de Aveiro, onde foi acclamado com enthusiasmo pelos peregrinos, que já lá se achavam.

Aguardavam-no na estação um piquete de infantaria 14, tres musicas, grande numero de ecclesiasticos, etc.

Ás 6 horas da tarde partiu o primeiro comboio para Coimbra, reinando sempre grande enthusiasmo; e ás 6 e 40 minutos partiu o segundo e ultimo, que conduziu S. Ex.^a Rev.^{ma} e o seu sequito, bem como o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Prior de Cedofeita, que acompanhou seu illustre irmão á sua diocese.

Por occasião da partida foram levantados vivas pelos peregrinos ao Sr. Bispo Conde e ás cidades de Coimbra e Aveiro.

A romaria correu sempre na melhor ordem, não havendo a lamentar a mais leve occorrença desagradavel.

Só o espirito catholico, que presidiu sempre a tão imponente festa, é que poderia deter as quinze mil pessoas que se acotovelavam pelas ruas, tal é a cifra dos romeiros que, segundo os nossos calculos, que julgamos seguros, se achavam no domingo dentro dos muros de Aveiro.

Só de Coimbra vieram, approximadamente, seis mil pessoas, e calcula-se que viriam mais umas duas mil se na noite de sabbado para domingo não tivesse chovido, motivo que afastou muitos romeiros, que não quizeram supportar as inclemencias do tempo.

Felizmente, porém, o tempo esteve um pouco benigno. Durante o trajecto da procissão apenas cahiram uns orvalhos de chuva, quando ella estava a entrar na igreja de Nossa Senhora da Gloria. Depois, quando se estava á missa, é que vieram fortes bategas de agua, que não conseguiram fazer dispersar os romeiros, que estavam fóra da Igreja. Abriram-se os guardas-chuvas e todos ficaram no seu logar.

A estação de Aveiro estava embandeirada; e todas as ruas, que a procissão percorreu, estavam galhardamente embelezadas com bandeiras, todas as janellas adornadas com colgaduras de damasco e algumas ruas tapetadas de murta e heras.

De muitas janellas as senhoras atiraram flores desfolhadas sobre o prestito, e muito principalmente sobre o pallio, debaixo do qual ia o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Prelado.

Á vinda para Aveiro em todas as estações, excepto na de Oliveira do Bairro e Mogofores, aguardava a passagem de S. Ex.^a Rev.^{ma} uma musica.

O enthusiasmo por toda a parte era enorme, indescritivel!

Ouvimos dizer a pessoas competentes que a imponencia da romaria excede a expectativa do nobre Prelado. Assim seria, e congratulamo'-nos intima e sinceramente pelo digno Antistite Conimbricense ver coroado do mais extraordinario exito os seus esforços.

O dia de domingo ficará perduravelmente gravado na memoria de todos aquelles que tiveram a felicidade de assistir a tão imponente manifestação catholica, e será mais uma pagina brilhante que se ajunctará á historia do sabio e fructifero governo pastoral do nobre Prelado de Coimbra.

Honra, pois, a S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo Conde pelo zelo pastoral que tem desenvolvido na sua diocese!

Honra aos romeiros da diocese de Coimbra!

COPIA N.º 29

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tenho a honra de participar a V. Ex.^a, que se verificou no dia 28 do corrente, e conforme o annuncio e programma incluso, a grande romaria do Rosario que fiz á cidade de Aveiro, para tornar mais pomposas e brilhantes as festas do Sancto Rosario nesta diocese, e para corresponder mais plenamente, como era meu empenho, aos desejos manifestados pelo nosso gloriosissimo Pontifice Leão XIII.

Foi uma empreza grandiosa e algum tanto arriscada, porque, além das difficuldades dos tempos, o espirito d'esta terra, religioso e respeitador do clero, mas muito susceptivel, embora illustrado e mais ou menos impregnado de certas doutrinas e novidades que tão facilmente germinam no meio de centenaes de mancebos que aqui vivem frequentando a Universidade, não vai para estas demonstrações religiosas com o receio de lhes darem significações differentes das que têm; e além d'isso a propaganda republicana e anti-religiosa, que pretendem fazer em Aveiro dois jornaes que alli se publicam, tornava o risco e o perigo ainda maior.

Mas quem se prender com difficuldades e receios não faz nada, e é necessario trabalhar e lutar pelo bem da religião, pela firmeza da fé, pela salvação das almas e pelos grandes interesses da Igreja e do Estado. Além d'isso animava-me muito a esperança que punha no auxilio da Senhora do Rosario, a rectidão das minhas intenções e a confiança que eu sei que depositam em mim os meus Diocesanos, sem distincção de classes nem de partidos.

Prosegui pois, e cada vez mais afoutamente, nos preparos e disposições necessarias para esta grande romaria, e, graças a Deus, o resultado não podia ser mais feliz nem mais completo.

Os Parochos, a Ordem Terceira, as Irmandades e Confrarias d'esta cidade a quem communiquei a minha resolução, e a quem sou muito e muito agradecido, principiaram logo todos a trabalhar, como á perfia e com um zelo e fervor muito louvavel, para se apresentarem em Aveiro cada qual mais grave e composta, e com maior numero de Irmãos. E a despeito de eu não publicar provisão ou convite algum para esta romaria, porque me limitei apenas a mandar annunciar-a; a despeito do mau tempo e de chover muito na noite da vespera, o que lhe tirou alguns milhares de pessoas, ainda assim, chegou-se a receiar que o caminho de ferro, apesar de todas as prevenções, não podesse transportar os Clerigos, Irmandades, Confrarias e milhares de fieis que concorreram á estação d'esta cidade e ás outras intermedias, para me acompanharem nestes cultos á Virgem. Enternecia e commovia ver em todas ellas grandes multidões de povo, saudando com foguetes e philarmonicas a romaria do Rosario, e deitando flores sobre o comboio em que iam os romeiros.

Mas esperava-nos em Aveiro um espectaculo mais surprehendente e edificante.

Eram milhares e milhares de fieis que esperavam os romeiros com as auctoridades civis e politicas, com a Ill.^{ma} Camara Municipal e seu pendão, e a força militar; era o desfilar por entre todos e com muita ordem e muito respeito uma das procissões talvez maiores que se tenham feito, porque apesar da estação do caminho de ferro distar mais de dois kilometros da Igreja, já ella estaria a entrar nesta, quando eu sahia da estação debaixo do pallio, atraz do qual iam o Rev.^{mo} Bispo de Beja, Auctoridades, Camara Municipal, Professores de Theologia da Universidade, philarmonicas, força militar, grandes massas de povo cheio de edificante recolhimento.

E em verdade a regularidade, devoção e respeito que se observava nesta procissão, formada de perto de mil Irmãos e centenaes de clerigos

e ordinandos, a alegria e sentimento religioso com que os fieis a reverenciavam e acatavam nas ruas e nas janellas, e as brilhantes ornamentações que por toda a parte se viam em umas e outras subjugavam os espiritos e os corações. Nem uma palavra, nem um gesto, nem o mais leve signal de desapprovação ou de falta de respeito.

Não foi menos pomposa e edificante a solemnidade religiosa na Egreja, porque á presença de tão numeroso clero, e das auctoridades civis, e á ornamentação do templo, e aos arrebatamentos da musica, accresceu o bello sermão em que o insigne orador e lente de Theologia, dr. Eduardo Nunes, exaltou as excellencias do Rosario, as virtudes pessoas do nosso Gloriosissimo Pontifice e os grandes serviços que tem prestado já á Egreja no seu feliz Pontificado; e eu, dando no fim de tudo e a todos os fieis a Benção Apostolica que Sua Sanctidade se dignou de conceder-me telegraphicamente para esta romaria, agradei a Deus Nosso Senhor com todas as véras do meu coração o tel-a convertido em um triumpho para a Religião, numa gloria para o Summo Pontifice Leão XIII, e numa grande consolação para o meu ministerio pastoral.

Tudo me edificou e commoveu nestá imponente e majestosissima solemnidade religiosa, e serei sempre cada vez mais dedicado aos meus Diocesanos, Clerigos e Seculares, e ás cidades de Aveiro e de Coimbra e freguezias vizinhas pelas demonstrações que acabam de dar-me da sua religião e piedade. E no excesso do meu reconhecimento, affecto e amor para com todos não posso deixar de declarar a V. Ex.^a que me impressionaram muito o alvoreço e fervor religioso que a Romaria despertou na cidade de Aveiro; os esforços que ella practiou para que fossem pomposos e brilhantes, como foram, os cultos da Virgem do Rosario, as attentões e delicadezas com que recebeu e tractou os Romeiros, e finalmente as declarações que me fizeram alguns cavalheiros de que depois da minha visita episcopal e d'estas festas quasi que já não tinham pena da extincção do Bispado.

As illustres Auctoridades Ecclesiasticas, Districtaes e Municipaes agradei particular e officialmente o bom exemplo que deram aos fieis, honrando a Romaria, a Religião e o seu Prelado, ainda que indigno, com attentões e cortezias que jámais esquecerei; e muito folgo de poder dar perante V. Ex.^a este testemunho do muito louvor de que se tornam dignas; e tambem não devo occultar a V. Ex.^a que agradei á Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste a ordem e regularidade com que foi feito o serviço dos 3 comboios especiaes que foi necessario haver entre Coimbra e Aveiro para transportar os Romeiros.

A minha pena agora é não saber fazer perante V. Ex.^a as observações que naturalmente suggere a todos este acontecimento religioso.

Um Velhinho encarcerado no Vaticano, esbulhado do seu patrimonio e dos seus direitos temporaes, sem exercitos e sem grandezas mundanas, e pelo contrario reduzido á tristissima condição de viver de esmolas, recomenda aos Bispos, seus Irmãos, que exhortem os fieis a orar e a pedir o auxilio da Virgem do Rosario; e mal se ouve a sua voz, milhões e milhões de fieis, unidos todos na mesma fé, no mesmo sentimento e na mesma

vontade, correm aos templos em todo o orbe catholico para, no seu maior fervor religioso, mostrarem ao Vigario de Christo a mais completa obediencia e o mais encendrado amor: e um Bispo portuguez, de todos o mais pobre de saber, de virtudes e de bens de fortuna, movido da sua devoção e piedade para com a Virgem, e impellido pela sua obediencia e dedicação ao Supremo Pastor da Igreja, manda annunciar que ia fazer uma romaria á Senhora do Rosario, de Coimbra a Aveiro, e só por este annuncio milhares de fieis de Coimbra, das freguezias vizinhas e d'outras de mais longe, correm espontaneamente á estação do caminho de ferro para o acompanharem e seguirem na sua peregrinação; e é tal o respeito, a seriedade e o sentimento religioso de que todos se possuem, que, em uma procissão de tantas irmandades differentes, e numa agglomeração de tantas mil pessoas, sem apparatus de policia e de força publica, não ha uma contestação, um conflicto e uma unica desordem; não se vêem em todas estas grandes massas de povo senão respeitos e saudações cordiaes para o seu Bispo.

Devem pensar e reflectir bem em todos estes factos os governos e os homens politicos do nosso paiz. Attento o grande decahimento social em que vamos, a falta, que a todos assusta, de virtudes civicas nas differentes classes da sociedade, o predominio tão declarado dos gozos e interesses individuaes sobre os dictames da consciencia, da honra e do bem social, e as difficuldades, cada vez maiores, em que se vêem os poderes publicos para fazerem respeitar a auctoridade e acatar a lei, desprezar, senão combater, aquella grande força moral, a maior da sociedade portugueza e a unica que pôde remediar estes males e conter os povos, sendo bem encaminhada e dirigida, é um gravissimo erro politico e o maior dos desatinos.

Impressionado por eguaes demonstrações religiosas na occasião das minhas visitas episcopaes, já eu disse na minha Carta Pastoral de 12 de junho de 1875 o seguinte:

«Em presença, pois, de quanto deixamos exposto, e do que, summamente commovido, temos observado e presenciado na visita annual que ha quatro annos fazemos á nossa Diocese, é pena que não vejam e não estudem tambem este sentimento religioso dos povos, tão profundo e tão ardente, alguns espiritos mais avançados da nossa terra, que, levados talvez do estudo abstracto de seus gabinetes, e da observação insufficiente dos costumes e idéas dos grandes centros de população, se lembram de advogar e pedir no estado presente, não sabemos com que fundamento nem para que fim, a liberdade de cultos para o nosso paiz.

«Sem o quererem, fariam elles com que, por meio de semelhante liberdade, passasse grande preponderancia politica e grande influencia no governo da sociedade portugueza para as mãos dos Bispos catholicos, que, soltos das peias que hoje os prendem, quizessem e soubessem exercel-a e aproveitel-a: e não seria a força das auctoridades civis bastante para levar os povos de ençontro ao que no interesse da religião, da moral e da justiça, lhes prégassem os seus Bispos, que, revestidos do seu character sacerdotal e da grande força e auctoridade que lhes dá o seu poder divino, apparecessem com os seus parochos no meio d'elles, despidos de quaesquer

ambições e interesses mundanos, e cheios sómente de abnegação, paciência e caridade evangelica.»

Isto que disse em 1875 com a franqueza de que uso e com a sinceridade propria do meu character, com mais razão o digo hoje em vista de demonstrações ainda maiores, que me têm dado os meus Diocesanos na continuação das minhas visitas episcopaes em todos os oito annos decorridos desde aquella data até hoje, e em vista principalmente da Romaria da Senhora do Rosario, para mim de grande valor e significação, por tomarem parte nella muitos fieis a quem ainda não tinha visitado e cujas relações não estavam ainda por tal motivo tão estreitadas com o seu Pastor.

Não posso por isso deixar de lamentar, como Bispo Catholico e cidadão portuguez, os preconceitos dos partidos liberaes contra a religião catholica, e os receios infundados que parecem ter de protegê-la, e de aproveitarem este elemento poderosissimo para o bom governo da sociedade, para a manutenção da segurança publica e para os progressos da civilisação. E lamento mais ainda a cegueira dos partidos democraticos e republicanos em julgarem que é necessario combater a religião e os seus ministros, e fazer propaganda de impiedade e de atheismo para prepararem o triumpho da sua politica, como se a religião os estorvasse, ou se importasse com as fórmulas dos governos ou com as luctas dos partidos, uma vez que respeitem os seus direitos e não tolham a liberdade da sua acção religiosa e o desempenho da sua missão divina.

Mas se me queixo dos preconceitos e má vontade d'uns, da cegueira e obstinação d'outros, não posso tambem louvar aquelles que, tratando algumas vezes simultaneamente da religião e da politica, defendem aquella por modo que parecem querer servir esta.

Pretendendo e proclamando, contra o parecer da parte mais sensata do seu partido, por mim sempre muito respeitado, que só nelle se pôde ser verdadeiro catholico, e que é necessario preparar o advento da sua politica para salvar a Religião e a Igreja, ou desafiam cada vez mais as iras dos partidos oppostos contra uma e contra outra, ou augmentam incessantemente o seu calculado proposito de se retrahirem e furtarem a todos os beneficios e manifestações religiosas, por julgarem que favorecem por meio d'ellas os seus adversarios politicos.

Bem quer o Sancto Padre Leão XIII, que tudo vê e conhece melhor que ninguem, evitar collisões e conflictos entre a fé religiosa e a fé politica de cada um; bem quer que a Religião se não circumscreva ao circulo mesquinho e acanhado dos partidos, e que se afastem d'ella os exclusivismos que tanto prejudicam. A tudo resiste e prevalece a paixão partidaria, e ai d'aquelles que a não seguem, embora sigam o Sancto Padre! São logo alcunhados ou de fanaticos, reaccionarios e ultramontanos por uns, ou de catholicos liberaes, mações e herejes por outros. Ainda mais. Estes ultimos, censurando e tractando mal até os proprios Bispos que não applaudem as suas demazias, embora sejam zelosos e exactos no cumprimento dos seus deveres episcopaes, e louvando e encarecendo só certas festas religiosas, e guardando silencio e completa abstenção a respeito d'outras por mais

solemnes e piedosas que sejam, parecem querer levantar altar contra altar, e introduzir na Igreja universal de Deus, que é de todos e para todos, certas egrejinhas particulares só para alguns.

O Sancto Padre quer conciliar e attrair a todos sem distincção nenhuma de opiniões politicas. Não queiramos nós dividir e separar aquelles que não tiverem as que nós professarmos.

Não admire, porém, V. Ex.^a que eu ouse fallar d'estas cousas tão melindrosas principalmente para um Bispo. Nunca pertenci nem pertenco a partido nenhum politico do meu paiz; nunca sacrifiquei a verdade e a justiça, o cumprimento dos meus deveres e os direitos da Igreja ás exigencias e aos gostos d'uns ou d'outros; e embora por este motivo tenha incorrido por muitas vezes nas iras, ora d'estes ora d'aquelles, hei de continuar a dizer a verdade a todos, e a servir a Religião, a Igreja e o Estado como Bispo catholico, que sou e mais nada. Podem os meus Diocesanos ter a politica que quizerem e pertencerem aos partidos, ou democraticos, ou monarchicos liberaes, ou monarchicos absolutos, estão todos do mesmo modo no meu coração, como têm visto e como sabem; e podem subir ao poder uns ou outros, o meu procedimento é sempre invariavel para com todos — servir o governo constituido em tudo quanto poder, sem quebra da justiça, sem prejuizo do bem da Igreja e sem offensa do decoro e dignidade do meu ministerio.

Possuido d'estes sentimentos, que podem não ser justos, mas são sinceros, en desejo que a grande romaria do Rosario, de que estou tractando, seja devidamente apreciada e julgada pelos partidos liberaes e pelos partidos absolutos. Pelos partidos liberaes para se desenganarem de quanto é grande o poder da Religião e dos seus ministros, e de quanto é perigoso affrontal-o e prejudicial não o aproveitar para o bem da governação publica. Pelos partidos absolutos para não o amesquinhaem, estabelecendo-lhe barreiras que Jesus Christo não quiz, e que as doutrinas da Cruz não conhecem nem justificam. Se fosse inspirada e dirigida por pessoa suspeita em politica para um ou para outro lado, e com fins que não fossem unicamente religiosos, a romaria poderia ser importante em outra parte. Em Coimbra e em Aveiro não seria certamente o que foi.

Deponham pois todos os partidos politicos portuguezes os seus odios, prevenções, desconfianças e exclusivismos em materia de religião, e não enfraqueçam nem desprezem este elemento poderosissimo para a conservação dos bons costumes, para o enfriamento das paixões e para o bom governo dos povos.

Tenho ouvido dizer a alguns Estadistas liberaes que está sendo hoje cada vez mais difficil a arte de governar, e mais perigoso o futuro que nos espera, por não haver crenças nas differentes classes da sociedade. Envidemos, pois, todos os nossos esforços para prover de remedio a este grande mal, que póde levar-nos á anarchia e á dissolução. Com a protecção e auxilio dos poderes publicos; com o exemplo e dedicação dos Bispos, dos Parochos, e de todo o Clero, e com a cooperação de todos os homens de boa vontade, procuremos arraigar e avivar cada vez mais no coração do povo a fé e o sentimento religioso, e com elle virão a practica

das virtudes civicas e christãs, o levantamento do espirito publico e as necessarias e abençoadas dedicações patrioticas.

E V. Ex.^a, que acaba de subir aos conselhos da Corôa e de tomar a gerencia da pasta dos Negocios Ecclesiasticos, cercado das esperanças que todos põem nos seus talentos, e favorecido com a confiança que todos depositam nos seus sentimentos religiosos, na cordura das suas opiniões, no vigor da sua idade e no fogo do seu amor patrio, não sacrifique o bem da Religião e o interesse do Paiz ás queixas e accusações da politica especulativa, ou ás infundadas apprehensões da opinião publica.

Com o receio dos partidos e da opinião publica, têm os nossos Governos deixado muitas vezes de tomar providencias importantes para o bem da Igreja e do Estado; o que é um mal gravissimo, porque, se é certo que os Governos liberaes devem viver da opinião publica, não é menos certo que esta nem sempre é bem formada, e que em todo o caso devem illustral-a e dirigil-a, e de modo nenhum sacrificar o bem da Religião e da Patria aos seus preconceitos e prejuizos.

Faça-se justiça em tudo e para todos, e ella trará força para os ministerios e gloria para quem seguir este caminho, de todos o mais curto e o mais seguro.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 30 de outubro de 1883. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

bibRIA
COPIA N.º 30

D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA, por mercê de Deus e da Sancta Sê Apostolica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Par do Reino, etc.

Ao nosso M. R. Cabido, M. RR. Arciprestes, RR. Parochos e mais Clerigos do nosso Bispado, saude e paz em Jesus Christo.

Temos sabido, Amados Irmãos e Cooperadores nossos, pelos officios e participações de muitos de vós, e por outras muitas informações que a Encyclica de Sua Santidade, publicada na nossa Pastoral de 25 de setembro ultimo sobre a devoção do Sancto Rosario no mez de outubro seguinte, tivera nas vossas parochias a mais fiel execução e inteiro cumprimento; — que fôra muito concorrida a devoção do terço em todo o mez; — que foram muito solemnes e edificantes as festas e procissões publicas em honra da Senhora do Rosario; — que foram numerosissimas as confissões e communhões de fieis d'um e d'outro sexo para lucrarem as indulgencias concedidas por Sua Sanctidade; — e que, finalmente, fôra grande o fervor

e movimento religioso que as palavras e exhortações do nosso Sanctissimo Padre despertaram no Bispado de Coimbra.

E, ainda que nós estavamos certos de que assim havia de acontecer, porque sabemos quanto nelle é fervorosa a devoção da Sanctissima Virgem, quanto é acatada e obedecida pelos nossos Amados Diocesanos a voz do Supremo Pastor da Egreja, do inclyto Pontifice Leão XIII, não podemos nem devemos occultar que o conhecimento d'este movimento religioso nesta porção do rebanho de Jesus Christo augmentou muito a alegria e consolação que tinhamos tido ja com a grande Romaria do Rosario, que fizemos de Coimbra a Aveiro, em cumprimento tambem da referida Encyclica, como vós sabeis pela publicação que fizemos no jornal da diocese — *Instituições Christãs* — do longo officio e relatorio que tivemos a honra de enviar ao Governo de Sua Majestade Fidelissima ácerca d'este grande acontecimento religioso.

Pois tudo isto nos certifica de que a fê e a piedade estão vivas no coração dos nossos Amados Filhos em Jesus Christo, que é o que sobre tudo nos importa, e o que mais occupa, dia e noite, a nossa vigilancia e zelo pastoral; e testemunha-nos tambem por modo bem evidente a intima união dos nossos RR. Parochos e seus freguezes com o Vigario de Christo e com o seu Prelado Diocesano, e a docilidade e promptidão com que todos ouvem e attendem os seus legitimos pastores.

Com esta união, felizmente estabelecida e firmada no nosso Bispado, nada teremos que temer, Amados Irmãos e Cooperadores nossos, vós na pastoreação das vossas parochias, e nós no desempenho difficillimo do nosso ministerio episcopal; e todos vós tendes visto já como por meio d'ella triumpha a verdade e a justiça de todas as contrariedades e ruins paixões, e como os Fieis, nossos Diocesanos, desprezam estas para se collocarem ao lado d'aquelles que, sendo os mestres da doutrina catholica e os guias e directores de tudo o que diz respeito ao culto divino e á salvação das almas, regulam o cumprimento dos seus deveres, não pelos desejos e conveniencias d'estes ou d'aquelles, não pelos interesses e calculos do mundo, mas pelos dictames da consciencia e da honra, pela sollicitação e empenho do maior bem religioso e social, e pela observancia fiel e escrupulosa das doutrinas de Jesus Christo e dos ensinamentos do seu Vigario.

Apertemos, pois, cada vez mais, Amados Irmãos e Cooperadores nossos, os laços d'esta união, e bemdigamos o Senhor que, no meio de tantos espinhos e difficuldades, de tantas luctas e rebeldias, nos deu esta arma que é a nossa corôa de gloria e o apoio e a força do nosso ministerio: e entre tantas provas que temos recebido d'esta união e do vosso affecto para comnosco, tanto nas nossas visitas episcopaes, como no longo periodo de 23 annos em que temos a honra de superintender no governo d'esta Sancta Egreja, jámais esqueceremos as que nestes ultimos tempos nos tendes dado, tão espontaneas como significativas, e que por muitas razões têm sobremodo penhorado e captivado o nosso coração.

Recebei por tudo os nossos sinceros agradecimentos, e os votos ardentes que fazemos a Deus Nosso Senhor, para que vos assista com a sua graça, para que abençoe os vossos trabalhos pastoraes, e para que vos dê e a

vossos freguezes a tranquillidade de consciencia e satisfação de vida que a todos desejamos; e, se nas diligencias que fazemos para promover nas vossas parochias o cumprimento dos deveres religiosos e a salvação das almas, e para cercar de respeito o vosso character sacerdotal e zelar o credito e boa reputação d'esta Sancta Igreja de Coimbra, como é nosso empenho, alguma vez vos contrariar e molestar o nosso dever de Bispo, crêde que nunca e em caso nenhum se separará de vós o nosso coração de irmão e amigo.

Mas, Amados Irmãos e Cooperadores nossos, os cultos e devoções do Sancto Rosario nesta Diocese e a grande Romaria, de Coimbra a Aveiro, em honra da Sanctissima Virgem, não commoveram e contentaram só o vosso Prelado Diocesano e todos aquelles que neste paiz se empenham pela exaltação da Religião e pelo bem da Patria. Levaram tambem muitas consolações ao nosso Sanctissimo Padre Leão XIII, que, informado por nós de todas estas demonstrações religiosas, encarregou o Em.^{mo} e Rev.^{mo} Cardeal Jacobini, seu dignissimo Secretario de Estado, de nos dizer que de todo o seu coração concedia uma benção muito particular a nós, ao nosso Clero e a toda a nossa Diocese, como podeis vêr das duas cartas que sobre este assumpto tivemos a honra de receber do Em.^{mo} Sr. Cardeal, e que em seguida transcrevemos traduzidas do italiano.

Conforta-nos e enche-nos de consolação e contentamento tão especial benevolencia de Sua Sanctidade para com esta Diocese e o seu Pastor, e estamos certos de que ella desperta em vós todos os mesmos sentimentos, porque, além de vos dizer respeito do mesmo modo, sabemos quanto é grande o amor e dedicação que tendes ao venerando Pontifice que ora preside á Igreja universal de Deus.

Façamos, pois, por não desmerecermos as suas benções, e animados e fortalecidos por ellas applicuemo'-nos cada vez com mais zelo e ardor ao cumprimento dos nossos deveres pastoraes, e á defesa da causa de Deus e da Igreja; e sejam cada vez mais ardentes os nossos votos ao Ceu para que prolongue a vida de tão Gloriosissimo Pontifice, e para que abençoe o seu zelo Apostolico e os sanctos esforços que faz para serenar os tempos e as almas, e para restituir a paz á Igreja e á sociedade.

Dada em Coimbra sob nosso signal e sello das nossas armas, aos 30 de novembro de 1883.

Logar ✠ do sello.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.—Confirmo hoje o telegramma que no dia de hontem me apressei em dirigir a V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma}, assegurando-lhe mais uma vez que o Sancto Padre abençoa de todo o seu coração a V. S.^a e aos fieis que no proximo domingo, 28 do corrente, em Aveiro, e no 1.^o de novembro em Coimbra, tomarem parte nas solemnidades religiosas celebradas em honra da Sanctissima Virgem do Rosario.

E alegro-me de poder accrescentar que S. Sanctidade, a quem apresentei a carta que V. S.^a me enviou, ao passo que louvava a solicitude pastoral com que V. S.^a se dispoz a promover uma imponente demon-

stração de fé e affecto para com a nossa Mãe commum, comprazia-se ao mesmo tempo no Senhor pela filial deferencia para com os desejos pontifícios, tão fielmente interpretados por V. S.^a

A manifestação dos sentimentos do Sancto Padre ajuncto os protestos da mais distincta consideração com que sou—De V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma}—II.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra.—Servo, *Cardeal Jacobini*.—Roma, 25 de outubro de 1883.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.—Ao ler a minuciosa descripção das festas religiosas, que tiveram logar em Coimbra e Aveiro, para celebrar as glorias da Sanctissima Virgem do Rosario, o Sancto Padre teve a doce consolação de reconhecer que essas festas foram um verdadeiro triumpho para a Religião e uma gloria para o Pontificado.

E porque foi V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} o promotor de uma tão solemne manifestação de filial affecto para com a nossa Mãe commum e para com a Sé Apostolica, e porque o bom exito da mesma se deve attribuir unicamente ao zelo pastoral de V. S.^a, S. Sanctidade encarrega-me de elogial-o amplamente, e de lhe communicar que de todo o coração concede mais uma Benção particular a V. S.^a, ao seu clero e a toda a sua diocese.

Manifestados assim os sentimentos do Sancto Padre para com V. S.^a, e dando-lhe os devidos agradecimentos pela carta que sobre o mesmo assumpto V. S.^a se dignou dirigir-me, aproveito da melhor vontade este ensejo para mais uma vez me confessar com a mais distincta estima—De V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma}—Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra.—Servo, *Cardeal Jacobini*.—Roma, 19 de novembro de 1883.

COPIA N.º 31

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.—Quando V. Ex.^a Rev.^{ma} se dignou de communicar-me em conversa que era negocio resolvido nomear-se Commissario Geral da Bulla da Sancta Cruzada o M. R. Doutor Ayres de Gouveia com um titulo de Bispo *in partibus*, para, de modo decoroso para todos, pôr termo a um lamentavel conflicto que tanto estava prejudicando a Diocese do Algarve; e que, em vista do procedimento e das declarações que elle tinha feito em relação ao seu passado, julgava a sua nomeação de conveniencia e utilidade para a Egreja Portugueza; agradei muito a V. Ex.^a a communicação que se dignou de fazer-me; e, comquanto estimasse muito esta resolução, independentemente de outros motivos de maior alcance, por ser amigo do Dr. Ayres de Gouveia e admirador do seu talento e da inteireza do seu character, não deixei porisso de ponderar e de expor as difficuldades d'esta nomeação, por causa dos excessos em que romperia contra V. Ex.^a Rev.^{ma}, por mo-

tivo d'ella, certa Imprensa religiosa do meu Paiz, que não cessava de agredir por todos os modos o mesmo Doutor; e observei que me custava muito que alguém, pelas minhas relações com elle e pela bondade que V. Ex.^a Rev.^{ma} usa para commigo, me julgasse culpado nos desgostos que adviessem a V. Ex.^a Rev.^{ma}, porque sou incapaz de concorrer consciencientemente para os que tenham por minha causa as pessoas que me honram com a sua benevolencia.

Dignou-se V. Ex.^a Rev.^{ma} de dizer-me que respeitava muito a Imprensa, mas que nunca deixaria de fazer por causa d'ella e dos partidos o que julgasse que era de justiça e conveniencia para a Religião e para a Igreja; e que eu podia declarar em particular e em publico que nenhuma responsabilidade moral tinha nesta nomeação: e esta resposta, que revela uma consciencia recta e um character nobilissimo, mais me confirmou no alto conceito que se fórma de V. Ex.^a Rev.^{ma}

Não tardaram muito, infelizmente, em realizar-se os meus presagios, e quando vi V. Ex.^a Rev.^{ma} tão maltractado por alguns jornaes catholicos, aos quaes corriam obrigações muito outras, puz-me logo ao lado de V. Ex.^a Rev.^{ma}, e proferi em Leiria e na presença de V. Ex.^a Rev.^{ma} as palavras que as *Instituições Christãs* publicaram, embora alteradas em parte, não para partilhar a responsabilidade de V. Ex.^a Rev.^{ma}, porque não quer nem precisa dividil-a por ninguem, mas para mostrar que a tomaria sobre mim, se fosse necessario.

Não comprehendo de outro modo os deveres de lealdade entre as Autoridades que se pressam e que reciprocamente devem auxiliar-se contra os descommedimentos, hoje infelizmente tão frequentes, ora de uns ora de outros; e pouco me importa incorrer no desagrado d'estes ou d'aquelles, quando intender que sobre os favores de uns partidos e os odios e iras dos outros é necessario pôr os sentimentos da honra e o serviço da Religião, da Igreja e do Estado, não como alguns querem que elle seja feito, mas como me dizem que devo fazel-o os dictames da minha consciencia e as instrucções e decisões de Sua Sanctidade e do seu Representante, ás quaes me submetto em tudo como Bispo Catholico que me préso de ser.

Quaesquer, porém, que fossem as más vontades e as preocupações contra a confirmação do novo Bispo de Bethsaida, preocupações que eu respeito e desculpo sendo filhas de boa fé, como certamente o hão de ter sido em não poucos, eu nunca esperei que o despeito e paixão de alguns, por motivo d'ella, chegasse ao excesso e desatino de publicar e fazer distribuir no fim da sua sagração, no dia 23 do corrente, um jornal tarjado de preto e cheio de atrevimentos e de insolencias contra V. Ex.^a Rev.^{ma}

Não digo nada sobre semelhante papel, porque m'o veda a dignidade da minha pessoa e do meu ministerio; e faria descer V. Ex.^a Rev.^{ma} do alto conceito em que é tido e da elevação do seu character, do seu talento e da sua brilhantissima carreira diplomatica, quem pretendesse afastar de tantos fulgores aquellas tristes escuridades que mais ainda os fazem brilhar.

Todavia choro e lamento, não por V. Ex.^a Rev.^{ma}, mas por mim que sou Bispo e Portuguez, a ousadia com que aquelles que se dizem catholicos desacatam em descommedimentos de linguagem e de fórma o dignis-

simo Representante do Grande Leão XIII, o respeitado e em toda a parte sempre venerado Monsenhor Vannutelli, que tanto tem merecido e merece a confiança de Sua Sanctidade,

E assim como quando o antecessor de V. Ex.^a Rev.^{ma}, Monsenhor Massella, foi maltractado nas ruas de Lisboa em 1882, eu me apressei a significar a S. Ex.^a Rev.^{ma} o meu sentimento por este motivo, como V. Ex.^a Rev.^{ma} pôde ver da copia inclusa da carta que lhe dirigi, apresso-me tambem agora a manifestar a V. Ex.^a Rev.^{ma} o meu desgosto e o meu pesar pelo tractamento que V. Ex.^a Rev.^{ma} acaba de receber, não dos desgraçados da rua, mas d'alguns dos que se arvoram em defensores da Religião em Portugal; e no cumprimento d'este meu dever talvez tenha sido já precedido por muitos dos meus respeitabilissimos Irmãos do Episcopado Portuguez, porque sei o profundo respeito e alta veneração que todos têm por V. Ex.^a Rev.^{ma}, e o quanto reprovam e condemnã taes excessos e demasias.

Praza a Deus que as palavras e recommendações do nosso Gloriosissimo Pontifice aos catholicos de Hespanha e de França sejam ouvidas e acatadas tambem em Portugal, para que aquelles que professarem sinceramente a doutrina catholica, qualquer que seja o partido a que pertencerem ou o governo politico a que aspirarem, se convençam da necessidade de sacrificar os interesses da politica aos interesses da Religião, e essas tristissimas dissidencias, em que andam e que lhes fazem perder toda a força, á união e concordia de todos para poderem pelejar o bom combate, e para acabarem d'uma vez para sempre com o escandalo que dão com o descommedimento da sua linguagem e com a violencia e facciosismo das suas paixões.

Digne-se V. Ex.^a Rev.^{ma}, Sr. Nuncio, de concorrer com a sua auctoridade e poderosissima influencia para acabar com semelhantes dissidencias, que eu sei quanto são funestas para a Religião pelo que vejo e observo nas minhas frequentes visitas á Diocese, e nas conversações que tenho tido com pessoas de todas as classes sociaes e de todos os partidos; e, pela minha parte, ainda que sem talentos nem virtudes, mas apoiado tão sómente nos parochos, Clero e Fieis d'esta Diocese, que tenho a fortuna de ver sempre unidos commigo, envidarei todos os esforços para que se realize tão util e sancto intento.

Move-me neste pedido, que faço a V. Ex.^a Rev.^{ma}, unicamente o bem da Religião e da Egreja, e não as affeições para uns nem as desaffeições para outros, porque respeito os partidos de todos e reprovo e condemno por egual as paixões e excessos de uns e de outros.

Constam de 22 grandes volumes os meus copiadotes, e está na memoria dos meus Diocesanos o que tenho feito, e o que hei dicto e prégado em 14 annos de visitas pastoraes. Não tenho o minimo receio de que, examinando e percorrendo aquelles e estas, me cite, mercê de Deus, um unico facto em que tenha sacrificado a complacencias com os partidos ou com os governos ou com os politicos, quaesquer que sejam, os direitos e interesses da Egreja e do meu Clero, e a justiça e a disciplina no meu Bispado.

Nunca tive nem tenho partido algum. Não sou de Paulo, nem de Apollo, nem de Cefas; sou de Christo (1.^a Corinth.); e a minha politica é o bem espirital e temporal da minha Diocese; o cumprimento dos meus deveres pastoraes, livre e desassombrado, mas discreto e prudente, e o empenho constante de servir, o melhor que podér, a Religião, a Igreja e a minha Patria, sem faltar nunca nem ao que devo a Deus nem ao que devo a Cesar.

Tenho a honra de ser com muito respeito e veneração — De V. Ex.^a — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Sardia, Dignissimo Nuncio Apostolico em Portugal. — Servo reverente e muito venerador — *Manuel, Bispo Conde.* — Coimbra, 29 de novembro de 1884.

Copia. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Tendo-se referido na Camara dos Senhores Deputados que V. Ex.^a Rev.^{ma} fôra insultado á porta do seu Palacio, apresso-me a significar a V. Ex.^a Rev.^{ma} o meu profundo sentimento e indignação por semelhante motivo, e os votos que faço para que, no interesse de todos e de tudo, sejam devidamente punidos semelhantes insultos, para que não mais se repitam. Nestes sentimentos me acompanham tambem os meus Diocesanos, porque felizmente não encontram senão a animadversão e condemnação de todos estes procedimentos, filhos unicamente d'alguns desgraçados da rua.

Deus Guarde a V. Ex.^a Rev.^{ma} — Coimbra, 18 de março de 1882. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Neocesarea, Dignissimo Nuncio em Portugal. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 32

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Accuso a recepção da carta de V. Ex.^a Rev.^{ma} de 29 de novembro ultimo, contendo algumas reflexões sobre a confirmação Pontificia da nomeação do Ex.^{mo} D. Antonio Ayres de Gouveia para Commissario Geral da Bulla da Sancta Cruzada, e sobre a sua elevação a Bispo titular de Bethsaida, bem como a justa indignação que causaram em V. Ex.^a os excessos e desatinos praticados por uma parte da imprensa religiosa do Paiz contra aquelles actos do Sancto Padre, e o sentimento da viva magoa de V. Ex.^a por ter eu sido o alvo principal de ataques tão inesperados, por virem da mão de quem mais devia acatar e defender as decisões da Santa Sé e os seus ministros.

Não repetirei agora aqui a V. Ex.^a as circumstancias que precederam e acompanharam a espinhosa negociação de que resultaram aquelles dois actos do Nosso Sanctissimo Padre, porque são já sabidos de V. Ex.^a e quasi plenamente notorios a todos, e por todos justamente apreciados, como procedentes d'aquella consummada sabedoria e alta prudencia que distinguem todos os actos da Cadeira Apostolica.

Limitar-me-hei portanto a agradecer a V. Ex.^a, com a mais sincera e indelevel gratidão, a expressão do sentimento com que se serve de me acompanhar no meio da celeuma e descommedimento de alguns desvairados jornalistas religiosos, que se deixam arrastar por inexplicaveis impulsos a desabafar contra mim a paixão que os domina.

De igual consideração e favor sou deverdor á bondade e catholica confraternidade de outros Collegas de V. Ex.^a, que muito me penhoraram.

No mais, respeitando a imprensa como já disse a V. Ex.^a e no seu citado officio V. Ex.^a repetiu, mas a imprensa modelada pelos dictames da verdade, da justiça e do respeito devido aos principios e á auctoridade, perdôo do coração aos que me offenderam, e, fazendo votos para que Deus os illumine, continuarei no desempenho dos meus deveres, bem certo de ter do meu lado a V. Ex.^a e os seus respeitaveis Collegas, e a maioria sensata e bem intencionada dos fieis commettidos á sua Pastoral solicitude.

Finalmente tenho o gosto de ratificar os protestos da subida estima e veneração com que sou — De V. Ex.^a Rev.^{ma} — Lisboa, 3 de dezembro de 1884. — Devotissimo servo — *Vicente, Arcebispo de Sardia*, Nuncio Apostolico. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra.

COPIA N.º 33

Parecendo-me conveniente que os capellães confessores do convento de Sancta Thereza, padre.... e padre.... limitem o uso e exercicio das jurisdicções e licenças que lhes temos concedido tão sómente á Egreja do convento em vista das circumstancias que se dão a seu respeito, e que segundo elles proprios reconhecem, podem dar logar a menos attenção para com as suas pessoas, o que muito deplorariamos e desejamos evitar: Cumpre que a R. M.^e Priora do sobredicto convento lhes declare que assim o façam. — Paço Episcopal de Coimbra, 14 de junho de 1874. — *Manuel, Bispo Conde*.

Tendo-nos asseverado, por bastantes vezes e desde muito, pessoas insuspeitas, e de religião e consciencia, que mães de familia e mulheres do campo abandonam o governo domestico das suas casas para passarem dias inteiros ou quasi inteiros na Egreja do convento das Therezinhas, o que segundo nos é do mesmo modo asseverado, causa transtorno e perturbação nas familias; e attendendo a que, supposto seja muito para louvar a perfeição a que aspiram os fieis que assim procedem, é todavia conveniente que não sacrificuem o justo cumprimento das obrigações inherentes ao seu estado e profissão, cumprimento que é muito do agrado de Deus, e recommendado, como não pôde deixar de ser, pela Religião Sancta que professamos: Haja a R. M.^e Priora do mesmo convento de recommendar

aos seus capellães confessores que tenham em vista o que fica exposto quando excitarem os fieis á devoção e á piedade. — Paço Episcopal de Coimbra, 11 de junho de 1874. — *Manuel, Bispo Conde* (1).

COPIA N.º 33 A

Excell.^{mo} ac R.^{me} Domine. — Datae sunt mihi absque mora Litterae Dominationis Tuae Excell.^{mae} ac R.^{mae} diei 17 hujus mensis cum allocutione habita coram Rege Fidelissimo, regia domo et populi frequentia pro via ferrea inauguranda apud civitatem vulgo Figueira da Foz. Eam perlegi libenter et gratulor Tecum quod vera principia data occasione evolvere non destitisti. Utinam omnes intelligant Religionem Catholicam non esse inimicam vero progressui etiam materiali et ex Ipsa lucem, veritatem, bonum, levamen, solatium et caritatem originem ducere in ordine tum morali tum materiali.

Dum pro eo gratias ago quam maximas, illa qua par est observantia et obsequio persisto. — Tibi Excell.^{mo} ac R.^{me} Domine. — Olisipone, die 26 augusti 1882. — Excell.^{mo} ac R.^{mo} Domino. — D. Emmanueli Correa de Bastos Pina. — Episcopo Conimbricensi, Humillimus addictissimus Famulus. — *Cajetanus Archiepiscopus Neocaesariensis*, N. Ap.

COPIA N.º 34

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Annuindo, embora com muito custo, aos instantes pedidos que nos fizera, publicamos a Allocução que proferimos na benção das locomotivas do caminho de ferro da Beira Alta na villa da Figueira da Foz, e enviamos a V. S.^a exemplares em numero sufficiente para serem distribuidos pelos RR. Parochos e Clerigos d'esse Arciprestado. E porque muito nos consolou ver a compostura e gravidade com que elles nos assistiram naquella cerimonia religiosa, haja V. S.^a de significar-lhes os nossos louvores e agradecimentos.

Bem sabemos nós, e já por longa experiencia, que os RR. Parochos e Clerigos do nosso Bispado não precisam de aviso ou insinuação alguma para assistirem com habitos talaes ao seu Prelado em qualquer parte que elle appareça. Todavia é tal o empenho que temos em levantar o culto Divino e a magnificencia das funcções religiosas no nosso Bispado, e o

(1) Além d'estas providencias recommendei tambem de palavra que fechassem a Igreja á noute e que a abrissem só de manhã.

credito, bom nome e reputação do nosso Clero, que demos todas as providencias para a benção das mesmas locomotivas se fazer com a devida decencia e esplendor; e entre aquellas não esquecemos a do officio enviado a V. S.^a, e adeante transcripto, não só para tomarem parte nella e nos assistirem com os M. RR. Conegos da nossa Sé os RR. Parochos e Clerigos do seu Arciprestado ou das freguezias vizinhas que estivessem desimpedidos, mas tambem para evitar que alguns alli comparecessem sem trajo ecclesiastico por falta de aviso, se bem que não era este necessario, porque nas estações do caminho de ferro, desde a Figueira até ao termo do nosso Bispado, os RR. Parochos e Clerigos das localidades respectivas, sem aviso ou insinuação alguma, e sem saberem até que nós iamos no comboio real, principalmente da Pampilhosa para cima, appareceram em todas a saudarem e comprimentarem Suas Majestades com o seu trajo ecclesiastico, o que lhes mereceu muito louvor e causou a nós muita satisfação.

E quanto é util e conveniente que elles se apresentem sempre com a necessaria compostura e gravidade, e que nas funcções religiosas haja a devida pompa e esplendor, principalmente quando assiste a ellas o Imperante Civil e a sua Côrte, os Ministros d'Estado e as notabilidades politicas do Paiz; e que em tal conjunctura o poder ecclesiastico se mostre decoroso, digno e levantado perante o poder civil, todos o viram e reconheceram na benção do caminho de ferro da Beira Alta, pela attenção e respeito que a todos mereceu o nosso Clero, e pelo modo por que a todos se impunha e a todos edificava esta cerimonia religiosa em razão do apparato e grandiosidade com que foi feita, não obstante o excessivo calor e a falta de tempo obrigar a alterar muito o que estava projectado.

Prosigamos, pois, sempre neste caminho, e envidemos todos os nossos esforços para promover o bem da religião e a salvação das almas com o nosso zelo e dedicação, e para conciliar o respeito e a estima publica com o nosso bom exemplo e com a justiça e dignidade do nosso procedimento; conservando-nos sempre extranhos e superiores aos partidos politicos e ás suas paixões e injustiças. — Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 10 de agosto de 1882. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcipreste de Montemor-o-Velho. — *Manuel, Bispo Conde.*

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Devendo nós, na proxima vinda de Suas Majestades á villa da Figueira da Foz para inaugurar o caminho de ferro da Beira Alta, officiar no *Te-Deum* que ha de celebrar-se na egreja da mesma villa, e benzer depois as machinas do mesmo caminho: convém que V. S.^a e os RR. Parochos e Clerigos do seu Arciprestado, que por qualquer motivo não estiverem impedidos, nos assistam numa e noutra cousa com as suas sobrepellizes, batina, sapatos e meia preta. — Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 14 de junho de 1882. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcipreste de Montemor-o-Velho. — *Manuel, Bispo Conde.*

ALLOCUÇÃO

Senhor. — Ao mais humilde dos Bispos Portuguezes cabe hoje esta honra distinctissima de, na presença de Vossa Majestade e em nome da Religião, benzer estas machinas e este caminho de ferro, que Vossa Majestade Se Digna de vir inaugurar e percorrer com Sua Majestade a Rainha, e com Suas Altezas, o Principe Real o Senhor D. Carlos e o Serenissimo Senhor Infante D. Affonso.

E se nós, como ministro de Jesus Christo e pastor ainda que indigno da Sancta Egreja de Coimbra, muito exultamos no Senhor com esta intervenção da Divindade nas obras humanas, e com este preito publico e solemne de religião, de piedade e de fé, tão reclamado e applaudido pelo sentimento nacional e pelas tradições religiosas d'esta Nação Fidelissima; como cidadão portuguez, que tambem somos, trasheda-nos o coração de alegria, de contentamento e de enthusiasmo com estas prosperidades e grandezas da Patria.

Permitti-nos pois, Senhor, que nós, dando infinitas graças a Deus, como é de justiça, e do nosso dever e do dever de todos, por este grande melhoramento de que tantos beneficios vão provir para a nossa Diocese e para o Paiz, saudemos e felicitemos muito respeitosaente a Vossa Majestade; porque sobre tantos padrões de gloria que tornam assignalado já o reinado de Vossa Majestade, sempre tão visivelmente protegido pela Providencia Divina, ergue-se hoje mais este, que, attestando a sollicitude e desvelo do Rei pelo seu povo, e o respeito, obediencia e amor do povo ao seu Rei, ensina a todos quantos triumphos para a civilisação e quantos beneficios para a humanidade pode conquistar a reciprocidade d'estes sentimentos á sombra da paz; e como a Corôa d'uma pequena Monarchia se avanta a das grandes quando n'ella fulgem estes florões, que são o ornato mais precioso da de Vossa Majestade.

Saudamos e felicitaamos Sua Majestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia de Saboya; porque, Portugueza hoje mais pelo coração do que pelo dever da lei, são suas como de ninguem as festas e alegrias d'este povo, que acata e admira na Sua Augusta Soberana o exemplo da mulher forte, e o modelo da caridade christã, que lhe levanta em cada peito portuguez um throno de puros e estremecidos affectos, bem mais invejavel que o da propria Realeza.

Saudamos e felicitaamos Suas Altezas, o Principe Real o Senhor D. Carlos e o Serenissimo Senhor Infante D. Affonso; porque, penhores mimosos e esperanças risonhas e seguras da Patria, está-lhes reservada no futuro a fortuna e a gloria de ceifarem os louros e colherem os fructos de tantos cuidados e desvelos de Seus Augustos Paes, e de tantos trabalhos e vigílias dos homens publicos d'esta geração para transmittirem aos seus vindouros, tão augmentada e enriquecida, a herança que receberam dos seus maiores.

Saudamos e felicitamos os Ministros de Vossa Majestade e os seus Antecessores; porque a festa que hoje celebramos é a consagração solemne dos talentos, do patriotismo e das virtudes civicas de todos, e o começo da justiça feita pelos povos e pela historia á perseverança e abnegação com que uns e outros, e tanto d'este partido como d'aquelle, se sacrificam ás invejas, ás calumnias, ás paixões politicas e aos desgostos para pugna-rem, atravez de tudo, pelos interesses do Paiz, pelo bem do Estado e pela honra e decoro da Corôa Portuguesa.

Saudamos e felicitamos a illustre Companhia do caminho de ferro da Beira Alta; porque á custa de grande trabalho, de grande talento e actividade conseguiu em pouco tempo abater os montes, levantar os valles, perfurar as montanhas e atravessar os rios para dar passagem prompta e rapida ao commercio e á industria dos dois povos da Peninsula; e para, por este lado tambem do Paiz, nos estreitar com os nossos vizinhos em doce e fraternal abraço, sem quebra nem prejuizo da nossa nacionalidade, que, á custa de tudo, saberemos manter sempre livre e independente.

E permitti-nos ainda, Senhor, que saudemos e felicitemos tambem esta formosissima Villa e seus laboriosos habitantes pela honra da visita que recebem de Vossa Majestade, e pela fortuna que têm de verem realisado e posto já em movimento este instrumento maravilhoso da sua prosperidade e do seu engrandecimento no futuro; e que finalmente saudemos e felicitemos do mesmo modo estas dignissimas Auctoridades, este nosso veneravel Clero, estes respeitaveis hospedes e cavalheiros, e esta grande multidão de povo, na maior parte, nossos Amados Filhos em Jesus Christo e subditos respeitosos e obedientes de Vossa Majestade, pelo alvoroço e alegria que sentem com a presença do seu Rei, e com os gosos e beneficios que promete ás suas terras, desde a foz do Mondego até aos mais altos pincaros da Beira, este feliz advento dos prodigios e maravilhas que ennobrecem e glorificam o seculo em que vivemos.

E ninguem se admire nem extranhe que nós, o enviado de Jesus Christo e o Ungido do Senhor para cuidar da salvação das almas para o seu sancto reino, que não é o d'este mundo, nos deixemos possuir e dominar de tanto fervor e entusiasmo perante estas conquistas e esplendores materiaes da nossa civilização; pois, segundo diz Sancto Agostinho, as Nações christãs, que vivem á sombra da fé e debaixo da bandeira de Jesus Christo, devem fazer o ornamento d'este mundo pela felicidade da vida presente em ordem ás glorias da eternidade: e por isso, quando o homem devassa os mares e rasga os continentes, quando communica os povos e as Nações umas com as outras com a velocidade do raio, quando domina e vence os elementos, e quando rouba á natureza os seus thesouros e o seu poder para cercar a sua existencia de esplendor, de encanto e de belleza, usa d'um direito legitimo e divino, d'um direito que Deus abençoá e que a Religião por meio dos seus Ministros sanctifica; porque a Religião quer, approva e applaude todo o progresso para o bem; só reprova e condemna o progresso para o mal.

Porém não nos illudamos, nem nos deslumbremos com os prodigios da sciencia e da actividade humana em nossos dias, e com o papel que repre-

sentamos em todas estas maravilhas. Não são obra nem criação nossa a pedra, o marmore, o ferro, os metaes, a agua, o fogo, o ar, o vento e a luz; e comtudo nós nada podemos fazer e produzir sem estes elementos. Quem os creou? Quem os pôz á nossa disposição? Quem nos deu este mechanismo maravilhoso do corpo humano que os transforma, a intelligencia que nos guia o braço, e a força de vontade que sustenta a sua acção e nos submete o mundo inteiro?!

É esse Sér, supremo, invisivel e Divino, que se occulta aos nossos olhos sob o veu da criação, mas que tambem por meio d'ella se nos manifesta mais evidente e mais brilhante que a luz do sol. É Deus, o auctor da natureza, o creador do universo, a bondade infinita, a sabedoria increada, o poder omnipotente e o Senhor absoluto dos povos e das Nações, a quem adoram os anjos no céu e os homens na terra; e a quem nós todos, que somos seus filhos, e por Elle tão singularmente beneficiados — com os esplendores d'este céu, com as amenidades d'este clima, com os encantos d'esta natureza, com a fertilidade d'este solo, com as bellezas d'este Mondego, com a doçura dos nossos costumes e com estas delicias da paz — vimos prestar este testemunho solemne da nossa homenagem e do nosso reconhecimento, e esta confissão e protesto da nossa fé e da nossa crença por meio d'estas supplicas que lhe fazemos para que Elle, que tudo vê e que tudo sabe e tudo póde, preserve e defenda de perigos e de desgraças estes carros de fogo que vamos benzer.

Recebei e deferi benigno, nosso Senhor Jesus Christo, estas supplicas do Rei Fidelissimo e do seu povo, e d'este indigno Enviado vosso e dos seus Amados Filhos e Diocesanos.

Fazei, Senhor, com que todos aquelles que confiarem a sua vida a estas machinas para se transportarem d'uns pontos para outros cheguem sãos e salvos ao seu destino, e com que ao subirem para ellas se lembrem sempre de que estão nas vossas mãos, e sob a bandeira e escudo da vossa protecção Divina.

Abençoe todos estes progressos da ordem material, mas não deixeis que por elles se esqueçam e ponham em pouco os outros, bem mais necessarios, da ordem moral, e a vida e as necessidades das almas, para que não bastam os caminhos de ferro e as riquezas do commercio e da industria.

Illuminae o Rei e o seu Governo e todos os nossos homens publicos e de todos os partidos sobre a necessidade urgentissima de se promover seriamente o bem religioso e moral do Paiz, para sobre o egoismo e a soltura das paixões que nos corrompe, a febre dos prazeres que nós devora, a ambição desregrada que nos desvaira, e a indifferença religiosa e a descrença politica que nos desalenta e retrahe se levantar firme e constante a practica das virtudes christãs, domesticas, sociaes e politicas — a justiça, a nobreza de sentimentos, a independencia, a abnegação, o valor, o brio, o patriotismo e a honra, que foram sempre o timbre e o apanagio do caracter portuguez, e a condição necessaria e indispensavel da prosperidade e grandeza das Nações. E para este fim, Senhor, auxiliae e inspirae a todos a alliança franca e sincera, e por que nós tanto pugnamos, da so-

cidade civil com a Religião Catholica, de que provêm estas virtudes; e que, extranha como é e deve ser a todos os partidos e de todos respeitadora, tem luz para todas as trevas, verdade para todos os erros, benções para todos os talentos, resoluções para todos os problemas, remedio e conforto para todos os males, caridade e ternura para todos os corações.

Tomae, Senhor, sob vossa protecção e guarda especial esta Nação fidelissima e o seu Augusto Soberano, o Senhor D. Luiz I, e Sua Majestade a Rainha e toda a Familia Real.

Guiae-lhes os passos n'esta Regia visita, que vêm fazer ás Provincias do norte, para testemunharem o seu amor e desvelo pelos seus subditos, e os seus jubilos e alegrias pelo progresso e melhoramentos do Paiz.

Tornae esta visita util e proveitosa para o Rei e para o povo, e estreitae e fortalecei entre todos cada vez mais os vinculos da paz, do respeito, da obediencia, do affecto e do amor, vinculos que são a nossa bonra, a nossa gloria, o nosso apoio e a nossa esperanza, principalmente em vista d'esses attentados selvagens que em outros Paizes têm envergonhado a civilisação e a humanidade, e que o nosso, grande mercê de Deus, repelle, detesta e abomina.

E finalmente, Senhor, derramae sobre nós todos — sobre o Rei e os seus subditos, sobre o pastor e o seu rebanho — os auxilios da vossa graça e os thesouros da vossa infinita misericordia, para que, no fim d'estas nossas viagens sobre a terra, encontremos aplanado o caminho para a viagem do céu, que é a nossa verdadeira patria.

bibRIA

COPIA N.º 35

DUAS PALAVRAS CONTRA UMA INJUSTIÇA

I

Conhecem os nossos leitores como S. Ex.^a o Sr. Bispo Conde restabeleceu e manteve os principios do direito commum, que haviam sido violados nas exequias do ultimo Reitor da Universidade.

Era mister que não se repetissem abusos, embora desacompanhados de más intenções; era mister que actos irregulares não viessem de futuro a transformar-se em arestos; eram indispensaveis advertencias e reparos, para que da frouxidão de uns e da irreflexão ou mau aviso de outros não rebentassem novas e mais nocivas transgressões; era finalmente preciso vindicar os direitos de que a sancta egreja de Coimbra não podia nem devia prescindir.

A Portaria do Sr. Vice-Reitor da Universidade, sem poder justificar o

modo irregular por que se procedera, nem abalar qualquer das considerações produzidas pelo Sr. Bispo Conde, veio demonstrar plenamente com quanta prudencia, com quanto acerto, com quanta justiça e providencia publicara S. Ex.^a Rev.^{ma} a sua Portaria.

Se tivessem querido um aresto, não o tinham conseguido; se o facto teve origem em um falso supposto seguido de uma precipitada resolução, como acreditamos, tiveram depois occasião de conhecer o erro, que todavia não confessaram. E, em consequencia d'isso, a Portaria do Sr. Vice-Reitor, Dr. Bernardo de Serpa, obrigou o Sr. Bispo Conde a restabelecer a verdade dos factos e dos principios, e a refutar os especiosos fundamentos invocados pelo chefe da Universidade.

Esta lamentavel persistencia do Sr. Bernardo Serpa, que muito deveu magoar o Sr. Bispo Conde; esta reluctancia contra as noções mais claras e mais obvias do direito ecclesiastico, que não era de esperar de uma intelligencia tão cultivada, determinou o venerando Prelado da diocese a proseguir no seu empenho de zelar pela manutenção da disciplina e da verdade.

E n'esta occasião que um jornal, que se diz catholico e politico, se lembra de arremetter contra o nosso virtuoso Prelado no seu primeiro artigo, tomando para pretexto uns incidentes quaesquer da discussão pendente; acobertando assim, por ventura, o seu auxilio á outra parte, preparando uma diversão, e em todo o caso ferindo um respeitavel Prelado da egreja portugueza, e molestando-o sem razão nem justiça, e até mesmo sem um pretexto plausivel.

Ninguém ignora que S. Ex.^a o Sr. Bispo Conde se mostra sempre superior ás luctas partidarias. Nunca as paixões politicas toldaram o seu animo recto e imparcial, ou amesquinham as suas resoluções, que sempre procurou aferir pelos ensinamentos da Sancta Sé. Como Bispo comprehendeu sempre que a Religião catholica não é, nem pôde ser, a Religião de um determinado partido. Isto é patente, e ninguém de boa fé o pôde questionar.

II

Desejamos agora que os nossos leitores possam apreciar os singulares fundamentos de que um jornal, que se diz catholico e politico, não duvidou lançar mão, em taes circumstancias, para aggreir um Bispo portuguez.

São dois excerptos que o critico aproveitou para realisar os seus intuitos. E diga-se, desde já, que não é de animo liso e bem intencionado arrancar dois trechos de um escripto qualquer para, sem mais reparo, produzir o desejado effeito.

Ahi vai o primeiro excerpto.

Diz o Sr. Bispo Conde :

«Pretende o Sr. Vice-Reitor Bernardo de Serpa justificar as honras funebres feitas na Capella da Universidade ao fallecido Visconde de Villa-

«Maior com as circumstancias da sua familia (perdoe Ella a quem a traz para aqui tão escusadamente) e com os serviços por Elle prestados á Universidade, ás sciencias e á liberdade da sua patria com as armas na mão.

«É realmente verdade o que affirma o Sr. Vice-Reitor Bernardo de Serpa, e com toda a justiça, de tão illustrado e benemerito cidadão; e pela nossa parte nunca lhe faltou o nosso respeito e veneração pelos seus distinctos merecimentos, e pelo muito que soffreu e que fez pelo bem do seu paiz, com tanto proveito para este e tanta gloria para elle.

«Mas estes titulos, que são honrosissimos para a sua memoria, e mais que incontestaveis para a gratidão de nós todos, são motivos que se alleguem, e principalmente em uma Universidade, para se pôr de parte nos seus funeraes o direito canonico, a disciplina e a liturgia da Igreja? Onde, quando e para quem se fez semelhante cousa? (1)»

Antes de apreciarmos este trecho, transcrevamos nós o periodo correspondente do Sr. Dr. Bernardo de Serpa.

Tinha dicto este senhor:

«O Reitor, Visconde de Villa Maior, além dos serviços prestados com as armas na mão á liberdade da sua patria e á dynastia reinante, tinha feito ás sciencias importantes serviços, bem conhecidos dentro e fóra do paiz, e durante o exercicio do cargo de Reitor da Universidade, tinha promovido e realizado importantes melhoramentos nos seus estabelecimentos de ensino: tudo isto eram motivos que demandavam da parte da Universidade uma prova mais distincta de consideração, embora differente d'aquella que anteriormente e em circumstancias mui diversas havia dado por occasião da morte de outro Reitor, occorrida ha mais de meio seculo (2).»

Conhece-se, pois, que o Sr. Bispo Conde não assentava doutrina como sua, e todo o seu pensamento era convencer o seu contendor de que não era acceitavel a sua theoria pelos absurdos que d'ella resultariam, absurdos que S. Ex.^a Rev.^{ma} faz sentir bem no seguinte periodo, que é o immediato ao trecho transcripto:

«Por semelhante doutrina, que o talento e posição social de quem a denuncia e apresenta mais augmenta a nossa admiração, os freguezes de S. Christovão, que não poderam prestar serviços d'aquella ordem ao seu paiz, devem ser encommendados na Igreja parochial; os outros, que serviram a patria nas letras e nas armas, devem ser encommendados na Capella da Universidade, visto que o Visconde de Villa-Maior alli encommendado não tinha para isso privilegio algum, e era tão freguez da Parochia de S. Christovão como são todos os mais (3).»

E logo depois accrescenta:

«O venerando Ancião que derramou o seu sangue e mutilou o seu corpo para ajudar a implantar no seu Portugal os principios, *que tanto se apre-*

(1) *Instituições Christãs*, pag. 65.

(2) *Instituições Christãs*, pag. 50.

(3) *Idem*, pag. 66.

«*goam*, (o gripho é nosso) de liberdade, egualdade e fraternidade, etc. (1)»

É pois claro não ser o scopo do venerando Prelado apreciar os merecimentos politicos do Sr. Visconde de Villa-Maior; mas sim quebrar o argumento nas mãos do Sr. Vice-Reitor da Universidade, pondo mesmo fóra da discussão o decantado programma da liberdade, egualdade e fraternidade, que *tanto se apregoa*.

O segundo trecho, e foi esse o que mais indignou o articulista, é o seguinte:

«Falleceu ainda ha poucos annos dentro dos Paços da Universidade em «que habitava, e mais perto da Capella Real do que o fallecido Reitor, o «Secretario e Mestre de Cerimonias da Universidade, Manuel Joaquim «Fernandes Thomaz, que tambem prestou serviços á liberdade da sua «patria com as armas na mão; que soffreu por ella as inclemencias e tribalhos da emigração; que tinha uma longa vida publica desde a nossa «transformação politica até agora; e que, além d'isso, era filho do grande «fundador da liberdade portugueza, Manuel Fernandes Thomaz. (2)»

N'este trecho vê-se, bem claramente, que o Sr. Bispo Conde produzia um argumento de maior para menor, usando para esse fim das proprias armas do Sr. Vice-Reitor. Não podia, sem duvida, estar na mente de S. Ex.^a deslocar a questão, como parece intental-o o articulista a que vamos respondendo. Não; o venerando Prelado ponde assegurar por esta fórmula ao Sr. Bernardo de Serpa que o seu procedimento estava em contradicção com as suas ideias e palavras. E na verdade, para que o argumento de maior para menor, que o Sr. Bispo produzia, procedesse e não pudesse ser rejeitado, era preciso que elle formulasse o valor politico de Manuel Fernandes Thomaz, não segundo o proprio conceito de S. Ex.^a Rev.^{ma}, qualquer que seja, mas nos termos que o Sr. Vice-Reitor não podia recusar, nos termos em que esse valor é definido nas leis do paiz e em documentos officiaes, que lhe chamam grande fundador da liberdade, regenerador da patria, restaurador das liberdades patrias, patriarcha da liberdade, etc.

E são aquellas palavras *grande fundador da liberdade portugueza*, adduzidas manifestamente no sentido indicado, que mais escandalizam o articulista. Não quer saber do valor que tem pelo fim para que são trazidas, e aproveita-as para fazer uma arremettida de effeito.

De quanto não é capaz uma cabeça apaixonada!

Facto original:— S. Ex.^a o Sr. Bispo Conde, lutando pelos direitos da Egreja contra uma invasão da auctoridade leiga, não é catholico estreme; o articulista, aggreindo um Bispo portuguez durante a lucta e a proposito d'ella, é estreme! É necessario que o diga, porque, pelo seu procedimento que estamos apreciando, ninguem o poderia ter como tal.

(1) Idem, pag. 66.

(2) Idem, pag. 66.

III

Não conclua o articulista, ou catholico estreme, que nos passe um momento pela cabeça o não reconhecer e não louvar, como convictamente fazemos, o respeito e veneração tão nobremente prestados por S. Ex.^a Rev.^{ma} ao finado Visconde de Villa Maior. É a mais evidente prova de que para o nobilissimo Prelado da sancta Igreja de Coimbra a Igreja catholica não é feudo de um partido.

Em todos os partidos ha caracteres honrados, dignos e merecedores da nossa homenagem e do nosso acatamento; caracteres elevados, de esmerada educação e reconhecido talento, de não contestada probidade, luctando com heroica abnegação por uma ideia, que pôde não ser verdadeira, mas á qual prestam, convencidos do contrario, a mais sincera, a mais leal dedicação.

Homenagem, franca homenagem, a todos os homens honestos e dignos, a todas as intelligencias serenas e comedidas, que não fazem da mordacidade phrenetica um titulo de gloria, nem deixam de ver nas insinuações perdidas um instrumento de ruina.

E na verdade, o que doeu ao articulista foi a superior imparcialidade com que se houve o Sr. Bispo Conde. Podia o illustre Prelado involver-se na apreciação das ideias e dos factos politicos, sem se desviar do unico caminho que o seu elevadissimo ministerio lhe impõe, e do qual nunca se desviou?

Se algumas differenças se levantavam no animo do Sr. Bispo Conde sobre o modo como eram apreciados os invocados serviços do finado Visconde, ou como era considerado Manuel Fernandes Thomaz, fez S. Ex.^a muito bem, procedeu muito convenientemente, calando-as ou não as accentuando; 1.º — porque, em qualquer caso, não podia o Sr. Bispo Conde sem injustiça, de que é incapaz, recusar sentimentos de respeito e veneração ao Visconde de Villa Maior, que tão valiosos e incontestaveis serviços prestou á sua patria, como lidador constante e sincero, como Professor distinctissimo, como auctor de muitas obras e escriptos, como trabalhador infatigavel do seu paiz, que honrou tanto dentro como fóra d'elle, levando o seu zelo e dedicação a ponto de, já pouco antes da morte, faltar de saude e alquebrado pelos annos, visitar as Universidades estrangeiras para propor a reforma da nossa. Seria pois uma injustiça, repetimos, que o Sr. Bispo Conde recusasse o seu respeito e veneração ao finado Visconde, em quem se deram tão distinctos merecimentos, e que tanto soffreu e trabalhou pelo bem da sua patria; 2.º — porque intrometer explicações, que tivessem de se referir a qualquer ponto triste da nossa historia politica, seria, além de menos opportuno, menos consentaneo tambem com a imparcialidade que S. Ex.^a tão circumspecta e dignamente guarda no meio dos partidos; e 3.º — porque o accento de parcialidade politica que taes explicações trariam á refutação que S. Ex.^a se propunha, poderia dar azo a que se attribuisse á divergência de opiniões o zelo e attitude do virtuoso

Prelado na defeza dos direitos da Igreja e da disciplina da sua diocese.

Pois o articulista ou catholico estreme não se importa com estas considerações que saltam aos olhos, destaca os dois trechos que ficam transcriptos, e depois tudo lhe parece manifestações politicas e partidarias e grandes offensas para o seu partido!

É isto serio?

Provem que S. Ex.^a, o Sr. Bispo Conde, tem recusado ou recusa o seu respeito, a sua affectuosa delicadeza, aos homens distinctos, notaveis, ou simplesmente probos de qualquer partido politico; provem que S. Ex.^a, como Auctoridade, não auxiliou no que ponde e não assistiu ás exequias do Sr. D. Miguel, feitas na Sé Cathedral; provem que não dá testemunho publico nem particular do seu respeito e veneração por muitos cavalheiros do partido realista; provem que não foi de seu motu proprio e por sua especial devoção, que fez celebrar exequias publicas por alguns d'elles da sua diocese na Sé e em S. João d'Almedina; provem que não considera os cavalheiros e homens dignos do mesmo partido realista, quando os convida e recebe no Paço Episcopal e em todas as festas que n'elle celebra; provem que o Sr. Bispo Conde se importa com qualquer partido, liberal ou não liberal, quando, no desempenho do seu santo ministerio, tem de censurar ou de louvar, de se queixar ou de applaudir, como o peça a justiça e o interesse da Religião; provem, finalmente, que não deu uma prova d'isto mesmo na contestação das exequias do ultimo Reitor da Universidade, ou que não tem procedido sempre do mesmo modo, em todos os casos analogos, com a força, abnegação e independencia que se tem visto; e depois, sómente depois, desafoquem as suas malquerenças, as suas coleras reservadas, e que, mau grado nosso, não vemos moderar.

Escrevemos estas linhas movidos pela necessidade, que se impõe á nossa consciencia, de protestar contra um procedimento injusto de um articulista qualquer.

Pretende elle, o articulista que se diz catholico estreme, dar-se a conhecer, invocando as suas circumstancias pessoas em relação ao Sr. Bispo Conde? Quer-se dizer que o artigo significa apenas uma vingança e a vontade de desacatar? Infelizmente na especie humana póde haver d'estes caracteres dubios, cuja missão é machinar perfidias contra as aguias que pairam nas alturas. Não curamos de saber quem seja; que não deixe elle na sombra os factos com que possa exaltar-se.

Não continuaremos; e não começariamos talvez, se tivéssemos reflectido n'uns periodos que se lêem ao terminar o artigo, que nos suscitou as ligeiras considerações que ahi ficam. Receíamos ter dado demasiado valor ao que pouca attenção mereceria; mas perdoe-nos S. Ex.^a o Sr. Bispo Conde, se erramos.

Para terminar, escreveu o articulista, o catholico estreme:

«Mas se a verdade, se a justiça, se a historia, se a moral gemem, offendidas pelas palavras do Sr. Bispo Conde, devem folgar a maçonaria e os «mações, vendo assim exaltada a memoria *triangular* d'este seu confrade «em Adonirham!

«Deus nos livre de ir com algum praguento buscar explicações d'estes

«falsos encomios ás listas publicadas no *Conimbricense* pelo Sr. Joaquim «Martins de Carvalho.»

A calúnia, que poude ser arrojada pelos impios contra o Sanctissimo Padre Pio IX, que ainda ha pouco foi arremessada por algum homem perdido contra o venerando Bispo de Angra, é agora vibrada, ou antes malevolamente insinuada, em primeira ou segunda mão, contra o Sr. Bispo Conde!

Possa um dia o articulista arrepender-se e obter perdão. Para seu castigo, limitamo-nos a transcrever, sem mais commentarios, a baixa *insinuação*.

E aos nossos leitores pedimos nos revelem de, por esta vez, os entretornos com assumptos de tal natureza; e promettemos não voltar, facilmente, a discutir aqui desafigos de paixões, a que falta serenidade, e aquella delicadeza e urbanidade que sabe guardar deferencias e respeito indeclinaveis.

COPIA N.º 36

Em um relatorio impresso do Seminario de Coimbra no anno lectivo de 1867 a 1868 lê-se a pag. 43 o seguinte:

Orçamento para o anno futuro. — Sobre este ponto tive eu a honra de dizer á Ex.^{ma} Junta, no meu ultimo relatorio, o seguinte:

«Quando o Seminario for administrado por um reitor, o orçamento d'este para o Prelado é uma medida conveniente, como já tive a honra de dizer a V. Ex.^a no meu ultimo relatorio; porém, quando o proprio Prelado é quem por si administra e governa directamente o Seminario, como acontece com o de Coimbra, o orçamento parece não ter tanta razão de ser. Os Prelados, como V. Ex.^a muito bem sabe, administram e governam por direito proprio os Seminarios das suas respectivas dioceses. É isto expresso em direito canonico, e está claramente disposto e determinado na carta de lei de 28 de abril de 1845. Apenas esta carta de lei sujeita a sua administração á inspecção do governo; e esta inspecção, pelo que ensina a theoria e pelo que confirma a practica, consiste em saber e averiguar o que o Prelado faz; em approvar ou reprovar os seus actos, e em exigir d'elle nesta parte a responsabilidade que pelos mesmos lhe tocar: mas obriga-o a dizer de ante-mão como ha de administrar o seu Seminario, marcando o quanto do que ha de gastar nelle, e em quê, é uma exigencia que ultrapassa muito o direito de inspecção, e que parece até pouco decorosa para os Prelados, segundo V. Ex.^a, como Prelado que tambem é, e muito respeitavel, não poderá deixar de reconhecer.»

Digo o mesmo agora; e se o silencio até aqui, da Ex.^{ma} Junta, em quanto áquella exigencia, significa tenção de a abandonar, muito o estimo; porque, em verdade, permitta-me V. Ex.^a o dizel-o, não é digna para os

Prelados, nem conveniente para os Seminarios, a dependencia em que se vão collocando do governo e da Ex.^{ma} Junta.

Por quanto, observando-se o que se tem determinado a este respeito, os bispos, unicos depositarios da fé e mestres da doutrina, não podem em seus Seminarios adoptar um livro para a ensinar; não podem substituí-lo por outro; não podem escolher um professor; não podem tomar um prefeito; não podem nomear qualquer empregado sem a approvação do governo; e não podem emprehender uma obra, nem fazer qualquer melhoramento sem orçamentos e justificações de despeza.

Os enviados por Deos para governarem a sua igreja, os dispensadores dos mysterios do Senhor para o ensino e ordenação de seus ministros, que é obra toda de missão divina, hão de receber determinações do imperante civil como se fossem seus delegados; e os Seminarios, que são institutos exclusivamente ecclesiasticos, creados e regulados pelas leis da igreja, hão de ser administrados e governados como se fossem estabelecimentos civis, e repartições do estado mantidas pelo thesouro publico.

Felizmente a deferencia e attenção da Coroa para com os Prelados ora modifica ora remedeia os males que d'aqui podiam seguir-se; e pela minha parte, encarregado do governo d'esta diocese no impedimento do seu Ex.^{mo} Prelado, estimo esta occasião para poder dar testemunho da muita confiança e consideração com que se tem dignado de honrar-me, tanto o Governo de Sua Majestade, como a Ex.^{ma} Junta Geral da Bulla da Cruzada.

Todavia é já tempo de acabar esta desconfiança, tão prejudicial, entre a igreja e o estado; e a experiencia e os factos que temos presenciado, devem desenganar-nos de que algumas d'aquellas determinações não remediavam os males que pretendem; que outras são inexequiveis, por se opporem á razão e a todo o direito; e que todas ellas tendem a uma centralisação tal nas secretarias de estado que entorpece e paralysa tão uteis e religiosos institutos.

O governo, occupado com os negocios da republica, não pôde, apesar de seus bons desejos, saber em Lisboa das necessidades peculiares dos Seminarios de todo o reino, e muito menos conhecer os meios mais convenientes de as remediar segundo as circumstancias de cada um; e os seus reitores, atidos ao costume, em que estamos, de que o governo ha de fazer tudo e remediar tudo, umas vezes acanham-se, outras intimidam-se, e nada emprehendem nem realisam.

Estabeleçam-se, pois, com toda a regularidade os Seminarios que forem precisos no paiz; ponham-se á frente d'elles clérigos habilitados que conheçam os seus direitos e os seus deveres, e que tenham enthusiasmo e fé no futuro; inspecionem-lhes todos os seus actos, examinem a escripturação e a contabilidade, e vejam como corre a administração em todos os seus ramos. Faça o governo tudo isto: mas deixe a acção livre aos chefes d'estes estabelecimentos para tudo o que entenderem conveniente, e não lhes tire a pena ou a gloria pelo bem ou mal que fizerem. D'outra sorte não ha vida propria, nem vontade, nem estimulos para a dedicação

e perseverança com que se vencem as difficuldades, e se fazem as grandes obras.

Deixemos, porém, esta divagação, que, além de extranha ao meu assumpto, poderá parecer indiscreta e ousada a quem não souber, como V. Ex.^a sabe, que ella em nada prejudica os direitos do Imperante *circa sacra*; e que, pelo contrario, parte de quem os respeita e tem acatado sempre, e pelo modo que V. Ex.^a não desconhece.

Voltando por isso outra vez á exigencia do orçamento, de que me afastei, releve-me V. Ex.^a a franqueza de declarar que tal exigencia, além de pouco justificada em theoria, parece-me na practica completamente inutil em relação ao Seminario de Coimbra; não só porque é muito difficil organizar aqui um orçamento de todo o anno com a regularidade e justeza devidas pelas razões que noutro tempo já expuz; mas tambem porque eu govérno o Seminario conforme a experiencia e as circumstancias e necessidades occurrentes me vão ensinando, e não conforme o que, sem o conhecimento d'estas, tenha anteriormente calculado.

É por isso tambem que entre as despesas orçadas, a que pouco attendo, e as realisadas, a que dou todo o cuidado, se têm notado neste Seminario as differenças que já noutro logar expliquei.

Tambem não me parece necessario o orçamento para V. Ex.^a resolver se no proximo anno deve conceder-se-lhe pelo cofre da Bulla da Sancta Cruzada o subsidio de 1:800\$000 réis, com que tem sido contemplado nos ultimos annos.

As muitas obras, e muito dispendiosas, que vão fazer-se nesta casa, como V. Ex.^a acaba de ver; a regularidade e zelo de sua administração, e os importantes serviços que á egreja e ao estado está prestando este estabelecimento, parecem-me titulos sufficientes para a consideração que nesta parte espera da Ex.^{ma} Junta Geral da Bulla da Cruzada e do Governo de Sua Majestade.

Deus Guarde a V. Ex.^a—Coimbra, 31 de setembro de 1868.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

COPIA N.º 37

Ill.^{mo} Sr. — Tive a honra de receber o officio que V. S.^a teve a bondade de me dirigir com data de 26 do corrente, participando-me que o R. Reitor do Seminario Episcopal d'esta Diocese duvidara dar os esclarecimentos que V. S.^a lhe pedira em officio de 23 tambem do corrente, relativos ás aulas, disciplinas, professores e alumnos do mesmo Seminario, sem determinação da minha parte pelas razões que expoz no seu officio de resposta que V. S.^a teve tambem a bondade de enviar-me por

copiã; (1) e em virtude d'este escrupulo, como V. S.^a lhe chama, do mesmo R. Reitor pretende V. S.^a que eu dê as ordens precisas para que lhe sejam dados com a maior brevidade aquelles esclarecimentos, a fim de poder satisfazer a ordens superiores.

Convencido de que as auctoridades civis e ecclesiasticas devem mutuamente auxiliar-se no desempenho dos seus respectivos deveres para melhor poderem conseguir o fim a que se propõem em harmonia com o bem geral que ambas têm em vista, é sempre com a mais boa vontade que eu satisfação pela minha parte e dentro da jurisdicção que me compete a tudo o que me parece, ou que d'algum modo me é indicado, como conveniente ao bem do serviço publico. Independente d'outros motivos, devo fazel-o mesmo por gratidão ao valioso auxilio e efficaz cooperação que me tem prestado no desempenho dos meus deveres, durante a commissão para que tive a honra de ser eleito, a illustrada auctoridade civil d'este Districto e Concelho, o que confesso com muita satisfação. Entendo porém, permita-me V. S.^a declaral-o com franqueza, que não devo mandar dar officialmente os esclarecimentos que V. S.^a pretende, para d'este modo não reconhecer competencia na auctoridade que V. S.^a tão dignamente exerce para os pedir por aquella fôrma.

Desculpe-me V. S.^a se por ventura me engano. Pelo artigo 10 da carta de lei de 28 de abril de 1845 compete aos Prelados Diocesanos o governo economico e a direcção disciplinar dos Seminarios das suas respectivas Dioceses, debaixo da inspecção do Governo; e este direito de inspecção tem o Governo exercido sempre pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. Por este se expedem sempre directamente aos Prelados todas e quaesquer providencias do Governo relativas aos Seminarios de suas Dioceses respectivas; e por este dão contas tambem aquelles sempre directamente ao Ex.^{mo} Ministro respectivo de tudo o que diz respeito a estes.

Não me consta que aquelle direito tenha sido exercido por algum modo pelo Ministerio do Reino ou pelos seus Delegados, porque nem mesmo o Conselho Superior de Instrucção publica, apezar da latitude das suas attribuições em tudo o que respeita a estabelecimentos literarios, tem inspecção alguma nos Seminarios Diocesanos.

Portanto, não se referindo os esclarecimentos que V. S.^a pretende a objectos de policia administrativa ou de quaesquer encargos civis, ao que são e não podem deixar de ser extensivas as attribuições de V. S.^a relativamente ao Estabelecimento de que trato, mas sim a objectos de ensino —*direcção disciplinar*— como evidentemente se deprehende dos esclarecimentos pretendidos, é certo que eu, dando-os officialmente como se pedem, ou reconheço sobre o Seminario Episcopal um direito de inspecção que elle não tem, ou o exercicio do que tem por um modo diverso d'aquelle que tem estado em pratica até aqui; ao que parece oppor-se a propria organização civil e ecclesiastica; e por isso quer-me parecer que no desempenho dos meus deveres e manutenção dos direitos que me foram

(1) Prohibi ao R. Reitor que enviasse os esclarecimentos pedidos, e determinei que em vez d'estes, lhe enviasse este officio que lhe indiquei.

confiados não devo estabelecer um precedente e sancionar uma novidade que pôde dar maus resultados no futuro, embora eu esteja certo e certíssimo de que a pretensão de V. S.^a tem só em vista o bem do serviço publico. Desculpe porém no emtanto V. S.^a o meu escrupulo; e se o achar mal entendido, attribua-o a erro do entendimento mas não da vontade, na certeza de que eu estou muito prompto a dar e mandar dar por outra qualquer forma todos e quaesquer esclarecimentos que V. S.^a pretender relativamente ao Seminario Episcopal d'esta cidade. Amigo da publicidade, longe de mim a idéa de querer fazer mysterio do que nelle se passa.

Costumam dar-se todos os annos e por diversas vezes ao Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça contas muito detalhadas de tudo o que lhe diz respeito, estão approvados pelo Governo os seus professores, são publicas as suas aulas, pôdem todos ir ver o que nellas se ensina.

Deus Guarde a V. S.^a — Vizeu, (Fontello) 29 de março de 1859. — Ill.^{mo} Sr. Administrador do Concelho de Vizeu. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Capitular.

COPIA N.º 38

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tive a honra de receber a portaria que V. Ex.^a se dignou de dirigir-me com data de 26 de fevereiro preterito para eu ordenar ao Corpo Docente do Seminario d'esta Diocese que proceda quanto antes á eleição do Delegado que o represente na conferencia escolar de que tracta o decreto de 14 de outubro ultimo, no caso de ser o mesmo Seminario frequentado por mais de 70 alumnos segundo o disposto no referido decreto.

Primeiro de tudo, permitta-me V. Ex.^a que eu consigne aqui o testemunho do meu agradecimento pelo direito concedido aos Seminarios de se fazerem representar naquella conferencia; porque similhante concessão, ao passo que manifesta o empenho muito louvavel do Governo de Sua Majestade em consultar todas as luzes sobre o melhoramento da instrucção publica, revela tambem de modo bem patente a sua deferencia e consideração para com estes estabelecimentos.

Nem outro podia ser, Ex.^{mo} Sr., o fim do seu chamamento a tão grande congresso litterario, por quanto, não se extendendo aos estudos theologicos e canonicos que se professam nos Seminarios as consultas ou deliberações d'este, não têm aquelles de concorrer alli como partes nellas interessadas, assim como o são as escholas civis dependentes do Ministerio do Reino que as convoca.

Os dogmas e doutrinas da Religião Catholica Apostolica Romana, que temos a fortuna de professar, dimanam directamente do seu Divino Fundador, como V. Ex.^a muito bem sabe; e só a Igreja, por Elle instituida, tem o poder e a missão divina de as guardar e de as propor e ensinar.

Este poder, concedido aos Apostolos, pertence aos Bispos como seus legitimos successores no governo da mesma Igreja, e por consequente são os Bispos os unicos depositarios da fé e Mestres da doutrina.

Como porém a Igreja Catholica tenha de viver no seio da sociedade civil, sujeitam-na ao mesmo direito de inspecção que o Imperante exerce em relação a quaesquer associações para obstar a que ellas se afastem do fim da sua instituição com prejuizo do imperio.

Por consequencia, se no ensino das verdades theologicas e dogmaticas os Bispos ou seus Delegados ensinarem ou propalarem doutrinas perigosas para a ordem publica ou nocivas á sociedade, admittindo mesmo semelhante hypothese, o Governo está sempre armado d'aquelle pretendido direito para coarctar e reprimir estes abusos.

Porém, se a titulo de exercer este direito, e sem se darem ou ao menos suspeitarem taes abusos, o poder civil se intromettesse na vida intima da Igreja alterando a sua economia e disciplina; e se fosse regular o prescrever como deviam ser ensinadas nos Seminarios as doutrinas de Jesus Christo, escolhendo e adoptando os compendios para este ensino, e despachando como faz para as escolas civis os individuos que o hão de professar: aniquilar-se-iam inteiramente os direitos e as funções dos Bispos, e a Religião, por tal modo ensinada e exercida, deixaria de ser a Religião Catholica Apostolica Romana, que a Carta Constitucional reconhece como Religião do Estado.

Dar-se-ia do mesmo modo aquelle grave transtorno, se o referido congresso escolar se occupasse dos estudos ecclesiasticos dos Seminarios, e se as suas consultas ou deliberações tivessem de ser recebidas ou consideradas por estes; por quanto, sendo ellas tomadas por maioria, tanto pesaria no ensino das verdades dogmaticas o voto do Bispo, ou do seu Delegado pelo qual se fizesse representar no mesmo congresso, como o do professor de primeiras letras, ou como o do militar, ou do Mathematico ou do Philosopho.

Felizmente, porém, esta inversão de todos os principios de ordem e de justiça não entra nem pôde entrar no pio animo de Sua Majestade que é Rei Fidelissimo e Protector dos Sagrados Canones.

Todavia os Seminarios são chamados á conferencia pelo mesmo modo e da mesma fôrma que os estabelecimentos de instrucção publica, administrados e subsidiados pelo Estado: quer-se até que naquelles a eleição do seu Delegado seja feita pelos professores do mesmo modo que nestes, apesar de não pertencer aos professores do Seminario, mas unica e exclusivamente ao Prelado a representação e governo d'estes, tanto litterario e disciplinar como economico.

E assim podendo succeder que d'estes factos, e do outro de ser mandado um ecclesiastico a uma conferencia toda civil, se deduza o reconhecimento da competencia d'esta para consultar sobre os Seminarios, e a obrigação d'estes estabelecimentos para estarem pelas suas consultas; eu, repetindo de novo os meus agradecimentos, peço a V. Ex.^a se digne de permittir que o Seminario de Coimbra renuncie ao direito que lhe foi concedido; na certeza de que, sempre respeitoso para com as determinações

e desejos do poder civil, e sinceramente desvelado pela instrucção e educação dos muitos alumnos que o frequentam, segundo V. Ex.^a tem podido ver dos meus relatorios, este Seminario procede assim unicamente pelas considerações que deixo expostas, e não por menos boa vontade de com-prazer com os desejos do Governo de Sua Majestade, ou por pouco empenho de concorrer para o progresso litterario do seu paiz.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 6 de março de 1869. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

COPIA N.º 39

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tive a honra de receber a portaria que V. Ex.^a se dignou dirigir-me com data de 18 de março ultimo, em resposta á declaração, que fiz no meu officio de 6 do sobredito mez, de que o Seminario d'esta Diocese, pelas razões no mesmo expostas, renunciava o direito que lhe concedia o decreto de 14 de outubro do anno proximo preterito, de se fazer representar na conferencia escholar por elle creada; e na mesma portaria digna-se V. Ex.^a de ponderar que, tendo a mesma conferencia por fim substituir o Conselho Geral de Instrucção Publica, e auxiliar o Governo na decisão dos negocios geraes concernentes á instrucção, não se pôde permittir a dicta renuncia, porque, se fosse facultativa aquella representação, ficaria o Governo privado d'este auxilio.

Respeito, como devo, as ponderações de V. Ex.^a; e sem de modo nenhum as querer contrariar, peço todavia licença para observar que nem pelo citado decreto, nem pela portaria de V. Ex.^a de 16 de fevereiro para a execução d'elle, nem por outro algum acto do Governo se impoz aos Seminarios a obrigação de mandarem delegados á sobredicta conferencia. Conceden-se-lhes apenas o direito de os poderem mandar; e por isso quer-me parecer que não pôde obstar-se a que elles renunciem, se assim quizerem, a esse direito; porque o direito que é uma faculdade e não uma necessidade, como V. Ex.^a muito bem sabe, pôde ser sempre renunciado pela pessoa juridica ou moral a quem for concedido.

E, admittida ainda a hypothese de se poder obstar a esta renuncia, parece-me que as ordens, contidas na sobredicta portaria para este Seminario enviar Delegado á mesma conferencia, não podem basear-se, como nella se declara, na cooperação que diz que o Governo deve achar nos Delegados dos Seminarios para o melhor exercicio das attribuições que lhe confere a lei de 28 de abril de 1845: por quanto, sendo esta lei relativa exclusivamente aos Seminarios e á instrucção ecclesiastica que nelles se professa, como, além de ser bem manifesto da letra e espirito da mesma lei, está sancionado já por 20 annos de practica da sua execução, não pôde o Governo em virtude d'ella exigir a cooperação dos Seminarios

senão para a instrução ecclesiastica que sempre tem corrido pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos ; e não para a instrução civil que corre pelo Ministerio do Reino, e com a qual nada tem a referida lei.

Todavia, attendendo a que o fim da sobredicta conferencia, segundo V. Ex.^a se digna declarar, é auxiliar o Governo e substituir o Conselho Geral de Instrução Publica, que nunca se occupou nem podia occupar dos Seminarios e da instrução ecclesiastica nelles professada, o Seminário de Coimbra, não querendo recusar-se a prestar pela sua parte este auxilio, e desejando comprazer sempre com a vontade do Governo de Sua Magestade, enviará tambem no tempo competente á mesma conferencia o seu Delegado, que é o professor Dr. Antonio Bernardino de Menezes, confirmando todavia quanto sobre este assumpto eu tive a honra de expor a V. Ex.^a no meu citado officio de 6 de março.

Deus Guarde a V. Ex.^a—Coimbra, 24 de abril de 1869.—Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

COPIA N.º 40

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Tive a honra de receber o officio de V. Ex.^a relativo ao da Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, em que se pergunta qual a importancia das prestações mensaes, que nos Seminarios d'Angra, Coimbra, Evora, Porto e Santarem costumam ser exigidas por cada alumno interno, e qual a das mensalidades para os alumnos que houverem de ser subsidiados na Universidade de Coimbra, e se é uso abonar estas prestações em todos os mezes do anno, ou se se exceptuam os mezes das ferias e quaes estes sejam.

Neste Seminario de Coimbra a prestação mensal dos alumnos internos que forem d'esta Diocese e que se destinam á vida Ecclesiastica é de 8\$500 réis, e de 12\$500 réis a de todos os outros que ou não forem d'esta Diocese, ou não aspiram ao Sacerdocio, como consta do meu ultimo Relatorio datado de 31 de setembro de 1868; e esta prestação, pelo que respeita aos alumnos de Diocese extranha, subsidiados neste Seminario pela Bulla da Cruzada, é paga todos os mezes naquella conformidade pelo Thesoureiro da Bulla d'esta Diocese, mas com relação sómente ao tempo decorrido desde a entrada do alumno para o Seminario até á sua sahida em cada anno lectivo, exceptuando sempre os dois mezes de ferias, agosto e setembro, em que o Seminario está fechado.

Agora pelo que respeita á importancia das mensalidades para os alumnos subsidiados na Universidade, ainda que não é da minha competencia informar a tal respeito, eu peço a V. Ex.^a que me permita transcrever aqui o que sobre este assumpto tive a honra de expor no meu Relatorio datado de 12 de novembro de 1866, e foi o seguinte: «Por esta razão (a de se

dever ter em vista com a admissão de alumnos gratuitos, não o bem e aproveitamento particular d'um ou d'outro individuo, mas o bem geral da Sancta Egreja de Coimbra) terminou-se aqui já com a missão de alumnos para a Universidade á custa do Seminario, como permite a Carta de Lei de 28 de abril de 1845, porque afóra a hypothese, que raras vezes se dá, de convir formar um ou outro seminarista que revele talento muito distincto, as missões, que geralmente se têm feito, e nas quaes, nem sempre se tem attendido ao espirito e á letra d'aquella Carta de Lei, tem dado como era de esperar deploraveis resultados na practica.

Veja-se o que têm lucrado as Dioceses de Coimbra, Aveiro e Bragança com os alumnos que á sua custa formaram na Universidade. Quasi todos depois de formados, ou não se importaram com o serviço das Dioceses que os tinham habilitado, e trataram de obter com a formatura canonicatos e empregos em outras, como lhes pareceu melhor, ou, quando se importaram, nada lucraram aquellas com isso, porque, pagando como pagam em todo o caso o seu serviço, hão de ter sempre, como a experiencia mostra, clerigos habilitados, e com graus academicos para o desempenhar, sem ser necessario o sacrificio de os formar primeiro.

Não nos faltam porém felizmente aqui hoje Clerigos, Doutores e Bachareis formados em theologia e direito. O que nos faltam são Padres que vão morigerar e instruir os povos, servindo uns de Parochos e outros de capellães nas freguezias ruraes mais pobres, e para isto, que é o que hoje mais se precisa, mal servem ou servem de mais os Clerigos formados, porque, cheios de importancia de suas habilitações litterarias, não se sujeitam áquelle serviço tão util e necessario. Aspiram de ordinario só a Canonicatos e a beneficios pingues (1).»

(1) Não se julgue por isto que eu não quero os clerigos com graus academicos, ou que não tenho por elles a consideração devida.

Advogando a necessidade e justiça de dar alguma collocação aos professores do curso ecclesiastico de Aveiro quando elle terminasse, tive eu a honra de dizer ao Ex.^{mo} Ministro dos Negocios Ecclesiasticos em officio de 29 de agosto de 1884 o seguinte:

«É uma dureza e uma ingratidão feita aos seus serviços e aos seus merecimentos o proceder de modo contrario, dureza e ingratidão sempre muito para sentir em todos os tempos, mas nestes principalmente, em que se vêem considerados, apresentados e bem collocados não poucos clerigos sem habilitações ou graus academicos.

«Continuando este desprezo, deixe-me V. Ex.^a dizel-o assim, pelos clerigos que á custa de muitos trabalhos e de muitas despesas, obtiveram honrosas habilitações litterarias que não deslustram com o seu comportamento; e não se tendo na devida conta os serviços por meio d'ellas prestados á Egreja, desaparecem os estímulos e o incentivo para d'aqui em diante se frequentarem as escholae superiores; e em vez de subir, como é tão necessario, não poderá deixar de descer por este motivo o nivel da instrução ecclesiastica. Ninguém dedicará ao estudo profundo das sciencias ecclesiasticas os annos mais felizes da vida, para depois ser preterido nos beneficios e dignidades da Egreja pelos que subiram ao sacerdocio sem estes trabalhos.»

Tambem, entre outros, o provimento da egreja de Ilhavo, que é das melhores do Bispado, feito no mesmo anno, prova bem quanto eu pugno pela preferencia dos clerigos de graus academicos no provimento dos beneficios ecclesiasticos, quando forem bem comportados, e o mesmo prova tambem, e d'um modo bem mais significativo, o provimento, ainda não feito, d'outra egreja da Beira.

Confirmo hoje, e agora mais ainda, estas mesmas idéas, porque ás razões expostas accresce a experiencia que mostra que os alumnos mandados para a Universidade, como se tem feito, sem terem estado nos Seminarios, e sem receberem primeiro algumas das ordens sacras, como quer a lei de 28 de abril de 1845, não recebem aqui de ordinario a educação que convém e é indispensavel aos Ministros da Religião. Todavia eu desejo, e reputo sempre de grande conveniencia, que se mandem para a Universidade alguns alumnos que nos estudos dos respectivos Seminarios tenham revelado talento bem distincto; mas entendo que esta missão deve ser feita na conformidade da sobredicta lei pelo Prelado Diocesano, que sollicitará os meios para ella necessarios da Ex.^{ma} Junta Geral e do Governo, quando não forem sufficientes os do respectivo Seminario; por quanto, além da disposição da lei e de muitas outras razões de utilidade e conveniencia que exigem o seu cumprimento, accresce a circumstancia de serem dispensados do pagamento das matriculas na Universidade os alumnos mandados pelos seus Prelados, como é expresso na mesma lei, o que de outra sorte não succede.

Ao Governo e á Ex.^{ma} Junta Geral da Bulla da Cruzada compete o arrecadar e mandar applicar, primeiro ao Seminario e depois ás Igrejas pobres, as esmolas da mesma Bulla na conformidade do Decreto de 14 de dezembro de 1851; mas a designação dos individuos que, subsidiados pelas mesmas esmolas, devem ser ordenados nos Seminarios e formados na Universidade conforme o merecimento de cada um, é, como não pôde deixar de ser, da competencia dos respectivos Prelados Diocesanos; pois á centralisação, já tão grande, de tantos negocios da Igreja nas Secretarias de Estado é bem escusado accrescentar esta, de todo o ponto insustentavel, de o Governo fazer por iniciativa sua esta designação, e de correr por este modo com a ordenação e formatura de Clerigos e com o pagamento em todos os mezes das suas prestações, e isto quando estas são dadas não pelo Thesouro Publico, o que ainda neste caso é da competencia do Prelado Diocesano conforme a citada lei de 28 de abril e o Alvará a que ella se refere de 10 de maio de 1805, mas pelo cofre das esmolas da Bulla, do qual o Governo, com relação á educação e instrucção do Clero a que são applicadas as mesmas esmolas, deve mandar dar os subsidios que estas comportarem não a individuos em especial, mas aos respectivos Seminarios Diocesanos, como é bem expresso no citado Decreto.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 22 de novembro de 1869. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Commissario Geral da Bulla da Cruzada. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

COPIA N.º 41

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Tenho a honra de participar a V. Ex.^a que se celebrou no dia 25 de maio ultimo a Academia de Sancto Thomaz d'Aquino no Seminario Episcopal d'esta diocese, e que de anno para anno vai subindo de importancia esta festa religiosa e litteraria.

Neste anno, porém, excedeu muito a dos antecedentes pela graça que o Ex.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico nesta Côrte se dignou de fazer-me, vindo honral-a com a sua presença; e o Clero, Auctoridades e todas as classes sociaes da minha sêde episcopal, reconhecidos a esta graça, honrosissima para mim e para esta cidade, esmeraram-se, com grande satisfação e agradecimento meu, em receber S. Ex.^a com todas as demonstrações de respeito, de veneração e de jubilo, como V. Ex.^a pôde ver do incluso numero do jornal *Instituições Christãs*, que é o jornal da diocese.

Tambem no mesmo jornal V. Ex.^a pôde ver como foi majestosa e deslumbrante a referida Academia pela grandeza e ornamentação da sala para ella construida e destinada, e que não continha menos de 700 pessoas; pelas muitas summidades sociaes, litterarias e politicas que a abrihantaram; pela elevação das poesias e dos discursos sempre eloquentes, profundos e muito discretos; e finalmente pela benção do Sancto Padre e pelo primoroso discurso na lingua latina, discurso interessantissimo e cheio de benevolencia para todos, com que o Sr. Nuncio Apostolico fechou a festa mais notavel e mais solemne que tem havido no Seminario de Coimbra.

E não tendo agradado nem agradando ainda estas Academias a uns certos jornaes religiosos do nosso paiz, certamente porque, sem as exagerações e exclusivismos que elles querem, nas mesmas se prêga e ensina a obediencia ao Papa e ao Rei, e o mutuo respeito e harmonia entre o Sacerdocio e o Imperio, sem prejuizo dos direitos d'um e d'outro; não escapa certamente ao fino criterio de V. Ex.^a a importancia e significação da visita do Representante de Sua Sanctidade a esta diocese e ao seu Seminario, principalmente depois da recepção que aqui teve e dos louvores publicos e officiaes que deu á Academia, ao Seminario, ao movimento e vida d'este Bispado, e aos sentimentos religiosos do bom povo de Coimbra, não poucas vezes desfavorecidos e menos considerados nos mesmos jornaes.

E, em verdade, S. Ex.^a, louvando tambem muito, como louvou, as boas relações que aqui viu entre as Auctoridades Ecclesiasticas e as Civis e Politicas; saudando Sua Majestade El-Rei no jantar a que estas concorreram no Paço Episcopal, e tornando sempre bem patente o seu respeito e cortezia para com os diversos partidos politicos, e a sua completa exempção de todos, anima e apoia com o seu exemplo os que já d'antes seguiam este caminho; mostra practicamente aos absolutistas que se pôde ser religioso

e catholico sem se combater a actual dynastia e as instituições do paiz, e aos liberaes e democratas que o ser padre, cumprir os deveres religiosos, respeitar e obedecer ao Papa, ao Nuncio e aos Bispos não é o mesmo que ser miguelista, fanatico e inimigo das liberdades patrias, como elles infundada e malevolamente pretendem; e chama finalmente para a grande união catholica, como quer Sua Sanctidade, todos aquelles que sem embargo das suas opiniões politicas quizerem empenhar-se na observancia e defesa das grandes verdades e doutrinas da Religião e da Igreja.

Além d'isso pelo talento e merecimentos de que é dotado, pelo desejo que mostra de ver tudo e de ouvir a todos, pela affabilidade e delicadeza com que a todos captiva, como aqui succedeu, e pelo conhecimento practico que tem dos tempos e do meio social em que vivemos; o actual Nuncio Apostolico interpreta e desempenha fielmente a politica e a diplomacia do Grande Leão XIII, e ha de desembaraçar e estreitar as relações da Igreja Portugueza com a Sancta Sé, e destruir e acabar com as desconfianças e preconceitos dos governos e partidos liberaes contra a Nunciatura e contra o Clero.

Praza a Deus que assim aconteça, e que o poder civil e o poder religioso se desenganem de que é tempo, não de se hostilizarem reciprocamente, mas de se darem as mãos para no interesse de todos levantarem o respeito da Auctoridade, e pôrem um dique á propaganda funestissima e cada vez mais crescente de doutrinas deleterias e dissolventes que, d'outro modo, tarde ou cedo hão de causar a desgraça da nossa querida patria. Só quem for muito myope poderá deixar de ver como se manifestam já estes prenuncios nos maiores centros de população com especialidade, e como sem reboço e impunemente se está atacando a Religião, a familia, a propriedade e todos os principios e doutrinas sobre que assenta o governo das nações, e de que vem o respeito e a força para a Auctoridade publica.

Para se lograr, porém, aquelle util e necessario desideratum é indispensavel que o governo pela sua parte não continue a desprezar systematicamente as grandes necessidades da Igreja a ponto de fechar de todo as cathedraes, de reduzir e entregar uma grande parte do Clero parochial á pobreza e aos insultos da rua, e de fazer rarear cada vez mais as vocações para o estado ecclesiastico pelo futuro de pobreza, que no fim de tantas habilitações e de tantos trabalhos e despezas espera em geral aquelles que hoje se ordenam.

Em algumas dioceses já não ha senão um padre para tres parochias, e, continuando as cousas assim, apagar-se-ha de todo em muitas povoações e em muito pouco tempo a luz da fé e o espirito religioso e christão, sem o qual a civilisação será uma utopia.

O Sancto Padre deferiu prompta e generosamente as supplicas do Governo Portuguez para a redução de algumas dioceses na esperança de que o Real Padroeiro proveria logo as cathedraes das subsistentes, e já la vão dois annos sem se fazer cousa nenhuma; e as delicadezas, attensões e deferencias que, não obstante isto, têm havido ainda da parte da Sancta Sé para com o Governo dão ao procedimento d'este para com Ella uma

feição que, sobre o mal religioso que está causando, não se compadece com o decoro e fidalguia da Nação Portuguesa.

Bem sei que nesta parte não é só culpado o Governo, mas também aquelles que, por quererem o optimo, perdem o bom. Todavia este insignificantissimo attrito que levantaram com infundados escrupulos, o que declaro para ser justo para com todos, podia e devia estar já resolvido ha muito tempo, visto que da Sancta Sé nenhuma difficuldade se têm posto.

Em vista, pois, de tudo isto não era muito para extranhar que a Igreja Portuguesa e todo o seu Clero combatessem os governos dos partidos liberaes que a tractam por esta fórma, e que da quantidade prodigiosa dos bens ecclesiasticos que têm ido para o thesouro publico, e que têm sido nos ultimos tempos a mais forte alavanca do credito nacional, nem ao menos querem dar uma negregada migalha para manter o culto publico quotidiano sequer nas capitaes das nossas poucas dioceses, o que é tanto mais para sentir e desgostar, quanto é certo que o thesouro publico, apesar de estarem providas de Prelados todas as dioceses do continente com excepção da do Algarve, não dispende hoje annualmente, excluindo o Patriarchado, senão a quantia de 18:278\$986 réis para subsidiar em todas ellas os Bispos, os Cabidos e o culto Divino; e que, attentos os rendimentos proprios dos Cabidos, seriam pequenas as ajudas de custo que elle teria de dar para completar a tenue congrua de alguns Conegos, que não deixassem acabar em Portugal as antiquissimas e sempre respeitaveis e venerandas corporações capitulares das nossas cathedraes.

Infelizmente, porém, parece haver tal fraqueza e subserviencia dos governos e partidos liberaes a uma certa corrente de opinião hostil á Religião e á Igreja, que até condescendem com ella em pontos que ferem e prejudicam a politica que tanto exaltam e que tanto parecem querer seguir e advogar — o evitarem o mais possivel a interferencia da Sancta Sé no governo da Igreja portugueza.

Existindo os Cabidos, a jurisdicção para governar a diocese, quando esta vagar pela morte ou renuncia do Bispo respectivo, ou por algum outro motivo, passa para o Cabido, e provê-se por este modo ao governo da Igreja vaga, dentro da propria diocese e dentro do reino; e, ainda que depois se levantem duvidas sobre a confirmação do novo Prelado apresentado pelo Real Padroeiro, a diocese continúa a ser governada valida e licitamente e sem interferencia alguma Pontificia pelo vigario capitular, escolhido ordinariamente d'entre os conegos apresentados pelo Real Padroeiro nas suas cadeiras capitulares.

Não existindo os Cabidos, tem de vir de Roma a jurisdicção para governar as dioceses tanto em sé vaga, por meio de vigarios apostolicos, como em sé plena por meio de Bispos competentemente apresentados e confirmados. E se a Sancta Sé não pozesse, como põe, acima de todas as rivalidades e preponderancias os dictames da justiça e o bem da Religião, em que posição se não collocaria o Governo nos conflictos que se levantassem entre os dois Poderes sobre a escolha de quem deveria governar a diocese num e noutro caso?

Hoje governa-a em sé vaga quem para este fim for canonicamente instituido sem dependencia nenhuma da Sancta Sé; e, ainda que o Papa não confirme o novo Prelado eleito, a Egreja continúa a ser governada pela auctoridade constituída dentro do reino sem dependencia nenhuma de fóra d'elle.

Mais tarde, quando faltarem os Cabidos, já assim não pôde ser; e a Sancta Sé já não sentirá tanto que sejam menos idoneos os clerigos apresentados para a governarem em sé plena, visto que necessariamente ha de ser nomeado e jurisdicionado por Ella o clerigo que a governar em sé vaga.

Todavia é o Sancto Padre que deseja e insta pelo provimento dos Cabidos, que em certo modo cerceiam o seu dominio e o exercicio da sua auctoridade; e são os governos, que têm nos Cabidos um elemento de força e independencia, que difficultam e não querem o provimento d'elles!

Julgarão talvez, como alguns jornaes de certo partido ultra-avancado, que a Religião e a Egreja estão a acabar e que já não é necessario nomear Conegos nem cuidar de Cabidos. Quanto se illudem! Ha 19 seculos que os *illuminados* de todos elles fazem estes vaticinios, e apezar da sua illuminação ser em muitos bem maior que nos seus successores do tempo presente, longe de verem os funeraes da Egreja, como tão loucamente esperavam, a Egreja pelo contrario tem-nos visto desapparecer a elles todos uns após outros; tem visto acabar os Imperios, as Monarchias, as Republicas, os partidos e os governos; e ella, sempre serena e infectível no desempenho da sua missão divina, vai vivendo e caminhando por sobre as cinzas d'aquelles e as ruínas d'estes, sem que a façam estremecer e abalar os desprezos e abandonos d'uns, as insidias e hypocrisias d'outros, as apostasias d'estes ou as perseguições d'aquelles.

Demais, não julguem da Religião em Portugal pelo que dizem os jornaes a que já me referi, e pelas manifestações de impiedade por elles promovidas principalmente em Lisboa e Porto. A par com essa impiedade, que para os seus fins tanto alardeam, ha muita fé, muito sentimento religioso e muita devoção nas duas cidades; e no recenseamento que nellas se fizesse d'uns e d'outros, os impios estariam para os catholicos na proporção que o Tejo está para o Oceano.

Além d'isso, estas duas cidades e outras quaesquer não são o paiz. O paiz são as aldeias principalmente; e nestas, pelo que eu tenho observado na minha diocese e pelo que me consta das outras, a fé e o sentimento religioso está ainda muito vivo e arraigado nos povos. Que infinidade de exemplos e de factos, de que tenho sido testemunha ocular, podia aqui citar em abono do que digo!

Se esse partido que, tão erradamente para elle e tão felizmente para os seus adversarios, pretende fazer da impiedade a arma da sua politica; e se os governos d'esta ou d'aquella situação se lembrassem de affrontar as crenças do povo portuguez e de o querer desviar, nas aldeias principalmente, da sua Egreja, do seu Parocho, da sua Missa e das suas festas religiosas, veriam o que lhes succederia. Mandem exercitos, dinheiro e oradores para uma diocese fazer essa propaganda, e deixem ir o Bispo sósinho, com o seu baculo e com a sua mitra fallar aos Fieis seus dioce-

sanos em nome da Religião e de Jesus Christo, e observem para onde estes vão e para onde vai a victoria.

Quando depois de 1834 quizeram vencer pela força os escrúpulos de consciencia de alguns fieis sobre a legitimidade da jurisdicção de algumas Auctoridades Ecclesiasticas, obtiveram sempre o resultado contrario por similhante caminho. Entre muitos factos para o comprovar basta citar o seguinte: Para prenderem o Abbade de Guardão no bispado de Vizeu, que não reconhecia as mesmas Auctoridades, cercaram de tropas a residencia parochial, mas elle não se deu á prisão: crivaram de balas por muito tempo o seu Presbyterio, mas elle defendeu-se emquanto pôde e não se rendeu: deitaram-lhe o fogo á casa, mas elle, levantando os olhos para o ceu, ficou immovel e imperterrito perante as chammas que o envolviam, e, similhante ao soldado das ruinas de Pompeia, deixou-se morrer queimado, mas não se rendeu.

Com força, ferro, fogo e sangue fazem-se martyres, não se vencem crentes; com desprezos e abandonos pôde pôr-se tudo na miseria, mas não se dobram consciencias nem se mata a fé.

Percam pois de todo a idéa de subjugarem ou de aniquilarem a Egreja, quaesquer que sejam os meios que para isso empreguem; e V. Ex.^a, que reprova e condemna taes intuitos, não reprovará menos que se tracte o Clero portuguez com a injustiça e ingratição que elle não merece. Pois não obstante o que tenho tido a honra de expor, como procede elle?

O Episcopado, longe de crear difficuldades aos governos e de procurar no appello eleitoral aos seus Diocesanos por meio da sua grande força moral o remedio dos males que estão padecendo as suas Egrejas episcopaes, pelo contrario excede-se em precauções de prudencia e de cautela e em primores de attenção e cortezia, para não levantar conflictos e para conciliar com os deveres do seu ministerio e com a integridade dos seus sagrados direitos o procedimento do Imperante civil *circa sacra*, e o mesmo faz geralmente o Clero parochial.

Ao passo que em alguns paizes se vêem os Bispos á frente dos partidos catholicos sustentando contra os governos a lucta religiosa que tanto os incommoda, em Portugal os Bispos fogem de taes luctas e unem-se com o governo, não por serem menos zelosos e energeticos no desempenho da sua missão, mas por lhes ensinar a experiencia do nosso paiz que servem por ora melhor por este caminho os interesses da Religião e da Egreja portugueza; além de que, á parte o que acabo de lamentar e sentir, as attensões e deferencias pessoaes que tenho encontrado sempre no Governo do meu paiz, longe de provocarem luctas e resistencias, obrigam-me pelo contrario a louvores e agradecimentos, e eu muito folgo de os confessar e reconhecer.

Na collisão, porém, que oxalá nunca se dê, das cortezias e respeitos humanos com os deveres de consciencia e com a defesa, mais que todas necessaria, da Religião e da salvação das almas, os Bispos portuguezes, assim como sabem sacrificar no verdadeiro interesse d'uma e d'outra certa vangloria pessoal que lhe fazem entrever nessas luctas, tantas vezes exaltadas nos outros paizes, mas tambem algumas nelles funestas e pre-

judiciaes, assim tambem nos casos extremos saberiam levar a sua firmeza, desprendimento, abnegação e energia sté aos ultimos reductos.

Mas não veja V. Ex.^a, por quem é, uma especie de ameaça nestas palavras dirigidas não para V. Ex.^a mas para aquelles que não cessam de taxar de pusillanimes e de subservientes os Bispos de Portugal; e não julgue tambem, como faz certa imprensa liberal, que a Egreja e o Clero não têm importancia alguma nos povos, em vista do insignificantissimo resultado que obteve na ultima eleição dos Senhores Deputados um partido que se denomina catholico. Esse partido, em vez de ser só religioso e catholico, quer, no geral, ser religioso e politico, e não encobre na sua imprensa o seu plano de favorecer a religião para favorecer a sua politica; e em vez de acatar os Bispos, de auxiliar a sua auctoridade e de se pôr ao seu serviço, quer pelo contrario que os Bispos se ponham ao serviço d'elle e que se submettam á sua direcção, e não poupa arguições e até insultos áquelles que não obtemperam á sua vontade e aos seus exclusivismos, ás vezes tão exaggerados, que já dois dos mais valiosos e importantes correigionarios do mesmo partido se separaram do seu jornal por não quererem ser, como declararam, mais papistas que o Papa.

Sendo, pois, estas as circumstancias d'esse partido, que de mais a mais está muito enfraquecido por grandes discordias entre os seus membros, e não tendo havido tempo para combinação e direcção de trabalhos eleitoraes, não é nada para admirar um similhante resultado; pois sem os Bispos, ou peor ainda contra elles, que, depois do Papa, são os unicos com auctoridade legitima para dirigir e governar a Egreja de Deus nas suas dioceses e para superintender em tudo que diga respeito á Religião, pouco ou nada poderão conseguir em Portugal.

Porém, se os Bispos, sem abusarem do seu ministerio, e sem sahirem da sua stricta legalidade e do mais escrupuloso decoro e conveniencia, influirem no acto eleitoral das suas dioceses não só com os seus Parochos, nenhum dos quaes deixaria de os acompanhar e de lhes querer mostrar a sua dedicação e a importancia e valor que têm na sua parochia, mas tambem com os catholicos seculares de maior valimento nas suas povoações, e que pelos seus sentimentos religiosos não deixariam tambem de collocar-se ao lado d'uns e d'outros, o resultado eleitoral seria muito outro; e, pelo que observo na minha diocese e pelo que certamente acontece nas outras, seria mais victorioso ainda do que o foi ha pouco tempo na Belgica. E se os Parochos da minha diocese, não obstante as recommendações que lhes tenho feito e faço para não se converterem em agentes eleitoraes, são ainda os que dão a victoria a diferentes partidos em muitas assembleias, apesar de trabalharem como que escondidos e muito a medo, quem pôde duvidar da certeza da sua victoria, nas povoações ruraes principalmente, sendo apoiados, dirigidos e mandados pelo seu Bispo?

Na penultima eleição dos senhores Deputados o Clero de Leiria, julgando poder valer á conservação do seu extincto Bispado elegendo para este fim um deputado seu, obteve na urna uma estrondosa victoria, não obstante não ter Bispo para o dirigir e não obstante lutar contra o

partido da Auctoridade, contra o Governador Civil, cavalheiro intelligente, rico e poderoso da propria localidade, e contra muitas influencias sociaes e politicas.

Quantas vezes e quantos Parochos me têm vindo dizer que, em sendo occasião, basta dar-lhes um ligeiro signal para o combate!

Mas nem V. Ex.^a nem ninguem se arreceie do Clero e d'estes extremos, porque estão de sua natureza evitados já na condura e deferencia dos Governos para com o Episcopado, e no maior interesse e benignidade com que hão de olhar para as necessidades da Igreja; já nos esforços que eu e os meus collegas temos feito e havemos de fazer sempre para manter com o Imperante Civil a cordialidade de relações e a troca de mutuos auxilios, que tanto convém aos interesses religiosos e sociaes; e já, finalmente, na convicção, que Bispos e Governos não podem deixar de ter, dos males gravissimos que necessariamente causariam a todos as luctas religiosas e as dissidencias e combates entre a Igreja e o Estado.

Arreceiem-se, pelo contrario, de muitos d'esses que de proposito tanto se insurgem contra a Religião e os seus ministros, porque, apesar de todos os defeitos que assacam a estes, e que propalam não poucas vezes com revoltante má fé, longe de os imitarem na sobriedade e compostura de vida, no cumprimento do dever, na obediencia á lei, no respeito e caridade para com o proximo e no amor do trabalho e da Patria, são não poucas vezes os que mais se distinguem no incitamento das massas populares para a anarchia e para o rompimento de todos os laços sociaes.

E em presença de similhantes tendencias e machinações, o Governo que dispensar o elemento religioso, tão necessario e conveniente para sustentar e manter a ordem publica, commetterá um gravissimo erro politico, e os Bispos que, attentas as difficuldades dos tempos, dessem de mão ao auxilio e protecção do braço secular para o fructuoso desempenho dos seus deveres sem necessidade absoluta e extrema, incorreriam em grande responsabilidade perante Deus e os homens.

Digne-se, porém, V. Ex.^a de desculpar a liberdade e franqueza com que tenho deixado correr a penna sobre estes assumptos, infelizmente tão baralhados e confundidos de parte a parte, e permitta-me que manifeste a confiança que ponho na competencia e valimento de V. Ex.^a para os remediar.

A superioridade com que V. Ex.^a desempenha o alto cargo de Ministro da Corôa na pasta dos Negocios Ecclesiasticos, os sentimentos religiosos e patrioticos de que é dotado, e o empenho que mostra, e que tanto o ennobrece, de pôr cobro a todos os extremos e desregramentos sociaes, não poderão tolerar por muito mais tempo a indifferença e abandono a que está votada a Igreja em Portugal, com offensa manifesta de todos os direitos e de todos os interesses religiosos e sociaes.

Digne-se, pois, V. Ex.^a de volver para Ella olhos benignos, e de levantar do abatimento e do desanimo para o vigor e para a esperança este instrumento poderosissimo, para prevenir os excessos da demagogia e para promover a paz e a prosperidade da Patria.

Quando o grande Napoleão viu sumidas no fogo e no sangue a Religião,

os costumes, as instituições, o direito, o dever e a auctoridade, apresentou-se na Igreja de *Notre Dame* em Paris na paschoa de 1801, coberto de victorias e cercado de generaes e dos altos poderes do estado, para conduzir Jesus Christo em triumpho para os seus altares, e para dar por esta fôrma um testemunho publico de adhesão e obediencia á Religião e ás suas doutrinas; tal era a sua convicção de que só por meio d'Ella poderia salvar a França do abysmo a que tinha chegado.

É de lição e de exemplo para todos aquella desgraça e este remedio: não o esqueçamos.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 8 de julho de 1884. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde* (1).

COPIA N.º 42

No officio, em que se informaram os requerimentos de cada um dos pretendentes ao provimento da igreja de S. Joanninho, lêem-se no fim as observações seguintes:

Dadas por esta fôrma com toda a exactidão e imparcialidade, e em cumprimento do officio da Direcção Geral dos Negocios Ecclesiasticos, de 29 de maio ultimo, as informações de todos os presbyteros (10) que pretendem ser providos nesta Igreja, eu peço a V. Ex.^a que me permita fazer algumas observações com relação aos de Bispado extranho, observações que tenho feito sempre em casos identicos; porque influe tanto na disciplina, no zelo e na compostura do Clero d'uma Diocese o modo por que forem providos os seus beneficos, que o prelado, quaesquer que sejam ás suas repugnancias, melindres e respeitos humanos, deve pôr sempre acima de tudo o bem e a utilidade da sua Igreja.

Não ignora V. Ex.^a quanto eu aqui tenho feito, e ha muitos annos, para levantar a educação e instrução do Clero; e se felizmente vejo abençoados os meus trabalhos nos ordinandos que todos os annos sahem do meu Seminario muito bem habilitados, é tambem grande o meu desgosto por não poderem ter depois de ordenados, e como premio das suas habilitações e trabalhos, uma congrua condigna, por serem pobrissimos quasi todos os beneficos d'esta Diocese.

Querem muitos ir antes para outros Bispados, ou servirem apenas de capellães neste, do que serem obrigados a parochiar muitos dos mesmos beneficos e Igrejas, que são verdadeiros destertos como eu pessoalmente visto.

Todavia nem os posso dispensar de parochiar taes egrejas, nem dar-lhes

(1) Tambem este officio não escapou ás censuras da Nação e do seu correspondente de Aveiro.

demissorias para outro Bispado por serem precisos neste os seus serviços, ainda que algumas vezes, quando não preciso tanto d'estes, tenho permitido que elles procurem fóra alguns meios e recursos que não podem ter aqui, como aconteceu, entre outros, com o primeiro concorrente que, depois de ter párochiado como encomendado e bem as egrejas de Pombalinho e Ancião, fui encontrar na minha visita episcopal de 1878 empregado como guarda-livros em uma fabrica de pannos da Ribeira de Pera; e não estimando eu que elle estivesse em semelhante emprego por muitas razões, e não tendo aqui em que o collocar naquella occasião, não só permitti mas promovi que elle se encarregasse d'uma coadjutoria importante na cidade do Porto, até ser provido em alguma Egreja da sua Diocese, onde o desejo por conhecer a sua idoneidade e merecimento, circumstancia esta que eu não menciono com o fim de encarecer a sua preferencia no concurso da de S. Joanninho, porque, sendo ainda novo e com poucos serviços, por ora não me parece estar no caso de ser provido ou collado nella havendo, como ha, outros concorrentes mais dignos.

Sendo pois tão habilitados e em geral tão idoneos a todos os respeitos os Clerigos d'este Bispado, e tão pobres e tão custosas de parochiar muitas das Egrejas para cuja parochialidade são chamados por turno; e, não obstante isto, obedecendo elles e de bom grado a este chamamento pela esperanza de que no provimento de algumas melhores, quando lhes tocar a sua vez, serão compensados em certo modo dos seus soffrimentos e privações naquellas, soffrimentos e privações que só poderá avaliar quem tiver visto e percorrido semelhantes parochias, como eu já percorri, o preterir no provimento das melhores, como é a de que se tracta, os Clerigos do proprio Bispado, a quem este e o respectivo Prelado tanto devem, por Clerigos de Bispado alheio que nenhuns serviços aqui têm feito, e a quem não se deve cousa alguma, sujeitar como eu sujeito os meus Clerigos a provas difficeis e a uma disciplina algum tanto rigorosa, e obrigar-os como eu obrigo a serviços penosos, e a soffrer a aspereza e intemperie dos tempos em tantas Egrejas montanhosas, e no fim de tudo dar aos de fóra o que houver na diocese de beneficio e de gozo, e dar a elles só o que for de sacrificio e de soffrimento, e que os de fóra não querem, seria gravissima injustiça e negra ingratidão principalmente quando, como no caso presente, os concorrentes da propria diocese, longe de serem inferiores, antes se avantajam aos de Bispado extranho, como eu provaria com factos e documentos, sendo necessario.

Felizmente nem eu nem os meus clerigos passámos ainda por semelhante desgosto, e ha desoito annos que todos os Governos, e de todas as côres politicas se têm dignado de attenderem sempre ás minhas observações sobre este ponto, observações que sou forçado a fazer por dever de consciencia, de justiça e de necessaria e bem entendida protecção para com o meu clero, e não para levantar difficuldades, e muito menos para tolher a liberdade ou as prerogativas da corôa.

Nem se tolhem e coarctam as prerogativas da corôa, que eu respeito e tenho respeitado sempre como devo, quando se advoga conscienciosamente, e com o desprendimento de todos os interesses e respeitos humanos, a

justiça, a disciplina e o bem da Igreja e do Estado; porque as prerogativas do Real Padroeiro, que têm por fim edificar e não destruir, ennobrecem-se e exaltam-se sempre tanto mais, quanto maior for a justiça e acerto com que forem exercidas; e todas as auctoridades que para isso mais concorrerem pela sua parte, longe de as tolherem ou contrariarem, contribuem muito antes para augmentar mais a sua força e prestigio, o seu respeito e esplendor. E em mais de seiscentas consultas e informações que eu terei tido a honra de dar aos diferentes Governos d'este paiz no longo espaço de mais de vinte annos para o provimento das Igrejas parochiaes, tanto d'este Bispado como do de Vizeu, e que podem ser examinadas nessa Secretaria de estado, e em tantos clérigos que naquellas tenho afastado de serem apresentados, providos ou collados nestas, ou por não serem idoneos, ou por contrariarem a disciplina estabelecida, ou por serem muito menos dignos que outros, jámais se viu falta de respeito da minha parte para com as prerogativas da corôa, ou o minimo desejo de pretender desviar o exercicio d'ellas, que é o que mais importa, do campo da justiça e do bem da Igreja e do Estado, para o dos interesses e considerações pessoas de qualquer ordem e natureza que sejam.

Bem pelo contrario são innumerados os exemplos do desprendimento e delicadeza com que eu submetto do mesmo modo á liberrima escolha da corôa, como agora faço, diferentes concorrentes ao mesmo beneficio, porque nunca me intrometti naquella escolha, quando me parece que a despeito de alguma superioridade d'uns e insufficiencia d'outros não offende muito a justiça, a disciplina e o serviço da parochia a preferencia dada a qualquer d'elles; e neste ponto são bem mais para notar as minhas considerencias e contemporisações do que os meus rigores e intolerancias, como V. Ex.^a tem observado já.

Nem com fundamento pôde ser arguido de procedimento contrario quem em tantos annos nunca levantou conflictos sobre este ponto por ter sido sempre respeitada, não obstante o encontro dos interesses partidarios, a lealdade das suas intenções e a rectidão do seu procedimento; e quem sobre tudo em tantas luctas e em lances tão difficeis e espinhosos jámais faltou á inteireza do seu caracter, ao decoro da sua pessoa e á obediencia, respeito e fidelidade para com o seu Imperante.

Mas digne-se V. Ex.^a de desculpar-me este desaforo, talvez immodesto, tinopportuno e desnecessario, pela sabedoria, cordura e prudencia que tanto resplendem em V. Ex.^a, e pela consideração com que se digna de honrar a minha humilde pessoa, mas em certo modo pedido e justificado pela facilidade com que as paixões politicas se insurgem contra todos os actos que as não lisongeiam, e até contra o caracter e probidade de quem os practica; e, apreciando e julgando tudo e a todos com o seu sabio criterio, digne-se V. Ex.^a de resolver o que for mais justo e mais conforme com o bem da Igreja e do Estado.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 14 de julho de 1880. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 43

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Tive a honra de receber o processo do concurso para o provimento da Igreja de S. Pedro de Villarinho da Louzã d'esta Diocese com o officio confidencial d'essa Secretaria de Estado de 25 do corrente para sobreestar na execução da Portaria de 18, também do corrente, que mandou abrir novo concurso por provas publicas para o provimento da mesma Igreja; e para declarar se mantinha ainda a informação que em 22 de julho de 1867 tive a honra de dar ácerca de cada um dos concorrentes á sobredicta Igreja no concurso documental.

Não ha razão nenhuma, Ex.^{mo} Sr., para alterar aquella informação, e quando a houvesse por qualquer circumstancia, que posteriormente chegasse ao meu conhecimento, informaria logo de tudo a V. Ex.^a, como por diversas vezes tenho feito. Confirmo, pois, a sobredicta informação nos mesmos termos e circumstancias em que a dei em 1867; e abstenho-me de fazer considerações sobre este assumpto, porque não as merece senão pela importancia que infelizmente n'elle se tem dado a caprichos e paixões da localidade, acima das quaes deve estar sempre não só a justiça, mas a independencia da Auctoridade e a propria respeitabilidade do poder.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 30 de julho de 1868. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigário Geral, Governador de Bispado.

COPIA N.º 44

Observações feitas em um officio para o Governo em 18 de fevereiro de 1869 sobre a apresentação de um Conego para esta Sé Cathedral de Coimbra

.....
Concluidas por esta fôrma as informações de todos os Presbyteros que pretendem ser providos no canonicato de que se tracta, eu peço a V. Ex.^a que me permita fazer ainda mais algumas considerações sobre o seu provimento; porque é sempre de tanta importancia a investidura canonica de qualquer Clerigo no Collegio Capitular, como eu já ponderei em officio de 22 de dezembro de 1864, que o Ordinario, quaesquer que sejam os seus melindres e respeitos humanos deve pôr sempre acima d'elles o bem e utilidade da sua Igreja, a que deve attender de preferencia a tudo.

Assim, pois, eu não posso deixar de ponderar a conveniencia de serem preferidos no provimento dos Canonicatos os Clerigos da propria Diocese,

que conhecidos do seu Prelado, merecedores da sua confiança, e idoneos em todo o caso para o desempenho das differentes obrigações capitulares, se tornarem mais dignos e merecedores de attenção ou pela sua probidade e bom comportamento, ou pelos serviços que tiverem prestado á mesma Diocese, ou por aquelles que pela sua aptidão especial se espera que lhe prestem no futuro pertencendo ao Collegio Capitular: por quanto, se assim não fôr, e se aos Clerigos em taes circumstancias, respeitadas e venerados em todo o Bispado pelo seu merecimento e provada dedicação ao serviço de Deus e da Igreja, se preferirem os extranhos, que nenhuns serviços tiverem prestado na Diocese onde pretendem ser Conegos, ou aquelles que infelizmente tanto abundam, e tanto pretendem sem vocação nem honestidade, e sempre mais dispostos a servir ao mundo do que a Deus, não se extranhe nem se condemne a pouca moralidade do Clero e o mau cumprimento dos seus deveres, porque lhe tiram na terra com prejuizo da justiça e da moralidade publica os incentivos para o zelo e o premio para a virtude.

É por isso meu humilde parecer que os Clerigos de Bispados extranhos não devem ser providos nos beneficios de que me occupo senão quando os não houver na propria Diocese egualmente dignos e egualmente habilitados; e esta circumstancia não se dá felizmente na hypothese sujeita, porque os Clerigos de Dioceses extranhas que requerem o canonicato de que se tracta, com quanto muito dignos alguns, estão longe de exceder os d'este Bispado em merecimento e aptidão.

Pelo contrario, o desgosto que me causam uns e outros pela temeridade com que se abalançam a requererem um canonicato tantos Clerigos sem habilitações nem merecimentos, suppondo assim que para os beneficios ecclesiasticos se pôde entrar não pela porta mas pela janella, é maior em relação aos de Bispados extranhos, porque são estes os menos habilitados, como V. Ex.^a pôde ver confrontando as informações e documentos d'uns e d'outros.

Além d'isso, n'esta Diocese, onde em razão de estar aqui a Universidade parece serem mais regulares os estudos ecclesiasticos, e onde ha mais Clerigos habilitados, como se prova pelo facto, que V. Ex.^a não desconhece, de irem e serem chamados d'aqui muitos para o serviço e beneficios de outras, seria bastante para extranhar que para os beneficios que aqui ha e para que se requêr mais illustração viessem Clerigos de fóra, cuja ordenação não foi em regra precedida de estudos tão regulares, como a dos Presbyteros do Bispado de Coimbra.

Tambem, se no provimento d'estes beneficios se attendessem os pretendentes só pelos serviços prestados sem fazer caso da sua maior ou menor aptidão para os prestar no futuro, conforme o pedirem os interesses e a utilidade da Igreja, os Cabidos, que devem ser o nucleo dos Clerigos mais eminentes do Bispado em sciencia e honestidade, para servirem de conselheiros ao Prelado e de seus coadjutores, principalmente no ensino dos ministros sagrados, limitando-se por aquella fórma a uma especie de aposentadoria ecclesiastica, como erradamente muitos pretendem, em pouco se tornariam corporações de invalidos sem prestimo nem utilidade.

Restringindo por isso agora as minhas observações tão somente aos concorrentes d'esta Diocese, os que me parecem mais dignos de attenção pela ordem por que se acham descriptos são os Presbyteros: — Antonio Carvalho da Costa Marques de Paiva, Antonio José da Silva, Dyonisio Garcia Ribeiro, José Pereira Paiva e Pitta, Manuel Simões Dias Cardoso, e Manuel Xavier Pinto Homem; e d'estes collocaria em 1.º lugar o Presbytero Manuel Simões Dias Cardoso se não fosse incompativel o emprego publico que exerce com o canonicato que requer (1).

COPIA N.º 45

O Dr. MANUEL CORREA DE BASTOS PINA, Chantre da Sé Cathedral de Coimbra, Commandador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Vigario Geral e Governador do Bispado no impedimento e por nomeação de Sua Ex.^a, o Sr. Bispo Conde, etc.

Faço saber que, sendo de absoluta necessidade para o bom desempenho do ministerio parochial que os Clerigos que n'elle forem investidos tenham a devida idoneidade tanto moral como litteraria: e

Attendendo, pelo que respeita á idoneidade litteraria, a que hoje, contra a practica anteriormente seguida, os Clerigos uma vez approvados em exame de concurso por provas publicas para uma Igreja, ficam habilitados para em todo o tempo poderem requerer a sua collação n'outra qualquer independentemente de novo exame:

Attendendo a que, preparando-se por isso muitos com esta habilitação pouco depois de concluida a sua ordenação, tem deixado esquecer quanto sabiam na occasião do exame, quando mais tarde pretenderem collar-se, não só pelo tempo muitas vezes decorrido entre os exames e a collação, mas tambem e principalmente pela esperanza, senão quasi certeza, de que aos Clerigos n'elle approvados, e apresentados em qualquer beneficio não tornará mais a pedir-se contas da sua sciencia e idoneidade litteraria:

Attendendo a que, sendo n'esta Diocese todos os Clerigos obrigados a repetir frequentes vezes no Seminario o exame para confessor, seria notavel incoherencia o exemptar de igual repetição aquelles que, além da obrigação de confessor, tem de desempenhar egualmente as outras, tambem muito importantes do ministerio parochial:

Attendendo a que similhante exempção (que não pôde bem justificar-se pela differença que ha entre o exame para confessor e o exame em con-

(1) Este officio, muito extenso ainda, está assignado por mim na qualidade de Governador do Bispado que então era (1869), e não chegou a ser provido o canonicato para que foi aberto o concurso.

curso) concorreria tambem ainda mais para facilitar essa tendencia que têm muitos Parochos para andarem continuamente pedindo a transferencia das suas para outras Egrejas, o que é opposto aos sagrados Canones e ao bem da religião e da Egreja:

Attendendo finalmente a que, supposto o Ordinario, pelos direitos inalienaveis e imprescriptiveis que lhe assistem, possa chamar a exame em qualquer tempo e em quaesquer circumstancias os Clerigos e Parochos collados ou por collar, é todavia conveniente para previo conhecimento de todos o determinar as hypotheses certas, em que sem prejuizo d'aquelle direito, sempre em pleno vigor a respeito de quaesquer outras, se torna obrigatoria e necessaria a repetição d'aquelle exame para o ministerio parochial:

Determino e ordeno que d'aqui em deante sejam examinados e approvados para o mesmo ministerio, antes de se collarem, todos os Presbyteros, embora já Parochos transferidos d'outras Egrejas, que um anno antes de requererem a sua collação n'outra qualquer não tiverem sido n'esta Diocese approvados em exame de concurso por provas publicas, ou que até á data d'este não tiverem sido apresentados nas Egrejas em que pretenderem collar-se.

Dado em Coimbra, sob meu signal e sello das Armas de S. Ex.^a aos 11 de novembro de 1867. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

bibRIA

COPIA N.º 46

LEÃO PP. XIII.

Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica. — Pelo Nosso Nuncio residente nesse reino recebemos a Mensagem, que lhe fôra entregue pelos Amados Filhos Vice-Reitor, Empregados e Alumnos do teu Seminario, na qual se propuzeram dar-Nos um testemunho de seu fervoroso amor e filial obsequio. Foram-nos sobremaneira gratos, Veneravel Irmão, os optimos sentimentos de todos elles, porque nos demonstraram que no teu Seminario reina aquelle espirito, de que se devem esperar excellentes fructos para essa diocese. E folgámos com as affectuosas declarações, de que está cheia a Mensagem, tanto mais, quanto reputamos de maxima importancia, mórmente nestes tempos, este desvelo que se emprega na bem dirigida educação e disciplina dos que se estão creando para esperanza da Egreja, os quaes no desempenho de seu ministerio, quando chegarem a exercel-o, são obrigados a trabalhar com o mais vigoroso affinco na salvação das almas, e remedio dos males da sociedade humana. Louvamos, por isso, Veneravel Irmão, não só o amor singular dos que superintendem o teu

Seminario, mas tambem o dos Alumnos, e agradecendo de todo o coração o teu zelo, porque nesta importantissima administração desenvolves particular energia, Encarregamos-te de manifestar, em Nosso Nome, a grata consolação que nos causou a sua Mensagem. Desejamos ainda que a todos sirva Nosso louvor de incitamento, para que mais e mais accuradamente aspirem ao brilhante elogio da doutrina e virtude sacerdotal, a fim de que no futuro logrem servir de ornamento e esteio á Egreja e ao Estado, e para este fim rogamos tambem a Deus, auctor de todos os bens, se digne derramar sobre elles os uberrimos dons de suas graças. Estes mesmos dons celestiaes imploramos, egualmente, para o teu Collegio, no qual nos consta se instrue em optimas disciplinas e excellentes costumes, sob tua vigilancia e cuidado, grande numero de mancebos. Manifestando-te, finalmente, Nossa sincera predilecção, concedemos amorosamente no Senhor, para assistencia das Divinas Graças, a Benção Apostolica a ti e a todos os Amados Filhos que mencionámos, e tambem a todo o Clero e Fieis, de que és Cabeça.

Dado em Roma, em S. Pedro, no dia 16 de Junho do anno de 1884, e Anno Septimo do Nosso Pontificado. — *Leão PP. XIII.*

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Accuso a recepção do officio que V. Ex.^a Rev.^{ma} me dirigiu em data de 8 do corrente mez, acompanhando dois mappas, um do movimento litterario do Seminario Episcopal de Coimbra no anno lectivo de 1884 e 1885, outro dos beneficios que no mesmo anno e do mesmo Seminario recebeu um avultado numero de alumnos ecclesiasticos conimbricenses.

Tendo-os examinado, tive o gosto de ver alli novas e manifestas provas do cuidado que V. Ex.^a emprega incessantemente no augmento e aperfeiçoamento do seu clero. Não deixarei de dar conhecimento a Sua Sanctidade do que aquelles documentos attestam, e não duvido que o Sanctissimo Padre, bemdizendo as assiduas e intelligentes fadigas de V. Ex.^a, chamará sobre ellas, pela Benção Apostolica, o auxilio da Divina Graça.

Deus Guarde a V. Ex.^a Rev.^{ma} — Lisboa, 12 de outubro de 1885. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil. — *Vicente, Arcebispo de Sardia, Nuncio Apostolico.*

COPIA N.º 47

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — No meu officio de 4 de novembro ultimo tive a honra de ponderar a V. Ex.^a a conveniencia senão a necessidade de modificar o systema por que se estam concedendo subsidios pelo cofre da Bulla da Cruzada aos Seminarios e egrejas pobres das differentes dioceses do reino. Demonstrarei agora a procedencia das minhas ponderações.

SEMINARIOS. — O cofre da Bulla, como V. Ex.^a sabe, dá subsidios, e alguns de contos de réis, áquelles que nos respectivos orçamentos apresentarem *deficits*, e nada aos que em vez de *deficit* apresentam saldos, ou que equilibrarem a receita com a despeza; e ainda assim, em relação áquelles os subsidios concedidos são regulados unicamente pelo facto material do *deficit* que o orçamento representar, sem se ter em conta nem a somma do producto das esmolas na respectiva diocese, nem de ordinario os esforços maiores ou menores que o Seminario empregar para levantar a instrução e melhorar o seu governo economico.

Por este modo, se os Seminarios administrarem bem; se com o seu trabalho augmentarem as suas receitas, e se nas suas contas e orçamentos declararem este augmento, o cofre da Bulla elimina-lhes no subsidio a parte correspondente a esse augmento, e perdem por consequencia os Seminarios todo o fructo do seu trabalho sem proveito algum da Diocese respectiva. Pelo contrario, se administrarem mal, se-deixarem perder tudo por desleixo e desmazelo, não perdem nada e lucram mais, porque o cofre da Bulla dá-lhes o que faltar para o seu custeamento; e por consequencia é preferivel por similhante systema a sorte dos desleixados á dos zelosos e diligentes.

Foi isto o que aconteceu com o Seminario de Coimbra. Quando os serviços por elle prestados á Religião e á sociedade eram diminutos e não tinham comparação com os que está prestando hoje: Quando a sua má administração se revelava em muitos factos importantes que davam nos olhos de todos: Quando em 1858 a 1859 pelo numero de alumnos internos que declaravam ter havido na casa só com 18 gratuitos — e pelos outros rendimentos certos e sabidos a receita, que devia ser de mais de 26 ou 27 contos de réis, era só de 15:389\$882 réis, ao passo que no ultimo anno só com 160 alumnos, e d'estes 32 gratuitos e 11 semi-gratuitos, a receita foi de 31 contos approximadamente: Quando em 1864 a 1865 se dispendia em cozinha, mesa e luzes 10:257\$730 réis só com 140 alumnos; ao passo que no ultimo anno com 160, tractamento incomparavelmente melhor e até almoço de garfo, maior numero de empregados e alimentos muito mais caros se dispenderam apenas 8:935\$200 réis: (1) Quando nos annos anteriores a 1866, apesar de se receber em todos o subsidio da Bulla de 1:800\$000 réis, e de não se fazerem obras, e de ser tudo mais barato, e de serem menos os empregados e menores os seus ordenados; e de não estar o ensino tão desenvolvido, e a casa no asseio e ordem que agora alli se nota, havia *deficit*; ao passo que agora, apesar de não se receber nada da Bulla e de se dispenderem todos os annos em obras de 6 a 7 contos de réis; e de se terem elevado os ordenados, que eram de 40\$000 a 300\$000 réis, e os que eram de 80\$000 a 500\$000 réis; e de se ter augmentado consideravelmente o numero de alumnos gratuitos, ha ainda assim saldos de 4, 5 e 6 contos de réis todos os annos: Quando

(1) Não se supponha por estes algarismos que então em Coimbra, ou que depois em Santarem havia menos fidelidade ou menos limpeza de mãos no governo dos respectivos seminarios. Ninguém pense similhante cousa. Havia erros, defeitos, patronatos e desleixos de administração, que davam deploraveis resultados.

finalmente o zelo, ordem e asseio do estabelecimento era tal, que o Governo de Sua Majestade se via na necessidade de mandar fazer-lhe visitas sanitarias para que uma casa de tantas condições hygienicas não fosse, como era, por falta de limpeza um foco de infecção e doenças: a Bulla da Cruzada não só lhe dava sem duvida nem reparo subsidios grandiosos, mas chegava até a declarar nas suas consultas, e com relação áquelle celebre anno de 1858 a 1859, que o Seminario de Coimbra tinha chegado ao mais alto grau de perfeição, tanto na parte litteraria como na economica.

E agora, que á custa de zelo e dedicação até ao sacrificio se têm obtido estes milagres de administração; e que o Seminario está prestando tantos serviços á Religião e á Igreja, a Bulla, não obstante ter-me declarado em tempo que elle nunca poderia passar sem subsidio, levantou-lh'o de todo e não lhe dá cousa alguma!

Por consequencia o Seminario, em vez de lucrar com este zelo e dedicação, antes perdeu, porque lhe tiraram para outros sem proveito algum da propria diocese aquillo que elle poupou com o seu trabalho e que lhe dariam se elle não tivesse trabalhado; e a exactidão e fidelidade com que foram dadas as contas, em vez de encontrarem premio que servisse de incentivo ao zelo e á probidade, encontraram castigo, e pretexto fundado para occultar a verdade e para a substituir por phantasmagorias; porque, se em vez da exactidão que observa em tudo, elle apresentasse orçamentos como não poucas vezes se tem feito, se quando dispendesse 4 declarasse que dispendera 8, e se finalmente arranjasse um *deficit*, o que era facillimo, a Bulla continuava a dar-lhe o subsidio que se pedisse sem contestação alguma, porque assim o induz a crer o que se tem practicado a tal respeito.

Isto porém que aconteceu com o Seminario de Coimbra, é o que necessariamente ha de acontecer com todos os outros, como não póde deixar de ser, em vista d'este systema de administração que não está em practica em nenhum dos estabelecimentos litterarios do paiz, e que é injustificavel e absurdo, como eu já demonstrei nos meus relatorios de 30 de agosto de 1867 e 31 de setembro de 1868, e nos meus officios de 23 de junho de 1869 e 16 de setembro e 4 de novembro de 1873.

Não transcrevo o resto do Officio porque diz respeito aos subsidios a Igrejas pobres, assumpto de que aqui não tracto.

COPIA N.º 49

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Talvez tenha constado a V. Sr.^a que as auctoridades civis, suppondo haver abuso de funcções religiosas na denegação da sepultura ecclesiastica do seu freguez sobre que V. Sr.^a me consultou, intentaram alguns procedimentos a tal respeito.

Não esteja V. Sr.^a com cuidado por causa d'estes, porque sou eu o que hei de responder por elles; e o mais breve que podér, haja de me enviar uma copia fiel da consulta que me fez, e da resposta que eu lhe dei.

Deus Guarde a V. Sr.^a — Coimbra, 23 de novembro de 1867. — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Prior de Sepins. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

COPIA N.º 50

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Julgo conveniente dar conhecimento a V. Ex.^a d'um facto de disciplina ecclesiastica que hontem se deu n'esta cidade.

Suicidára-se no dia antecedente um estudante da Universidade, pouco depois do meio dia, e, já de noite, permittiu o Parocho que o cadaver fosse depositado n'uma Igreja por saber que elle não podia estar na casa em que succeder a desgraça, por lhe dizer a pessoa que tratava do deposito, para elle de confiança, e em cuja boa fé acreditou, que eu tinha dado licença para elle.

Vi no dia seguinte com muito desgosto este deposito, para que não tinha dado licença e que não podia permittir, e previ logo que seria muito difficil conseguir que o cadaver mais tarde sahisse da Igreja sem acompanhamento e honras religiosas funebres, porque sei o que são os estudantes quando se julgam desattendidos com razão ou sem ella, principalmente em cousas d'esta ordem, em que apparece logo o espirito de classe e o fogo e verdor dos annos.

Porém não podendo eu consentir que ao suicida se fizessem taes honras religiosas por circumstancias aggravantissimas que se davam, e que o cadaver estivesse dentro da Igreja, recommendei ao Parocho que dissesse á pessoa que tinha feito o deposito, que o removesse para o cemiterio, e ao capellão d'este que enterrasse a seu tempo o cadaver dentro d'elle, mas a um lado.

Não o mandei sepultar fóra do cemiterio como pedem as leis da Igreja, não se dando demencia, e como no caso sujeito pediam tambem aquellas circumstancias, porque, não havendo logar destinado para estas sepulturas, a Academia levava-o para dentro d'elle em tumulto, e pareceu-me mais conveniente ser elle alli enterrado com permissão minha do que por virtude da força, porque ficava por este modo desacatada a Auctoridade

Ecclesiastica, e não podia esperar-se bem em vista da experiencia que o desacato fosse devidamente punido.

Observaram-se as minhas recommendações; mas logo que constou que o cadaver tinha ido para o cemiterio, acode lá toda a Academia, e bastante excitada, para o trazer outra vez para a cidade. O Capellão recusa-lh'o, e ella vem no mesmo estado ter commigo, e em um momento enche-se o pateo, as escadas, e as salas do Paço Episcopal, de estudantes aos quaes não tive duvida em ir fallar.

Pedi-me uma deputação d'elles, e nos termos os mais reverentes e respeitosos, que dêsse eu licença para o cadaver vir outra vez do cemiterio para uma Igreja, e que, depois de feita nella a encomendação religiosa, fosse acompanhado para o cemiterio; e diziam que o suicida era uma creança; e que tendo tido logar o suicidio em seguida a uma lição infeliz dada na Universidade, devia este considerar-se como allucinação e demencia a que não deviam applicar-se as penas da Igreja.

Respondi-lhes que não podia acceder ao seu pedido, e empreguei todos os meios de brandura e prudencia para os socegar, e para os persuadir a que não exigissem de mim mais do que o enterramento dentro do cemiterio que eu já tinha concedido. Todavia, desejando corresponder á attenção com que me tinham tractado, e terminar de prompto este conflicto que podia occasionar, senão acontecimentos mais graves, ao menos desasocego e inquietação na cidade, consenti que o Capellão do cemiterio encomendasse nelle o cadaver sem pompa alguma; e d'este modo e com as declarações que lhes fiz de que mais nada lhes concedia, julgava terminado este incidente.

Soube porém á noite que o Capellão do cemiterio lhes entregara o cadaver por ordem e pedido do Administrador do Concelho, e que d'alli o conduziram com grande prestito, mas sem character religioso, por meio da cidade para o cemiterio da freguezia de Sancto Antonio dos Oliveaes, onde me dizem que fôra sepultado (1).

Terminando esta narração devo declarar a V. Ex.^a que não mandei fazer a remoção do cadaver da Igreja do Salvador para o cemiterio ás occultas e furtivamente. Pelo contrario foi a propria pessoa que alli tinha feito o deposito a que fez a remoção, na qual concordou, e igualmente o lente a quem o estudante era recommendado e que me tinha requerido a licença para o enterramento; e eram estas duas pessoas as unicas que o Parocho e a Auctoridade Ecclesiastica julgou encarregados d'este negocio e competentes para o tractar.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 13 de março de 1872. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel*, Bispo confirmado de Coimbra.

(1) O parocho de Sancto Antonio dos Oliveaes, embora conhecesse que não devia dar sepultura áquelle cadaver por não ser de freguez seu e não ter licença minha, não pôde resistir á exigencia que lhe faziam de noute e em logar quasi ermo mais de 200 estudantes com o Administrador do Concelho á sua frente, motivo por que o desculpei em portaria de 20 de março de 1872. Foi porém muito triste e não approvada pelo Governo de Sua Magestade esta condescendencia e fraqueza da Auctoridade civil!

COPIA N.º 51

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Participa-me o Administrador do Concelho de Santa Comba-Dão uma desagradavel occorrença, que n'aquelle concelho tivera lugar, e da qual V. Ex.^a já tem conhecimento.

No dia 12 do corrente falleceu na villa de Santa Comba-Dão Antonio Lourenço Martins, a cujo cadaver o Reverendo Prior d'aquelle freguezia recusara sepultura ecclesiastica por ter morrido fóra do gremio da Egreja Catholica.

O Administrador do Concelho, a quem os herdeiros do fallecido se foram queixar no dia 13, e pedir providencias por não saberem o destino que dariam ao cadaver, officiou ao referido Parocho, expondo-lhe a impossibilidade de o conservar insepulto, e a falta que havia de cemiterio publico destinado aos individuos que fallecessem nas circumstancias em que aquelle se achava: e não permittindo as leis e instrucções civis, que alguém fosse sepultado fóra dos cemiterios publicos aonde os houvesse, lhe rogava que não se oppozesse a que o cadaver de que se tractava fosse dado á terra no cemiterio da villa. Oppoz-se o Parocho, e o Administrador do Concelho, não tendo tempo de pedir providencias superiores, tomou a deliberação de fazer sepultar o cadaver no cemiterio sem assistencia do Parocho, e sem os suffragios, visto que d'essa assistencia estava privado.

O Reverendo Prior em consequencia d'este facto considera o cemiterio interdicto, e prohibe alli os enterramentos, o que já teve lugar, tendo de se fazer um de um seu freguez em cemiterio d'outra freguezia.

Este acontecimento pela sua gravidade pede urgentes providencias, e eu estou certo de que V. Ex.^a com a sabedoria e cordura do costume resolverá as difficuldades que houver para que se volte ao estado regular em assumpto tão grave (1).

Deus Guarde a V. Ex.^a — Vizeu, 21 de janeiro de 1874. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde da Diocese de Coimbra. — O Governador Civil, *Visconde do Serrado*.

(1) Confirmei a interdicção do cemiterio; o que não era necessario, porque depois d'este facto, os fieis não quizeram que se enterrasse mais ninguem nelle, e iam fazer os enterramentos nos cemiterios das freguezias vizinhas; mas depois que recebi este officio, mandei-o benzer de novo, e pedi ao Ex.^{mo} Sr. Governador Civil e ao Ill.^{mo} Sr. Administrador do Concelho o cumprimento da Portaria de 24 de janeiro de 1872 para evitar estes conflictos.

COPIA N.º 52

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Em resposta ao officio de V. Ex.^a de 20 do corrente cabe-me a honra de declarar-lhe que acabo de fazer expedir as ordens convenientes para que se dê a maior attenção á recommendação feita em Portaria de 24 de janeiro de 1872 ácerca dos enterramentos das pessoas não catholicas, ou que morrem fóra do gremio da Igreja.

Ficam assim satisfeitos os justos desejos de V. Ex.^a, e egualmente os do governo, que espera ter em V. Ex.^a um valioso cooperador na execução das providencias dadas, visto que essa execução depende em grande parte da boa vontade do Clero parochial sujeito á auctoridade de V. Ex.^a

Deus Guarde a V. Ex.^a — Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, em 30 de março de 1876. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra, Conde de Arganil. — *Antonio Rodrigues Sampaio.*

COPIA N.º 53

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Em officio de 8 do corrente dignou-se V. Ex.^a de pedir-me informações do Presbytero. . . . o qual pretende ser condecorado pelo Governo de Sua Majestade com as honras de Conego d'essa Sé Primacial, e sobre cuja pretensão é exigida pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos a informação de V. Ex.^a, como se diz no mesmo officio.

Por mais de uma vez tenho informado contra identicas pretensões em relação a esta Sé de Coimbra, porque, não se dando serviços relevantes e merecimento muito distincto, parece-me que não devem depreciar-se as corporações capitulares, concedendo a extranhos as honras e distincções privativas tão sómente dos seus membros. E se pelo Decreto da sagrada congregação dos Ritos de 21 de maio de 1817, approvedo pelo Santo Padre Pio VII em 4 de julho do mesmo anno e confirmado em 7 de setembro de 1850, é prohibido aos proprios membros d'aquellas corporações o uso da murça fóra da Sé e dos actos capitulares, não deve de modo nenhum conceder-se este uso, no que consistem taes honras, áquelles que nem á corporação pertencem. E comquanto se diga na Portaria do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos de 28 de março de 1850 que a concessão do uso das vestes dos Conegos tem sido feita pelos Senhores Reis d'estes Reinos, por as considerarem cousas meramente temporaes em que os Principes Seculares teem toda a auctoridade; é facil de ver que esta auctoridade só pôde abranger o tractamento civil e mais honras civis de que gosam os

Conegos, mas não as vestes canonicas com que assistem aos officios divinos, como a murça, porque são cousas puramente ecclesiasticas, e unicamente dependentes da auctoridade da Egreja.

Nem pôde dizer-se que as vestes ecclesiasticas e sagradas com que os Ministros da Religião desempenham o seu ministerio divino, segundo a liturgia e logar que cada um occupa na hierarchia ecclesiastica, são temporalidades, e como taes sujeitas á auctoridade dos Imperantes civis; porque, se assim fosse, podia o Governo, quando bem lhe aprovesse, conceder aos simples Clerigos não só a murça dos Conegos mas até as vestes episcopaes; o que seria o transtorno de toda a ordem, a inversão de todas as ideias e a destruição completa da economia e disciplina da Sancta Egreja.

Todavia o Decreto da S. Congregação dos Ritos a que me referi, muito observado já em França, não se observa ainda entre nós, e não são muito raras as concessões das honras de Conego aos Clerigos que as sollicitam.

Infelizmente porém tem mostrado a experiencia que os Clerigos de merecimento distincto, quasi sempre modestos e graves, não são de ordinario os que mais as pedem; e concedendo-se ellas só aos que as requerem, em vez de se premiarem virtudes e serviços, favorecer-se-hão muitas vezes a vaidade e o orgulho, tão oppostos ao espirito evangelico, como á modestia e humildade que devem acompanhar o verdadeiro caracter sacerdotal.

Entendo pois que estas honras, quando se concedam, não devem ser pedidas nem requeridas, mas sollicitadas pelo Prelado, de quem tambem dependem, para os Clerigos do seu Bispado que mais as merecerem, porque o Prelado, além de ser o mais directamente interessado em condecorar e premiar os seus Clerigos que estiverem n'este caso, é o unico competente para avaliar e conhecer do merecimento absoluto e relativo de cada um.

Assim pois sollicitarei eu já para alguns, e sollicitarei ainda para outros, como fôr de justiça, as honras de que me occupo sem ser necessario que as requeiram os que as merecerem. Em todo o caso, porém, não posso conformar-me com a concessão d'ellas a alguns Clerigos que as têm requerido sem primeiro se concederem aos que na Diocese, mais elevados na hierarchia, lhes estiverem tambem superiores nos serviços; porque o Prelado que conviesse na condecoração ecclesiastica dos Clerigos menos dignos do seu Bispado com preterição dos mais dignos offenderia a justiça e perderia a confiança de todos; e estas graças, em vez de significarem o premio da virtude, como é necessario para servirem de incitamento aos outros, significariam ou a ostentação e a vaidade que a Religião condemna, ou a politica e o patronato que escandalisa e indigna.

Vejo porém com muito sentimento que se pretendem talvez illudir estes principios de justiça, por mim constantemente seguidos, porque alguns Clerigos d'esta Diocese, como o seu fim na concessão de taes graças é unicamente o uso da murça canonical, importando-lhes pouco a Sé d'onde lh'a concedam, requerem as honras de Conego d'outra Sé, impellidos muitas vezes por quem quer lisongear-os com este serviço; e o Governo concede-lh'as com a informação talvez do Prelado da Sé cujas honras se requerem, mas sem ouvir o Prelado do Clerigo requerente, que é o unico que pôde informar do seu merecimento e cuja informação é a mais necessaria,

porque não devem conceder-se honras a qualquer individuo, sem se saber primeiro pelos meios competentes se elle as merece ou não.

E comquanto sejam dignos os Clerigos d'este Bispado que têm obtido honras de Conegos de outras Sês, e comquanto veja remediado por V. Ex.^a em parte aquelle mal com a informação que se dignou de pedir-me, e que muito agradeço, do requerente de quê tracta o officio de V. Ex.^a, é certo que nem sempre assim se tem feito: e eu não posso nem devo sancionar o principio de se concederem honras e distincções ecclesiasticas a um Clerigo d'esta Diocese, e para n'ella as usar, sem ser ouvido o seu Prelado, porque similhante principio, além de outros males gravissimos, podia dar logar a que um Clerigo indigno e censurado pelo seu Prelado fosse em seguida condecorado com honras e distincções ecclesiasticas, o que não pôde nem deve ser, aliás estas honras serviriam para destruir e não para edificar, conduziriam para o mal e não para o bem, que deve ser sempre a unica aspiração legitima de todas as Auctoridades e de todos os Governos.

Com estas observações, que me foram suggeridas pelo officio de V. Ex.^a que novamente agradeço, afastei-me um pouco do objecto d'elle, do que peço muitas desculpas; e, terminando já como devo, tenho a honra de informar a V. Ex.^a que o Clerigo de quem se digna pedir-me informações tem bastante aptidão, bom comportamento, e muitos serviços tanto na qualidade de Parocho como na de Arcipreste que é n'esta Diocese.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 16 de junho de 1868. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Geral, Governador do Bispado.

COPIA N.º 54

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dignou-se V. Ex.^a de perguntar-me em officio confidencial da Direcção dos Negocios Ecclesiasticos, datado de 22 de março ultimo, se o presbytero José Correia de Bastos Pina, parocho da freguezia das Febres d'este Bispado, é digno de ser contemplado com as honras de Conego d'esta Sé Cathedral.

Tenho a honra de responder a V. Ex.^a que este Parocho, muito digno, seria muito contrariado no seu genio com esta graça de que nunca se lembrou nem lembra; e que hoje, por causa do seu estado de saude, que infelizmente é grave em razão da sua idade avançada, e d'uma molestia incurável que padece, não podia acceital-a ainda no caso, que se não dá, de a merecer de preferencia a outros Parochos tambem distinctos do Bispado.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 8 de abril de 1871. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Eleito de Coimbra*, Vigario Capitular.

COPIA N.º 55

Era já do nosso conhecimento, e não nos causava pequeno desgosto, a indisposição que havia entre os dois RR. Parochos de... e de...; e, contra o que era de esperar e nós tanto desejavamos, não tem podido pôr termo a esta inimizade, nem o tempo, nem o conhecimento que devem ter do seu character sacerdotal, e do exemplo, que devem dar aos fieis, de caridade, de paz e concordia e não de odios e malquerenças, que são a negação da doutrina do Evangelho de Jesus Christo de que são Ministros.

Pelo contrario estas desintelligencias parecem augmentar infelizmente cada vez mais; e com grande espanto e magua do nosso coração recebemos um officio do R. Parocho de... a pedir-nos licença para chamar aos tribunaes seculares o R. Parocho de... por injurias proferidas por este contra aquelle, e com não menos admiração e desgosto acabamos de saber pelas averiguações a que procedemos a tal respeito com audiencia do M. R. Arcipreste e dos mesmos RR. Parochos que elles, em vez de se perdoarem reciprocamente, empregam todos os meios para desacreditarem um ao outro a ponto de que o de... estando em... deante de muitos clerigos e pessoas seculares lendo cartas e documentos offensivos do character e probidade do seu collega de... a quem attribua as correspondencias contra elle publicadas em jornaes, mostrando os apontamentos para ellas subministrados e escriptos com a sua propria letra, fora por este surprehendido na presença de todos, e em revindicta o injuriara e accusara não só de pouca inteireza de character e de menos lealdade para com os seus collegas, mas tambem de faltas graves no seu comportamento.

E attendendo a que, embora os clerigos tenham hoje de responder perante os tribunaes seculares pelos crimes que commetterem de direito commum, é muito para lamentar e extranhar que, em vez de fazerem o que recommenda S. Paulo na 1.^a Epist. ad Corinth. Cap. 6, se obcequem a ponto de quererem levar para elles, como pretende o de..., as suas desavenças particulares, com manifesto prejuizo da Religião e do decoro e respeito devido aos seus ministros.

Attendendo a que é privativo da nossa jurisdicção e competencia compor e punir as discordias que se levantarem entre os clerigos, nossos Amados Irmãos, pelo emprego de censuras e penas ecclesiasticas, não só para reparar o escandalo que elles derem com aquellas aos fieis, mas tambem para promoverem pelo exemplo a paz, caridade e união que deve haver entre todos:

Attendendo a que, tendo sido infelizmente muito publico e notorio o escandalo dado aos fieis pelos dois sobredictos RR. Parochos com as suas desavenças, deve ser publica tambem a reparação do mesmo, não só para exemplo dos outros, mas tambem para evitar que se repitam no nosso Bis-

pado estas tristes occorrencias em que ambos têm culpa um mais por este motivo, outro mais por aquelle:

Attendendo a que, embora nos custe muito e seja grande a violencia que fazemos em castigar estes dois RR. Porochos de quem temos recebido testemunhos, que muito nos captivam, de respeito e veneração pela nossa pessoa e auctoridade, é indispensavel sacrificar neste caso os desejos e inclinações do coração aos dictames da justiça, á manutenção da disciplina e ao bem da Religião e das almas: Suspendemos os referidos RR. Parochos do beneficio e uso de todas as suas ordens por quinze dias; e pedimos a ambos que, esquecendo as offensas e injurias passadas, se conciliem um com o outro por modo que seja edificante para os fieis o seu perdão e arrependimento; e que, dando o osculo da paz, principiem a viver d'aqui em diante em amizade, união e caridade, como convém aos ministros do Senhor, e como nós esperamos do juizo e cordura de ambos, e da consideração que estamos certo lhe hão-de merecer os pedidos e supplicas do seu Pastor, Pae e Amigo (1).

Paço Episcopal de Coimbra, 8 de agosto de 1877. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 56

Ill.^{mo} Sr. — Na conformidade da portaria do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça de 21 de março de 1853 tenho a honra de remetter a V. S.^a para os devidos effeitos uma copia não só da decisão d'este Juizo Ecclesiastico, mas de todo o processo sobre que ella recahiu ácerca dos factos offensivos da Religião praticados pelo Regedor da Ega e outros por occasião do ultimo carnaval.

Peço a V. S.^a que se digne de mandar-me accusar a recepção d'este.

Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 28 de abril de 1860. — Ill.^{mo} Sr. Delegado do Procurador Regio da comarca de Coimbra. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Geral.

Vistos estes autos, etc. Mostra-se pelo depoimento unanime das testemunhas inquiridas de fl. 5 a 10, pela informação muito circumstanciada do Rev.^{do} Arcipreste respectivo, e pela resposta do M. Rev.^{do} Dr. Promotor, que o Regedor da freguezia da Ega, F. . . ., por occasião do ultimo carnaval, percorrera com outros as ruas e casas da mesma freguezia, mascarado em trajos allusivos ao sacerdote, fingindo o acompanhamento do sagrado viatico aos enfermos.

(1) Não lhes chegou a ser intimada a suspensão, porque elles, sabendo d'esta Portaria, reuniram-se em casa do M. R. Arcipreste, e ahi na presença d'este e d'outros clérigos perdoaram-se e reconciliaram-se um com o outro.

Pelo que, sendo certo em virtude d'este facto e das circumstancias que o revestem, e que constam dos autos, que o mesmo Regedor, provada como nelles está a intenção criminosa, incorreu com os outros que o acompanhavam nas penas comina-las no Codigo Penal contra aquelles que faltarem ao respeito devido á Religião Catholica Apostolica Romana, que é a Religião do Estado, remetta-se ao Ministerio Publico da comarca respectiva na conformidade da portaria de 21 de março de 1853 uma copia não só d'esta, mas de todo o processo para mais auxiliar a acção da justiça criminal, a fim de que não fique impune o crime de que se tracta, e que se torna tanto mais grave, quanto foi commettido por uma auctoridade, que no desempenho das suas obrigações devia na freguezia sujeita á sua jurisdicção promover os bons costumes e evitar qualquer escandalo e falta de respeito á Religião Sancta que professamos.

Coimbra, 28 de abril de 1860. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Geral.

COPIA N.º 57

Vistos estes autos, etc. Mostra-se pela participação de fl. 2 do R. Prior da freguezia de S. Christovão d'esta cidade em resposta a um officio d'este Juizo Ecclesiastico, e pelo depoimento unanime das testemunhas inquiridas de fl. 7 a fl. 13 que na occasião em que recolhia para a Igreja da mesma freguezia a procissão do Sanctissimo Sacramento queahi teve logar no dia 21 de junho findo, passara por ella um individuo que as mesmas testemunhas dizem ser...., estudante do 5.º anno de Direito com o chapéu na cabeça, e que, não obstante as advertencias que lhe foram feitas para o tirar, o não quizera fazer: porquanto as testemunhas 1.ª, 2.ª e 3.ª não só juram que ouviram os Irmãos da Irmandade do Sanctissimo Sacramento que iam na mesma procissão dizer-lhe — tire o chapéu — mas que tambem ouviram a elle responder — não quero —; e além d'isto jura a testemunha 4.ª que tinha ouvido dizer que antes d'aquellas advertencias já elle tinha sido advertido tambem para o mesmo fim pelo R. P.º Mestre de cerimonias que dirigia a procissão, e, inquirido este a tal respeito, confirma isto mesmo, jurando a fl. 6 que lhe tinha dicto em voz baixa mas intelligivel que fizesse o favor de tirar o chapéu.

Pelo que, estando, como está provado nestes autos, que o referido individuo conservou e queria conservar o chapéu na cabeça na occasião em que passava juncto d'elle uma procissão Religiosa e com o Sanctissimo Sacramento debaixo do Pallio, julgo provado tambem que por este facto se faltou ao respeito devido á Religião Catholica, Apostolica Romana que professamos, e que é a Religião do Estado: e

Attendendo a que são punidas pelo nosso Codigo Penal as faltas de respeito á Religião do Estado, e a que a de que se tracta não pôde deixar de considerar-se como um crime grave pelo proposito senão pertinacia

que parece ter havido por parte do seu auctor em a commetter, pela circumstancia da publicidade e do logar e occasião em que foi commettida, pelo escandalo que causou, e pelo alarma e desordens a que deu logar, segundo o que dos autos consta: seja remettida ao Ministerio Publico d'esta comarca, na conformidade da Portaria de 21 de março de 1853, uma copia d'esta sentença e do rol de testemunhas de fl. 5, afim de que, seguindo-se naquelle foro os termos que forem de direito, e que se julgar terem logar no caso de que se tracta, se satisfaça á justiça offendida, e se evite para o futuro a repetição d'estes escandalos, que, desacatando a Religião no seu culto, e offendendo a sociedade nas suas crenças, causam gravissimos males á moral publica, á Egreja e ao Estado.

Coimbra, 7 de julho de 1863. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Geral do Bispado.

Respondendo o M.^{mo} Delegado que eu devia proceder tambem a respeito do crime de éspancamento que houve na mesma procissão; respondi-lhe com o Officio seguinte:

Ill.^{mo} Sr. — Accusando a recepção do meu officio, que acompanhou a copia d'uma sentença proferida neste Juizo Ecclesiastico contra F...., estudante do 5.^o anno de Direito, por haver passado no dia 21 do mez findo juncto d'uma procissão Religiosa nesta cidade sem tirar ou querer tirar o chapéu; pondera V. S.^a que não pôde deixar de punir-se similhante desacato, mas que, tendo-se dado no mesmo dia e em acto continuo outro facto não menos escandaloso, practicado pelos Irmãos da Irmandade do Sanctissimo Sacramento da freguezia de S. Christovão a ponto de ter havido derramamento de sangue, parece a V. S.^a que eu devo ordenar tambem a averiguação d'este facto, e, julgando-o criminoso por minha sentença, remetter esta a esse Juizo para se applicar a pena correspondente aos seus auctores.

Respeitando porém muito o parecer de V. S.^a, e agradecendo até o modo attencioso por que se digna de expol-o, peço licença para ponderar tambem que, comquanto estes dous factos tenham muita ligação um com o outro, e se faltasse por ambos ao respeito devido á Religião como V. S.^a diz, quer-me parecer que são ambos muito distinctos e de natureza diversa, principalmente emquanto ao modo de proceder na punição de cada um.

Porquanto, para nesse Juizo se poder punir o primeiro, que, sem directamente offender individuos, foi especial e directamente practicado contra a Religião, e com a intenção e fim de a desacatar, segundo o que se averiguou, parece necessaria, segundo a Portaria de 21 de março de 1853, a decisão previa d'este Juizo Ecclesiastico, visto ser um crime contra a Religião da natureza d'aquelles a que se refere a mesma Portaria; e foi por esta razão que eu enviei a V. S.^a a decisão previa ácerca d'elle para nesse foro poder ser punido como fosse de justiça. Mas para punir o segundo não me parece necessaria esta decisão, porque, como é obvio, não é um crime contra a Religião e com o fim de a desacatar como o

primeiro; e ainda quando o fosse, a circumstancia de ter havido ferimentos e derramamento de sangue, como V. S.^a diz, tornou-o um crime de Direito Commum, de que V. S.^a conhece por direito proprio, sem dependencia alguma do poder ecclesiastico, aliás seguir-se-hia d'aqui a doutrina, que V. S.^a por certo não quererá conceder, de que é necessario o beneplacito ou reclamação do poder ecclesiastico para a sociedade punir os crimes praticados na presença de actos religiosos.

Portanto, ainda que este segundo facto, como V. S.^a diz, foi muito escandaloso e offensivo da Religião, assim com o são todos os crimes e este especialmente pela circumstancia aggravante do lugar e occasião em que foi commettido, e que o Codigo Penal menciona como tal no n.º 13 do art. 19; aindaque a auctoridade ecclesiastica tenha por aquelle motivo empenho mais especial em que elle seja punido para exemplo do respeito e reverencia que se deve á Religião Sancta que professamos; contudo pareceu-me que nem podia para elle e para o primeiro instaurar-se um só processo, como V. S.^a quer, por serem ambos distinctos e não me competir por direito proprio o conhecimento do segundo; nem que o podesse, julgava eu necessario, para se punir nesse Juizo um crime de direito commum, instaurar neste um processo para se conhecer das suas circumstancias, a fim de melhor poder apreciar-se nesse, como V. S.^a pretende, aquellas que o attenuem ou agravem; porque essas circumstancias muito melhor podem conhecer-se nesse Juizo, onde para isso ha os elementos que hoje não ha neste, nem são da sua competencia.

Além d'isso, certo, como eston, do zelo de V. S.^a pelo bem da Religião e da sociedade, confio plenamente que V. S.^a, na punição do crime de que se tracta, ha de ter muito em vista o lugar e occasião em que foi commettido e as pessoas que o commetteram — circumstancia esta, pela qual a auctoridade Ecclesiastica muito se interessa na sua punição: E é tal aquella minha confiança, que mesmo a respeito do primeiro facto eu não intentaria procedimentos alguns pela minha parte, se contra elle podesse proseguir a acção penal nesse Juizo, como pôde a respeito do segundo.

Todavia, se V. S.^a, não obstante o exposto, intende que para punir o segundo facto, em que houve ferimentos e derramamento de sangue, é necessario que elle seja julgado tambem criminoso por sentença minha, como diz no seu officio, tenha V. S.^a a bondade de assim o declarar, na certeza de que eu julgo desde já realmente criminoso semelhante facto, e pôde V. S.^a, se lhe aproveitar este julgamento, fazer d'elle o uso que entender, juntando-lhe o pedido, que eu tomo a liberdade de fazer a V. S.^a, para que, tanto quanto for de justiça, se digne de promover o castigo d'aquelles que, incorporados numa procissão Religiosa, revestidos de insignias e na presença do Sanctissimo Sacramento, não hesitaram em fazer correr o sangue de seu semelhante — procedimento indesculpavel e digno de severo castigo.

Deus Guarde a V. S.^a Coimbra, 12 de julho de 1863. — Ill.^{mo} Sr. Delegado do Procurador Regio da Comarca de Coimbra. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigário Geral.

COPIA N.º 58

Vistos estes autos, etc. Está nelles provado que F... d'esta cidade não só faltara ao respeito devido ao Reverendo Parocho da freguezia de S. Francisco da Ponte dentro da Igreja, e na occasião em que estava para exercer as funcções do seu sancto ministerio e já paramentado, mas que além d'isso o insultara chamando-lhe nomes injuriosos, accrescendo ainda o facto, por elle practicado e muito aggravante, de vir em seguida enganar como enganou o Reverendo Parocho da freguezia da Sé Nova, como tudo consta claramente não só da participação d'aquelle e depoimento d'este, como tambem dos depoimentos das testemunhas inquiridas a folhas... e folhas...

E porque semelhantes factos são punidos pelo Codigo Penal, sejam estes autos remettidos no original ao agente do Ministerio Publico nesta comarca, a fim de que, seguindo-se naquella foro os termos que fôrem de direito, seja o delinquente punido como for de justiça.

Coimbra, 11 de setembro de 1869. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Geral do Bispado.

COPIA N.º 59

Vistos estes autos, etc. Pelo que d'elles consta está plenamente provado que FF... e FF..., todos da freguezia de Brafemes, d'este concelho e comarca de Coimbra, insultaram e injuriaram no dia 15 de outubro ultimo o seu R. Parocho, Antonio Dias Gonçalves, publicamente e no exercicio das suas funcções, chamando-lhes nomes injuriosos e proferindo contra elle os dictos e palavras insultantes que constam dos autos e do depoimento unanime das testemunhas que vêm de fl. 11 a fl. 20: e está tambem provado que o auctor principal d'estes insultos fôra F... e que elle tem por costume insultar e desattender todos os Parochos d'aquella freguezia, e indispor os freguezes contra elles; ao que tudo accrescem as circumstancias aggravantes, que se dão nestes insultos e que egualmente estão provadas, de elles serem premeditados, e realizados quando o R. Parocho de sobrepelliz, estola, cruz alçada, e por consequente no exercicio das suas funcções religiosas, acompanhava, juncto da Igreja e no meio de duas irmandades e corporações religiosas devidamente incorporadas, o cadaver d'um seu parochiano á sepultura; e de se ter abusado da boa fé do povo para o concitar e indispor contra o seu pastor pelo motivo de elle ter cor-

tado o abuso do toque continuado dos sinos pelo fallecimento dos seus parochianos, providencia alli especialmente necessaria em vista do que nos expoz o mesmo R. Parocho.

E attendendo a que este crime, tão offensivo da ordem, do respeito e reverencia devida aos Ministros da Religião Catholica Apostolica Romana, que é a Religião do Estado, no exercicio das suas funcções e actos do culto, como era o de que se tracta, é devidamente punido, como não podia deixar de ser, pelo nosso Codigo Penal, sejam estes autos remetidos no original ao Ministerio Publico da comarca respectiva, na conformidade da portaria de 21 de março de 1853, para no tribunal competente e pelos meios determinados na lei serem punidos os seus auctores e desaggravada a Religião e a sociedade que elles perturbaram e offenderam. Coimbra, 5 de novembro de 1873. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 60

Vistos estes autos, etc. Foi-nos remettida pelo Dignissimo Agente do Ministerio Publico na comarca da Figueira da Foz, a copia dos autos do corpo de delicto indirecto, que pendem no juizo da mesma comarca contra F., da freguezia e villa de Buarcos, por differentes crimes, e entre elles o de faltar ao respeito devido á Religião do Reino, afim de que depois da decisão previa d'este juizo Ecclesiastico a respeito do mesmo, na conformidade da portaria de 21 de março de 1853, possa proseguir o processo e ser punido o criminoso por este crime especial no juizo da referida comarca.

E vistos os depoimentos das testemunhas inquiridas no corpo de delicto, e das nove que inquiriu o M. R. Arcipreste de Montemor-o-Velho sobre este mesmo crime, em cumprimento da nossa portaria de fl. . . . , testemunhas maiores de toda a excepção, e algumas qualificadas, e vista tambem a informação do M. R. Arcipreste e do R. Parocho respectivo, e a resposta do M. R. Dr. Promotor, é innegavel e está evidentemente provado que o sobredito F., não obstante ~~ser~~ advertido para tirar o chapeo da cabeça, quando no dia 14 de setembro ultimo passava pelas ruas de Buarcos e juncto d'elle o Sanctissimo Sacramento em procissão solemne, teimara em o conservar na cabeça, e em continuar a fumar, não fazendo caso nem dos avisos e advertencias do seu R. Parocho, nem dos pedidos d'uma sua irmã, nem da indignação que um tão grande escandalo estava causando já aos fieis e tão manifestamente; e, provado como está este facto, provado julgamos tambem que por elle se faltou ao respeito devido á Religião Catholica Apostolica Romana que professamos, e que é a Religião do Estado.

E attendendo a que são punidas pelo nosso Codigo Penal as faltas de respeito á Religião do Estado, e a que não pôde a de que se tracta deixar

de considerar-se como um crime grave pelo proposito e pertinacia que parece ter havido por parte do seu auctor em a commetter, pela circumstancia da publicidade e do logar e occasião em que foi commettida, pelo escandalo que causou e pelo alarma e desordem a que ia dando logar segundo o que dos autos consta; o R. Parocho da freguezia e villa de Buarcos empregue todos os meios de conselho e persuasão que a sua intelligencia e zelo lhe dictarem, para que o seu freguez F..... repare com provas de verdadeira emenda e arrependimento o escandalo que causou com um similhante procedimento e que nós lamentamos; e seja remettida ao mesmo Dignissimo Agente do Ministerio Publico da comarca da Figueira Foz, na conformidade da Portaria já citada de 21 de março de 1853, uma copia d'esta sentença e do rol de testemunhas de fl... afim de que, seguindo-se no fôro da mesma comarca os termos que forem de direito e que se julgar terem logar no caso de que se tracta, se satisfaça á justiça offendida, e se evite para o futuro a repetição d'estes escandalos, que, desacatando a Religião no seu culto e offendendo a sociedade nas suas crenças, causam gravissimos males á moral publica, á Igreja e ao Estado.

Coimbra, 12 de janeiro de 1880. — *Manuel, Bispo Conde.*

CÓPIA N.º 61

bibRIA

Vistos estes autos, etc. Está nelles provado com toda a clareza e evidencia que F... surrador, da rua do Almojarife, da freguezia de S. Bartholomeu, d'esta cidade, insultara da janella de sua casa publicamente e com circumstancias muito aggravantes, no dia 4 do corrente, a procissão solemne da communhão paschal aos entrevados da mesma freguezia, proferindo em voz alta e publicamente contra o Sanctissimo Sacramento, e contra os Ministros do Culto Divino no exercicio das suas funcções, as palavras que as testemunhas referem, e que por indecentes e injuriosas nos abtemos de qualificar; e levando, além d'isso, o seu inqualificavel attentado e desvairamento a ponto de cuspir, causa horror só dizel-o, sobre o pallio em que ia o Sanctissimo Sacramento, como juram as testemunhas, umas pelo ouvirem e uma pelo ver.

Tambem está provado que o mesmo F... tem commettido por mais vezes insultos contra a Religião e contra os seus Ministros, chamando-lhes os nomes mais injuriosos sempre que os vê ou se encontra com elles, tanto no exercicio das suas funcções como fóra d'elle; e está igualmente provado que foi grande o escandalo e a indignação que agora causou o seu procedimento, não só aos clerigos e á respectiva Irmandade, mas a todos os que viram e tiveram conhecimento de taes injurias e blasphemias, sendo todos concordes em pedir o castigo do culpado para desaggravo da Religião Sancta que professamos, e reparação de tão grande escandalo como

tudo se vê do depoimento das testemunhas e das participações de fl... do R. Parocho e da Irmandade do Sanctissimo Sacramento.

E attendendo a que este crime, tão provado, como offensivo da Religião, é punido, como não podia deixar de ser, pelo nosso Codigo Penal, sejam estes autos remettidos no original ao Ministerio Publico d'esta comarca, na conformidade da portaria de 21 de março de 1853, para no Tribunal competente e pelos meios determinado nas leis ser punido o seu auctor.

Coimbra, 12 de maio de 1884. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 62

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Por Portaria de 21 de março de 1853 ordenou Sua Magestade, por intervenção do Procurador Geral da Coroa, a todos os Agentes do Ministerio Publico, que nos crimes, declarados no Codigo Penal, de publicação de doutrinas contrarias á Religião Catholica, de injurias aos seus dogmas e de abusos de funcções religiosas praticados pelos seus Ministros, não proseguisse a acção penal no fôro secular sem a previa e competente decisão do Juizo Ecclesiastico, ao qual devem ser remettidas todas e quaesquer queixas, documentos ou papeis relativos áquelles objectos.

Têm-se observado sempre n'esta Diocese as disposições d'esta Portaria; e nunca os Agentes do Ministerio Publico tiveram a menor queixa do procedimento da Auctoridade Ecclesiastica na decisão das questões que em consequencia d'ella têm sujeitado ao seu julgamento previo. Pelo contrario alguns casos se têm dado em que á condemnação prompta de alguns Clerigos n'este Juizo Ecclesiastico nas penas canonicas por abuso de funcções religiosas têm correspondido muito tarde a absolvição completa no fôro civil. Por todas estas razões, pois, eu não posso deixar de me queixar da participação que no officio, incluso por copia, acaba de me fazer o Delegado do Procurador Regio na comarca de Cêa de que por despacho de 21 de janeiro findo fôra pronunciado pelo crime e abuso das suas funcções religiosas o Parocho Encomendado da freguezia de S. Thiago da mesma comarca e d'esta Diocese, Joaquim Alves de Campos; porque antes d'este despacho, contra o que tão expressamente ordena aquella Portaria, não se me deu nem ao menos conhecimento dos abusos que commetteu o mesmo Parocho.

Tenho por isso a honra de rogar a V. Ex.^a que se digne mandar que o sobredito Delegado do Procurador Regio n'aquella comarca observe as prescripções da referida Portaria, sem o que eu não posso nem devo acceitar no fôro ecclesiastico os effeitos d'aquella pronuncia no fôro civil (1).

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 11 de fevereiro de 1867. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

(1) Não teve effeito nenhum, nem ecclesiastico nem civil ou criminal, esta pronuncia.

COPIA N.º 63

Ill.^{mo} Sr. — Sou avisado de que os parochianos da freguezia da Ega d'esse concelho obstem a que o Presbytero Augusto Ignacio da Costa Brandão, que ha poucos dias collei na Egreja d'aquella freguezia, tome posse d'ella. N'esta data ordeno ao M. R. Arcipreste, Prior de Pereira, que intime o R. Parocho Encomendado para deixar aquella freguezia, e para que nem elle nem outro Clerigo diga missa ou pratique acto algum parochial na Egreja ou capellas da mesma freguezia, emquanto o Parocho collado não tomar posse e não assumir a parochialidade, suspendendo immediatamente do uso das ordens os que por ventura assim o não façam.

Peço a V. S.^a que preste ao mesmo M. R. Arcipreste o auxilio e força necessaria para que sejam mantidos e cumpridos os mandatos da Auctoridade Ecclesiastica; e se V. S.^a a não tiver á sua disposição, rogo-lhe a bondade de m'o participar para a sollicitar de quem competir.

Egualmente peço a V. S.^a que proceda a todas as averiguações necessarias para ser devidamente punida a resistencia que se deu aos mandatos da Auctoridade.

Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 24 de maio de 1868. Ill.^{mo} Sr. Administrador do Concelho de Condeixa. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Agradeço muito a V. Ex.^a a coadjuvação que se tem dignado prestar-me no pronunciamento dos povos da freguezia da Ega, concelho de Condeixa, contra a posse que da Egreja da mesma freguezia deve tomar o Presbytero Augusto Ignacio da Costa Brandão; e com quanto me pareça que aquelle pronunciamento, sem nenhuma razão de ser e filho tão sómente de ignorancia ou de mal entendidos caprichos, desaparece completamente logo que passe o desvairamento que o originou, eu julgo muito conveniente que V. Ex.^a, á semilhança do que se tem feito n'outras partes e sempre com bom resultado, se digne de mandar para alli já alguma força armada para estabelecer a ordem e o socego n'aquella freguezia, e sobre tudo para reparação do mal feito e exemplo para o futuro.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 28 de maio de 1868. Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador Civil do Districto de Coimbra. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

Conhecendo-se pelas informações recebidas ácerca do pronunciamento dos povos da freguezia da Ega contra a posse que da Egreja da mesma freguezia deve tomar o Presbytero Augusto Ignacio da Costa Brandão por ter sido n'ella apresentado e canonicamente collado, que os tres Presbyteros F.... F.... e F.... têm alguma culpa no mesmo pronunciamento:

Cumprê que o M. R. Arcipreste respectivo lhes intime a suspensão do uso de todas as suas ordens, até que pelo resultado das averiguações a que se proceder se conheça qual seja o grau da sua culpabilidade.

Coimbra, 29 de maio de 1868. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Recebi participações no dia 24 do corrente de que os habitantes da freguezia da Ega, concelho de Condeixa se oppozeram a que tomasse posse da Igreja da mesma freguezia o Presbytero Augusto Ignacio da Costa Brandão, n'ella apresentado por Sua Majestade e por mim canonicamente instituido e collado poucos dias antes.

Surprehendido por este acontecimento, para mim novo e extraordinario, ordenei logo ao Arcipreste respectivo que intimasse o Parocho Encomendado, um dos concorrentes no concurso por que tinha sido feita a apresentação da mesma Igreja, para se ausentar d'ella; que emquanto o Parocho collado não tomasse posse e entrasse no exercicio da parochialidade, não permittisse que algum Clerigo celebrasse ou practicasse acto algum parochial na Igreja ou capellas da mesma freguezia, e que suspendesse do uso de todas as ordens os que por ventura assim o não fizessem.

D'estas providencias dei logo conta ao III.^{mo} Administrador do Concelho, para prestar o auxilio necessario para ellas serem cumpridas e mantido o socego, rogando-lhe que, se para isso não tivesse a força necessaria, m'o declarasse para eu a solicitar de quem competisse. Não obstante porém as diligencias d'este Magistrado para acalmar a excitação que appareceu naquella freguezia, os seus habitantes, desacatando as leis e as Auctoridades, continuaram a pronunciar-se contra o Parocho collado; e nestas circumstancias expuz ao Ex.^{mo} Governador Civil do Districto a conveniencia, se não a necessidade de mandar para alli força armada afim de estabelecer o socego e de dar exemplo para o futuro; e ordenei ao Arcipreste que suspendesse do uso de todas as ordens o Parocho Encomendado e mais dois Clerigos que, pelo seu procedimento anterior, alguma culpa parecem ter em tão lamentaveis occorrencias.

Com o emprego d'estes meios, e com o da força armada que para lá partiu já hoje, e que em casos identicos tem dado sempre muito bom resultado, eu espero que aquelles povos, desvairados e illudidos talvez por quem os devesse aconselhar melhor, cahirão em si, reconhecendo o mal que fizeram; e em todo o caso, mantenedor como sou do principio da auctoridade que não deixarei nunca morrer nas minhas mãos, eu não dou licença nem jurisdicção a Clerigo algum para dizer missa ou practicar qualquer acto parochial na Igreja de que se tracta senão depois do Parocho collado exercer nella por bastante tempo o seu sancto ministerio.

Dando pois conhecimentô a V. Ex.^a de tudo isto por assim me parecer conveniente, devo declarar que, segundo observo, são dignas de louvor as Auctoridades Administrativas e Judiciaes pelos meios que pela sua parte vão empregando para manter o socego e punir os delinquentes.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 30 de maio de 1868. — III.^{mo} e

Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Vigario Geral, Governador do Bispado.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Pelo Secretario Geral, servindo de Governador Civil d'este Districto, me foram communicadas as ordens que V. Ex.^a se dignou dar-lhe para que fosse de accordo com a Auctoridade Ecclesiastica da Diocese nos meios que tivesse de empregar para reprimir os tumultos e excitações dos povos da freguezia da Ega, concelho de Condeixa contra a posse que o seu R. Parocho devia tomar da Igreja da mesma freguezia.

Agradeço muito a V. Ex.^a o que naquellas ordens ha de consideração para com o Prelado d'esta Diocese, e a promptidão com que se dignou de mandar prestar o auxilio e força necessaria para o referido Parocho tomar posse da sua Igreja como não podia deixar de ser.

A posse realisou-se já, como V. Ex.^a ha de saber, e o Parocho, quando no domingo ultimo 7 do corrente alli foi dizer a Missa conventual, foi já bem recebido pelos seus freguezes que lhe entregaram a chave da residencia parochial para poder entrar para ella.

Supponho pois extinctas de todo em breve, se o não estão já, aquellas excitações; e para este bom resultado muito contribuíram a energia e prudencia com que pela sua parte se houveram o Delegado de V. Ex.^a neste districto e o respectivo Administrador d'este concelho.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 9 de junho de 1868. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino. — *Manuel Correia de Bastos Pina*, Governador do Bispado.

COPIA N.º 64

Tendo-nos representado o R. Parocho da freguezia do Espinhal que, em razão das Auctoridades Judiciaes da Comarca de Penella terem querido querelar d'elle por prohibir que pessoas leigas, homens ou mulheres, levantassem a voz dentro da Igreja, e do Ill.^{mo} Administrador do Concelho por ter prendido uma mulher que acintosamente não fazia caso d'esta prohibição e de mais duas pessoas que concorreram para a sua prisão, estava sendo desacatada, como era de esperar, a sua auctoridade parochial, e elle sem forças para fazer manter a policia do templo de que era encarregado, visto que se achava já pronunciado pelas mesmas Auctoridades o respectivo Administrador do Concelho por lhe ter prestado para este fim o auxilio necessario; sollicitando por isso de nós que lhe dissessemos como devia proceder em taes circumstancias: e

Attendendo a que o mesmo R. Parocho, longe de exorbitar da sua au-

ctoridade ou do cumprimento dos seus deveres na prohibição de que se tracta, se torna antes digno de louvor por ter querido obstar ao abuso, introduzido na sua Igreja, de as mães levarem para ella seus filhos ainda muito creancinhas, e dos fieis durante a missa e antes e depois d'ella estarem continuamente em voz alta a fazer annuncios e a pedir Padre Nossos pelas almas do Purgatorio conforme a vontade de cada um, o que não se pôde nem deve tolerar, por ser inteiramente opposto ao respeito, silencio e devoção que deve haver na casa do Senhor; cumpre que o mesmo R. Parocho continue a empregar todos os meios para extirpar semelhante abuso, mantendo e sustentando as providencias dadas já para este fim.

E, porque em razão das circumstancias expostas, e que nós muito deploramos, é de recear que não sejam acatadas e obedecidas as mesmas providencias; e que o poder Administrativo, em vista do procedimento do Judicial para com elle, não preste ao mesmo R. Parocho o apoio da sua auctoridade, e que no caso sujeito lhe é devido; e, porque, se infelizmente assim acontecer, o que Deus não permita, nós não podemos tolerar e consentir que seja desacatada a auctoridade dos nossos RR. Parochos, quando elles pelos seus actos leaes, como o de que se tracta, se conservem ao abrigo da lei: Cumpre que o mesmo R. Parocho, se infelizmente assim acontecer, se retire da sua freguezia para o nosso Seminario, ou para onde lhe aprouver, até que os seus freguezes, espontaneamente ou coagidos pela auctoridade secular lhe prestem inteira e completa obediencia em todos os actos privativos da sua jurisdicção parochial; e da nossa parte encarregará o R. Parocho de Sancta Euphemia ou de S. Miguel de Penella de ir ao Espinhal administrar os sacramentos que forem necessarios enquanto nós não annexarmos a um d'elles a parochialidade da mesma freguezia do Espinhal. Porém, antes de dar este passo extremo, empregará todos os meios de prudencia e conciliação para o evitar, já exhortando os seus freguezes sobre a obrigação que têm de prestarem ouvidos attentos á voz do seu Pastor, e de se conformarem com as suas determinações, que não têm outro fim em vista que não seja o seu maior bem espirital, já fazendo-lhes ver que as almas do Purgatorio nada soffrem com a falta dos Padre Nossos pedidos por elles, porque estes serão pedidos d'alli em deante por elle Parocho; e já finalmente, expondo-lhes os males, que provêm á sua parochia, da annexação da mesma a uma das freguezias de Penella, annexação que nós tornamos effectiva pela collocação d'elle R. Parocho em outro beneficio em occasião opportuna, e pela jurisdicção que cometteremos unicamente a um dos RR. Parochos de Penella para parochiar o Espinhal.

Paço Episcopal de Coimbra, 6 de maio de 1876. — *Manuel, Bispo Conde.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — O Parocho da freguezia do Espinhal, concelho e comarca de Penella, d'esta Diocese, Clerigo instruido e prudente, prohibiu que na sua Igreja continuasse o abuso de pessoas leigas, homens e mulheres, levantarem continuamente a voz dentro d'ella, ou para fazer annun-

cios, ou para pedir Padre Nossos pelas almas do Purgatorio; e o Administrador do Concelho, a pedido do mesmo Parocho, mandou prender uma mulher que acintosamente desobedeceu áquella prohibição. Porém, contra tudo o que era de esperar, o Delegado do Ministerio Publico na mesma comarca requereu querela contra o mesmo Parocho e Administrador do Concelho e mais duas pessoas que intervieram na prisão da referida mulher, com fundamento, dizem, de que não havia lei que prohibisse o pedir Padre Nossos nas Egrejas, e de que por isso commetteram excesso de jurisdicção ou abuso de poder, o Parocho em prohibir e o Administrador do Concelho em ordenar a prisão de que se tracta, como V. Ex.^a pôde ver da participação que me fez o Parocho, copia n.º 1.

Parece-me que os Parochos, como encarregados da policia dos templos, podem prohibir todos os actos que a perturbem, e que por qualquer modo sejam offensivos do silencio, respeito e devoção que deve haver na casa do Senhor, sem ser necessario que os mesmos actos estejam prohibidos em leis especiaes, como é de primeira intuição, e tão claro como a luz do dia; e parece-me tambem que, segundo a nossa organização social, religiosa e politica, não podem as Auctoridades Civis deixar de punir as desobediencias commettidas n'este ponto contra os mesmos Parochos.

Todavia eu não quero qualificar de menos prudente e reflectido o procedimento em contrario do referido Delegado do Ministerio Publico; mas não posso deixar de notar que elle é de pessimo effeito para o auxilio e coadjuvação que as Auctoridades devem prestar-se umas ás outras, tanto quanto ás leis o permittirem, e para a manutenção da ordem e do respeito publico para que todos, embora por caminhos differentes, devem convergir.

Principiam a notar-se já estes deploraveis effeitos, como era de esperar, na freguezia do Espinhal, porque algumas pessoas, ferrenhas na sua mal entendida devoção, vendo que quizeram culpar o seu Parocho por elle fazer aquella prohibição, continuam a fallar em voz alta dentro da Igreja; e este, vendo que a Auctoridade Administrativa foi querelada por lhe prestar auxilio neste sentido, não pôde mais pedir-lh'o, nem esta lh'o quererá prestar, e com razão, como V. Ex.^a pôde ver da copia do officio n.º 2.

N'estas circumstancias, não podendo nem devendo eu tolerar que seja desauthorada a auctoridade do Parocho no exercicio legitimo das suas funcções, como aconteceu no caso de que se tracta, e não me tendo o mesmo Delegado dado resposta alguma ao meu officio de 4 de abril ultimo, copia n.º 3, d'onde colhesse alguma informação que me servisse de guia na questão sujeita, ordenei ao mesmo Parocho que, se essas pessoas persistissem em continuar o sobredicto abuso, e em não fazer caso das suas prohibições, abandonasse a sua parochia até que n'ella possa ser devidamente mantida e desafrontada a sua auctoridade parochial, como V. Ex.^a pôde ver da portaria, copia n.º 4.

De tudo, porém, julgo dever dar conhecimento a V. Ex.^a; e se V. Ex.^a em sua alta sabedoria e com a amplidão do seu poder, se dignar de concorrer para fazer respeitar os actos emanados da auctoridade parochial no exercicio dos seus deveres na freguezia do Espinhal, prestaria um ser-

viço mais e muito importante não só á Igreja e ao Estado, mas tambem a mim e a esta Diocese.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 6 de maio de 1876. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 65

Tendo fallecido no Paço das Escolas o Reitor da Universidade, Visconde de Villa Maior, no dia 20 do corrente, foi o seu cadaver transportado para a Capella da Universidade, onde se lhe fizeram os officios funebres e de encommendação pelo Capellão-mór da Universidade, com exclusão iuteira e formal do R. Parocho respectivo, que se prestou a esperar o mesmo cadaver á porta da Universidade unicamente para o acompanhar ao cemiterio publico :

E attendendo a que não pôde de modo nenhum justificar ou ainda desculpar similhante procedimento o facto, que por ventura se allegue, de ser isenta a Capella da Universidade, porque essa isenção é real e não pessoal, concedida ao lugar e não ás pessoas, como é de todos sabido e como tem sido sempre e sem contestação nenhuma observado e practicado :

Attendendo a que, em virtude d'isto, os Reitores e Vice-Reitores da Universidade e todos os empregados e pessoas que nella vivem são parochianos para todos os effeitos da freguezia de S. Christovão, em cuja Igreja parochial se desobrigam, ou dão ao preceito, e cujo Parocho sem distincção nenhuma a todos descreve no seu rol, a todos cura e parochia, a todos administra os sacramentos e a todos faz a visita paschal nas suas casas dentro da propria Universidade :

Attendendo a que, segundo os principios geraes de direito commum, não podem os Parochos ser privados do *jus interveniendi in funeribus et sepe-liendi* dos seus freguezes ; direito consignado e sempre mantido não só na Constituição da Diocese de Coimbra, que no Tit. 22, Const. 1.^a, n.º 6, manda que as pessoas fallecidas sejam encommendadas pelo proprio Parocho onde recebiam os sacramentos, ou por outro sacerdote a quem elle isto commetter, mas tambem nas decisões da Sagrada Congregação dos Ritos, que determinam que os corpos dos defunctos não possam levantar-se da propria casa senão pelo Parocho ou com licença d'elle ; Decisões de 25 de setembro de 1649, de 48 de agosto de 1627, de 30 de março de 1621, de 9 de junho de 1628, de 11 de março de 1648, de 5 de junho de 1614 e de 18 de novembro de 1606 :

Attendendo a que, em observancia do mesmo direito, todos os empregados da Universidade nella fallecidos são encommendados e acompanhados pelo seu Parocho para a Igreja de S. Christovão, onde sob sua presi-

dencia se lhes fazem os officios funebres, como se têm feito sempre, e como nós temos visto de ha vinte annos a esta parte, sem ter havido nunca quem pretenda o contrario, por mais zeloso que seja dos direitos e prerogativas Universitarias :

Attendendo a que os Estatutos velhos da Universidade sancionam e confirmam esta pratica e disciplina, porque, determinando no Livro 1.º, Tit. 16, § 6.º que o Chantre Thesoureiro e mais Capellães serão obrigados a irem ao enterramento do Reitor e Lentes a qualquer egreja onde se enterrarem, excluem toda a ideia de privilegio ou isenção concedida ao Reitor da Universidade para ser depositado e encommendado na Capella Real da mesma Universidade :

Attendendo a que ninguem pôde pôr a minima duvida sobre este ponto, porque o ultimo Reitor da Universidade, Castro Furtado do Rio Mendoça, fallecido nella antes de 1834, longe de ser depositado e encommendado na Capella Real da Universidade, foi pelo contrario acompanhado por todo o corpo cathedratico da sala reitoral da Universidade directamente para a Egreja onde se encommendou e sepultou, atravessando o prestito funebre diferentes ruas da cidade, como attestam testemunhas oculares de inconcussa probidade, e como muito bem deve constar e saber-se na mesma Universidade :

Attendendo a que, estando a disciplina e practica da Universidade do antigo e moderno regimen de perfeito accordo com o direito commum, que manda conduzir para as Igrejas parochiaes os corpos das pessoas, freguezas ou fallecidas nas parochias das mesmas Igrejas, e fazer nestas os devidos officios e encommendações, não podia o cadaver do fallecido Reitor ser levantado da casa onde falleceu, e que não é isenta, sem a intervenção do proprio Porocho, e muito menos ser levado e depositado em outra egreja qualquer que fosse, sobre tudo sem licença nossa que não nos foi devidamente requerida contra a disciplina e practica sempre observada nesta cidade :

Attendendo a que dos citados Estatutos velhos da Universidade, onde dizem : — «e assim irão (o Thesoureiro-mór e o Capellão) ao enterramento de qualquer dos dictos capellães que fallecer, e sendo horas lhe farão officios de corpo presente, e não podendo ser no mesmo dia o farão no seguinte» — não pôde por modo nenhum deduzir-se direito ou privilegio do Capellão-mór ou Thesoureiro da Universidade para encommendar e officiar nos funeraes do Reitor ou d'outros empregados da Universidade com exclusão do Parocho proprio, porque, sendo tal privilegio uma derogação do direito commum, é necessario que se prove não por deducções, mas por Diploma competente e authenticico, claro e explicito; e porque, além d'isso, o Thesoureiro e Capellães da Universidade iam a estes funeraes com a sua cruz do mesmo modo que iam antigamente e ainda vão hoje os Terceiros e outras corporações, os quaes tambem fazem officios de corpo presente ou responsorios nas Igrejas em que se enterram ou se encommendam os seus irmãos, mas sempre sem prejuizo dos direitos dos Parochos, como todos sabem e vêem nesta cidade :

Attendendo a que a Constituição Diocesana tira todas as duvidas a este

respeito pelo facto de dizer, como diz muito claramente no Tit. 28, Constit. XVI, n.º 7, que em todas as procissões, assim sollemnes e de festas, como em os enterramentos dos defunctos, a cruz da freguezia em que a procissão se fizer ou d'onde o defuncto for freguez preceda a todas as outras nella, posto que sejam da Misericordia e da Universidade :

Attendendo a que é mais claro ainda nesta parte o decreto de 15 de abril de 1845, porque, estabelecendo e regulando o serviço religioso da Capella da Universidade emquanto aos enterramentos de que fallam os Estatutos velhos, longe de conceder direito algum nelles ao Thesoureiro e Capellães, apenas se limita a determinar no art. 6.º, n.º 4.º, que assistam gratuitamente ao acompanhamento e enterro dos Lentes no caso de serem avisados pelas familias dos finados :

Attendendo a que não podiam ignorar-se na Universidade nem os factos que ficam referidos, sempre pacificamente practicados e inteiramente contrarios ao que agora se practicou, nem as disposições da legislação antiga e moderna da mesma Universidade sobre o caso em questão, nem finalmente a existencia de diferentes portarias do Governo de Sua Majestade, em que se condemnam factos que, como o agora practicado, são offensivos da jurisdicção parochial e da disciplina ecclesiastica :

Attendendo, finalmente, a que, tendo sido postergado, em vista de tudo o que fica exposto, o direito e disciplina da Igreja, e usurpados os direitos parochiaes que nós temos obrigação rigorosa de sustentar e fazer manter no nosso Bispado; era dever nosso exigir pelos meios competentes as devidas reparações de similhante usurpação e censurar o R. Parocho de S. Christovão por ter deixado violar impunemente os direitos que, ajoelhado aos nossos pés, jurou zelar e defender quando canonicamente foi instituido na sua Igreja, e o M. R. Conego Capellão-mór da Universidade, sujeito á nossa jurisdicção, por se ter prestado a transgredir a disciplina da Igreja e a violar os direitos do seu Parocho :

Mas considerando tambem que pelas explicações que nos foram dadas não houve em todo este procedimento da parte da Universidade o proposito de transgredir a disciplina ou de usurpar direitos alheios, o que se prova bem pelo character e inteireza do M.^{mo} Vice-Reitor da Universidade e dos empregados que fallaram connosco casualmente antes do funeral :

Considerando que o procedimento posterior que tiveram, inteiramente contrario ao que tinha sido exposto e que nós admiramos e sentimos, foi devido unica e exclusivamente a um conselho extranho que lhes foi dado, segundo nos informou o M. R. Capellão-mór, para fazerem na Capella da Universidade, que é isenta, o mesmo que se faz na do Seminario isenta tambem, e onde as pessoas nelle fallecidas são depositadas e encommendadas na mesma capella sem a intervenção do Parocho, que apenas toma conta dos cadaveres fóra dos portões do Seminario :

Considerando que pela auctoridade e competencia que julgavam haver na pessoa que deu o conselho, fundado de mais a mais em um facto que parecia indiscutivel, entenderam que podiam muito bem fazer o que fizeram, porque não se lembraram nem attenderam a que a isenção do Seminario é a de logar e de pessoas, e de que, não sendo estas (todas as

que vivem nelle) freguezas do Parocho, que não as tem no seu Rol, nem lhes administra sacramentos, não devem ser encommendadas por elle, o que não acontece na Universidade, que não tem paridade nenhuma com o Seminario Episcopal, pelo que não sabemos como explicar semelhante conselho, contrario ao direito, á disciplina e á practica de todos bem sabida e conhecida :

Considerando, finalmente, que por tudo isto vemos com muita satisfação que não é necessario procedimento algum da nossa parte para se evitar no futuro a repetição de semelhantes factos, satisfação tanto maior quanto são bem certos e sabidos os nossos sentimentos de muito respeito a veneração pela Universidade, e o empenho que pomos em conciliar sempre com elles o inteiro desempenho do nosso ministerio, como tem acontecido sempre sem quebra da nossa auctoridade nem das justas prerogativas universitarias, que nós muito respeitamos, limitamo-nos a advertir e admoestar o R. Parocho da freguezia de S. Christovão para que seja para outra vez mais zeloso na defeza dos seus direitos, e para que nos participe logo toda e qualquer usurpação que porventura se queira praticar contra elles. E para que nunca se possa argumentar contra os mesmos direitos com o precedente que agora se deu, será esta registada e archivada nos livros da sua parochia e na nossa Camara Ecclesiastica, depois de ter dado d'ella conhecimento ao M. R. Conego Capellão-mór da Universidade.

Paço Episcopal de Coimbra, 26 de outubro de 1884. — *Manuel, Bispo Conde.*

Tendo o Sr. Vice-Reitor da Universidade, Dr. Bernardo de Serpa Pimentel, contestado a doutrina d'esta portaria, dirigí ao governo de Sua Magestade a representação seguinte:

Senhor. — Ha mais de vinte e quatro annos que eu tenho a honra de servir e governar a Sancta Egreja de Coimbra, e em tão largo espaço de tempo nunca as Auctoridades d'esta terra, de todas as categorias e de todos os partidos, tiveram o menor motivo de queixa contra mim, ou por faltar ás attentões e cortesias devidas para com ellas, ou por querer invadir os seus direitos e attribuições; e sobre tudo não o tiveram ainda os Prelados da Universidade sobre ponto nenhum e especialmente sobre as isenções da sua Real Capella, que eu por fôrma alguma jámais quiz cercear e deprimir.

Bem pelo contrario não podem ser maiores, nem o meu respeito e veneração por este Estabelecimento, nem os votos que faço para que elle floresça e augmente cada vez mais em honras e regalias, em prestigio e acatamento publico.

Admirei porisso muito o procedimento que houve para commigo nos funeraes do Reitor da Universidade, Visconde de Villa Maior, feitos na Real Capella, procedimento que Vossa Magestade poderá ver e avaliar nos documentos aqui junctos.

Em consequencia d'elle vi-me na necessidade, que muito senti, de

reclamar contra os mesmos funeraes para sustentar e defender, como me cumpre, os meus direitos e os dos Parochos do meu Bispado. E a esta reclamação, justissima e muito attenciosa, oppoz o Vice-Reitor da Universidade a contestação que consta dos mesmos documentos.

Era minha vontade, e por muitos motivos, não lhe responder, e não dar conhecimento d'ella ao publico, e este mesmo desejo me manifestaram alguns Lentes da Universidade; mas os jornaes da terra annunciaram que ella ia ser publicada em folheto, e eu sei que para este fim foi já mandada para a Imprensa pelo mesmo Vice-Reitor.

Nestas circumstancias o meu respeito e veneration pela Universidade, de que sou filho sempre dedicado e reconhecido, não me permitem que eu dêixe archivar nella publica e officialmente, e com assentimento meu, um documento em que se diz, ainda que sem fundamento nenhum, que eu pretendi cercear e impedir as suas isenções e prerogativas.

Mas para evitar similhante injustiça não posso dirigir-me outra vez sobre este assumpto ao Prelado da Universidade, porque, attenta a contestação que me enviou, eu encontraria, não o deferimento pleno e recto para a minha pretensão, mas a polemica persistente e tenaz, que, embora não prejudique a força da verdade e do direito, pôde prejudicar a respeitabilidade e altura do primeiro Estabelecimento litterario do paiz, e a dignidade e decoro do meu ministerio episcopal.

Tenho porisso a honra de pedir a Vossa Majestade que Se Digne Mandar declarar nos Archivos da Universidade e juncto da referida contestação que eu nunca me oppuz ás isenções da Real Capella, taes como ellas têm sido sempre entendidas e praticadas desde antiquissimos tempos, e por todos os Prelados da Universidade, ainda os mais sabios e zelosos dos seus fôros e privilegios.

E Vossa Majestade, que sabe muito bem pelo meu longo tirocinio de vida publica, quanto sou sempre conciliador e attencioso para com todos, não attribuirá por certo o pedido d'esta graça a intenções menos benevolas para com a Universidade e o seu Chefe, mas unicamente á necessidade, em que me vejo, de não consentir que m'as attribuam hostis na justa defeza dos meus direitos offendidos.

Além d'isso, sendo meus subditos e sujeitos á minha jurisdicção todos os Capellães da Universidade, e cabendo porisso nas minhas faculdades e attribuições obstar a que elles no desempenho de funcções religiosas se prestem a transgredir as leis da Igreja e a disciplina observada neste Bispado, o meu pedido em taes circumstancias, Senhor, não pôde denotar senão desejo de não usar para com elles das mesmas faculdades, e por consequencia senão empenho de mostrar sempre e em tudo o meu profundo respeito e affectuosa reverencia para com a Universidade.

Deus Guarde a Vossa Majestade por muitos annos, como Portugal ha mister. — Coimbra, 7 de janeiro de 1885. — *Manuel, Bispo Conde.*

Exposição dos factos. — Algumas horas depois do fallecimento do Sr. Visconde de Villa Maior, fomos dar os pezames á illustre viuva, e quando

estavamos parados na nossa carruagem á porta da casa reitoral, quasi ao fundo do pateo da Universidade, veio dizer-nos o Official maior, e logo em seguida o Thesoureiro Capellão-mór, que o Sr. Vice-Reitor nos queria fallar por causa do funeral do Sr. Visconde, e ainda nós não tinhamos acabado de dizer que iriamos á sua secretaria para lhe pouparmos o incommodo de alli vir, chegou S. Ex.^a e fallou-nos logo em licença para o deposito do cadaver e funeraes na Real Capella da Universidade.

Respondemos que da melhor vontade attenderiamos tudo, uma vez que se não privasse o Parocho dos seus direitos; e depois do pedido do Capellão-mór para nós não nos oppormos a que o Parocho delegasse nelle os seus direitos, e depois das considerações que fizemos para se depositar o cadaver antes na Igreja da freguezia para evitar todas as duvidas, no que parece todos concordavam, disse-nos o Sr. Vice-Reitor da Universidade que, para o caso do deposito na Capella da mesma Universidade, iria o Parocho, que já tinha mandado chamar, pedir-nos as licenças; como tudo não poderão deixar de confessar, e como tudo presenciou e ouviu o M. R. Conego d'esta Sé, José Ferreira Fresco, que nos acompanhava.

No dia seguinte de manhã, sem aqui ter vindo o Parocho, e sem que ninguem mais me tivesse fallado neste assumpto, um Lente da Universidade, que por acaso veio visitar-nos nessa occasião, disse-nos que vinha do funeral do Reitor, o qual lhe tinham dicto que se fizera na Capella da Universidade para ser feito só por gente da mesma Universidade, mas que o Parocho devia ter o *encomendado*, porque a isenção da Capella era de local e não de pessoas; e notou-nos muito admirado que, sem se cantar o officio ou pelo menos as *Laudes*, se cantasse como cantou a Missa solenne de defunctos com o corpo presente; o que não podia nem devia ser.

Mandámos chamar o Parocho, que ás nossas perguntas nos respondeu, palavras textuaes: — «Foi muito simples o que se passou. Ninguem me «pediu auctorisação alguma para a *encomendação* ou officios, e eu estive «por tudo o que me propozeram, e que foi o que se fez, porque me disseram que tinham combinado tudo com V. Ex.^a; mas para outra vez serei «mais cauteloso.»

E o Capellão-mór, que a nosso pedido aqui veio tambem, disse que se tinham afastado de nós no dia antecedente na ideia de se depositar o cadaver e fazer o funeral na Igreja da freguezia (S. Christovão), o que elle muito mais queria; mas que o Lente de Prima de Theologia, dizendo que se fizesse na Universidade o que se costumava fazer no Seminario, resolvera a fazer-se o que se tinha feito; e que havia quem ainda quizesse mais, porque lhe disseram que não devia entregar o cadaver ao Parocho mas acompanhá-lo até ao Cemiterio por ser um cadaver privilegiado. Ponderámos o mal que tinham feito, a nenhuma paridade que havia nesta parte entre o Seminario e a Universidade, e a necessidade em que nos collocaram de censurar o Parocho para evitar a repetição de taes precedentes; e fallou-se em se remediar tudo de *commun accord*o com o Sr. Vice-Reitor da Universidade, com quem elle nos disse que fallaria a este respeito.

Não sabemos se fallou ou não, porque ninguém nos disse mais nada sobre este assumpto, o que já não admiramos, porque tambem o Sr. Vice-Reitor, Bernardo de Serpa, fez, nos funeraes de que se tracta, o contrário do que nos tinha dicto no dia antecedente sem haver para connosco nem antes nem depois a minima explicação a este respeito; procedimento que notámos por destoar muito do que tinham tido sempre connosco os Prelados da Universidade, e por vir d'um cavalheiro que, além de nos honrar ha muitos annos com a sua benevolencia, sempre por nós devidamente correspondida, pertence a uma familia de varões illustres que respeitamos muitissimo, e que são todos tão distinctos e notaveis pelo talento e polidez, como pelas virtudes civicas e christãs.

Em taes circumstancias vimo-nos na necessidade de dirigir ao Parocho da freguezia, passados alguns dias, a portaria constante da copia n.º 1, para não deixar passar tal precedente na Real Capella sem algum correctivo; e ninguém poderá dizer que nós não fomos respeitoso e delicado para com a Universidade, tanto neste documento como no officio (copia n.º 2), com que intendemos dever dar ao seu chefe conhecimento da mesma portaria.

Decorreram 24 dias depois da recepção do mesmo officio sem nos responderem nem dizerem cousa nenhuma por parte da Universidade, e publicando-se então no jornal do Bispado — *Instituições Christãs* — a sobredicta portaria, por ser costume e praxe publicar nelle documentos d'esta natureza, e por convir muito aos Parochos a publicação d'este, que diz respeito aos seus direitos em um ponto de disciplina muito importante, manifestou-se logo a opinião publica pela razão e justiça do nosso procedimento e da nossa portaria.

Todavia entendeu-se na Universidade que ella devia ser contestada, e com data de 29 de novembro recebemos o officio e contestação da copia n.º 3, á qual fazemos as notas que se encontram no fim d'ella (1).

COPIA N.º 66

Sanctissimo Padre. — Profundamente commovido e cheio de confusão venho prostrar-me aos pés de Vossa Sanctidade, e participar que Sua Majestade Fidelissima, por decreto de 12 de maio corrente, me nomeou Bispo da Sancta Igreja de Coimbra, ha pouco tempo viduada de pastor. Commove-me, em verdade, não só o grandissimo respeito e acatamento que tenho á Pessoa de Vossa Sanctidade, mas o receio de que me julgue

(1) Não copio aqui a contestação do Sr. Vice-Reitor, as notas que lhe fiz, e o douto e auctorizado parecer do Sr. Bispo de Beja contra ella, tudo transcripto nas *Instituições Christãs* 1.º e 2.º numero da 1.ª serie de 1885, porque occupariam mais de 80 paginas estes documentos.

temerario, por não ter duvidado acquiescer á benevolencia e munificencia incomparavel de Sua Majestade Fidelissima para commigo.

Bem sei, Sanctissimo Padre, que me faltam os dotes e virtudes que S. Paulo requer nos Bispos, successores dos Apostolos, e que especialmente na actualidade lhes são indispensaveis, para bem sustentarem o peso de tão sublime dignidade: e Deus, que conhece o intimo dos corações, é testemunha de quanto eu estava satisfeito com a paz e quietação da minha cadeira capitular nesta Sé Cathedral, sem pensar nem levantar os olhos para outros empregos que muito excedem meus inferiores merecimentos: e certo que, depois dos trabalhos, alguns annos ha passados no governo d'esta diocese, nada me poderia succeder mais á feição dos meus desejos.

Todavia, as persuasões e instancias de muitos varões de extremada virtude e prudencia; os votos sinceros manifestados pelo clero d'esta diocese; as provas de benevolencia e respeito para commigo dadas pelos seus Diocesanos; e minha terna affeição para com esta Sancta Egreja Conimbricense, que muito bem conheço já, e o meu vivo interesse pelo seu seminario florescentissimo: tudo isto fez que eu obtemperasse ao Decreto do Augusto Monarcha; esperando tambem que Deus, todo bondade e grandeza, me assistiria com a sua infinita graça, visto como eu não procurava riquezas, nem poderio, nem as honras temporaes, de que falla S. Thomaz.

Pelo que toca a este ponto, Sanctissimo Padre, não poderia eu (digo-o sem jactancia) apresentar-me aos pés de Vossa Sanctidade, nem com mais confiança de animo, nem com maior segurança de consciencia. E tambem me anima a consideração de que tenho defendido com firmeza os direitos da Sancta Egreja; tenho procurado, a todo o meu poder, levantar a disciplina ecclesiastica e restaurar a educação do clero; tenho mantido sempre a inteireza e o amor da justiça e da rectidão em tudo; e finalmente tenho conservado, com reverencia, perpetua e estreitissima adhesão á Pessoa de Vossa Sanctidade e á cadeira de Pedro, á qual *«pela primazia do seu principado, como dizia S. Ireneu importa que concorra e se una toda a Egreja»*.

Não obstante isto, se contra minha vontade, e sem o saber, alguma vez me afastei da doutrina da Sancta Egreja, ou se de qualquer modo desagradei a Vossa Sanctidade, declaro abertamente que minha intenção e desejo foram sempre approvar tudo que Vossa Sanctidade approva, e rejeitar tudo que Vossa Sanctidade não approva; e que nada tenho mais a peito do que seguir a doutrina e a praxe que segue a Sancta Egreja romana, mãe e mestra das outras Egrejas; e abraçar e defender tudo o que por ella, e por Vossa Sanctidade, fôr decidido e definido.

Feitas, pois, estas declarações e promessas com toda a effusão e sinceridade da minha alma, rogo e obsecro a Vossa Sanctidade com todo o respeito e submissão que se digne de me conceder a confirmação, ou a instituição canonica, do Bispado para que fui nomeado, se em seu sapientissimo juizo entender que isto será para gloria de Deus e proveito da Egreja.

Digne-se, finalmente, Vossa Sanctidade de aceitar os ardentes votos que

faço pela preciosa conservação de Vossa Sanctidade, e pela prosperidade da Sancta Egreja, da qual sou, e confio ser sempre, filho obediente e submisso.

Beija reverente os pés de Vossa Sanctidade, e pede humildemente a Benção Apostolica o — De Vossa Sanctidade Filho devotissimo e fidelissimo servo. — *Manuel, Bispo Eleito de Coimbra.* — Coimbra, 27 de maio de 1870 (1).

COPIA N.º 67

« Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Am.^o e Sr. — Não admire, nem me leve a mal a demora que tenho tido em responder á estimada carta de V. Ex.^a, na qual tem a bondade de participar-me a indicação do Sr. A. para eu fazer espontanea uma declaração a Sua Sanctidade, segurando-me de que, logo que a faça, serei confirmado como foram outros que seguiram e abraçaram egual indicação e conselho.

A minha pouca saude nestes ultimos dias, como já disse a V. Ex.^a, as festividades e hospedes que tenho tido, e o muito que me embarça esta indicação com que já não contava, pelo que tinha dicto a V. Ex.^a, não me tem deixado pensar nem fazer cousa nenhuma. O que eu queria era que me livrassem d'estes trabalhos em que me metteram, e que me deixassem.

Por um lado custa-me muito, só Deus o sabe, que Sua Sanctidade faça de mim juizo menos favoravel por estar mal informado a meu respeito, e o desejo maior do meu coração era romper já por tudo, ir ajoelhar-lhe aos pés, e mostrar-lhe com provas e documentos na mão que não sou indigno da sua Benção.

Por outro, parece-me já tarde para fazer agora pela fôrma que se indica aquella declaração. Perdoo-me o sr. A. esta duvida que se me antolha na indicação de S. Ex.^a. Se fosse mais cedo, podia ella ter-se ainda como manifestação e protesto de amor, obediencia e submissão a Sua Sanctidade; mas hoje, chegadas as cousas ao ponto em que estamos, eu receio que, por mais benevolencias que haja para commigo, não se veja no que eu fizer espontaneamente, como se indica, senão a ambição da Mitra, senão o emprego d'um meio para a conseguir; e este receio prende-me muito, porque nada fica tão mal a um Clerigo que se préza, e que em tudo deve mostrar modestia e abnegação, como procurar e diligenciar honras e dignidades e principalmente o Episcopado.

Eleva a Providencia Divina a tão sublime ministerio quem lhe apraz; e se o desejal-a sómente nem sempre é exempto de peccado, como diz S. Thomaz, o que não será o emprego de meios directos ou indirectos para o conseguir, fóra d'aquelles que o direito e os Sagrados Canones prescrevem como necessários para a habitação canonica?

(1) Foi traduzida do latim em que foi escripta.

(12)

Assim, pois, se alguém, sabendo da declaração de que se tracta, a considerar menos benevolamente para mim, por não saber a auctoridade que m'a aconselha, eu não posso justificar-me com o Sr. A., porque é muito particular, muito confidencial e amigo o conselho de S. Ex.^a; e em tudo o que eu fizer que pareça ser de interesse pessoal desejo ficar sempre habilitado para justificar as minhas intenções e destruir as suspeitas que porventura as envenenem.

Mas não se pense que eu hesite sobre a justiça e bondade absoluta e relativa d'um conselho dado pelo sr. A. Pelo contrario presto á sua auctoridade o maior assenso. Porém S. Ex.^a entende que o filho, vendo que o pae não lhe mostra agrado, deve em todas as circumstancias e occasiões, dirigir-se a elle, perguntar-lhe a causa da sua frieza e pedir-lhe perdão; e eu, enquanto ao filho innocente que não tiver dado causa para similhante desagrado, e que saiba que o pae está para decidir se ha de ou não contemplal-o com algum beneficio, entendo que no caso de o pae não lhe perguntar cousa alguma, deve esperar que este se decida, e justificar depois a sua innocencia e testemunhar-lhe o seu amor filial.

Antes d'isso, o seu procedimento pôde ser tão suspeito e até tão reparado pelo proprio pae, como depois ha de necessariamente ser por todos julgado nobre e digno. E quando da demora no cumprimento de alguns dos nossos deveres não resulta offensa para Deus e para os homens, nem damno para a consciencia, pede a obrigação, que temos, de edificar sempre os outros, que á similhança do Apostolo, nos abstenhamos de cousas licitas e até indifferentes para attendermos á fraqueza do nosso Irmão e para não o escandalizarmos temerariamente.

A estes escrupulos, pois, talvez exaggerados e sem fundamento, mas em todo o caso sinceros, accresce ainda que, tendo o sr. N. estado sempre um pouco fechado para mim nesta questão, eu tenho hoje todo o melindre em ir agora por devoção e sem pretexto pedir o seu auxilio e intercessão neste negocio, melindre que não posso vencer pela idéa de que, sendo este negocio meu, não me fica mal o tractado, porque me parece que negocios d'esta natureza não devem ser tractados e diligenciados pelas partes interessadas.

Tambem alguns Conegos, Lentes, Padres e pessoas muito respeitaveis d'esta cidade, que honram aqui a Religião com as suas virtudes e que são um modelo de dedicação á Sancta Sê, admirados da demora na minha confirmação, têm-me dicto e aconselhado por differentes vezes que espere resignado, que não a sollicite nem faça cousa alguma, e que confie no tempo que ha de fazer-me justiça, e mostrar que o Cabido de Coimbra, que é uma corporação muito respeitavel, não teria elegido unanimemente seu Vigario Capitular e honrado sempre com a sua approvação e confiança um Clerigo indigno.

Fazer, pois, agora o contrario do que me têm sempre aconselhado pessoas de tanto saber e de tanta piedade, pôde denotar não manifestação de homenagem a Sua Sanctidade, mas ambição e impaciencia de ascender ao Episcopado; o que me faria perder no seu conceito, com o qual muito me honro e lisongeio.

(13)

Por isso todo o meu desejo é deixar este negocio á Providencia Divina. Se Ella tiver disposto que eu, embora sem merecimentos, seja Bispo de Coimbra, hei de sel-o; se não tiver, não quero fazer nada para o ser, nem contrariar os seus designios.

Além d'isso, eu não sei bem de que havia de fazer a declaração indicada, não se me dizendo alguma cousa primeiro.

Com relação a factos passados, eu não sei que nelles tenha offendido a doutrina catholica, como já mostrei por documentos a V. Ex.^a e ao sr. A.; mas se em alguns, e sem o saber, me apartei d'ella e desagradei á Sancta Sé, eu já declarei a Sua Sanctidade, quando fui nomeado, que peccara por erro de entendimento e não de vontade, porque a minha intenção, o meu desejo e o meu dever sempre tinham sido, eram e haviam de ser, seguir em tudo e por tudo a doutrina da Sancta Igreja, approvar tudo o que ella approva e reprovar tudo o que ella reprova.

E ainda que a demora na minha confirmação tenha dado logar, como é natural, a que ella se attribua ora a um facto, e depois a outro, e a diversos, segundo o que ouço por aqui dizer, são todos felizmente tão sem razão, alguns tão destituídos de fundamento e outros até tão irrisorios, que eu não prezaria a minha dignidade e o meu character, se lhes respondesse sem me ser formulada a accusação d'elles, e não faria do Vaticano o elevadissimo conceito que faço, se visse que alguém ousava levar perante elle taes calumnias e necedades.

Todavia dá que pensar, e devem ser muito graves as razões por que de todos os Bispos ultimamente apresentados sou eu aquelle a quem se demora tanto a confirmação; e, sendo assim, mal pôde destruil-as uma simples declaração por mim feita. Pouco peso pôde ter o que o pretendente diz em abono de si ao superior de quem depende, e na occasião da dependencia; e se ha faltas ou crimes commettidos, mal poderão as suas declarações justificar-os. O réo innocente que, para ser absolvido, declarar ao juiz que não commetteu o crime que lhe imputam, poderá ser perdoado, mas por esta declaração sómente não fica justificado perante a sociedade e perante o proprio juiz, se não constar a este por outros meios e por outro modo a sua innocencia. O filho ingrato, que na occasião de precisar de um beneficio do pae, lhe for declarar o seu amor filial, pôde conseguir o que pretende, mas não lava com esta declaração sómente, e feita em tal occasião, a nodoa da sua ingratidão; e eu desejo não só que Sua Sanctidade me conceda a graça da confirmação e sobre tudo a da sua Benção Apostolica, que é o mais; mas que se convença e que se convençam todos de que eu não tenho commettido crimes que me tornem indigno d'ella, aliás ficaria desairado para sempre, e mal poderiam depois os fieis confiar em quem vissem que não confiava o Supremo Pastor da Igreja.

Desejo por isso que o tempo descubra toda a verdade, e que as averiguações, por todos os modos feitas, e para as quaes offereço, não palavras e declarações que estão ao alcance de todos, mas os meus 11 volumes grandes de copiadorez, toda a minha vida publica e particular, e todas as minhas correspondencias existentes nas secretarias de Estado, tornem bem publico e patente se alguma vez escandalizei os fieis com os meus cos-

tumes, acções e palavras deshonestas, ou se fui visto em parte alguma sem traje que não fosse rigorosamente ecclesiastico, e sem a decencia e gravidade que o meu estado exige: se no exercicio da auctoridade ecclesiastica tenho deixado de pugnar com força e vigor pelos direitos e disciplina da Sancta Igreja: se em tantos Parochos que tenho collado, e em tantos negocios ecclesiasticos que tenho tractado sacrifiquei alguma vez a justiça e o bem da Igreja a considerações e respeito humanos: se já pertenci ou pertenço a partido algum politico, ou a associações politicas de qualquer ordem e natureza que sejam, ou se, finalmente, pôde ter comparação o Seminario e a disciplina da Diocese hoje com o que era em outro tempo.

Perdoe-me porém V. Ex.^a, se no que digo pareço revelar jactancia e presumpção de merecimento proprio. É a tranquillidade de consciencia que me inspira esta linguagem desassombrada, mas talvez pouco modesta pela necessidade em que me vejo de fallar de mim. É também o estado do meu espirito, que não pôde combinar como eu com tantos serviços e com uma vida sem manchas sou tão mal informado para a Sancta Sé, ao passo que são cobertos de bençãos, como eu vejo, muitos outros clérigos, que, embora com mais merecimentos, não têm trabalhado nem pugnado como eu pelo bem da Igreja e pelos seus direitos.

Deixando porém tudo isto, e voltando á declaração que se me aconselha, se ella é relativa ao meu procedimento no futuro, eu lamento que não me façam a devida justiça; que supponham que eu ignoro os deveres de um Bispo Catholico, e que, sabendo-os, seja capaz de acceitar tão sublime ministerio sem tenção de os cumprir e de lhe supportar os encargos. Seria um perfido, e um ministro não de Jesus Christo mas de satanaz, se fizesse semelhante cousa, e ninguém pelos meus actos e por toda a minha vida passada pode formar de mim semelhante conceito.

Além d'isso o Bispo apresentado, antes de ser confirmado, tem de prestar juramento sobre o cumprimento dos seus deveres futuros, e eu não concebo como uma declaração possa obrigar-me com mais força do que um juramento prestado com todas as formalidades; porque sou catholico mediante a graça de Deus, e não juro o seu sancto nome em vão.

Vai porém já longa de mais esta carta, e talvez mais solta do que devia tenho eu deixado correr a penna. Peço a V. Ex.^a que me perdoe este desafogo; e se no que fica exposto entender que estou em erro, respeite-me ao menos as intenções e a boa fé.

Tambem lhe peço que exponha estes meus escrúpulos ao Sr. A., e julguem ambos da sua procedencia ou improcedencia; e qualquer que seja o seu juizo, convençam-se de que agora toda a minha ambição e empenho é informar a Sua Sanctidade, abrir-lhe o meu coração e merecer a sua Benção, como já disse; mas desejo fazel-o de modo que não dê lugar a suspeitas, porque, se se tractasse do interesse de outrem, ou do bem e utilidade da Igreja, pouco me importavam ellas; mas, tractando-se de interesse meu e da elevação da minha humilde pessoa a tão sublime dignidade, eu quero ser como a mulher de Cezar, desculpe-me esta comparação tão profana. Hoje principalmente são necessarios estes escrúpulos

e cautelas, porque, attenta a pouca moralidade dos nossos tempos, attribue-se com muita facilidade o provimento nas Dignidades Ecclesiasticas a ambição, a patronatos e a simonia; e eu não quero por fórma nenhuma dar logar a que de mim se supponha similhante coisa.

Todavia, eu não gosto de exaggerações nem de parecer que sou orgulhoso, e custa-me que os meus amigos andem por uma parte a advogar a minha causa, e que eu esteja sempre a perdê-la pela outra. Peço a V. Ex.^a que me desculpe, e creia que é grande o meu sentimento por não lhe fazer a vontade, mas não posso vencer os meus escrúpulos, e as indicações em contrario da minha consciencia; e, concluindo já, peço a Deus que dê a V. Ex.^a paciencia para me aturar, e que me ajude a mim a sahir d'estas difficuldades, e a mostrar sempre o affecto e gratidão com que sou — De V. Ex.^a — amigo velho, muito affectuoso e devedor — *Manuel, Bispo Eleito de Coimbra.* — Coimbra, 20 de agosto de 1871. //

COPIA N.º 68

Pomposa festividade. — Recebemos a noticia da festividade que, em acção de graças pela confirmação do Sr. Bispo Conde, se fez em Mouronho. É a seguinte:

A bom grado vai já longa a chronica dos festejos commemorativos pelo feliz acontecimento da confirmação e posse do actual Bispo Conde de Coimbra, o Ex.^{mo} Sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina. — Mouronho não quiz, não poude deixar de associar-se tambem a tantas demonstrações de regosijo pelo muito que sinceramente ama e admira os elevados dotes de Sua Ex.^a Rev.^{ma}, e, maxime, pelo augmento espirital que tão illustrado Prelado — digno successor do virtuoso e nunca esquecido D. José Manuel de Lemos — ha de trazer á diocese.

Foi no dia 21 de janeiro, apenas a Mouronho constou tão fausto acontecimento, que teve logar a seguinte festividade religiosa em acção de graças, de que passamos a fazer narração descriptiva.

O Ex.^{mo} Sr. commendador Luiz Candido de Figueiredo Oudinot e Gouveia, cedendo aos impulsos de seus nobres sentimentos, e querendo dar testemunho de quanta alegria lhe ia na alma pela nomeação e posse do Ex.^{mo} Bispo, de quem é amigo reconhecido, preparou-lhe tão esplendida festa:

De vespera (dia 20) houve fogo de artificio e musica no terreiro, e pelas ruas, e á porta da egreja matriz, e baile em casa de Sua Ex.^a

No dia 21, pela manhã, a banda marcial despertou nos habitantes um dia verdadeiro festival para elles: os foguetes crepitavam nos ares e os sinos repicavam de alegria! Pouco depois teve logar uma procissão por dentro da Egreja, e em seguida uma missa cantada e tocada a grande instrumental; para de tarde ficou a exposição do Sanctissimo.

As auctoridades judiciaes e administrativas trajando suas bécas, e a camara municipal com suas respectivas insignias, acompanhados de todos os mais convidados (que eram muitos, e muito mais povo), e, ao som da musica, e de innumerous foguetes que ardiam nos ares, sahiram de casa do Ex.^{mo} commendador Luiz Candido e se dirigiram á Egreja processionalmente. Eram 2 horas da tarde. Deu-se então começo ao *Te-Deum*, no fim do qual subiu á cadeira da verdade o muito Rev.^{do} padre Augusto Cesar Henriques, que, em uma breve oração toda repassada de sublime moral, soube elevar-se ás alturas de erudito orador sagrado. Tractou com proficiencia das virtudes do illustre prelado conimbricense, de quem era apologista.

Receba, por isso, S. S.^{as} os nossos cumprimentos.

Depois do sermão teve logar o *Tantum ergo*, e a procissão e a benção. O instrumental, etc., era de Goes, e seu regente o bem conhecido Sr. Macedo.

Não é menos digno de bem merecido louvor o digno Prior e Arcipreste de Mouronho, o Rev.^{do} Antonio Joaquim Pinto da Gama, pelo muito que concorreu tambem para tornar mais brilhante esta festividade, convidando a assistencia dos Parochos do seu Arciprestado.

A convite do Sr. commendador Luiz Candido assistiram á festividade os Srs. Juiz de Direito, o presidente, vice-presidente e mais vereadores da camara municipal, o delegado do procurador regio, conservador e muitos particulares, entre os quaes se notava a Ex.^{ma} familia do Sr. commendador Fernando Gamboa.

A noute tornou a haver baile em casa do mesmo Sr. commendador Luiz Candido, e valsou-se animadamente até madrugada do dia 22.

Em ambas as noutes de 20 e 21 houve luminarias em profusão.

O dia 21 de janeiro de 1872 fica memoravel em Mouronho; porque será elle que ha de recordar á geração porvir quando este povo beirense correu ao templo do Senhor a render-Lhe graças pela nomeação do seu Bispo Conde, o Ex.^{mo} Sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina, a quem desejamos longos e felizes annos na posse do seu Bispado.

A sagração do Sr. Bispo Conde. — Verificou-se, finalmente, no domingo ultimo a sagração do nosso Prelado, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Manuel Correia de Bastos Pina; e com ella completaram-se os votos sinceros, cordialissimos, dos habitantes da diocese de Coimbra!

Se alguém podesse duvidar, ainda, da verdade d'esta asserção, não tinha mais do que entrar naquelle dia na nossa magnifica Sé Cathedral, e veria com que empenho, com que verdadeiro entusiasmo os Fieis de ambos os sexos, e de todas as classes e profissões, se apresentaram a dar testemunho

publico dos sentimentos de respeitosa estima e profunda veneração, que tributam ao seu dignissimo Pastor!

Grande deve ser o sobresalto de S. Ex.^a conhecendo, como certissimamente conhece, o peso que acabou de tomar sobre seus hombros, e a tremenda responsabilidade que assumiu; mas, por outro lado, grande, mui grande deve ser a sua consolação ao ver Clero, Nobreza e Povo rivalisando em demonstrações de jubilo pela sua elevação ao principado da Igreja Conimbricense.

Cremos poder afirmar, sem receio de desmentido, que nunca Prelado algum portuguez foi investido na dignidade episcopal com tão pleno assentimento, com tão geral alegria dos habitantes de sua diocese.

Mas tambem affirmaremos, e ainda sem receiar contestação, que poucas vezes terá subido áquelle eminente cargo pessoa com titulos tão legitimos á honrosa opinião de que gosa.

A grande practica dos negocios ecclesiasticos, adquirida no governo, já bem diuturno, d'esta e d'outras dioceses, reúne S. Ex.^a subidos dotes de intelligencia, zelo inexcusavel pelo serviço da Igreja, prudência consummada, e, o que a tudo sobreleva, um amor de justiça que reconhecem os proprios que d'ella têm sido victimas. Accrescem, para recommendar o illustre Prelado, excellentes qualidades pessoaes, que lhe grangeiam a sympathia de quantos têm a fortuna de conhecê-lo.

Com tão raros e apreciaveis predicados não admira que o Sr. Bispo Conde seja geralmente querido e respeitado tanto na sua diocese, como fóra d'ella; sendo por isso natural a porfia no empenho de abrilhantar a solemnidade da sua sagração, que foi na verdade luzidissima.

A concorrência no vastissimo templo foi, apesar de não haver convites, numerosa, como nunca, de memoria de presentes, se vira.

A ampla capella-mór estava ricamente decorada. Nas cadeiras capitulares sentavam-se, além dos Rev.^{dos} Conegos, os Ex.^{mos} Srs. Duque de Loulé, Marquez de Sabugosa, Anselmo Braamcamp, Conde de Linhares, Visconde de Villa Maior, José da Costa Sousa Pinto Basto, Bispo Eleito do Algarve e Chantre do Cabido de Cedofeita, irmão do Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde.

As bancadas dos beneficiados e capellães eram occupadas, além do Clero da casa, pelo Ex.^{mo} Sr. vice-reitor do Seminario, pelos Arciprestes, por grande numero de Parochos e outros Clerigos da diocese, e pelo defunitorio da veneravel ordem terceira da penitencia d'esta cidade, de que S. Ex.^a é dignissimo irmão.

Viam-se em outros assentos os Ex.^{mos} Srs. Secretario Geral, servindo de Governador Civil, a Camara Municipal, o Corpo Cathedratico da Universidade e do Lyceu na sua quasi totalidade, os Ex.^{mos} Srs. Administrador do Concelho, Juiz de Direito e Delegado do Procurador Regio, Governador Militar, Director das Obras Publicas do districto, Director das Obras do Mondego, Thesoureiro pagador e outros funcionarios de varias repartições publicas.

Tomavam tambem logar dentro dos cancellos da capella-mór os Ex.^{mos} Srs. Tenente General Abreu, Conselheiro Adriano Machado, Visconde de Foz d'Arouce, Visconde de Taveiro, Barão de Sancta Comba-Dão, Conselheiro Cancio de Lima, vice-presidente da Relação do Porto, Conselheiro Antonio

de Vasconcellos, Juiz da Relação de Lisboa, e muitos outros cavalheiros da cidade e de fóra d'ella.

Sentavam-se ainda abaixo dos cancellos grande numero de pessoas distinctas, que já não poderam accomodar-se dentro d'elles.

Nas janellas da capella-mór estavam a familia do Ex.^{mo} Sr. Miguel Osorio, a do Ex.^{mo} Sr. José Ribeiro da Cunha, de Lisboa, e outras. As duas tribunas dos órgãos estavam cheias de senhoras; e muitas outras occupavam o largo espaço que se lhes reservara no centro do arco cruzeiro. O resto da Igreja estava apinhadissimo de assistentes.

As complicadas cerimoniaes da sagração foram executadas, com todo o rigor prescripto na liturgia, debaixo da direcção do Rev.^{do} Sr. Prior da freguezia do Sacramento, de Lisboa, ecclesiastico competentissimo neste ramo, coadjuvado pelo Rev.^{do} Mestre de Cerimonias da Sé do Porto e pelos da casa.

O Bispo sagrante foi o Ex.^{mo} Sr. Bispo de Bragança, por ser o Prelado mais antigo. Serviram-lhe de acolitos os Rev.^{dos} Parochos da Sé e de Sancta Cruz; e de presbytero assistente o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Bernardino de Menezes. Os Bispos assistentes ao Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde foram os Ex.^{mos} Srs. Bispo resignatario de Angola e Bispo do Porto.

Nas lavandas ministraram aos Srs. Bispos sagrante e sagrando os Srs. Duque de Loulé, Anselmo Braamcamp, Marquez de Sabugosa, Conde de Linhares, Visconde de Villa Maior, Dr. José Maria de Lima e Lemos e Chantre de Cedofeita.

A orchestra, que era composta de 82 musicos, desempenhou magistralmente o *Veni Creator Spiritus*, a missa, e o *Te-Deum*, sob a direcção do Sr. Conego Monteiro.

Tudo emfim concorreu para tornar esta solemnidade pomposissima a todos os respeitoes.

Duraram as mysticas cerimoniaes perto de 5 horas; e apezar d'isso conservou-se a Igreja sempre cheia, tal era o interesse que lhes ligavam os assistentes.

Foi geral a commoção quando, durante o *Te-Deum*, o Ex.^{mo} Prelado, já mitrado e empunhando o baculo, percorreu o templo, acompanhado dos bispos assistentes, lançando a benção aos seus diocesanos; e quando, no fim d'aquelle hymno sagrado, S. Ex.^a sentado na cadeira episcopal recebeu a homenagem de obediencia do Cabido, dos Arciprestes, Parochos e mais Clerigos presentes. O proprio Prelado não ponde conter as lagrimas, quando começou aquella edificantissima cerimonia.

Repiques festivaes nas torres da Sé, e numerosas girandolas de foguetes, annunciaram á cidade a conclusão do acto da sagração do seu Prelado. As torres das outras Igrejas responderam áquelle signal. Á noite illuminaram-se a frontaria da Cathedral, a do Governo Civil, a da Camara e as de muitas casas particulares.

Terminaremos a breve descripção d'esta festa, applicando de todo o coração ao nosso estimadissimo Prelado, por nós e em nome dos habitantes d'esta diocese, a saudação que S. Ex.^a dirigiu, segundo o rito, no fim da cerimonia ao Ex.^{mo} Bispo que o sagrou. *Ad multos annos!*

Por muitos annos queira o ceu conservar a vida e saude robusta ao Ex.^{mo} Bispo Conde para satisfação dos seus numerosissimos amigos, e sobretudo para o bem espirital e temporal da Sancta Igreja Conimbricense.

COPIA N.º 70

PIO PP. IX

Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica.

Recebemos com agradecido reconhecimento a carta, que Nos enviastes, na proximidade do dia do Nosso Jubileu Episcopal, para Nos mostrardes vosso respeito, e dardes os parabens por este fausto acontecimento.

Folgamos sobremaneira, Veneravel Irmão, vendo que nestas perseguições, que affligem a Igreja, tendes firme confiança em Deus, e não duvidamos que esta vos augmente o animo, para combater com perseverança e bom combate, e para incender o rebanho, que vos foi confiado, a provar o valor christão e demonstrar fiel sujeição a Deus.

E porque os Conegos da vossa Igreja Cathedral, os Directores, Professores e outros Empregados do vosso Seminario, se vos associaram, tambem, nesta demonstração de amor, que Nos quizeram dar, de boa mente Nos servimos d'esta carta, para lhes declararmos, tambem, Nossos sentimentos de paternal predilecção.

Rogamos, pois, do coração á Divina clemencia que vos cumule de prosperidades, e derrame profusamente as riquezas de sua bondade sobre vós, e sobre todo o rebanho confiado a vossos cuidados. E com penhor de todas as graças vos damos na caridade do Senhor a Benção Apostolica a vós, Veneravel Irmão, a todo o Clero, e aos Fiéis a que presidis.

Dado em Roma em S. Pedro no dia 4 de agosto, anno XXXII do Nosso Pontificado. — *PIO PP. IX.*

COPIA N.º 71

Jubilosamente publicamos hoje na lingua original, e traduzida em portuguez, uma Carta do Sanctissimo Padre Leão XIII ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo Conde.

É um documento tão honroso, como deve ser consolador para o nosso venerando Prelado.

Honroso — porque o Sancto Padre approva o teor de procedimento do

nobre Prelado no desempenho da sua missão episcopal e social, e digna-se de lh'o exprimir nos termos mais significativos.

Consolador — porque, se as injustiças da paixão ou do preconceito podem ter levado magnas e desgostos ao bondoso coração de S. Ex.^a, embora nunca lhe levassem o desanimo, nem por um momento lhe fizessem vacillar o baculo em seu pulso sempre firme, corajoso e inabalavel, no caminho da justiça e dos interesses religiosos e sociaes, contra essas injustiças e acima d'ellas estão como balsamo do ceu as gratulações, as benevolencias e a Benção Apostolica do Vigario de Jesus Christo.

A carta de Leão XIII não é sómente um penhor de affecto, uma liberalidade de um Pai amantissimo; é, além d'isso, uma manifestação da providencia e da justiça divina — é uma sancção e uma recompensa; é a voz da verdade, contra a qual nada poderá o facciosismo allucinado e temerario.

Parabens ao virtuoso Prelado!

Depois da Carta do Soberano Pontifice publicamos a do Sr. Bispo Conde, a que aquella se refere e responde (*Instituições Christãs*).

Sanctissimo Padre. — No dia 31 de maio ultimo realisou-se no Seminario d'esta Diocese de Coimbra e na mesma fôrma dos annos anteriores a grande Academia de Sancto Thomaz d'Aquino, para a qual Vossa Sanctidade se Dignou de conceder a Benção Apostolica, que foi por todos recebida com os sentimentos de respeito, veneração e amor que se tributam aqui a Vossa Sanctidade.

Mais de seiscentas pessoas, em que se incluíam o Prelado de Beja e os Representantes do Ex.^{mo} Nuncio de Vossa Sanctidade, da Ex.^{ma} Junta Geral da Bulla da Cruzada, e de quasi todos os Seminarios do Reino, o Governador Civil, Prelado da Universidade, Juiz de Direito, Delegado do Procurador Regio e outros Magistrados e Auctoridades, muitos Lentes de todas as Faculdades Universitarias, e Professores do Seminario e Lyceu, muitos Estudantes de todos estes Estabelecimentos, Officiaes do exercito, Arciprestes, Parochos e Clero, tomaram parte nesta festa esplendorosa e brilhantissima, e difficilmente poderá encontrar-se outra no Reino que tanto se imponha ao respeito publico pelo seu character altamente scientifico e litterario. Foram accommodados ás questões do dia, repletos de boa doutrina e eminentemente catholicos os discursos que nella se proferiram, e pela minha parte, Sanctissimo Padre, tenho a honra de junctar aqui as palavras humildes e modestissimas que proferi tambem. Se algumas dasagradaem a Vossa Sanctidade, promptamente as corrigirei, porque todo o meu empenho, como nellas digo, é estar sempre unido com o meu clero á Sancta Sé, e obedecer e agradar em tudo a Vossa Sanctidade.

Nunca tive nem tenho outra politica; e, inteiramente extranho á de todos os partidos do meu Paiz, dynasticos e anti-dynasticos, prócuro combater sempre, com equal imparcialidade e prudencia, os males que elles fazem á Religião com as suas injustiças e excessos; e porque me parece de grande necessidade collocar esta acima de todas as questões partidarias

e dynasticas, procuro tambem evitar pela minha parte que a rebaixem e amesquinhem aquelles que, arvorando-a em bandeira politica, querem tornal-a exclusiva d'um só partido, porque as consequencias de similhante exclusivismo seriam os odios de todos os outros partidos contra ella, e a privação dos auxilios e cooperações de que não pôde nem deve prescindir.

Procedendo assim, parece-me que interpreto bem as doutrinas e recommendações de Vossa Sanctidade; e sigo o caminho, não o mais commodo e mais facil para mim, mas o que a minha consciencia e a observação dos factos me indicam como mais seguro e proveitoso para promover o bem da minha Diocese e os verdadeiros interesses da Religião e da Egreja. E mais ainda me confirma nesta persuasão o apoio cada vez maior que encontro nos poderes publicos, no clero e fieis d'esta Diocese de todas as gerarchias e classes sociaes, e, além d'outros muitos factos, bem o prova o da ultima Academia de Sancto Thomaz d'Aquino.

Todavia, se eu estiver em erro ou se na minima cousa me afastar dos ensinamentos de Vossa Sanctidadé, digne-se Vossa Sanctidade de mandar advertir-me para eu me emendar promptamente; e, possuido d'estes sentimentos de humildade, obediencia e filial amor a Vossa Sanctidade, peço com todo o respeito e submissão a Benção Apostolica para esta Diocese e para o seu pastor. — De Vossa Sanctidade filho muito humilde e muito reverente. — *Manuel, Bispo Conde.* — Coimbra, 13 de junho de 1885.

bibRIA

LEÃO PP. XIII

Veneravel Irmão, Saude e Benção Apostolica. — Recebi a vossa carta datada do dia XIII d'este mez, e a oração que publicastes. Por ambas viemos no conhecimento de que no dia XXXI de maio passado se celebrara no vosso Seminario a solemne Academia Litteraria de S. Thomaz d'Aquino, com grandissima concorrência não só da juventude estudiosa das Boas Artes, mas de varões prestantes da classe ecclesiastica e civil, illustres por dignidade, auctoridade e sciencia, os quaes honraram com sua presença esta solemnidade.

Tivemos, por este motivo, grande consolação, vendo não só vossos cuidados, e os de vossos cooperadores, em promover a cultura das sciencias e letras conforme nossos desejos, mas o amor para comvosco de cidadãos de todas as ordens, que nesta occasião manifestaram claramente que lhes era caro tudo que respeita ao proveito e honra da religião, da sciencia e da patria.

Confessamos, por isso, nosso benevolo affecto para comvosco, Veneravel Irmão, para com o vosso Seminario, e para com todos os que nessa Academia exhibiram os fructos do seu ingenho, e vos damos illimitados parabens pela grandeza de toda a solemnidade e esplendido exito que teve.

Folgamos, pois, que no vosso ministerio, como de vossa carta entendemos, vos dirijais fielmente ao bem da Igreja e da Religião, no que desejamos se confirme e erija tanto mais vosso empenho, quanto mais nobres e mais vigosos são os fructos, que vedes estão conjunctos, mercê de Deus, a este vosso teor de procedimento.

Rogamos, porém, de todo o coração, a Deus, auctor de todos os bens, conceda liberalmente a vós, ao vosso Clero e Seminario os augmentos de suas graças, e vos dê os amplos dons de sua benignidade, de que sois merecedor por vosso obsequio, reverencia, e amor para comnosco e esta Sé Apostolica.

Desejamos, finalmente, que seja prenuncio de todas as graças celestes, e penhor de nossa sincera predilecção, a Benção Apostolica, que damos amorosamente no Senhor a vós, Veneravel Irmão, a todo o clero e fieis a que presidis.

Dada em Roma, em S. Pedro, aos XXVIII de junho. Anno MDCCCLXXXV. Oitavo do Nosso Pontificado. — *Leão PP. XIII.*

Além d'esta carta, e da que fica transcripta (copia n.º 46), e d'outras eguaes, de 22 de junho de 1878, de 29 de maio de 1880, de 27 de maio de 1882, e de 8 de março de 1883, com que Sua Sanctidade se tem dignado de honrar directamente esta Sancta Igreja de Coimbra e o seu humilde pastor, tambem os seus dignissimos secretarios de Estado se tem dignado de enviar-me por ordem de Sua Sanctidade frequentes testemunhos de benevolencia a que sou extremamente reconhecido, e entre estes, que são muitos, limito-me a transcrever os dois seguintes — um por intervenção do Sr. Nuncio e outro directo.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — A narração, feita por V. Sr.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} em data de 31 de maio, ácerca das honras prestadas ao Representante da Sancta Sé na sua viagem a Coimbra bem mostra que no povo portuguez não tem diminuido de intensidade o filial respeito para com o Pontifice Romano, apesar dos muitos e constantes artificios empregados para o afastar d'esse caminho.

Alegro-me por poder accrescentar que este facto, bem como tudo o que V. Sr.^a refere ácerca da salutar influencia exercida pelo Sr. Bispo de Coimbra e ácerca da sua dedicação ao Pontificado Romano, proporcionou ao Sancto Padre um justo motivo de contentamento e de intima satisfação. Esta se augmentou em vista da minuciosa descripção da Academia celebrada em honra de Sancto Thomaz d'Aquino, dos testemunhos de affectuosa dedicação para com o Augusto Chefe da Igreja, e da veneração dos socios (academicos) para com a voz e os desejos da mesma Igreja.

E porque a Monsenhor Bastos Pina se deve attribuir o principal merito d'este augmento de fé e dedicação á Sé Apostolica, sirva-se V. Sr.^a, logo que se offereça occasião opportuna, tornal-o sciente da particular approvação com que o Sancto Padre considera o seu procedimento, e animal-o

a proseguir na encetada empreza com zelo sempre crescente, podendo-se com boa razão conceber quão copiosos serão os fructos, e quammanhas as vantagens que hão de auferir os fieis confiados aos seus cuidados pastoraes.

Nesta occasião confirmo os sentimentos da mais distincta estima, com que sou — De V. Sr.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico — Lisboa. — Servo, *L. Card. Jacobini*. — Roma, 7 de Junho de 1884.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Dei-me pressa a communicar ao Sancto Padre a homenagem dos votos, expressos por V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} por occasião das festas da Paschoa, com tanto melhor vontade, quanto eu sei que se lhe tornam sempre agradaveis as demonstrações de affectuoso respeito por parte de Seus Filhos mais dedicados. A incumbencia, que Sua Sanctidade me confiou de agradecer amplamente e de participar a V. S.^a a benção apostolica que de todo o coração lhe concede como penhor da sua particular benevolencia, é para mim uma prova da especial satisfação com que a dicta homenagem foi acolhida.

Alegro-me tambem por poder certificar que as noticias dadas por V. S.^a relativamente ás condições religiosas d'essa Diocese, e ás bem fundadas esperanças de um futuro melhor, encheram de sancta alegria o animo do Augusto Chefe da Igreja, que por taes resultados reconheceu os meritos e dispensou louvores ao zelo e actividade do Ordinario, em favor do qual implorou a plenitude dos dons celestiaes.

Apresento pela minha parte os mais vivos e cordiaes agradecimentos pelas saudações, que na mesma occasião foram dirigidas á minha pessoa; e retribuindo essas saudações da maneira mais completa, aproveito o ensejo para confirmar os sentimentos da mais distincta consideração com que sou — De V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} — Monsenhor Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo Conde de Coimbra. — Servo, *L. Card. Jacobini*. — Roma, 13 de abril de 1885.

COPIA N.º 72

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Receia o Parocho da freguezia do Couto do Mosteiro d'este Bispado e do concelho de Sancta Comba-Dão, districto de Vizeu, que se desamortizem os passaes da sua Igreja por fórma que elle não possa viver depois na residencia parochial que é circuitada por elles, e que, não tendo outra casa em que viva, se veja em taes difficuldades e desgostos na idade que tem de 80 annos e com os pés já quasi na sepultura e depois de tantos serviços prestados á Igreja e ao Estado.

Peço a V. Ex.^a que me permita a honra de dar-lhe conhecimento da carta inclusa que elle me escreveu, e que eu recebi na visita episcopal,

pedindo que se demore esta desamortização um anno ao menos por que nem tanto já elle viverá.

Este Parocho, pela sua vida sempre exemplarissima, e pelo seu bom juizo e muitas virtudes, é como tal respeitado e venerado sem excepção não só na sua freguezia mas em todas as circumvizinhas. Torna-se por isso muito digno de especial contemplação, e enterneceu-me tanto a carta aqui juncta, que, se se verificasse o desgosto que elle receia e que eu não espero, o meu desejo era trazel-o para este Paço Episcopal e cereal-o aqui de cuidados e de estima, porque o pede não só a minha predilecção por elle, mas tambem o meu dever de considerar e honrar por todos os modos os Parochos dignos e virtuosos para que os outros os imitem; e se por estes motivos eu celebrei exequias solemnes n'esta Sé Cathedral para honrar a memoria e as virtudes do bem conhecido Dr. José Maria de Lima e Lemos, não era muito que assim procedesse para com aquelle ancião venerando, que eu considero tambem como uma honra e gloria para a classe parochial, para esta Diocese e para o seu Prelado.

Sabendo eu, pois, quanto estas idéas e sentimentos se conformam com o illustradissimo espirito e bondoso coração de V. Ex.^a, confio que se dignará de acolher benignamente a supplica que tenho a honra de fazer a V. Ex.^a, ou para que permita que se demore mais algum tempo pelos motivos expostos a desamortização d'aquelles passaes, no que a Fazenda nada soffre por serem pouco importantes e por estarem ainda alguns por desamortisar, nos quaes todavia se não dão taes razões; ou, não podendo isto ser, para que se exclua da desamortização, como a lei permite, a porção de terreno juncto á residencia parochial que fôr necessario para se evitarem os inconvenientes que o venerando e respeitabilissimo Parocho teme e receia.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 30 de junho de 1880. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda. — *Manuel, Bispo Conde.*

COPIA N.º 73

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Tivemos a honra de receber do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Nuncio Apostolico n'este Reino o officio do teor seguinte:

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Foi chamada a attenção do Summo Pontifice para a attitudo que uns certos jornaes portuguezes de caracter politico religioso, em especial a *Nação*, a *Ordem* e a *Cruz e Espada* entenderam ser-lhes licito tomar a proposito d'um deploravel incidente que fôra suscitado por uma carta d'um Em.^{mo} Purpurado a um jornalista hollandez: attitudo que estava em opposição assim com o alto desgosto experimentado pelo Sancto Padre por causa da mesma carta, como com o distincto acto de reparação que o illustre Purpurado, auctor da carta, se apressou logo a fazer, publicando a sua plena submissão e sincera adhesão á desapprovação Pontificia.

O Em.^{mo} Cardeal Secretario de Estado de Sua Santidade, em seu venerando despacho de 14 do corrente, significou-me que aquella attitude, tão impropria de jornalistas catholicos, foi expressamente desapprovada pelo Sancto Padre. E por ordem de Sua Sanctidade o mesmo Cardeal Secretario de Estado manda-me que convide a V. Ex.^a Rev.^{ma} a transmittir ao Director do jornal *A Ordem*, que se publica n'essa cidade, a participação d'esta desapprovação, bem como uma severa admoestação para que os escriptores d'aquelle jornal para o futuro se abstenham de taes polemicas apaixonadas, e cumpram a obrigação, que lhes incumbe, de respeitar os seus superiores gerarchicos e conformar-se com as sapientes e auctorisadas advertencias mais de uma vez feitas por Sua Sanctidade á imprensa catholica. E ao passo que por este officio satisfaço áquella ordem veneranda, julgo opportuno accrescentar que quanto á *Nação*, que se publica em Lisboa, e quanto á *Cruz e Espada*, que se publica em Braga, não deixei de fazer o mesmo convite aos respectivos Prelados em conformidade com as mesmas ordens superiores. Sua Sanctidade confia que este aviso, dado por esta fôrma aos mencionados jornaes, alcançará o desejado effeito; e se grande é já a consolação que o seu Paternal Coração experimenta na concorde adhesão do Episcopado Catholico aos ensinamentos inculcados na admiravel carta Pontificia ao Venerando Cardeal Arcebispo de Paris, maior ha de ser ainda, vendo todos os catholicos unidos, e particularmente aquellos que se dedicam á defesa dos interesses religiosos na imprensa periodica, e conformes plenamente com aquelles mesmos ensinamentos. Pela minha parte não duvido minimamente de que V. Ex.^a Rev.^{ma} no seu zelo e na sua prudencia não omitirá nada do que possa depender da sua acção para conseguir que aquella esperanza não seja frustrada n'este reino de Portugal.

Deus Guarde a V. Ex.^a Rev.^{ma} — Palacio da Nunciatura em Lisboa aos 20 de julho de 1885. — † *Vicente*, Arcebispo de Sardia, Nuncio Apostolico. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra, Conde de Arganil.»

Não lemos nem soubemos o que disse sobre o assumpto o jornal d'esta cidade — *A Ordem* — de que V. Ex.^a é Director, ou Redactor, porque, attento o procedimento que o mesmo jornal teve conosco e com a Academia de Sancto Thomaz d'Aquino no nosso Seminario em 1883, procedimento inqualificavel que fez levantar em unisono e energico protesto contra elle todo o Clero, Parochos e Arciprestes do nosso Bispado, não mais quizemos receber nem ler um jornal que ainda posteriormente ao mesmo procedimento, e a despeito do seu titulo de religioso, respondeu ás precauções necessarias e justissimas da Auctoridade Ecclesiastica contra elle, não com a emenda e submissão que lhe cumpria, mas com a revolta e conspiração que V. Ex.^a sabe, e que ainda depois d'isto andou pouco lisamente na questão das benções que disse ter recebido do Sancto Padre.

Custa-nos muito recordar estes factos em occasião para V. Ex.^a tão dolorosa, mas não podemos deixar de o fazer para nos desculpamos para com a Sancta Sé de ser necessario que Ella mande censurar um jornal religioso que se publica na nossa Séde Episcopal por não acatar devida-

mente a sua auctoridade sem nós por este motivo o termos advertido e censurado primeiro como era nosso dever.

Tambem, ignorando pela mesma razão em que e como delinquin o sobre-dicto jornal, não podemos fazer sobre este ponto as considerações que talvez pedisse o cumprimento de tão venerando officio; e creia V. Ex.^a que também não desejamos fazel-as, porque avaliamos a dôr que devem causar a V. Ex.^a e aos escriptores da *Ordem* as admoestações severas que o Sancto Padre manda fazer-lhes, e por modo nenhum queremos aggravar-a. E até por este motivo sentimos que na resposta (1) que dêmos e que havemos de publicar sobre a extincção do convento de Sá d'Aveiro se encontrem queixas graves contra o procedimento para comnosco do jornal a *Nação* e do da *Ordem* a proposito d'outros assumptos anteriores, porque repugna á nossa generosidade com as desgraças alheias escolher a occasião d'ellas para liquidar passados agravos por mais fundos que sejam.

Pedimos a Deus Nosso Senhor que nos dê a fortaleza precisa para cumprirmos cada vez mais desaffrontadamente os deveres do nosso ministerio; mas que não deixe entrar nunca em nosso coração sentimentos que não sejam nobres, dignos e honrados. Não é porém só V. Ex.^a quem soffre nesta tristissima conjunctura: soffremos nós tambem, e não pouco, por se publicar n'esta cidade, embora com manifesta desapprovação nossa e dos nossos Diocesanos, o jornal que a Sancta Sé nos manda censurar, e por termos de fazer estas censuras a um Clerigo tão graduado, e de tanto talento e aptidão para o magisterio, para a tribuna, para a imprensa e para o desempenho dos mais altos cargos da Igreja.

Infelizmente as instigações do orgulho e do amor proprio, o fervor da paixão politica, e talvez as suggestões alheias, offuscaram em tempo a razão lucidissima de V. Ex.^a e não lhe deixaram ouvir os conselhos que no seu proprio interesse tantas vezes lhe demos para seguir melhor caminho.

Mas não ha ninguem que não erre, por maior que seja o seu genio e o seu talento; e quem não desculpar hoje os erros alheios, não poderá amanhã encontrar desculpa para os seus proprios; e nós, que tambem a cada passo precisamos tanto de indulgencia, não temos deixado nunca de a ter com V. Ex.^a, e agora mesmo nem queremos lembrar-nos das admoestações que a Sancta Sé manda fazer-lhe se não para vermos n'ellas, por entre a pena que nos causam, um grande bem para V. Ex.^a; pois assim como dos venenos que matam se fazem remedios que dão vida, assim tambem o Senhor não raras vezes nos manda os males para d'elles tirar o nosso proprio bem, e é isto certamente o que vai succeder com V. Ex.^a

No seu justissimo e sancto empenho de promover a união e concordia entre os catholicos, e de obstar ás dissidencias que entre elles pôde fazer surgir a direcção que pretendem dar á politica religiosa do Vaticano aquelles a quem ella não compete, o nosso S.^{mo} Padre Leão XIII tem-se visto

(1) Esta resposta com referencias aos jornaes—*Nação* e *Ordem*—, foi inteiramente refundida, muito e muito ampliada, e com data muito posterior, quando tractei de a publicar.

na dolorosa necessidade de advertir alguns jornaes catholicos, e alguns de seus filhos sobre a obrigação que têm de acatarem e obedecerem em tudo á sua auctoridade e á dos Bispos seus irmãos, a quem unicamente foi concedida a assistencia do Espirito Sancto para o governo da Igreja de Deus; e em todos elles, por maiores que sejam os seus talentos, os seus serviços e a sua altura na hierarchia ecclesiastica, têm encontrado a mais prompta submissão e obediencia, porque todos vêm e conhecem o grande alcance das suas vistas, a pureza e justiça das suas rectissimas intenções, e a desvelada sollicitude com que Elle procura chamar e attrahir para o bem, para a concordia e para o seu amor aquelles a quem adverte. Desapparecem até em breve as tristezas e amarguras que levam ao seu paternal coração estas advertencias, porque a humildade e arrependimento com que são recebidas, converte-as logo em grandes consolações e alegrias para o seu gloriosissimo Pontificado, em manifestações publicas e sollemnes de adhesão e obediencia á sua Pessoa e á sua auctoridade, em prestigio, respeito e força cada vez maior do seu grande poder, e em desengano para todos de que Deus Nosso Senhor protege e abençoa o animo forte, recto e justo do seu vigario no governo da sua Igreja, e de que jámais poderão lograr a sua benção ou conseguir bem algum religioso aquelles que se afastarem dos seus ensinamentos e do caminho que illuminam e traçam a todos os fulgores do seu genio e a alta e sublime comprehensão dos seus deveres em presença das necessidades da Igreja e do estado actual da sociedade.

E V. Ex.^a, que já deve conhecer tudo isto muito bem, e que tanto quer primar em sentimentos de religião e piedade e de obediencia á Sancta Sé, não pôde proceder de modo differente d'aquelles que, na reparação das suas faltas, têm edificado os fieis e merecido a indulgencia publica. Bem pelo contrario nós esperamos confiadamente que V. Ex.^a levará mais longe que ninguem as consolações que ha de dar ao Sancto Padre e a nós com o seu procedimento futuro, e com o desengano de que para servir a Religião e a Igreja é necessario servir o Papa, e não estar em opposição aos Bispos em communhão com Elle. E ainda que o caminho por que V. Ex.^a tomou, não nos incommode nem nos prejudique no desempenho do nosso ministerio, entristece-nos muito e por muitos motivos, todos referentes a V. Ex.^a; porque sabe a consideração e estima com que sempre o tractamos, e a justiça que fazemos ao seu talento e actividade. Será pois muito grande a nossa alegria e contentamento, se V. Ex.^a aproveitar franca e rasgadamente este ensejo feliz, que se lhe offerece, para reparar faltas no passado e evitar outras no futuro.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Coimbra, 29 de julho de 1885. — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Monsenhor, Dr. Luiz Maria da Silva Ramos, Protonotario Apostolico, Lente de Theologia, Director e Redactor do jornal a *Ordem*.

A voz do Papa. — Não se discute esta voz augusta e inappellavel. Aceita-se com igual docilidade e obediencia, com igual respeito e amor, ou console e anime, ou admoeste, reprehenda e castigue. Beijamos com as lagrimas nos olhos, com o coração cheio de amargura e de amor, a mão

benedicta do nosso amantissimo Pae, a quem desgostámos sem querer, e que justamente nos reprehende.

Bemdicta, mil vezes benedicta seja esta mão, que agora mais que nunca beijamos com effusão e affecto, com entranhado amor de filho que peccou e que, prostrado humildemente aos pés do Vigario de Jesus Christo, pede mais com lagrimas do que com palavras a sua benção apostolica.

Por Sua Ex.^a Reverendissima o Sr. Bispo Conde foi-nos communicado que o Sancto Padre desapprovou inteiramente o modo como *A Ordem* se houve no lamentavel incidente da Carta do Em.^{mo} Cardeal Pitra ao director d'um jornal hollandez. Esta noticia feriu-nos profundamente, a nós que antes quizeramos morrer mil vezes do que uma só amargar, ainda que levemente, o coração paternal do Vigario de Jesus Christo.

Se obtivermos a permissão que solicitámos, publicaremos, para maior confusão nossa, o proprio officio do digno representante da Sancta Sé, onde *A Ordem* é justamente censurada pelo seu procedimento no citado incidente.

Entretanto, que nos resta fazer?

Aquillo que imperiosamente nos é imposto pela nossa consciencia de jornalista catholico. Prostrados, pois, aos pés do Vigario de Jesus Christo, reprovamos de todo o nosso coração e com toda a nossa alma o nosso procedimento com referencia á citada carta do Eminentissimo Cardeal Pitra; adherimos plena, absoluta e incondicionalmente a todos os mandatos e conselhos do Sancto Padre; aceitamos, com a alma cheia de amargura e arrependimento, as suas reprehensões e castigos; e propomos, firmemente, confiados no auxilio divino, ajustar o nosso procedimento de jornalista catholico com as sabias determinações do Sancto Padre, como se emanassem do proprio Deus. Calcamos aos pés o nosso orgulho e amor proprio, para só obedecer á Suprema auctoridade d'Aquelle que é a mais augusta representação de Deus sobre a terra.

Deante d'esta auctoridade protestamos publica e solemnemente que queremos e professamos tudo o que ella quer e professa, reprovamos e condemnamos tudo o que ella reprova e condemna. A nossa maior ventura, para conseguir a qual dariamos a nossa vida, o nosso sangue, mil vidas se as tivermos, é viver e morrer submissos e obedientes em tudo á Sancta Egreja Catholica, Apostolica, Romana, cujo chefe visivel e Supremo é o Pontifice Romano, Vigario de Christo na terra, interprete infallivel da verdade e da lei, e norma immutavel da consciencia humana.

Curvados, pois, deante d'esta auctoridade augusta, que justissimamente nos reprehende, diremos, com o auxilio de Deus, até ao ultimó alento da nossa existencia: *Loquere, Domine, servus tuus audit.*

Falae, Sanctissimo Padre, e o vosso filho obedecer-vos-ha como a Deus.
— O Directór da *Ordem*, Dr. Luiz Maria da Silva Ramos.

Mais tarde escreveu o Sr. Dr. Luiz Maria na *Ordem* — outro artigo com a epigraphe — *Explicações* — em que pede para o jornal desculpa do passado, e promete a mais completa obediencia no futuro a Sua Sanctidade, o Sanctissimo Padre Leão XIII, ao seu Dignissimo Nuncio n'estes Reinos, e ao humilde Prelado d'esta Diocese.

Infelizmente porém havia neste artigo, que não transcrevo por ser muito extenso, passagens taes que o Ex.^{mo} Sr. Nuncio, sempre zeloso e sempre recto, julgou dever dirigir-me por causa dellas o officio seguinte:

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Sem duvida terá V. Ex.^a Rev.^{ma} notado que o jornal *A Ordem* em um artigo inserido no numero 27 de outubro ultimo, sob o titulo — *Explicações* — dá um passo mais na conformação com as advertencias que ultimamente recebeu. Não é talvez até agora isto mais que um novo indicio, que comtudo ainda deixa alguma incerteza: pois o auctor do artigo parece que não está ainda bastantemente convencido de ter — *A Ordem* — seguido antecedentemente um systema de polemica merecedor de censura; de ter, na occasião do incidente particular de que se faz menção n'aquelle artigo, procurado grangear favor para aquelle systema; de ter precisamente sido advertido por isto; de estar por isso obrigado não sómente a *ser mais cauteloso* para o futuro, mas tambem de juntar ás bellas profissões de submissão a emenda do seu procedimento anterior, seguindo outro na conformidade das advertencias mais de uma vez lembradas pelo Sancto Padre á imprensa catholica e ainda com mais auctoridade e força recommendadas na ultima Encyclica — *Immortale Dei*. —

Ha, não obstante, indubitavelmente naquelle artigo declarações mais explicitas que as usadas anteriormente e, no que toca em particular á dependencia do seu proprio Bispo, diz-se: «Ao Nosso Venerando Pastor publica e solememente protestamos a inteira submissão, etc.»

Em vista de tudo isto parece-me que cumpre agora ajudar cada vez mais os Escriptores da *Ordem* a entrar franca e plenamente no caminho que convem a quem deseja defender a causa catholica por meio da imprensa periodica. E para attingir este fim julgaria opportuno que V. Ex.^a chamasse á sua presença o Director do dicto jornal, e com paternal caridade lhe fizesse ver as reflexões a que dá logar o referido artigo, já elogiando-o naquillo em que o merecer, para o confirmar no seu bom proposito, já corrigindo-o na parte censuravel para sempre mais o retrahir de um caminho menos recto.

Sobre dois pontos creio conveniente chamar com especialidade á attenção de V. Ex.^a, ainda que estou persuadido não terão escapado á sua alta penetração.

O primeiro é que, ao passo que por um lado o artigo declara que o jornal não vem advogar *os interesses politicos de nenhum partido*, por outro emprega sem restricção alguma as seguintes palavras: «Impera, neste desventurado paiz, uma politica diametralmente opposta aos ensinamentos do mesmo Jesus Christo e da sua Egreja» as quaes no seu contexto e no sentido absoluto exprimem precisamente o conceito não justo de que em Portugal usa como arma algum jornal, para, com ares de religião, servir os interesses de um partido, e lançam ao mesmo tempo um descredito não merecido sobre aquelles catholicos melhor avisados, que, pertencendo áquelle mesmo ou a outro partido politico, ou não tendo politicamente partido algum, impellidos sómente pelas normas da lealdade e do bom

senso, e pelo dever de pôr os interesses religiosos acima de tudo, não hesitam em confessar a parte boa que encontram no regimen da sua patria, ainda que a achem limitada e de envolta com grande parte de mal, e se tornam assim capazes de mais efficazmente combater o mesmo mal e dirigir os seus esforços a augmentar a medida do bem religioso e social, sem terem a vã pretensão de chegar á perfeição absoluta.

O outro ponto é, que comquanto seja dignissimo de louvor inculcar que a reunião entre os catholicos deve ser na base da *pura doutrina*, comtudo os precedentes da *Ordem*, junctos com o modo como se falla no artigo d'esta necessidade incontestavel e incontestada, dão algum fundamento para suspeitar, ou que, aos olhos do auctor do mesmo artigo, os catholicos que até agora promoveram aquella união, reconhecendo sempre aquella necessidade, não são nesta sua confissão sinceros, ou que por *doutrina pura* entende o articulista as interpretações forçadas com que uns certos escriptores catholicos, levados de suas preferencias pessoas em materia de politica, têm procurado fazer cahir sobre certas fórmulas de governo o estigma de uma condemnação ecclesiastica; e em ambos os casos, longe de trabalhar, como diz, para a união desejada e salutar, — A *Ordem* — tenderia sem o querer a augmentar pelo contrario cada vez mais as discordias e os males a que, por meio da união, se entende remediar.

A estas simples indicações accrescentará V. Ex.^a Rev.^{ma} todas as outras reflexões que julgar a proposito, no intuito de obter que — A *Ordem* — em outro artigo declare melhor as suas idéas e continue depois resolutamente a combater pela Igreja e pela patria segundo as advertencias recebidas, tornando-se assim verdadeiramente digno do titulo, de que se honra, de jornal catholico.

Confio plenamente que o douto e zeloso sacerdote que dirige o dicto periodico acceitará com o devido acatamento estas novas advertencias paternaes, e renovando no entretanto a V. Ex.^a os protestos da minha consideração, passo a assignar-me — De V. Ex.^a Rev.^{ma} — Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Coimbra e Conde de Arganil. — devotissimo servo (Assignado) ✠ *Vicente, Arcebispo de Sardia*, Nuncio Apostolico. — Lisboa, 3 de novembro de 1885.

Senti muito que Monsenhor Doutor Luiz Maria da Silva Ramos tivesse mais este desgosto, e elle e o sr. Nuncio sabem muito bem as diligencias que eu fiz para lh'o evitar; e tambem não ignoram quanto eu lamento que tanta intelligencia e tanta actividade não tenha sempre a firmeza e criterio necessario para não se transviar a cada passo no caminho por que diz querer andar. Permitta-me o illustre Theologo que eu renove aqui o pedido que lhe fiz em Aveiro e ultimamente neste Paço — que, se lhe apraz, advogue franca e desassombradamente a politica miguelista ou absolutista, e combata a constitucional ou liberal. — Não me importa nada que faça isso, e infelizmente não lhe faltarão motivos para os seus combates; mas deixe a Religião; não faça d'ella escudo para a primeira e arremesso para a segunda; não ponha no seu jornal o titulo de catholico para beneficiar uns e prejudicar os outros, e não transcreva nelle continuas correspondencias, que são de ordinario manifestações odientas contra

o actual regimen politico; porque d'este modo torna cada vez mais impossivel a união dos catholicos que não forem absolutistas, e em vez de servir prejudica muito a causa que intenta defender, que é o que o Sancto Padre quer evitar, e o que não pôde deixar de fazer tambem o seu Dignissimo Representante e o Prelado Diocesano.

COPIA N.º 74

D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, do Conselho de Sua Majestade, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, Par do Reino, etc.

A todos os RR. Parochos, Clerigos, Ordens, Irmandades e Confrarias, e mais Fieis d'esta Cidade, saude e paz em Jesus Christo.

Fazemos saber que, reconhecendo nós cada vez mais a necessidade de implorarmos, por todos os modos, as luzes e dons do Espirito Sancto, a fim de que o ministerio sublime que desempenhamos, ainda que sem merecimentos proprios, seja agradavel a Deus e proveitoso aos nossos amados Diocesanos; e confiando seguramente que, pela adoração do Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, fonte inexaurivel de todas as graças e dons celestes, conseguiremos mais facilmente que a Divina Providencia nos assista com seus auxilios, e vele propicia pela porção do rebanho de Jesus Christo confiada á nossa guarda, e que é o objecto unico de todos os nossos cuidados e desvelos: Resolvemos, com a ajuda do Senhor, fazer a exposição do Sanctissimo Sacramento na Igreja de S. João d'Almedina, nossa Capella Episcopal, em todos os Domingos primeiros de cada mez, principiando no de fevereiro proximo, pela fôrma e com as observações seguintes:

1.^a Ao dar do meio dia na Sé Cathedral, principiará, com a nossa assistencia, a Missa solemne da Exposição, que será a da festa corrente com a commemoração do Sanctissimo Sacramento, depois das do preceito, e tudo na fôrma devida.

2.^a A Missa, que em todos os Domingos e dias sanctificados costuma cantar-se na Igreja do nosso Seminario, transferir-se-ha para a de S. João d'Almedina no dia do *Laus perenne*; e, na falta de Clerigos da Irmandade alli estabelecida, e que terão sempre o primeiro logar, será celebrada pelo mesmo pessoal a quem pela respectiva tabella, pertencer esta obrigação no Seminario.

3.^a Na Igreja haverá logar destinado, assim para o côro, que será formado pelos alumnos ordinandos do nosso Seminario com seus Prefeitos; como para o nosso Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Cabido, Irmandade dos Clerigos, RR.

Professores do nosso Seminario, RR. Parochos e mais Ecclesiasticos, e Mezas das Ordens, Irmandades e Confrarias, que tenham a devoção de concorrer a esta piedosa solemnidade.

4.^a Exposto que seja o Sanctissimo Sacramento, ficarão sempre em adoração a Elle, até que seja encerrado; dous Ordinandos que se revezarão, com suas sobrepellizes, e os mais Clerigos e Irmãos do Sanctissimo Sacramento e d'outras Confrarias, Ordens e Irmandades d'esta Cidade, com seus habitos ou opas, os quaes tiverem a piedosa devoção de virem adorar a Deus Sacramentado, como confiadamente esperamos e muito louvaremos.

5.^a O encerramento far-se-ha de tarde, um quarto de hora depois de dado no sino o signal para elle, e será precedido de *Te Deum*, sermão e *Tantum Ergo*, com a oração e benção do Sanctissimo Sacramento.

6.^a Os Fieis de ambos os sexos que, verdadeiramente arrependidos e confessados, visitarem naquelle dia a Igreja de S. João d'Almedina, e ajoelhados deante do Sanctissimo Sacramento rogarem a Deus Nosso Senhor pela concordia dos Principes christãos, pela extirpação das heresias, e pela exaltação da Sancta Igreja, ganharão 40 dias de Indulgencia, alem dos 100 concedidos pelo Breve do Sancto Padre Pio VI, de 13 de agosto de 1783, aos Fieis d'este Reino que orarem deante do Sanctissimo Sacramento pelas dictas necessidades; e, em qualquer dos Domingos que escolherem ganharão 7 annos e outras tantas quarentenas de Indulgencia, com a faculdade de as applicarem por modo de suffragio pelas almas do purgatorio, se com aquellas disposições orarem tambem deante do Sanctissimo Sacramento por espaço d'uma hora.

7.^a Lembramos aos M.^{mos} Provedor da Misericordia e Presidente do Asylo da Infancia desvalida, e bem assim aos zelosos Professores de Instrução Primaria d'esta cidade, que seria de grande consolação para nós, e de mui edificante exemplo para os Fieis, que os orphãos, os asylados, e os alumnos das escolas primarias visitassem tambem, no mesmo dia, o Sanctissimo Sacramento na dicta Igreja de S. João d'Almedina; pois, além de ser mais perfeito o louvor dado pelos infantes a Deus Nosso Senhor, esta visita, accendendo pouco a pouco em seus tenros corações o fogo do amor divino, contribuirá para elles mais facilmente alcançarem do Senhor que os preserve do contagio do mundo, e, pelo poder da sua benção, os faça crescer em graça e virtudes, para virem a ser no futuro o ornamento e felicidade de suas familias, o apoio e segurança da religião e da patria, e a honra e gloria de seus mestres e bemfeitores.

8.^a Aos Fieis d'esta cidade, nossos amados Filhos em Jesus Christo, julgamos desnecessario lembrar e pedir que venham visitar e adorar o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, aproveitando as copiosas graças que por este meio podem obter da Misericordia Divina; por quanto os sentimentos religiosos de todos elles, o zelo e fervor que sempre têm mostrado pelo culto divino, e a devoção, piedade e respeito com que aqui celebram e frequentam as solemnidades religiosas, são para nós um penhor seguro de que elles, secundando os nossos desejos de glorificar e honrar por todos os modos o Sancto Nome do Senhor, hão de junctar as suas ás nossas orações deante do throno do Altissimo, para que Elle se compadeça das

necessidades da Sancta Egreja Catholica e do Seu Vigario o Sanctissimo Padre Pio IX, e para que a piedosa instituição, que inauguramos na capital do nosso Bispado, attraia sobre todos os nossos amados Diocesanos as benções celestes, e produza, como muito esperamos, abundantes fructos de Religião e caridade para a Sancta Egreja de Coimbra, e poderosos auxilios da Graça Divina para o seu Pastor.

Os RR. Parochos d'esta cidade lerão esta nossa Provisão á Missa Conventual no primeiro Domingo, e exhortarão os seus freguezes á piedade e devoção para com o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia.

Dada em Coimbra, sob nosso signal e sêllo de nossas armas, aos 26 de janeiro de 1874. — *Manuel, Bispo Conde.* — Logar do ✠ sêllo.

Homilia feita na Egreja do convento do desaggravo do Sanctissimo Sacramento do Lourical na occasião da visita solemne ao mesmo convento em 1880

É de consolações e de alegria, e ao mesmo tempo de tristezas e desgosto profundo esta visita que vos fazemos, devotas filhas do Senhor; e nem vós podeis avaliar as impressões que ella produz em nossa alma, e as vivas saudades com que punge o nosso coração.

No meio dos sustos e temores que se apoderaram de nós quando estavamos prestes a tomar sobre nossos debeis hombros o peso d'esta cruz, não poucas vezes levantou o nosso animo abatido a esperança de que do maior numero de casas religiosas, que tinha esta Sancta Egreja de Coimbra, havia de vir tambem para nós por intervenção d'ellas a maior copia dos auxilios espirituaes de que tanto precisavamos; e tão firme e consoladora era esta nossa esperança, que durante os exercicios espirituaes, que fizemos antes da nossa sagração episcopal, fomos celebrar o Sancto Sacrificio da Missa a todos os conventos de Coimbra e seus suburbios, e rogar ás esposas de Jesus Christo que os habitavam, e que na terra fazem o officio de medianeiras e intercessoras das graças celestes e da misericordia Divina, que a supplicassem junctamente connosco para o novo ungi-do do Senhor.

E se nessa occasião não era possivel fazer o mesmo, embora nos sobrassem os desejos, nos dois conventos que tanto se distanciam da nossa séde episcopal, um para o nascente e outro para o poente, não era menor a confiança que punhamos na efficacia das suas orações em nosso favor, attenta a maior perfeição da sua vida christã, a maior austeridade do seu Sancto Instituto, e o maior fogo de amor Divino em que ambos se abraçam.

Todavia formámos logo tenção de visitármos um e outro pessoalmente o mais cedo possivel, não só porque o nosso coração e o nosso espirito, em mortificação constante com as luctas e trabalhos do ministerio pastoral, já tão nossos conhecidos, deseja aquietar-se e fortalecer-se nestes re-cintos sagrados com a paz que nelles se goza, com a fragrancia das vir-tudes que nelles se cultivam e com o ar de sanctidade e pureza que nelles se respira; mas tambem porque nos empenhavamos em dar por este modo um testemunho publico do nosso respeito e veneração por estes centros

de piedade que são para o pastor o apoio e a consolação do seu ministerio, e para o rebanho o exemplo das boas obras, o manancial dos pastos das boas doutrinas, e a fonte perenne das aguas da salvação.

No de Villa Pouca da Beira realisámos nós já a nossa visita, como sabeis, não porque lhe quizessemos dar preferencia, mas porque as maiores necessidades dos nossos Amados Filhos d'aquellas paragens tão asperas da serra da Estrella nos levaram para lá primeiro. E o muito que nos enterneceu e commoveu a piedade, a disciplina e a vida toda de abnegação e de virtude d'aquella casa religiosa mais accendeu em nós os desejos que tinhamos ha muito de visitarmos tambem esta, que foi a mãe e a mestra d'aquella.

Para esta sancta visita porém que vos fazemos, devotas filhas do Senhor, reservou-nos a Providencia Divina, talvez como castigo dos nossos peccados ou da nossa indignidade de pastor, a magoa e desgosto que temos por não encontrarmos aqui já nenhuma Religiosa professa; e este monumento de religião e piedade, aqui levantado pela munificencia dos nossos reis e pelos sentimentos religiosos dos nossos paes, e que, situado na parte mais occidental do nosso Bispado, é o que mais se ergue para o ceu pelo seu maior desprendimento dos laços e gozos do mundo, pelas mais puras essencias que nelle se encontram de amor Divino, e pelos mais doces perfumes da virtude que d'elle têm rescendido sempre não só para estes sitios, mas para todo o nosso Bispado, e para fóra d'elle: Este baluarte da fé christã, dentro do qual se defende e desaggrava ha tantos annos o Sanctissimo Sacramento das iniquidades dos homens e dos desvarios das suas paixões com as armas da penitencia, da humildade, da pobreza, da castidade e da obediencia, e com o fructo das boas obras de tantas almas privilegiadas e escolhidas por Deus para serem na terra as pregoeiras do poder da sua graça Divina: Este lugar sancto, d'onde se elevam para o ceu de dia e de noite continuas e fervorosas orações, ora louvando em canticos divinos, em extasis e arrobos de fé, as glorias e grandezas do Senhor, ora supplicando com soluços e gemidos a sua infinita misericordia para os peccadores — em que estado o viriamos nós encontrar, e o que seria já feito d'elle se não fosse a vossa piedade, devotas servas do Senhor? Se não fosse a dedicação e fervor com que desejais continuar a desaggravar aqui e pela mesma forma o Sanctissimo Sacramento, e o respeito e veneração que a todos merece o vosso sancto e louvavel empenho?

Nós vos louvamos e agradecemos do fundo da alma, filhas queridas de Jesus Christo, esta abnegação sublime com que trocaís a liberdade e os gozos fallazes do mundo por esta clausura, e por todas as mortificações e penitencias a que ella vos obriga, e os gozos e commodidades da vida pelas austeridades d'este Sancto Instituto; e mal podemos exprimir-vos as alegrias e consolações que temos por este motivo.

Podem as evoluções dos tempos e o pensar, nem sempre justo e acertado, dos homens impedir a liberdade da Sancta Egreja, destruir os templos e arrazar os altares, mas não poderão nunca matar as idéas nem extinguir a fé e o sentimento da Divindade nos corações. E, embora a lei civil não reconheça nem sancione com as suas formalidades externas a consagra-

ção das vossas pessoas e de toda a vossa existencia ao serviço da Religião e ao culto e adoração perenne do nosso Divino Redemptor, nem por isso serão menos acceitos por Deus os heroismos da vossa virtude e o fervor das vossas orações. Ponde nellas a vossa confiança, e não vos entristeçais com a vossa sorte. Está passando sobre nós a ira do Senhor, e quando o proprio Vigario do seu Unigenito Filho está soffrendo as amarguras e tribulações que todos nós sabemos; quando, offendido nos seus direitos, esbulhado dos seus dominios e privado dos seus haveres, se vê reduzido á tristissima necessidade de viver das esmolos dos seus filhos, não vos admireis das incertezas, penurias e desamparos que estais padecendo; e muito menos deveis preoccupar-vos com o futuro d'este asylo de religião e piedade que vos serve de habitação na terra e despreparo para a bem-aventurança no ceu.

Os lagedos já gastos das vossas cellas e dos vossos claustros pela continuação de tantas penitencias feitas sobre elles; o fogo, ainda condensado nestes tectos, de tantos corações contritos e de tantas supplicas ardentes, e as chammas do mais puro incenso, constantemente subido d'aqui para o ceu em ondas de caridade e de amor divino, não hão de deixar apagar as lampadas d'este sanctuario, nem amargar e pungir o coração do vosso pastor com o desgosto de ver fechada para a piedade e para o culto Divino esta casa religiosa, que é o ornato mais precioso da mitra de Coimbra, e a planta de mais sazonados fructos religiosos que se cultivava em terras d'este Bispado.

Entregae-vos pois, serenas e tranquillias, á sanctificação das vossas almas; e ao gozo dos ineffaveis dons do ceu que tendes dentro da vossa clausura. Cá fora o mundo promette-nos a liberdade e dá-nos a escravidão, promette-nos o repouso e os bens da terra, e dá-nos o desassocego e as privações; promette-nos o prazer e a alegria, e dá-nos não poucas vezes a tristeza e o soffrimento. Ahi dentro, pelo contrario, renunciáis á vossa vontade, e dá-vos Deus na obediencia o mais sancto gozo da liberdade; renunciáis aos bens da terra, e dá-vos Deus na pobreza o socego e contentamento da vida; renunciáis á satisfação da carne e dos sentidos, e dá-vos Deus nas purezas da virgindade e na limpidez da consciencia os mais sanctos e mais lidimos prazeres que se podem encontrar na terra. Não vos atormentam aqui, como lá fóra, o orgulho com as suas loucas pretensões, a vaidade com os seus caprichos, o luxo com as suas exigencias, a inveja com as suas baixezas, a intemperança com os seus excessos, e as festas e divertimentos com os seus desgostos.

Mas apezar d'isto, devotas filhas do Senhor, não vos julgueis aqui de todo ao abrigo das tentações. Veio convosco para dentro d'este tabernaculo o vosso coração, e em parte nenhuma o abandonam as suas inclinações. Nem os Antonios nos antros selvagens, nem os Jenonymos nas solidões do deserto e nas durezas e macerações da penitencia escaparam ás tentações do espirito seductor. Tende pois deante dos vossos olhos que está em frageis vasos de barro a vossa virtude, e que devem ser incessantes as vossas cautelas e cuidados para elles se não quebrarem. Tapae os vossos ouvidos com os resguardos da prudencia e da circumspecção;

ponde um veu nos olhos e um sello na bocca, para que não entre para as vossas almas senão o que fôr puro, justo e sancto.

E porque vos são necessarios os auxilios especiaes da graça Divina e os dons constantes do Espirito Sancto, para não vos desviardes nunca da perfeição da vida christã a que vos propondes, vimos administrar-vos o sacramento da confirmação, que vos conferirá aquella e estes; e não vos dizemos a necessidade e as virtudes d'este sacramento, e as disposições com que deve ser recebido, porque sabemos que o vosso zeloso e devoto padre capellão e confessor vos instruiu e exhortou devidamente a este respeito, e que não pôde ser maior a devoção e fervor religioso com que vós quereis receber este sancto sacramento. Praza a Deus que elle produza em vós todas fructos de benção, augmentos de graça, pureza do coração e perfeição da vida. E pela vossa parte pedi tambem ao Senhor que nos illumine, que abençoe os nossos trabalhos pastoraes e que nos guie os passos nesta visita, em que andamos por estas terras do nosso Bispado com o fim de procurarmos melhor a salvação das almas dos nossos Diocesanos, que dia e noite é o objecto constante dos nossos cuidados e das nossas meditações.

E vós, Amados Filhos em Jesus Christo, que tanto nos tendes commovido e edificado com as festas e galas com que nos recebestes, e sobre tudo com a alegria e contentamento religioso que vos causa a nossa presença no meio de vós e que lemos nos vossos corações, o que tudo vos havemos de louvar e agradecer na vossa Igreja parochial; e que ainda agora nos enterneceis com as lagrimas que derramastes com as nossas palavras ácerca d'esta casa Religiosa, cercae-a sempre do vosso respeito e veneração; protegei-a em tudo o que poderdes, e junctae as vossas orações ás do vosso pastor, para que não tenhais nunca o desgosto de ver acabar este brazão da vossa terra, e esta honra e gloria da Sancta Igreja de Coimbra. *Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Sancto. Amen.*

Veja-se a carta ao Rev.^{mo} Cabido de Coimbra, copia n.º 15; a Allocução ás Associadas do Coração de Jesus d'Aveiro, copia n.º 75; e para não avolumar demasiadamente esta publicação, não transcrevo aqui tambem o Regulamento do serviço religioso do Seminario, a Allocução que fiz na celebração d'um matrimonio em Lisboa já publicada, e as Homilias mais piedosas que fiz em diferentes Igrejas d'este Bispado, e sobre tudo na Igreja da Senhora da Encarnação em Leiria e nos conventos de Villa Pouca da Beira, de Sanct'Anna, e de Sancto Estevão de Leiria, e nos de Jesus, do Carmo, e do extincto de Sá, de Aveiro, e diferentes pastoraes, e entre ellas a do Sancto Rozario.

COPIA N.º 75

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Por termos estado alguns dias ausente d'esta cidade, só agora podemos responder ao officio em que V. S.^a nos pede auctorisação para convidar dous Missionarios que diz andarem fazendo missões em muitas freguezias do Bispado da Guarda, para as fazerem tambem na sua parochia. Louvamos muito este pedido de V. S.^a, porque denota o seu zelo e empenho pelo bem espirital do rebanho que lhe está confiado, e não cessaremos nunca de encarecer e louvar tambem os beneficos resultados das missões, quando feitas convenientemente, e a sublime dedicação com que tantos Ministros do Senhor, ardendo em zelo pela salvação das almas, accodem a toda a parte a prégear a fé e doutrina de Jesus Christo, affrontando o rigor das estações, a intemperie dos climas, e supportando trabalhos, fadigas e inclemencias que parecem quasi superiores á fraqueza da natureza humana.

Bemdizemos o Senhor, que para tanto os auxilia e anima, e damos muitas graças á sua infinita misericordia pelo muito que consola os bons e confunde os maus com estes exemplos das maravilhas que opéra o seu sancto amor naquelles que do mesmo se deixam inflamar.

Porém, como de tudo infelizmente abusa a malicia e maldade dos homens, e hoje principalmente, é de toda a conveniencia e utilidade evitar, quanto ser possa, nas sanctas missões de que nos occupamos, os pretextos a que recorrem e que avidamente procuram aquelles a quem ellas incommodam, para as desacreditar, attribuindo-lhes interesses e intuitos mundanos, como nos têm feito ver as accusações que das mesmas se nos têm dirigido; e por isso, sendo como é do proprio interesse de Deus e da Igreja o evitarmos estes pretextos, porque vai n'isso a propria utilidade da missão, e o credito e reputação dos Missionarios entre os fieis de todas as classes e jerarchias, sem o que não podem ser tão fructiferos os seus trabalhos, acompanhamos a licença, que V. S.^a nos pede e que gostosamente concedemos, das clausulas e observações seguintes:

1.^a Tem-se observado, e com as melhores intenções se nos tem representado, que as missões tendem a diminuir e a desprestigiar a auctoridade do Parocho nas freguezias em que se fazem, já porque os Missionarios assumem de ordinario dentro da Igreja funcções privativas da auctoridade parochial, como abrir o sacrario, dar a primeira communhão aos meninos, regular todo o serviço da missão, e fazer a policia do templo tudo a seu bel prazer e sem a intervenção do Parocho respectivo, segundo nos informam; já porque os povos, attrahidos pelo maravilhoso e novidade das missões, preferem em tudo o Missionario ao Parocho, e julgam superior o seu poder e ordem sagrada, e mais efficazes os sacramentos que aquelle administrar. Para evitar assim estes inconvenientes, e para que depois da

missão não fique enfraquecida a auctoridade parochial nem diminuida a confiança que deve inspirar aos seus freguezes, convém que V. S.^a durante a missão tome sempre o seu lugar de Parocho, e que practique e exerça por si proprio todos os actos da jurisdicção parochial, como a administração da Sagrada Communhão, a presidencia, direcção e designação da hora de todo o serviço religioso, e as providencias necessarias para a manutenção da policia dentro do templo.

E porque a primeira communhão dos meninos é um acto privativo e exclusivo da jurisdicção parochial, que demanda o ensino da doutrina christã, e o devido preparo com muita antecipação, V. S.^a, reservando para si, como deve, esta solemnidade, uma das mais sublimes do seu sancto ministerio, empregará todos os meios para que ella se celebre na fôrma da nossa circular de 26 de abril ultimo; e consequentemente não dará na occasião das missões a sagrada communhão pela primeira vez, se não em casos especiaes, e a meninos em idade conveniente, e approvados por V. S.^a na doutrina christã; porque, além das razões de conveniencia que assim o aconselham, ponderaram-nos muitos Parochos d'este Bispado, em que têm havido missões, que os RR. Missionarios não podiam, a pezar de todo o seu zelo infatigavel, habilitar devidamente por falta de tempo todas as creanças, e ainda de idade muito tenra, que fazem a sua primeira communhão na occasião da missão, e que, além de outros inconvenientes que d'aqui resultavam, tinham depois mais trabalho e difficuldades em ensinar-lhes a doutrina christã. Temos deante de nós um extenso Relatorio, em que se nos fazem muito circunstanciadamente estas e outras ponderações.

2.^a Tambem a hora da missão, que de ordinario principia muito antes de ser dia e conclue já depois de noute, pôde ter graves inconvenientes, e por toda a parte têm dado logar a dictos e murmurações que convém evitar; e por isso, V. S.^a, ponderando tudo isto e com toda a delicadeza aos zelosos Missionarios que convidar para a sua freguezia, conseguirá d'elles facilmente, como esperamos, que as missões principiem e terminem de dia claro, como é de necessidade, e como V. S.^a em todo o caso deverá fazer observar:

3.^a Por occasião das missões costumam os RR. Missionarios com o fim muito louvavel de firmar a verdadeira doutrina e afervorar a piedade dos fieis, inscrever muitos em irmandades, distribuir bentinhos, contas e livros piedosos, mediante um pequeno obulo para as despezas que tudo isto demanda. E ainda que em presença do abuso que hoje se faz da imprensa, e do muito que se espalham por toda a parte e por todos os modos os maus livros e as más doutrinas, é de todo o ponto necessario oppor-lhe o antidoto, fazendo chegar tambem a toda a parte e por todas as maneiras o ensino catholico, os livros da verdadeira e sã doutrina, e os signaes da fé e piedade christã, V. S.^a não desconhece que por causa d'aquella distribuição se aggridem muito as missões, attribuindo-lhes vistas e interesses mundanos: e por isso V. S.^a, ponderando tudo isto aos RR. Missionarios, e com a prudencia e delicadeza que este caso exige, pedir-lhes ha que não recebam, nem com auctorisação sua permittam que outrem receba obulo algum pela inscripção ou distribuição de que se tracta, e

que entreguem a V. S.^a a conta, que nos remetterá, de tudo o que julguem necessario distribuir aos seus freguezes durante a missão, para a satisfazermos promptamente do nosso bolso, porque, embora seja muito tenue a nossa congrua, é grande o desejo que temos de a empregar toda em utilidade e proveito espirital dos nossos amados e queridos Diocesanos:

4.^a Ainda mais. — Para commemorar a missão e deixar na Igreja, em que ella se faz um signal e monumento que recorde constantemente aos fieis a piedade e observancia e boas obras das doutrinas que nella se pregáram, costumam tambem os RR. Missionarios collocar nas respectivas Igrejas uma Imagem de Nossa Senhora da Missão, e levantar no adro uma cruz grande de pedra com indulgencias para aquelles que resarem de joelhos deante d'ella as devoções que prescrevem; e ainda que isto é sancto e muito louvavel, acontece que os fieis, attrahidos ainda pela novidade, abandonam facilmente alguns actos e cerimoniaes do culto divino dentro do templo, para virem satisfazer no adro juncto da cruz as suas devoções, como nós mesmo já pessoalmente observámos; e por isso V. S.^a ponderará tambem aos RR. Missionarios que será conveniente afervorar e attrahir a piedade dos fieis para dentro do templo, e não levantar fóra d'elle a cruz de que se tracta.

Com a observancia d'estas nossas recommendações, dictadas unicamente pelo maior interesse no serviço de Deus e salvação das almas, e sobre tudo com o zelo, prudencia e discrição de V. S.^a e dos RR. Missionarios, que tanto fructo costumam tirar do seu trabalho, nós esperamos que Deus Nosso Senhor ha de abençoar a missão na sua freguezia, fazendo brotar d'ella abundantes fructos da religião, de paz, de caridade e amor divino; e muito rogamos a V. S.^a, aos virtuosos Missionarios e a todos os seus parochianos que durante ella elevem fervorosas supplicas ao Céu, para que Deus Nosso Senhor conserve e dilate a vida preciosa do Nosso S. Padre Pio IX; para que vele por esta Diocese de Coimbra, e para que illumine e ajude o seu pastor, ainda que indigno, com os dons do Espirito Sancto e com os auxilios da graça divina.

Deus Guarde a V. S.^a — Coimbra, 12 de janeiro de 1874. — *Manuel, Bispo Conde.* — Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Parocho de

Allocução do Bispo de Coimbra ás Associadas do Sanctissimo Coração de Jesus antes de lhes ministrar a sagrada communhão na Igreja da extincta Sé de Aveiro no dia 9 de agosto de 1885

Devotas filhas de Jesus Christo e illustres damas christãs! — Quanto nós estimamos vir hoje ministrar-vos por nossas mãos o pasto espirital que ides receber para sustento de vossas almas! Quanto nos consola, commove e edifica este testemunho e bom exemplo que dais da vossa fé e dos vossos sentimentos religiosos! Esta devoção e piedade com que festejais o Sagrado Coração de Jesus, e os cuidados e diligencias que pondeis em que as galas e pompas da sua festa, e que o vosso apurado bom gosto

torna tão deslumbrantes, sejam precedidas da sanctificação das vossas almas por meio do sacramento da penitencia, que é o que mais importa e o que o mesmo Sagrado Coração mais bem accêita!

Exultamos de alegria e contentamento ao ver por este modo que não têm entrado, nem entram nesta parte tão querida do nosso Bispado nem os ventos da impiedade, nem os gelos da indifferença; e que, pelo contrario, são cada vez mais viçosas as flores da Religião que se cultivam n'este Jardim da fé, e cada vez mais suave e mais doce a fragrancia das virtudes que o perfuma.

Devemos muito ao Christianismo, ninguem pôde duvidal-o; surgiu d'elle a paz entre o ceu e a terra, a egualdade e fraternidade entre os homens e a renovação completa da familia e da sociedade; mas a maior das suas maravilhas, aquella que mais contribuiu para a felicidade do lar domestico, para o bem da humanidade e para a honra do mundo é certamente a sanctificação da mulher christã. E este reflexo de respeito, de dignidade, de modestia e pureza que ella faz resplender e brilhar na sua fronte: é o sentimento, mais aprofundado em seu coração, da Divindade e da virtude, que a protege e defende contra os instinctos da carne, contra a violencia das paixões e contra os perigos e tentações do mundo: é, finalmente, a influencia e predomínio salutar e benefico que ella exerce sobre todas as paixões e sobre todos os homens, quando, á semilhança das illustres Padroeiras de Aveiro e de Coimbra, sabe compor discordias e remediar os males da terra com a pratica das virtudes, com as lições do exemplo, com as obras da caridade, com as maravilhas da fé e as esperanças do ceu.

Porém, devotas filhas de Jesus Christo, se é nobre e sublime a posição em que vos collocou o Christianismo, se é grande o prestigio que por elle tendes na sociedade e a influencia que exerceis nos seus destinos por meio da educação da familia que vos pertence, e da qual depende a prosperidade ou a ruina da Religião e da Patria, essa nobreza e sublimidade, esse prestigio e influencia não as conservareis nunca nem pelas distincções do nascimento, nem pelo brilho do talento, nem pelos bens da fortuna e muito menos pelos encantos da belleza, que floresce hoje para murchar amanhã, e que em vez de sentinella pudibunda que vos recate, e de arma poderosa, que vos defenda, é não poucas vezes a visão fascinadora que vos envaidece e o attractivo perigoso das paixões que vos desgracia! Só as virtudes christãs — a castidade, o pudor, a modestia, a caridade, a candura e a simplicidade, que são o ornato mais precioso do vosso sexo: só os aromas da religião que se espargirem em volta de vós, não para agradardes aos homens, mas para agradardes a Deus, não para conquistardes applausos na terra, mas para obterdes recompensas no ceu, poderão fazer de vós a mulher verdadeiramente christã e portugueza — piedosa e devota sem fanatismo, modesta e humilde sem baixeza; timida e discreta sem medos pueris, forte e desembaraçada sem desenvoltura, senhoril e grave sem vaidade nem orgulho.

Mas para adquirirdes as virtudes christãs, e mais ainda para as praticardes, que é o mais importante, deveis vir frequentes vezes robustecer a vossa fé, afervorar a vossa piedade, lavar a vossa consciencia, purificar

o vosso coração e fortalecer a vossa alma com o pão dos anjos d'este banquete eucharístico e com as aguas saltares d'esta piscina da salvação.

Devotas filhas de Jesus Christo! O mundo vai correndo o seu destino; a humanidade progride, e as gerações succedem-se umas ás outras; mas nós paramos, e ninguém pôde dizer-nos hoje que havemos de chegar ao dia de amanhã. Tanto á juventude cheia de encantos e de esperanças, como á virilidade cheia de valor e de enthusiasmo; como á decrepitude amestrada pela experiencia e cercada de cuidados e carinhos, como ao feliz no meio dos seus prazeres e alegrias, como ao desgraçado no meio das suas dôres e soffrimentos vem a morte dizer, quando menos se espera: — Retira-te, deixa para outro o teu lugar. Vae reunir-te áquelles que vieram antes de ti, assim como em breve irão reunir-se a ti aquelles que te succederem — e n'esta mutação constante de scena a nossa vida, por mais que a dourem os esplendores da fortuna e da gloria, é fugitiva como a sombra e vã como um sonho: é o vapor que se levanta da terra e que o vento espalha e o sol dissipa. E ainda por cima de tudo o nosso curtissimo viver é cortado de trabalhos, semeado de espinhos, e misturado de gosos passageiros e de desgostos e contrariedades sem fim.

Matamo-nos atraz de sonhadas felicidades, como devorados pela sede continua de gozos e venturas imaginaveis: ainda mal está satisfeito um dos nossos desejos, vêm logo outros e outros torturar-nos, e quando pela satisfação de todos julgamos satisfeitas as nossas ambições, principia logo o tédio e o aborrecimento da vida, que é o peor de todos os males. De sorte que nunca podemos ter felicidade perfeita n'esta vida; e não a podemos ter, porque Deus Nosso Senhor, creando todas as cousas para nós, e a nós só para Elle, fez com que estejamos sempre inquietos e desassocegados e como fóra do nosso centro, enquanto não repousarmos no seu seio, que é a nossa patria e a nossa cidade permanente.

Porém, a despeito d'estas verdades que vos dizemos e que são incontestaveis, e de tantas incertezas, desassocegos e desgostos que amarguram a nossa brevissima existencia, deveis vós renunciar á vida do mundo e ao cumprimento dos deveres que vos impozer o vosso estado e profissão? sepultar-vos em tristezas e desanimos com as difficuldades e soffrimentos do nosso viver e com o medo da morte e da eternidade, tristezas e desanimos que vos impossibilitariam para o desempenho da vossa missão sublime na religião, na familia e na sociedade?

Nem Nosso Senhor Jesus Christo ordena, nem nós, que somos successor dos seus discipulos, e seu embaixador ainda que indigno, vos aconselhamos semelhante cousa.

A Religião divina, que Elle sellou com o seu sangue e que nós temos a ventura de professar, e a Sancta Igreja Catholica, mestra infallivel da sua doutrina, querem e mandam que vós satisfaçais os seus preceitos conforme elles são prescriptos, e para que nunca a vossa boa vontade deixará de ter occasião e o tempo preciso; mas não mandam nem querem que vós abandoneis o governo das vossas casas e os cuidados que deveis ter com vossos paes, vossos maridos e vossos filhos para vos entregardes a praticas de piedade e a devoções religiosas, que, embora muito louvaveis em si,

não sejam compatíveis com o cumprimento d'estes vossos grandes e impreteriveis deveres.

Tambem a Religião de Jesus Christo não exige dos seus filhos, a menos que não sejam chamados a procurar a maior perfeição da vida christã nas solidões do deserto ou nos silencias da clausura, ou mesmo no meio da sociedade, os rigores da penitencia, pezares, temores e enfados de vida que nos tornariam aborrecidos aos nossos semelhantes. Pelo contrario ella quer, approva e abençoa as sanctas alegrias que vêm da virtude, da bondade do coração e do socego da consciencia que nos tornam benevolos e amáveis uns para os outros; e tambem não reprova nem condemna os gozos e divertimentos que alentam o nosso animo, que dulcificam a nossa existencia, e que suavizam os soffrimentos e agruras da nossa vida, uma vez que sejam licitos e honestos, e que não prejudiquem o cumprimento dos nossos deveres, a honestidade dos nossos costumes e a pureza e integridade da nossa consciencia e da nossa fé.

Porém, devotas filhas de Jesus Christo, que perigos não terá para vós a vossa convivencia com o mundo, e a parte que tomardes nas suas festas e que tanto vos fascinam, senão fordes verdadeiramente religiosas e christãs, e senão frequentardes os sacramentos, que são os canaes por onde corre a graça divina, necessaria e indispensavel, para vos salvaguardar contra os mesmos perigos, e para seguides com proveito vosso e do proximo o destino que a Providencia Divina vos assignar sobre a terra?

Não deixeis pois de vir pedir ao Senhor por este meio que vos conceda os auxilios da sua graça Divina, e não julgueis que sem ella e só pelos vossos meritos e pelas vossas forças podereis alcançar victoria na lucta que de continuo travam em volta de vós os inimigos das vossas almas.

E de mais a mais a tranquillidade de consciencia e os intimos prazeres d'alma que gozais no fim d'este banquete eucharistico, quando se derrama em vossos corações o amor divino de que estais possuidas, podem ter comparação alguma com os sentimentos que experimentais no fim d'essas festas mundanas, que algumas vezes podem offender o vosso recato e pudor, a vossa fé e temor de Deus, e que, se vos não deixam remorsos na consciencia, nem sempre vos poupam o coração a dissabores e a soffrimentos?

Ponde a mão nas vossas consciencias, e dizei-nos quantas vezes os cortejos, lisonjas e adulações que nellas abundam, e que tanto inflammam o vosso amor proprio e a vossa imaginação, não são causa de despeitos, de invejas, de murmurações, de vinganças, de odios e desgostos que vos dilaceram a alma e amarguram para sempre a existencia?

Semelhantes á flor que, exposta aos tufões do vento, perde para sempre a frescura e o mimo quando estes a açoutam, quantas Meninas, Donzellas e Esposas, que eram o enlevo e a esperanza de sens paes, o amor e o encanto de seus esposos e a felicidade das suas familias, não cahem para sempre da estima e veneração de todos para o desprezo publico, que é a maior de todas as desgraças, por se terem exposto nessas festas sem o escudo da religião ao sopro das paixões que ellas ateiam, e á embriaguez dos sentidos que ellas produzem?

Muito bem pois fazeis vós, devotas filhas de Jesus Christo e illustres Damas christãs, em pedir ao Sagrado Coração de Jesus, por meio dos cultos que lhe tributais e que nós tanto vos louvamos, que vos proteja e defenda contra estes perigos, e contra tudo o que possa prejudicar a salvação das vossas almas ou a vossa reputação e bom nome: muito bem fazeis em querer pagar com o vosso amor ao mesmo Sagrado Coração o amor que elle tem por vós, e em querer viver da sua vida, para poder dizer como o Apostolo:—não somos nós que vivemos, é Jesus Christo que vive em nós. E para mais facilmente conseguirdes o deferimento das vossas supplicas, offerecei-lhe o arrependimento dos vossos peccados, a castidade da vossa vida, a pureza dos vossos costumes, a limpidez das vossas consciencias, a ternura dos vossos corações, o respeito e amor aos vossos paes, a fidelidade a vossos esposos, e a temperança, sobriedade e economia no centro das vossas familias; e offerecei-lhe, finalmente, a vossa abstenção d'essas exaggerações da moda, e d'esses requintes e excessos do luxo que produzem a molleza dos costumes e levam á ruina das almas, das fortunas e das familias. E se assim o fizerdes, cahirão sobre vós as bençãos do ceu e da terra; opporeis com o vosso exemplo uma barreira forte ás torrentes da impiedade e á corrupção da moral publica, sereis o apoio do nosso ministerio, e a consolação d'estes nossos Irmãos e cooperadores, tão dignos de louvor e de benção pelo muito que trabalham pelo bem da religião e pela salvação das almas, e tereis paz e tranquillidade na vida, benção, arrependimento e perdão na morte.—
Manuel, Bispo Conde.

COPIA N.º 76

DISCURSO

Meus Senhores!—Levanta-se o espirito, dilata-se o coração, e como que sentimos alargar-se a alma dentro de nós, vendo esta luzidissima Assembleia e este movimento religioso e litterario para se celebrar tambem neste anno a Academia de Sancto Thomaz d'Aquino.

Quando por effeito d'um certo orgulho, e de preoccupações tão infundadas como funestas, se quer desprezar e pôr de parte toda a influencia religiosa e christã para a educação e instrucção da juventude, para o governo das sociedades modernas, e para os verdadeiros interesses da civilisação e da humanidade; quando, apesar dos males provenientes de semelhante desprezo, e da cultura das sciencias sem fé e sem Deus, se olha ainda como por demais em muitas partes para os Padres, para os Bispos e para o Papa, não se querendo reconhecer e acceitar a sua cooperação e os seus trabalhos, por mais importantes que sejam, em prol dos grandes principios e doutrinas sobre que assenta a paz e a prosperidade dos individuos, das

familias e das nações; é extremamente edificante e consoladora para a Religião Catholica e para o seu Chefe Supremo, para a Sancta Igreja de Coimbra e para o seu humilde Prelado, esta benevolencia e cortezia com que tantos Magistrados civis, tantas summidades na Religião, na politica e nas lettras, e tantos mancebos scintillantes de talento, de enthusiasmo e de esperanza se dignam de vir á festa d'um Seminario e d'um Bispo, apoiando assim com a sua presença, que muito nos captiva e muito agradecemos, os esforços d'um e d'outro, sempre francos e leaes, sempre rectos e sinceros para, na conformidade da doutrina catholica de que nunca se afastarão, servirem a Deus e a Cesar, a Igreja e o Estado, a Religião e a Patria.

Bemdicto seja o Senhor, que no meio das contrariedades, luctas e amarguras a que nem sempre pôde furtar-se quem segue direito e desassombrado por este caminho, nos compensa larguissimamente de todas ellas com este apoio dos nossos Diocesanos de todas as ordens e jerarchias, apoio que nos sustenta e ampara nesta cadeira, e que nos conforta e anima sob o pezo d'esta cruz. E bem hajais vós tambem, Senhores, porque, honrando e apoiando nesta Diocese a Igreja e os seus Ministros com o vosso exemplo e com a grande auctoridade que vos dá a vossa illustração e posição social, concorréis poderosissimamente para se firmar e radicar no espirito e consciencia publica a necessidade do elemento religioso para o bem social, e a das crenças religiosas e moraes para as virtudes politicas, sociaes e domesticas, as quaes são tão necessarias para o bem social e aquellas tão necessarias para estas, como é necessario para a vida o ar que respiramos.

Porém debalde se tentará obter o elemento religioso, fortalecer a fê e arraigar os sentimentos religiosos no coração dos povos, se a educação e instrução da juventude, que é o *desideratum* de todas as almas generosas, e o grande problema de que depende a salvação das sociedades modernas, não fôr religiosa e christã. Não se cançaram pouco na resolução d'este problema antes do Christianismo os Legisladores e sabios da Grecia, os Reis, Consules e Imperadores de Roma. E o que conseguiram? Desenvolvimento physico, valor para a guerra, indifferença estoica nos campos da batalha, despotismo e tyrannia no governo, e escravidão na familia a ponto de os paes poderem vender os proprios filhos, foi o mais a que chegou a educação moral dos dois povos, porque a mais tambem não podiam chegar philosophos que não têm verdadeira noção de Deus, sabios que ignoram o seu ultimo fim, e Legisladores que, desconhecendo a sua natureza racional, fazem leis para manter o direito da força e não a força do direito.

E quaes são as condições dos povos modernos que ou se afastaram da fê e da unidade catholica, ou da observancia das maximas e doutrinas da Religião na sua vida publica e domestica?

A Inglaterra, que é o ideal dos economistas e das nações laboriosas, envergonha ainda hoje a humanidade com a vida que nella arrastam muitos dos seus habitantes em condições peiores que as dos selvagens da America e das extremidades da Oceania. Quem descer a esses logares infectos, onde os obreiros passam dias e noites privados até da luz do sol, como

affirma um respeitavel escriptor, achará milhares de seres humanos, que, tendo perdido toda a idéia de Religião, toda a consciencia dos seus deveres e todo o sentimento de moralidade e de pudor, são verdadeiras machinas e instrumentos de que se servem os particulares e o Estado para moverem as grandes empresas do seu capital.

Não remedeia estes males a substituição da caridade christã pela caridade legal ou contribuição dos pobres, porque o amor de Deus não se pôde tornar em amor puramente humano, e o coração espiritual não se pôde converter em material e terreno, como diz S. Paulo.

A França, quando deslumbrada pelos esplendores do ultimô imperio, deixou esfriar a fé e sepultar as virtudes christãs pela relaxação e soltura dos costumes, e por todos os gosos e prazeres mundanos que enervam as almas e corrompem os corações e as consciencias, cahiu do seu apogeu de gloria para o castigo, humilhação e vergonha que todos conhecemos.

E nós... não julgueis que condemnamos o presente com as negras côres dos pessimistas ou *laudatores temporis acti*, que se guiam mais pelas suas saudades e preocupações pessoas, do que pela esclarecida e desapaixonada observação dos factos. Mas digamos a verdade. Quando o sentimento religioso e christão presidia á organização da familia, á formação dos costumes e ao governo do Estado; quando os filhos eram educados com o bom exemplo dos paes no temor de Deus e no cumprimento dos deveres religiosos, quando se fallava mais em religião do que em politica, mais em catechismo do que em liberdade, mais em deveres do que em direitos, mais em trabalhar do que em gosar, eramos respeitados e temidos nos mares e nos continentes; enchiamos o mundo com a fama dos nossos feitos, e não tinham inveja aos das outras Nações os heroes portuguezes, que, fazendo da nossa historia uma epopêa, levantaram tão alto a honra e a gloria da patria.

E hoje... a despeito de todos os direitos e de todas as liberdades e franquias populares que se têm conquistado e que nós louvamos e não condemnamos, sendo bem comprehendidas; a despeito das descobertas assombrosas das sciencias modernas, que parecem querer roubar á natureza a sua força e o seu poder para nos darem todos esses esplendores da civilisação que nos deslumbram, e que nos cercam de commodidades, de gosos, de encantos e de belleza, é força confessar que vamos caminhando a passos largos para o desanimo e decadencia moral, para a relaxação dos costumes, e para o desprezo da lei e da auctoridade publica. As doutrinas impias e dissolventes que se derramam profusamente por todas as classes sociaes, a sede immoderada de prazeres, as muitas necessidades que creamos sem meios para as satisfazermos, a molleza, a descrença e o egoismo que se vão apoderando de nós, podem levar-nos á ruina, e comprometter o futuro do paiz e o brio e pundonor nacional.

Nem sempre os grandes talentos, que nós admiramos extasiados, espargem só luz que alumia: tambem muitas vezes distillam venenos que inficionam o organismo social e dão aquelles resultados. Quando o orgulho excessivo e a desmedida ambição de popularidade ou singularidade os domina, principiam de ordinario por atacarem a fé e as doutrinas reli-

giasas que renegam, e terminam por querer libertar os povos de toda a auctoridade de Deus e dos homens. Exaggerando-lhes os direitos e as liberdades, e favorecendo-lhes os instinctos e as paixões, que é o meio mais facil de obter applausos, longe de lhes prepararem a felicidade, não poucas vezes lhes cavam a ruina. São os erros, desvios e imperfeições de tudo o que é humano, e de que não são isentos os grandes genios, e não o foi tambem o do illustre exilado de Jersey, o grande poeta e grande escriptor do seculo xix que a França, a Europa e o mundo admiraram na vida, e que estão agora chorando e pranteando na morte. Não lhe perturbemos a paz do tumulo, e não se pense que lhe queiramos empanar a gloria litteraria, que é grande e immorredoura; mas digamos a verdade, porque a devemos a todos e em tudo.

Quanto é triste recordar que elle, tendo cantado em versos immortaes como realista e catholico a Luiz xvii, a Napoleão ii e a Carlos x, acabasse por fazer o elogio da communa e por ir buscar inspirações ao mais incendiario jacobinismo! (1).

Tambem são muito para lamentar os seus ultimos momentos, mas respeitemos o seu genio e o seu talento: respeitemos todos os grandes talentos, e não lhes regateemos nunca nem premios nem louvores; acautelemo-nos porém sempre dos seus desvios, do mesmo modo que devemos acautelar-nos do fogo, que tantos beneficios e commodidades nos presta quando moderado e devidamente regulado, como ruinas e desgraças nos causa quando, convertido em incendio, tudo destroe e consome com as suas labaredas.

Em vista pois do que de longe temos exposto, tudo nos está dizendo, o bom senso publico já indica, e a gente sensata já reconhece que devemos voltar aos antigos processos religiosos, embora accommodados na parte disciplinar ás luzes e ás exigencias do nosso tempo, para nos levantarmos por meio d'elles como outr'ora em sentimentos de patriotismo, de abnegação, independencia e nobreza de character que nos façam recuperar o prestigio do nome portuguez, e manter illesas as tradições gloriosas que herdámos dos nossos Paes; e entre estes processos têm certamente o primeiro logar a educação e instrucção do Clero.

Quem conhecer bem as aldeias do nosso paiz, e o papel importantissimo que nellas desempenham os Parochos em tudo o que diz respeito á vida social, como nós temos observado pessoalmente em muitas, não pôde deixar de convencer-se de que a verdadeira civilisação do nosso povo ha de operar-se mais que tudo pela influencia salutar e benefica da Religião e dos seus Ministros.

Nas nossas escholas primarias ensinam-se os meninos a lêr, e infelizmente poucos são ainda os que apprendem; mas não se fórma o character moral do homem adulto, que é o que mais importa. E aquelles que, transigindo com a moda anticlerical do nosso tempo, têm excluido o clero

(1) Não queriamos nem era nossa tenção pronunciar estas duas palavras, mas escaparam na recitação por terem lembrado primeiro do que outras que quizeramos empregar.

de serviços em que devia intervir, podem rever-se no que têm feito. As Juntas de Parochia, de que excluíram os Parochos, ou não existem na maior parte das freguezias senão como phantasmagoria, ou só servem para crear difficuldades e empecer tudo. O mesmo ha de acontecer ao Registro Civil obrigatorio com exclusão dos Parochos, se quizerem levar por deante essa novidade, inteiramente desnecessaria no nosso paiz no estado das actuaes relações da Egreja com o Estado.

Mas poderemos esperar que seja proveitosa a cooperação dos Parochos na educação moral dos seus freguezes, se primeiro não os habilitarmos convenientemente para que o desempenho da sua missão divina no meio d'elles se desate em contínuas lições de bom exemplo, e em sazonados fructos de paz e justiça, de moralidade e amor da religião e da patria?

Cuidemos, pois, todos muito seriamente da educação e instrução do nosso Clero. Não façamos como os nossos Reformadores de 1834, que, allucinados pela revolução e talvez pelo desejo de vingança contra aquelles que tão erradamente se involveram nas questões partidarias e luctas fratricidas d'esse tempo, ás quaes deviam ser estranhos pelo seu caracter sacerdotal, ao passo que desenvolviam a instrução civil creando Lyceus, Academias e Polytechnicas com toda a profusão, destruíam completamente e loucamente todos os institutos de instrução ecclesiastica, que eram a vida da Religião e da Egreja, sem os substituir por cousa nenhuma. E mais tarde queixavam-se da ignorancia do clero, e apregoavam e assoalhavam as suas faltas! Injustiça revoltante, porque de si proprios deviam queixar-se tambem; e em vez de queixas ainda havia motivo para louvar que o Clero, tendo sido votado ao mais completo desprezo, se comportasse ainda como no geral se tem comportado.

Accudiu a similhante desprezo, embora já tarde, a concessão da Bulla da Sancta Cruzada para se estabelecerem de novo os Seminarios; e ao applauso publico pela abertura regular d'estes utilissimos e indispensaveis institutos, seguiram-se logo os desejados effeitos na educação e instrução do novo Clero, não obstante a falta de meios e de pessoal com que em muitas partes elles têm luctado, e o descredito que sobre os mesmos têm pretendido lançar os que em religião não querem e não approvam nada que lhes pareça vir do presente, e os que reprovam e condemnam tudo o que lhes pareça vir do passado.

Combatemos uns e outros com toda a força da nossa convicção e da nossa consciencia. É certo que o padre não deve ser educado na corrente de muitas idéas, doutrinas e costumes em voga no nosso tempo. Sem espirito religioso e christão, sem amor e temor de Deus, sem devoção e piedade pouco aproveitará o seu ministerio, e os exemplos e modelos da fé, e da vida austera, e devota, sancta e christã vem-nos em grande parte dos antigos regimens, e é lá que devemos ir buscal-os; mas por outro lado tambem é certo que não pôde nem deve ser educado no odio e aversão do presente, e na guerra e perseguição de toda a ordem de cousas existente, como tantos querem e pretendem.

A religião e doutrina catholica é de todos os tempos, de todos os lugares

e de todos os regimens, e quanto mais estes se quizerem afastar d'ella, tanto mais os padres os devem attrahir para si, não com accusações, represalias e objurgatorias, mas com a delicadeza da fôrma no combate dos seus erros, com o exemplo do zelo, desinteresse e rectidão no seu procedimento, e com o respeito, consideração e cortezia para todos.

Aos Ministros do Deus de misericórdia, que abre os seus braços na cruz para receber a todos, justos e peccadores, não é permittido delimitar campos como se apregôa e pretende, e muito menos fugir dos que reputarem contaminados de vícios e de peccados, de erros e de crimes. Pelo contrario, é no meio d'esses que mais devem estar, porque são os que mais precisam dos serviços do seu ministerio, não para exprobrar culpas e applicar castigos que podem descoroçoar e perder, mas para attrahir, remir e salvar com o desinteresse temporal do zelo, com as doçuras da caridade, com a eloquencia do exemplo, com a generosidade e clemencia do perdão até onde elle poder ir, e sobre tudo com a completa isenção de questões partidarias.

Demais não são justos os que julgam que só no Clero dos Seminarios de outr'ora pôde haver honestidade, virtude, illustração e zelo religioso.

Estão ali neste Seminario cento e tantos ordinandos. Seriam os antigos melhores que estes? Têm d'aqui sahido ha vinte annos mais de 150 clérigos para o ministerio parochial. Acreditariam os antigos lá fora com as suas obras mais do que estes a disciplina da casa e os seus Professores? Seriam mais obedientes e dedicados ao seu Prelado? Mais sollicitos pelo bem espiritual e temporal das suas parochias e pela decencia das suas Igrejas, e mais empenhados em merecer pelo seu comportamento o respeito e a estima publica? Não podemos nem devemos dizel-o. Embora desempenhem na terra as funcções dos anjos, os Clerigos não receberam d'elles as suas virtudes. São homens, sujeitos como todos os outros a fraquezas e misérias; e por mais que se faça, ha de haver sempre que desculpar no passado, no presente e no futuro.

Mas perdoae-nos, Senhores, porque nos iamos afastando do assumpto d'esta Academia que estais honrando com a vossa presença. E porque vos estamos fallando da grande importancia dos Seminarios para o bem social, consenti-nos ainda que vos digamos, em prova d'esta, que ao Gloriosissimo Pontifice, que ora se senta na cadeira de S. Pedro, mereceram os Seminarios e mais Institutos de ensino ecclesiastico especialissima attenção no emprego dos meios a que está recorrendo para converter em beneficio da sociedade o grande poder e influencia da Religião e da Igreja.

Com tão altas vistas exhortou e recommendou a todos os Bispos da Christandade, na sua memoravel Encyclica *Aeterni Patris*, que estabelecessem e propagassem nos seus Seminarios a philosophica e preciosa doutrina de Sancto Thomaz d'Aquino para exaltação e defeza da fê, para bem da sociedade e para o progresso de todas as sciencias; e á voz do Vigario de Christo na terra, que se repercutiu logo em todos os angulos do mundo, foi espantoso o movimento que em favor da philosophia thomista se operou

imediatamente em muitos Seminarios, Universidades, Collegios e mais centros de ensino ecclesiastico, que estão offerecendo hoje á sociedade contemporanea, como ramos frondosos da grande arvore da Igreja Catholica, os preciosos fructos da sciencia, da vida e do verdadeiro progresso.

E nem admira que assim succeda. Quem exhorta e recommenda é o Grande Leão XIII, um dos maiores genios que têm honrado a Thiara Pontificia pelo seu talento e saber profundo, pela doçura e firmeza do seu character, pelo seu animo largo e conciliador, pelo maior conhecimento que tem do seu tempo e da sociedade em que vive, pela conciliação que pretende fazer d'ella com as doutrinas da Religião e da Igreja, e finalmente pela rara habilidade e fina diplomacia com que em circumstancias difficillimas tem sabido destruir preconceitos, captar vontades, vencer corações, unir as forças catholicas, conquistar o respeito dos Governos e levantar ao ponto que se vê a força moral do Papado, que não poucos julgavam perdida e aniquilada.

E o Recommendado é um grande sancto e um grande sabio; o Sol d'Aquino, porque brilham tanto como o sol os esplendores da sua doutrina; o Anjo das escholas, porque o seu saber e a sua virtude são mais proprias de anjo do que de homem; o sabio dos sabios, que, manejando a theologia, a philosophia, a dialectica e as sciencias naturaes como se conheciã no seu tempo, escreveu a *Summa*, essa obra immortal que daqui vemos, e da qual disse Cousin, nada suspeito para os philosophos heterodoxos, que era o maior portento da razão humana e um monumento perenne da gloria que immortalisa o seu auctor; e finalmente o grande Sancto Thomaz d'Aquino, cujo nome só é a sua mais brilhante apologia, e em honra de Quem, depois das recommendações do Grande Leão XIII, têm escripto obras apologetico-thomistas e celebrado conferencias e Academias muitos sabios da França, da Suissa, da Allemanha, da Italia e de Hespanha, Monsabré, Hettinger, Ramiere, Brin, Plassmann, Baumann, San Severino, Liberatore, Cornoldi, Zigliara, Zeferino Gonzalez, Orti y Lara, Alexandre Pidal e Mon e muitos outros.

A tão grande movimento religioso e litterario não podia ficar extranho o Seminario de Coimbra, que tem a honra de estar na sêde official das letras portuguezas, e graças a Deus que não ficou.

Immediatamente á publicação da Encyclica de Sua Sanctidade inauguraram-se nelle o ensino de Philosophia Escholastica e as Academias de Sancto Thomaz d'Aquino; e graças á Providencia Divina e aos auxilios e conselhos que nos dão, e que recebemos sempre agradecidos e sem vislumbre d'amor proprio, venham elles donde vierem; e graças tambem á boa vontade e favor que temos encontrado nos nossos cooperadores, e nos habitantes d'esta cidade, a que somos e seremos sempre muito reconhecidos, este grande melhoramento religioso e litterario do nosso Seminario, inspirado por um grande Pontifice, e protegido por um grande Sancto, tem augmentado e progredido muito de anno para anno, merecendo sempre as bençãos e louvores da Sancta Sé. E por tal modo se têm estes manifestado, que a Academia do anno passado teve a subidissima honra de ser presidida pelo proprio Nuncio de Sua Sanctidade nestes Reinos, Monsenhor Vannutelli:

por esse Prelado venerando, que, valendo tanto pela auctoridade que representa, vale muitissimo pelos seus merecimentos e nobilissimo character. Compreendendo muito bem os seus deveres nestes tempos em que vivemos, e interpretando e executando fielmente no nosso paiz a politica religiosa do Grande Leão XIII, Elle repara males, concilia desavenças, vence repugnancias, consegue grandes vantagens para a Igreja e conquista sem cessar muitos respeito e adhesões para a Nunciatura e para a Sancta Sé, e muitas bemquerenças e sympathias para a sua Pessoa. Que o digam esta nossa Coimbra, o nosso Aveiro e a nossa Leiria, onde S. Ex.^a é tão venerado e tão querido. Praza a Deus que produza fructos de benção a lição e exemplo que veio dar a todos de como deve servir-se hoje a Religião e a Igreja.

Mas a presença de S. Ex.^a na Academia do anno passado, e que os annaes d'este Seminario registam como triumpho e galardão inolvidavel, que tristezas e difficuldades não causa á d'este anno? Podereis vós esquecer, Senhores, os esplendores que tanto scintillavam da presidencia de então, para, apesar da vossa bondade, desculpardes as escuridades que se abrigam na de agora?

Ainda assim não desanimamos, porque não vemos na nossa frente uma Assembleia de cavalheiros illustrados e de mancebos esperançosos que exijam nesta presidencia quem seja digno d'elles. Vemos Diocesanos e Amigos nossos, que estão acostumados já a desculpar-nos, certamente por sabermos quanto lhes somos agradecidos e dedicados.

Além d'isso, o Sr. Nuncio continúa a honrar este Seminario e as suas Academias com a sua especial benevolencia, de que dá testemunho a mercê, que muito agradecemos, de se fazer representar nesta pelo seu Dignissimo Secretario, Monsenhor Guidi, Camareiro Secreto de Sua Sanctidade, e que pela sua collocação na hierarchia ecclesiastica, e pelos merecimentos que o exornam, comprovados já em algumas das mais importantes Nunciaturas da Europa, ennobrece a nossa festa e captiva a consideração e estima de nós todos. Tambem a ennobrecem muito o respeitabilissimo Sr. Bispo de Beja, lembrado sempre com muita saudade neste Seminario, e os dignissimos representantes da Ex.^{ma} Junta Geral da Bulla da Cruzada, e de quasi todos os Seminarios do Paiz, e não pôde ser maior a gratidão que lhes devemos por tão fina cortezia. Pena é que não vejamos tambem aqui, e que não possamos admirar tambem neste anno a palavra eloquente e inspirada d'um distinctissimo Academico, Professor da Cadeira de Philosophia de Sancto Thomaz d'Aquino, a quem os talentos e virtudes, e os serviços prestados á Igreja, a esta diocese e ao seu Prelado collocaram logo nos primeiros annos da sua vida publica em uma das mais nobres Prelaturas da Igreja Portugueza. Consolamo-nos porém da falta que nos faz, e que muito sentimos, com a justiça feita aos seus merecimentos em beneficio da Igreja e do Estado, e com a fortuna que tivemos na sua substituição neste Seminario e nesta Academia, porque o Sr. Dr. Araujo Gama, que a nosso pedido teve a bondade de a acceitar, o que muito lhe agradecemos, é egualmente digno e muito distincto como Philosopho Christão e Theologo de saber profundo. Vós o admirastes já na ultima Academia, e para não

demorar mais o desejo com que estais de o admirar também nesta, vamos já dar-lhe a palavra.

Terminados os discursos e as poesias, com musica vocal e instrumental nos intervallos, encerrou-se a Academia pela fórma seguinte :

A hora está muito adeantada, e, como não pôde deixar de ser, deve estar cancadíssima a vossa attenção, o que muito sentimos, e de que vos pedimos desculpa.

Prescindimos por isso de algumas considerações que desejavamos fazer sobre a nossa Academia, e vamos já encerral-a. Permitti-nos todavia apenas que testemunhemos em antes d'esta cadeira os nossos louvores e agradecimentos a todos os que concorreram para ella e a honraram — uns com a sua presença, outros com as suas poesias, e especialmente Monsenhor Guidi, que tanto mereceu os applausos de todos pela que compoz e recitou em latim; outros com melodias de suavissima musica; outros com os encantos da sua voz tão naturalmente bella como artisticamente cultivada; e outros finalmente com a erudição, proficiencia e elegancia dos seus discursos.

É já de vós muito conhecido e applaudido o primeiro dos oradores, e mais uma vez confirmou agora, e muito bem, os seus grandes creditos e o que já d'elle vos dissemos e que escusamos de repetir. Os outros dois, ambos Professores — um d'este Seminario, e outro do curso ecclesiastico d'Aveiro, fizeram hoje aqui a sua apresentação e estreia; estreia auspiciosissima, que vós applaudistes e que, digna dos seus Mestres e antecessores, promete um largo futuro de prosperidades, de consideração e de gloria para elles, para esta Academia, para esta Diocese e para o seu Prelado.

Illustres oradores, illustres Academicos de Sancto Thomaz d'Aquino; illustres Empregados e Professores d'este Seminario e do de Leiria e do Curso Ecclesiastico de Aveiro, e illustres mancebos que vos destinais á vida do sacerdocio:

Entrelaçando na sua thiara de Pontifice os seus louros de sabio, o nosso Gloriosissimo Pontifice Leão XIII não cessa de proteger e animar os estudos ecclesiasticos, para que elles córrespondam ás exigencias do nosso seculo, e para que os inimigos da Igreja não possam supplantar os seus ministros nas pugnas da intelligencia e do saber; e é tal o seu zelo e empenho neste ponto, que ainda não ha muitos dias presidiu na sala do seu throno Pontificio a uma especie de Academia ou disputa theologica.

Aproveitemos o exemplo e a lição que nos vem do alto do Vaticano, e secundemos todos as suas vistas e designios — nós com os nossos bons desejos, porque a mais não podemos chegar, vós com os vossos talentos e com as vossas obras.

Não escondais debaixo do alqueire a luz que Deus vos deu para allumiar em cima d'elle; e collocados como estais no vertice da hierarchia litteraria e dos estudos theologicos e canonicos, mantende sempre o vosso posto com honra e gloria, e não deixeis que ninguém vos tome o passo quer na

cultura e progresso das sciencias, quer no zelo pelo bem da Religião e da Igreja, quer na obediencia e adhesão ao nosso Sanctissimo Padre.

Tem a Sancta Igreja de Coimbra a fortuna, que mais que tudo a nobilita e nos satisfaz, de ver todo o seu Clero unido com o seu Bispo, e o Bispo unido com elle á cadeira de Pedro. É esta para nós a nossa corôa de gloria. Não a deixemos perder, e não nos afastemos nunca d'este caminho, porque é o unico por onde se pôde ser verdadeiro catholico, o unico por onde se pôde servir com proveito a Religião e a Igreja, o unico por onde se pôde dar bom exemplo aos fieis e promover a salvação das almas, e o unico finalmente por onde podem vir considerações, recompensas e louvores áquelles que lealmente o seguirem.

E firmes nestes sanctos propositos, que o nosso Sancto Padre tanto approva e applaude, recebamos todos, cheios de gratidão, a Benção Apostolica que se dignou de enviar-nos pelo telegrapho para esta Academia, como testemunho do muito apreço e consideração em que a tem. *Benedictio Dei Patris Omnipotentis descendat super vos et maneat semper. In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.* — Manuel, Bispo Conde.

COPIA N.º 77

bibRIA

O Ex.^{mo} Bispo de Soissons enviou uma carta á *Semaine Religieuse* da sua diocese sobre a formação d'um partido catholico. O *Moniteur Universel*, fallando d'esta carta, diz:

«A carta que o Ex.^{mo} Bispo de Soissons acaba de dirigir á *Semaine Religieuse* da sua diocese sobre a formação d'um partido catholico na camara, não é sómente notavel pela elevação dos sentimentos que nella estão expressos; é-o mais ainda pela prudencia de linguagem e pelo espirito verdadeiramente christão que anima as suas recommendações.

«Se, com effeito, repugna alguma coisa á idéia que se crie um partido e regeite esta mesma denominação, é o bem da Religião Catholica. Crear em França um novo partido sob o nome de partido catholico não seria fortificar a Religião Catholica, mas enfraquecel-a; não seria augmentar a sua auctoridade, mas diminuil-a. Para nos servirmos d'uma expressão mais enérgica ainda, seria fazer do todo a parte. Pela mesma razão que o espirito proprio de tal ou qual partido não deve excluir a Religião, a Religião de seu lado não deve, *a priori*, excluir tal ou qual partido. Mgr. Thibanchin disse-o excellentemente: «Não é permittido tornar o catholicismo solidario de tal ou qual systema politico.»

«Accrescentaremos que nada seria mais perigoso para a Religião Catholica. A maior desgraça que pôde advir ao catholicismo será quando os seus adversarios possam fazer crêr que elle está estreitamente ligado a tal ou qual regimen politico. Que mal, sob a Restauração, não fizeram á Religião os homens que fingiram confundil-a com a politica, e que inventaram a

formula, tão celebre quão pouco justa, do *Throno e do Altar* ! Foi, fazendo descer d'este modo a Religião Catholica ao logar de um partido que, nos dias nefastos da tormenta popular, se lhe prepararam as provações crueis que esperavam os partidos, para os quaes os revezes são tão frequentemente visinhos das victorias.

«A Egreja Catholica dirige-se a todos, ella é a Egreja Universal, aquella que floresce tão bem sob o sol da Republica dos Estados Unidos como sob a dominação do rei de Hespanha ou do imperador d'Austria. Aos homens, ella não pede senão a fê ; aos governos, o livre exercicio do seu culto, a segurança dos seus ministros e das suas fundações.»

bibRIA

APPENDIX

bibRIA

bibRIA

APPENDIX

Para comprovar o que disse em uma nota da pagina 92 referi-me aos documentos publicados em Appendix, porque a esse tempo (quasi fins de outubro) tencionava eu publicar com esta designação não só estes documentos, mas ainda outros, sobre assumptos importantes, com algumas observações. Desisto porém agora d'aquella minha tenção para não avolumar mais este escripto; e limito-me a publicar neste logar só duas cartas pastoraes sobre a circumscripção Diocesana, que são os documentos a que me referi na sobredita nota, uma ligeira observação ácerca da illustre Faculdade de Theologia, á qual peço que m'a desculpe, e outra ácerca da questão da Capella da Agua Ardente no Porto, e finalmente uma carta ao Sancto Padre sobre a Encyclica *Immortale Dei*, publicada muito depois de estar já impressa a da pagina 1 a pagina 74 para V. Ex.^a Rev.^{ma}

Carta do Bispo de Coimbra aos M. RR. Arciprestes do Couto do Mosteiro, de Sandomil e Sancta Marinha sobre a circumscripção Diocesana

Ill.^{mos} e Rev.^{mos} Srs.—A nova circumscripção das Dioceses que se está publicando no *Diario do Governo* entristece-nos e desgosta-nos profundamente, porque o termos de deixar a V. S.^{as} e a tantos Parochos, Clerigos e fieis d'uma parte da Beira, a quem temos o affecto e dedicação que V. S.^{as} sabem, custa-nos muito mais ainda do que os trabalhos e desgostos que certamente vamos ter com a vinda para o nosso Bispado de Clerigos e fieis que não conhecemos; que hão de vir para nós de má vontade por lhes extinguirem as suas Dioceses; e que, a despeito dos seus sentimentos

religiosos, em que muito confiamos, não desculparão, como já nos desculpavam aquelles, a nossa pobreza de luzes e virtudes para os pastorearmos. Não é agora só que vimos e sentimos isto; pensamos e sentimos assim desde sempre; e neste negocio não tivemos nem manifestámos nunca por palavra e por escripto senão um unico desejo e empenho — o de não nos tirarem nada da nossa Diocese, e o de não recebermos nada das outras, como V. S.^{as} podem ver na informação que a tal respeito tivemos a honra de dar ao Governo de Sua Majestade em 49 de junho de 1876, e adeante transcripta.

Porém a perda da nossa querida Beira era o que principalmente mais nos impressionava; e além do que expozemos sobre este ponto na referida informação, declarámos sempre e em toda a parte que preferíamos as freguezias mais pequeninas e mais pobres da Serra da Estrella ás mais populosas e mais ricas que viessem de novo para o nosso Bispado, não porque formemos conceito menos vantajoso da religião e piedade d'estas, ou porque não as estimemos do mesmo modo depois d'esta vinda, mas porque a visita episcopal que fizemos áquellas, mais ainda que o longo periodo de vinte e dous annos de pastoreação e de affectuosa e doce convivencia, fez-nos contrahir para com ellas, assim como para com todas, mas para com ellas especialmente pelas muitas inclemencias que soffrem, taes sentimentos de estima, de caridade e d'amor, que mal as podemos deixar, se bem que por sahirem do nosso Bispado não sahirão nunca do nosso coração.

As grandes consolações da nossa vida hão de ser sempre aquellas que tivemos quando nos vimos em tão pobres e pequeninas parochias, e no meio d'aquelles nossos Amados Filhos que nunca tinham visto o seu pastor, e que viviam alli, pendurados uns nas escarpas agrestes e duras da serra, e como que enterrados outros nas apertadas gragantas de immensas cordilheiras, e isolados todos da convivencia e das commodidades da vida, e em contacto só com Deus e com essas enormes montanhas. E o empenho que punha o nosso Clero, e tantos cavalheiros e tão distinctos em nos acompanhar, e exaltarem a nossa Auctoridade episcopal, mesmo naquellas paragens tão inhospitas, sem fazerem caso da humidade da nossa pessoa, dos rigores do tempo, e dos perigos e abysmos dos caminhos, ha de estar sempre vivo e presente no nosso animo reconhecido, e attestar a todos o muito que Deus Nosso Senhor nos animava e confortava neste desempenho tão custoso do nosso Apostolado.

Nem nós queremos lembrar-nos de que vão separar-se de nós, e deixar de pertencer a esta Sancta Egreja de Coimbra os M. RR. Arciprestes do Couto do Mosteiro, de Sandomil e de Sancta Marinha; os RR. Parochos e clerigos d'estes Arciprestados, sempre de nós tão queridos, e que, na maior parte, educados e ordenados por nós, eram a nossa consolação e a nossa alegria; tantos mancebos que nesta região abençoada do Bispado de Coimbra se destinavam ao sacerdocio, e que eram a flor do nosso Seminario; muitos cavalheiros distinctos, que, honrando a Religião e os seus Ministros na humilde pessoa do seu pastor, levantavam tanto a nobreza dos seus braços, e o respeito e prestigio do seu nome, como penhora-

vam e confundiam quem jámais os poderá esquecer; e finalmente não poucas familias christãs, que pela fê, pelas suas virtudes e pelo seu exemplo são o auxilio e o apoio do ministerio pastoral.

E, para maior infelicidade nossa, nem ao menos podêmos combater esta separação, para nós tão dolorosa, com a força e vigor com que o fariamos em outras circumstancias e por outros motivos quaesquer que fossem. Estes nossos sentimentos tão puros, estes affectos vehementes e estes deveres de gratidão que não esqueceremos nunca, poderiam ser attribuidos a egoismo, a interesse pessoal, e a desejo e empenho de ficarmos com o Bispado mais augmentado ainda; e além d'isso correriam logo a dizer-nos que acima dos affectos e das inclinações pessoas do Prelado devem estar os interesses geraes da justiça a que todos devemos sujeitar-nos, custe o que custar.

E quem sabe ainda se agora, em vez de penalizado, haverá quem nos julgue satisfeito com a nova circumscripção pelo augmento de quarenta e sete freguezias que ella traz á nossa Diocese, e quem supponha que nós por este motivo não nos importamos com que nos tirem as que pertencem aos concelhos de Sancta Comba-dão, de Ceia e de Gouveia. Não se nos faça similhante injustiça, nem a nenhum dos nossos veneraveis irmãos no Episcopado na parte que lhes diz respeito.

Declarámos sempre, quando se tractou d'este assumpto, que votariamos pela existencia e conservação de todas as Dioceses existentes, se o Imperante civil as dotasse para isso com os recursos necessarios como era indispensavel, porque mais facilmente e com mais proveito podiam ser pastoreadas as Dioceses pequenas do que as grandes; mas que, se não podia haver esperanza de se conseguir esta dotação, parecia-nos preferivel a extincção de algumas, porque entre dous males optavamos pelo que, embora o não fosse, se nos afigurava menor.

O Decreto de 12 de novembro de 1879 determinou que se pedisse a extincção de nove Dioceses no continente; e os Prelados, reunidos posteriormente em conferencia com o governo de Sua Majestade, o qual a todos captivou com as suas deferencias e benevolas disposições, conseguiram que não se pedisse a Sua Sanctidade a extincção de mais de cinco; até para não se magoar tanto com maior pedido d'esta natureza o Sabio e Magnanimo Pontifice que ora felizmente preside á Igreja Universal de Deus.

Assentindo porém a este pedido como uma necessidade para todos dolorosa, e na perspectiva de futuros e promettidos beneficios para a Religião e para a Igreja Lusitana, beneficios de que ella por modo nenhum pôde prescindir por mais tempo, não passou pela nossa mente nem pela de ninguém a idéia mesquinha de interesses mundanos, ou de qualquer engrandecimento pessoal.

Da extincção das dioceses de Aveiro e de Leiria é que podia provir algum engrandecimento para a nossa, e comtudo ninguém dirá que nós a desejassemos, ou que para ella proferissemos uma unica palavra. Pelo contrario todos aquelles que vivem e tractam connosco sabem muito bem que o nosso empenho, sob o ponto de vista das nossas conveniencias pessoais, era que não fosse por deante esta medida.

Maior porém foi ainda a nossa abstenção e o nosso escrúpulo na questão da circumscripção, porque, afóra o desejo que manifestámos da continuação das freguezias da Beira no nosso Bispado pelos motivos já expostos, nenhum outro revelámos, e nem uma unica palavra proferimos tambem sobre este ponto, tanto na sobredicta conferencia como juncto do Governo de Sua Magestade; pois, além de não desejarmos alargar os limites da nossa diocese, o procedimento contrario, ainda que tivessemos tal desejo, não se compadecia com a isenção e decoro do nosso character.

Porém tudo isto pôde isentar-nos de responsabilidade, mas não pôde minorar a pena, nem consolar as viviissimas saudades que temos d'aquellas freguezias; e por tal modo nos estão ellas pungindo, que não podemos esperar pelas participações officiaes para officialmente as exprimirmos. Queremos e precisamos de as desaforar já com V. S.^{as} nesta carta, que todos os RR. Parochos dos seus Arciprestados, e os seus parochianos poderão ter como dirigida tambem a cada um d'elles em especial.

Entre tantas difficuldades e desgostos, que hoje amarguram a vida d'um Bispô, creiam V. S.^{as} que ainda nada nos amargurou tanto como esta separação de tres Arciprestes, em tudo tão exemplares, e da nossa amizade e inteira confiança; de muitos Parochos e Clerigos tão dignos e que nos eram tão dedicados, e de tantos povos que nas demonstrações de respeito e affecto para com o seu Prelado poderão ser egualados mas não excedidos.

Mas sujeitemo-nos e resignemo-nos com a vontade de Deus, e com a necessidade imperiosa das circumstancias, que a profunda sabedoria, piedoso zelo e desvelada sollicitude Apostolica do nosso Sanctissimo Padre Leão XIII não poderam remediar por outro modo; e por este remedio, precursor d'outros que hão de pôr termo á viuvez e orphandade de tantas Cathedraes, e a muitos outros males que nos affligem, levemos perante o throno Pontificio, não maguas e tristezas, mas os nossos louvores e agradecimentos, e os protestos da nossa adhesão e obediencia. Além d'isto, pelo que respeita ao governo e administração ecclesiastica V. S.^{as} nada perdem, porque vão ser pastoreados por Prelados com dotes e merecimentos que nós não temos; e em quanto a nós, por terminarem as nossas relações officiaes, não julguem que terminam as particulares, ou que afrouxamos nos sentimentos de veneração e estima para com V. S.^{as} e para com o Clero e fieis das freguezias dos seus Arciprestados, ou nos votos que fazemos ao Céu pelo bem espiritual d'uns e d'outros, porque, em quanto Deus nós dêr vida, somos e havemos de ser sempre d'elles todos e — De V. S.^{as} — Irmão em Jesus Christo e amigo muito affectuoso — *Manuel, Bispo Conde.* — Paço Episcopal de Coimbra, 18 de setembro de 1882.

Copia — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Recolhendo a esta cidade ha poucos dias, da visita á diocese em que andava desde o principio de maio proximo preterito conforme tive já a honra de participar a V. Ex.^a, apresso-me a cumprir a portaria confidencial, em que V. Ex.^a se digna pedir o meu parecer sobre o modo como na circumscripção geral das dioceses de que

tracta a mesma portaria, deve ficar constituída esta de Coimbra de que sou Prelado, ainda que indigno. E agradecendo, como muito agradeço a V. Ex.^a, a consideração com que se digna honrar-me, pedindo o meu parecer e informação sobre assumpto tão importante, eu sinto muito não poder satisfazer ao pedido de V. Ex.^a com a proficiencia que desejava, não só por me faltarem os dados e conhecimentos especiaes para isso necessarios, mas tambem porque a circumscripção d'esta diocese depende da circumscripção ou destino que tiverem as dioceses vizinhas conforme o plano geral que se seguir neste arredondamento e sobre que eu nada posso dizer. Por isso, limitando as minhas ponderações, como devo, só á diocese que tenho a honra de governar, permitta-me V. Ex.^a que eu declare, antes de tudo, que, se neste negocio os meus desejos podessem ser attendidos ou ter algum peso, pediria a V. Ex.^a, e muito encarecidamente, que nem lhe adicionasse freguezias das dioceses vizinhas no caso de ser alguma d'estas supprimida, nem lhe tirasse nenhuma das que lhe pertencem actualmente.

No primeiro caso, porque será difficil e ha de custar alguns desgostos sujeitar á disciplina estabelecida nesta diocese á custa de muito tempo e de muita perseverança a parte d'outros Bispados que por ventura lhe annexem; e eu nem queria expor-me a estes desgostos, nem desviar a minha attenção dos trabalhos que tenho presentemente, e que não são poucos, para outros novos; e por isso bem desejava eu que não se supprimissem as dioceses de Leiria e Aveiro, porque, se infelizmente se supprimirem, ouço dizer que não poderá deixar de vir para esta de Coimbra a maior parte de ambas — a de Aveiro do rio Vouga para cá, que é a divisão natural, embora o antigo Bispado de Coimbra passasse ainda do rio Vouga para cima, o que hoje não deve ser: a de Leiria talvez da Batalha para cima ou donde se julgar mais acertado, porque eu não tenho conhecimentos alguns topographicos d'aquellas localidades, nem sobre este ponto posso emitir parecer algum.

No segundo caso, porque, attenta a estima e o affecto que tenho aos meus diocesanos, e os laços reciprocos de caridade e de amor que dezeseis annos de convivencia e de boas relações têm estreitado cada vez mais entre nós, custa-me muito e causa-me verdadeira pena que elles agora se separem de mim; e a minha pena é maior ainda por saber, como sei, que elles têm um desgosto profundo com a sua mudança para outro Bispado se a isto os obrigarem, o que não esperam. Correm este risco principalmente os povos do concelho de Gouvêa e alguns dos de Cêa por estarem muito mais perto da cidade de Vizeu do que da de Coimbra. Porém na visita que agora lhes fiz não cessavam de pedir-me, tanto os Clerigos como os Seculares, que intervisse eu para que elles não fossem desmembrados da diocese de Coimbra, além d'outras razões, porque, embora estejam mais proximos de Vizeu, não têm communicações nem relações algumas commerciaes, ecclesiasticas, civis, litterarias ou industriaes com aquella cidade, para onde só dizem haver portadores uma vez no anno, que é na occasião da feira franca: emquanto que para Coimbra, para onde estão ligados por uma boa estrada e pelo telegrapho, e para onde é o pendor

natural de todos os povos situados como elles desde as vertentes da serra da Estrella até ao Mondego, têm todos os dias portadores, recoveiros, diligencias e carros, e, o que é mais, estão em continuas transacções e relações commerciaes com esta cidade. Todos têm aqui os seus conhecimentos e os seus negocios; d'aqui lhes vai todos os dias aquillo de que precisam; para aqui vêm os filhos d'uns para se formarem na Universidade, e com elles os dos outros para se ordenarem no Seminario; e além d'isso, dizem elles, quasi todos os Clerigos que hoje se ordenam na Beira são admittidos gratuitamente no Seminario de Coimbra; e não acontecendo assim, como não aconteceria pelo menos em tão larga escala nas outras dioceses para onde se transferissem, não só ficariam muitos ordinandos e muitos paes de familia privados d'este grande beneficio, mas, o que é peor, seria dentro em pouco mais assustadora do que já é a falta de Clerigos para o serviço da Religião.

Todavia, embora estas ponderações, pelo que eu vi e observei pessoalmente, sejam nesta parte justas e fundadas, porque numa circumscripção qualquer não se deve attender tanto ás distancias, como ás relações e tendencias dos povos mais para um ponto do que para outro, a circumscripção Diocesana de que se tracta não pôde subordinar-se aos meus desejos e aos dos meus Diocesanos, mas ao que fôr mais justo e acertado segundo o plano e as bases que se tomarem para a execução d'esta medida.

No entretanto eu peço a V. Ex.^a que se digne de os ter em conta tanto quanto a justiça e as conveniencias o permittirem; e se no caso de serem supprimidas as Dioceses de Leiria e Aveiro, fosse possível annexar a outras Dioceses a parte de ambas que deve vir para esta, a fim de continuarem a pertencer á de Coimbra só os povos que hoje lhe pertencem, eu e elles muito o estimariamos.

Deus guarde a V. Ex.^a Coimbra, 19 de junho de 1876. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.
— *Manuel, Bispo Conde.*

Provisão do Bispo de Coimbra sobre a circumscrição diocesana em 1882

D. MANUEL CORREIA DE BASTOS PINA, por mercê de Deus e da Sancta Sê Apostolica Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, do Conselho de Sua Majestade, Commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, Par do Reino, etc.

Ao nosso Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Cabido, e aos M. RR. Arciprestes, RR. Parochos, Clero e Fieis das parochias que vão deixar de pertencer á nossa Diocese; e aos das que vão passar para ella, saude e paz em Jesus Christo, que de todos é remedio e salvação.

Fazemos saber que pela Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça nos foram enviados os documentos seguintes: Um transumpto das Letras Apostolicas de 30 de setembro de 1881 sobre a redução e nova circumscrição das Dioceses do continente do Reino;—um exemplar do *Diario do Governo*, n.^{os} 208 e 209, em que se acha publicada a Sentença executorial das referidas Letras Apostolicas, proferida pelo Em.^{mo} e Rev.^{mo} Cardeal, Bispo do Porto, datada de 4 do corrente, e a Carta Regia que a approvou com data de 14;—uma copia, conforme do Decreto de 16, sobre a collocação dos Membros das Corporações Capitulares existentes nas Dioceses supprimidas, adjudicação dos haveres das Mitras, Cabidos, Fabricas das Cathedraes e Seminarios ou Cursos ecclesiasticos das mesmas Dioceses, destino dos edificios das Sés e transferencia dos respectivos Cartorios, e a Portaria de 18, tudo do corrente mez, ordenando que dêmos as providencias que julgarmos necessarias e, que dependem da nossa auctoridade para que se executem as disposições exaradas nestes documentos com relação á nossa Diocese.

Pelas sobredictas Letras Apostolicas *Gravissimum Christi Ecclesiam regendi et gubernandi munus* de Sua Sanctidade Leão XIII, datadas de 30 de setembro de 1881; e por todos estes documentos, que não podemos publicar agora, porque a sua impressão, attenta a grande extensão d'elles, demoraria muito esta nossa Provisão, que é urgente publicar quanto antes, deixam de pertencer ao nosso Bispado as freguezias seguintes:

.....
E passam para o nosso Bispado de Coimbra, e a elle e á nossa inteira jurisdição e dos nossos Successores ficam pertencendo as freguezias seguintes:

.....
Aos M. RR. Arciprestes, RR. Parochos, Clerigos e Fieis das parochias que por Auctoridade Apostolica se desligaram do nosso Bispado, e a quem nos dirigimos como pastor e pae espirital pela ultima vez, e com o coração cheio de pena e de saudade, repetimos e confirmamos o que ha poucos dias dissemos na carta de 18 do corrente, que dirigimos aos sobredictos

M. RR. Arciprestes, e que faz parte d'esta nossa Provisão, com a qual será distribuída. E por este motivo, e por serem bem conhecidos de todos os nossos sentimentos, abtemo-nos de lhes fallar mais na tristeza e funda magua com que os deixamos, até para não tornarmos mais difficil e dolorosa para nós e para elles a quebra dos laços de paz, de caridade e de amor que ha tantos annos prendiam reciprocamente o pastor e esta parte do seu rebanho; e que no cumprimento mais difficil e mais espinhoso dos nossos deveres foram sempre o nosso apoio e a nossa força.

Porém, se abafamos no peito estas maguas que tanto nos opprimem, não podemos por modo nenhum occultar o agradecimento e gratidão que devemos a todos pela caridade com que desculparam as nossas faltas, e auxiliaram o desempenho do nosso officio pastoral; pelos testemunhos que constantemente nos deram, uns do seu zelo e cooperação, outros da sua religião e piedade, e todos do seu respeito e veneração para connosco; pelo alvoroço, fervor e contentamento religioso com que nos receberam em todas as suas parochias que visitámos solememente; pelas doçuras e consolações que nos fizeram experimentar nestas visitas, por nos convencermos por tudo aquillo que viamos, commovido e edificado, que ellas eram agradaveis a Deus, e uteis e proveitosas para a salvação das almas, que era o unico fim de todos os nossos trabalhos e desvelos; e finalmente porque, sabendo a rectidão das intenções com que procurámos sempre a verdade, a justiça e o bem da religião, nunca nos levantaram embaraços e difficuldades que nos impedissem de cumprir desassombradamente os nossos deveres de Bispo catholico, ou de zelar e defender os direitos dos nossos Cooperadores, e o exercicio livre e independente do seu ministerio parochial.

Acceitem, pois, todos este testemunho publico e solemne, justo e merecido, do nosso agradecimento e do nosso louvor; é o ultimo acto de justiça que praticamos officialmente para com estes nossos Amados Filhos em Jesus Christo, sempre queridos e sempre saudosissimos. E agora que o coração se nos aperta e a saudade mais nos desalenta, pedimos a todos que nos desculpem e perdoem os nossos erros e defeitos, e que roguem a Deus Nosso Senhor que nos illumine, e que nos dê o espirito de sabedoria, de conselho, de prudencia, de fortaleza e de piedade para que os fieis, que vêm de novo para o nosso rebanho, sejam tão indulgentes e caritativos para com o seu pastor, como sempre o foram aquelles que o vão deixar; e, como ultima manifestação do nosso zelo e sollicitude pastoral, renovamos as supplicas que fizemos a todos dentro das suas Egrejas, para que se conservem sempre firmes na fé, e zelosos no cumprimento dos deveres da religião sancta que professamos, não só para serem a consolação e alegria do seu novo Prelado, como sempre foram a nossa, mas principalmente para terem nesta vida pela pratica da virtude, e na outra pela justa recompensa das boas obras o socego e as consolações da terra, e os gozos e os dons ineffaveis do céu.

E vós, M. RR. Arciprestes, RR. Parochos, Clerigos e fieis, vindos da diocese da Guarda e das extinctas de Aveiro e de Leiria para esta nossa

de Coimbra, e a quem pela primeira vez saudamos e abençoamos como vosso pastor e pae espirital ainda que indigno, desculpaes-nos se, em vez de jubilos e alegrias, vedes penas e receios nestas nossas primeiras saudações; mas a verdade que vos devemos, e a que nunca vos havemos de faltar, não nos permite que neste primeiro encontro do nosso coração com o vosso vos occultemos os sentimentos da nossa alma, ainda os mais intimos.

Em primeiro logar, nós sabemos que vos desgosta muito a perda das vossas Dioceses e dos vossos Prelados a que estaveis acostumados, e a vossa vinda para esta que não conheceis, e a que não podem prender-vos como áquellas nem as recordações do passado, nem as esperanças do futuro. É natural este vosso sentimento que nós muito louvamos, e crêde que tomamos junctamente convosco verdadeira parte n'elle, porque são e hão de ser sempre nossas as alegrias ou as tristezas dos nossos Amados Filhos em Jesus Christo.

Porém não são só as vossas tristezas o motivo das nossas. Faltam-nos as luzes e virtudes, os recursos e bens da fortuna, para vós poderdes encontrar no desempenho do nosso ministerio pastoral para convosco remedio mais prompto e mais efficaz para os vossos males, e conselhos e doutrinas mais salutaes para a sanctificação das vossas almas; e este conhecimento que temos da nossa insufficiencia, e de que não podereis realisar as esperanças que por ventura ponha no vosso novo pastor a vossa muita benevolencia para connosco, faz-nos sentir muito no presente, e receiar e tremer pelo futuro. Pois, se até aqui era muito desproporcionado ás nossas debeis forças o peso da Cruz que a Providencia Divina nos poz aos hombros, difficil nos será sustel-o agora que o vemos tão augmentado, e quando já 27 annos de trabalhos no serviço da Igreja, se não uteis e proficuos, pelo menos aturados e sinceros, nos têm cansado e abatido o animo para resistir ás luctas e soffrer os desgostos a que hoje não pôde subtrahir se quem, no desempenho de funcções publicas e ecclesiasticas, se desprender de respeitos humanos, de intereses pessoaes e de partidos politicos para fazer tão sómente o que lhe dictar a justiça e a consciencia, e o bem da Religião, da Igreja e do Estado, que é o alvo a que miramos.

Todavia, no meio dos nossos receios e preoccupações, muito nos conforta e anima a esperanza que pomos no auxilio Divino por ter vindo só de Jesus Christo e do seu Vigario na terra, e não de desejo ou vontade nossa o augmento do rebanho que o Espirito Sancto confiou á nossa guarda, e levanta-nos tambem o espirito o sabermos que os fieis que no mesmo recebemos vêm:

— De quatro parochias do Patriarchado, cujos RR. Parochos são já nossos conhecidos, e alguns até nossos amigos:

— Da diocese da Guarda e das montanhas da Pampilhosa, muito vizinhas d'aquellas que já visitámos e conhecemos, e onde é proverbial o respeito pela Religião e a obediencia aos seus Ministros.

— Da diocese de Leiria, cujo Clero foi sempre notado como modelo de disciplina, de religião e piedade pelo cuidado e esmero que tem havido em o educar e instruir no respectivo Seminario, tanto em antigos tempos

como nestes ultimos; e cujos fieis, correspondendo ao zelo dos seus Pastores, estão constantemente dando provas da sua fé e piedade, dos seus sentimentos christãos e honestidade de costumes, e da sua obediencia ás decisões da Sancta Egreja e á voz dos seus Ministros.

— E da diocese de Aveiro, á qual nos prendem, além de eguaes merecimentos, os mais sanctos e doces laços de familia, de amizade e gratidão; porque, assim como nossos tios, irmão e primos, nella nascemos e fomos creados, nella nos habilitámos como elles para a nossa ordenação, e nella temos ainda mestres, patricios e amigos muito da nossa veneração e estima, e de cujas boas disposições para connosco muito esperamos. E a sollicitude e desvelo que tem havido no governo d'estas dioceses, confiado outr'ora a Prelados distinctos que foram o lustre e a gloria da Egreja Portugueza, e depois d'elles a Vigarios illustrados e zelosos que se empenharam sempre, o mais que poderam, em promover o bem religioso, moral e civil dos seus Diocesanos e nossos agora, ha de facilitar muito o desempenho dos nossos deveres, e tornar-nos muito mais leve o peso do dia e da calma nesta cultura da vinha do Senhor.

Tambem das Casas Religiosas, que felizmente temos ainda nas cidades de Aveiro e de Leiria, esperamos grande auxilio de orações em nosso favor, porque, embora quasi extinctas algumas por falta de numero, o que muito sentimos, sabemos quanto se distinguem todas pela perfeição da sua vida christã, e pelo bom exemplo e doces perfumes da virtude que d'ellas rescendem para os fieis d'aquellas cidades e das freguezias vizinhas com reconhecido proveito da religião e da salvação das almas. E d'aqui lhes enviamos já as nossas saudações, enquanto não vamos visital-as e abençoal-as, como tencionamos fazer.

Confiamos pois, Amados Filhos em Jesus Christo, que vós, passadas estas primeiras impressões de desgosto, de saudade e de receio, haveis de identificar-vos com os nossos filhos e vossos irmãos d'esta Sancta Egreja Conimbricense nos mesmos sentimentos de estima, de caridade e de amor que elles têm para connosco, ainda que sem dotes nossos para lh'os merecermos.

E, pela nossa parte, já que a Providencia Divina e a Auctoridade Apostolica do nosso Sanctissimo Padre Leão XIII vos trouxeram para esta Sancta Egreja e para o nosso rebanho, crêde que vos recebemos nelle com a maior effusão da nossa alma, e com o coração cheio de affecto e de ternura para todos; pois, assim como no Pae extremoso com grande numero de filhos não diminue nunca o amor pelos mais novos e que vêm por ultimo, não diminuirá tambem o nosso para convosco por virdes mais tarde para a nossa jurisdicção e auctoridade paternal: e pelo poder do Espirito Sancto, que nos foi dado, sereis como os primeiros que já cá estavam, e sem distincção alguma, os nossos filhos muito amados em Jesus Christo, a nossa familia, as nossas delicias e os nossos desvelos; e a salvação das vossas almas será sempre o objecto exclusivo das nossas meditações e o empenho constante da nossa vida.

E, se pela urgencia do tempo e pela brevidade d'esta Provisão em fôrma

de pastoral, não podemos fazer-vos já sobre este ponto, que é de todos o mais importante, as recommendações que pede o nosso zelo e nos manda o Apostolo, não vos faltaremos com ellas mais tarde conforme o conhecimento que formos adquirindo do estado da religião, do culto Divino e dos costumes nas vossas parochias. Limitamo-nos por isso agora a saudar-vos e a dizer-vos que havemos de fazer sempre todas as diligencias para que não vos seja incommoda nem prejudicial para o cumprimento dos vossos deveres religiosos, e para o bem das vossas almas, a vossa vinda para a Sancta Egreja de Coimbra; e que, além de residirmos, como tencionamos, alguma parte do tempo nas cidades de Aveiro e de Leiria, além d'outras razões, para nellas pontificarmos, e por cujo motivo alli conservaremos sempre o pouco, pouquissimo que lá têm as respectivas Mitras, havemos de ir visitar-vos, se Deus nos dê vida e saude, ás vossas proprias parochias para vos conhecermos e abençoarmos; para vos confirmarmos na fé e na doutrina de Jesus Christo com o Sancto Sacramento da Confirmação; para animarmos e consolarmos com a nossa presença os nossos Amados Irmãos e Cooperadores nas difficuldades e espinhos que hoje tanto amarguram o desempenho do ministerio pastoral, e para finalmente conhecermos por nossos proprios olhos as necessidades espirituaes e temporaes d'uns e d'outros, a fim de as remediar-mos até onde chegar o nosso poder.

Não vos preocupeis tambem com o incommodo e violencia de virdes agora tractar dos vossos negocios á capital da Diocese e a esta nossa séde episcopal, negocios que não podem deixar de passar-nos pela mão até para adquirirmos o conhecimento que precisamos de tudo o que diga respeito á nossa jurisdicção; pois muitos povos d'esta Diocese Conimbricense distavam, e alguns talvez distem ainda mais de nós do que as vossas parochias mais longinquas, e comtudo nunca se queixaram de tal incommodo, nem querem por este motivo passar para as Dioceses mais proximas: e com a facilidade que ha hoje nos correios podem os RR. Parochos expedir e receber d'aqui os negocios dos seus freguezes, como nós estimamos que façam, para lhes evitarem maiores incommodos e despezas; na certeza porém de que serão despachados pelos M. RR. Arciprestes, que confirmamos nos seus empregos, todos os requerimentos relativos a certidões e attestados; e para elles ou para os RR. Parochos serão tambem remettidos por commissão, além dos negocios officiaes, todos aquelles em que intervenha a inquirição de testemunhas: e quando neste serviço, ou feito lá ou feito cá, parecer que ha menos regularidade ou exigencia de interesses e emolumentos indevidos, pedimos que nos informem de tudo para accudirmos logo com o remedio preciso.

Tambem confirmamos todas as licenças, jurisdicções e faculdades concedidas pelos vossos anteriores Prelados e Superiores legitimos, as quaes nos serão apresentadas ao passo que forem terminando; e do mesmo modo confirmamos tambem todas as suas Pastoraes e Circulares, e os direitos, disciplina, usos e costumes das respectivas parochias emquanto não forem por nós derogados.

Depois de esta nossa Provisão ser lida e publicada á estação da missa conventual, o que deverá fazer-se no primeiro dia sanctificado posterior á

sua recepção, ficar-nos-ha pertencendo toda a jurisdição espiritual ordinaria e temporal sobre as mesmas parochias, a qual nos compete por direito, e nós exerceremos na conformidade das Leis do Reino, e das da Sancta Egreja e das Constituições e Pastoraes d'esta diocese.

E por ultimo pedimos a Deus Nosso Senhor que vele pelo pastor e pelo rebanho; que não deixe afrouxar aquelle no zelo e cuidado pela sua guarda, nem afastar este dos pastos da salvação, e que finalmente derrame os auxilios da sua graça e os thesouros da misericordia sobre todos estes nossos Amados Filhos em Jesus Christo, aos quaes abençoamos em nome do Padre e do Filho e do Espirito Sancto. Amen.

Os M. RR. Arciprestes do Couto do Mosteiro, de Sandomil e de Sancta Marinha, distribuirão esta na fôrma do estylo pelos RR. Parochos dos seus Arciprestados, os quaes a publicarão aos seus freguezes, e registarão nos livros da Parochia. E ao Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Mytilene, Governador do Patriarchado, e aos Srs. Vigarios Capitulares da Guarda e de Leiria, e ao Sr. Vigario Geral de Aveiro, a quem, para evitar duvidas, já auctorisamos e pedimos a graça de continuar a governar as parochias que passam para o nosso Bispado em quanto se não fizer nellas aquella publicação, pedimos de novo a mercê de mandarem remetter esta aos M. RR. Arciprestes das sobredictas parochias para os mesmos effeitos.

Dada em o nosso Paço Episcopal de Coimbra, sob nosso signal e sello de nossas Armas, aos 30 de setembro de 1882. E eu Francisco Maria d'Almeida Quadros a subscrevi. — (Logar do ✠ sello). — *Manuel, Bispo Conde.*

Provisão, pela qual V. Ex.^a Rev.^{ma} ha por bem desligar do Bispado de Coimbra as freguezias que passam para os de Vizeu e da Guarda, e assumir a jurisdição das que passam para o de Coimbra.

Faculdade de Theologia

Nas differentes passagens d'este livro, em que se falla dos Seminarios, do ensino ecclesiastico e da ordenação dos ministros sagrados, julgava e julgo ainda, não obstante o meu pouco saber, que advoguei a doutrina catholica. Comtudo o lente de Vespera da Faculdade de Theologia, encarregado por ella de a representar no ultimo congresso litterario da instrucção publica, dando conta do modo por que desempenhou o seu encargo, diz na justificação das propostas que fez em nome da mesma faculdade, e auctorizado por ella, como consta da Memoria por elle publicada, que *do Estado compete o direito de regular as condições de existencia e desenvolvimento d'este Instituto ecclesiastico* (a Faculdade de Theologia).

E, fazendo derivar d'elle a sorte dos Seminarios e a prosperidade das Dioceses, e toda a vida da Religião e da Egreja, cujas dignidades quer que saíam tão sómente da Faculdade de Theologia, e que só d'ella saíam tambem os professores dos Seminarios, e que não possam ser nomeados senão mediante concurso primeiramente feito perante ella; e além d'isso, deprimindo, e tachando de ignorantes sem excepção, a todos os Clerigos, ou professores de Seminarios, ou dignidades ecclesiasticas que, embora sejam formados em alguma faculdade, não o forem na de Theologia; a mesma Memoria diz tambem que *o Estado não pôde nem deve abdicar o direito, que tem, de fazer respeitar e tornar valiosos os graus academicos de uma faculdade em que exerce directa e exclusiva superintendencia, e por intermedio da qual poderá influir de um modo efficaz no bom regimen das Dioceses*.

E posteriormente a Faculdade de Theologia approvou, e unanimemente, e sem reparo nem declaração alguma, que conste, deu um voto de louvor ao seu lente de Vespera pelo modo por que elle desempenhara o seu mandato, e o mesmo louvor lhe deu tambem o jornal a — *Ordem* — redigido por um dos seus membros, declarando que elle representara brillantemente a Faculdade de Theologia, e que lhe agradece a sua *magnifica* Memoria.

Como filho d'esta Universidade, que é e foi sempre tida por catholica, como Prelado, ainda que indigno, d'esta Diocese, que se ufana muito com a honra de a ter na sua séde episcopal, e como amigo e respeitador da Faculdade de Theologia, sinto profundamente que ella approve e louve uma doutrina que os Bispos Portuguezes não podem deixar de condemnar; — Porque são elles com o Papa os unicos juizes da fé, e os unicos mestres da doutrina e do ensino catholico em Portugal; — Porque, não offerecendo os graus academicos e as classificações, com que a Faculdade de Theologia laureia os seus discipulos, presumpção legal de idoneidade litteraria que justifique a escolha d'estes para professores dos Seminarios, como a mesma faculdade indirectamente confessa e reconhece, não podem os Bispos ser

excluidos, como quer a mesma faculdade, de intervirem em outras provas litterarias que se exijam áquelles a quem hão de confiar o ensino dos futuros ministros do altar, seus cooperadores; — Porque não pôde nem deve coarctar-se o direito que têm os Bispos de procurarem para professores dos seus Seminarios os Clerigos que reputarem mais idoneos pelas provas que tiverem dado da sua capacidade moral e litteraria, embora não tenham sido formados na Faculdade de Theologia; — Porque, não havendo corporação ou escola alguma litteraria no Paiz inhibida de habilitar aquelles que hão de ir succedendo aos seus membros no magisterio respectivo, seria injusto e odioso fazer excepção para os Seminarios, e decretar *a priori* que nem ainda singularmente poderão nunca vir a ser professores nos Seminarios os alumnos que nos mesmos se habilitarem, por maiores que sejam os talentos, o saber e as virtudes de que derem provas, e por mais distincta ainda que tenha sido a formatura que depois tenham obtido na Faculdade de Direito; — Porque, ensinando-se nos Seminarios o Direito Natural e o Direito Canonico, que a Faculdade de Theologia não ensina, e que os seus alumnos vão estudar e apprender na Faculdade de Direito, seria muito para extranhar o não se permittir que nem ao menos d'aquellas cadeiras possam ser professores dos Seminarios os Clerigos formados em Direito, que apprenderam o ensino d'ellas onde o foi apprender a propria Faculdade de Theologia, extranheza tanto maior, quanto a lei ecclesiastica não dá preferença nenhuma aos estudos Theologicos sobre os juridicos ou canonicos para o desempenho dos cargos da Igreja; e pelo contrario é praxe constante da sancta Sé preferir nos mesmos cargos *caeteris paribus* os Juristas ou Canonistas aos Theologos, do que fui competentemente informado. — E porque, finalmente, os Bispos, coarctados e limitados já no seu poder episcopal e no desempenho do seu ministerio pelo chamado direito de inspecção do Imperante civil, não podem accellar a aggravação do mesmo direito, como pede e propõe a Faculdade de Theologia (quem poderia esperar similhante cousa?), aggravação que elles não merecem, que as leis e os estylos da Nação, ainda dos tempos de maior regalismo, não auctorisam, e que o Governo de Sua Majestade, illustrado e catholico como é, certamente não quer nem approva.

E quem poderá queixar-se dos Bispos Portuguezes por não quererem padres ensinados e formados no espirito de tal doutrina, e na delicadeza dos sentimentos com que é proposta e sustentada?

E luctando os seus Seminarios com muitas difficuldades, como se confessa na mesma proposta; e estando em muitas Dioceses muitas Igrejas fechadas e muitas parochias sem Parocho por falta de Clerigos, e vendo-se já os Bispos na tristissima necessidade de permittirem que muitos d'estes digam duas missas por dia, seria justo, e poderia alguém desculpar que os meios dados aos Seminarios para ordenarem Clerigos, que remedeiem estes apuròs e necessidades, sejam desviados do seu fim para se formarem Bachareis na Faculdade de Theologia, como ella quer, para ter alumnos que a frequentem?

Todavia, quero e devo fazer á Faculdade de Theologia a justiça de acreditar que ella não pretende tanto, e que não accella as consequencias que

se derivam da doutrina que louva e approva, como são, entre outras, a de o Estado superintender *única e exclusivamente* no ensino da fé, e das verdades e doutrinas da Religião Catholica Apostolica Romana.

E faço-lhe esta justiça não só pelo seu conhecido saber e orthodoxia, e pelo respeito e estima que tenho por tão illustre corporação e por todos os seus membros, a quem nunca faltei com repetidas attenções, cortezias e delicadezas, mas tambem porque deve ser indulgente para os outros quem tanto precisa de indulgencia para si proprio.

Questão da Capella da Agua Ardente no Porto em 1885

Lamento profundamente, e quem tiver fé e amor da patria, e respeito e veneração pelas nobilissimas tradições da invicta cidade do Porto, cujos habitantes a ninguem cediam na manifestação dos seus sentimentos religiosos, ha de lamentar do mesmo modo que onde eram tantos e tão grandes os primores de religião e piedade, se levantasse uma questão de semelhante natureza, e cujo desenlace, reflexo talvez do da «Sancta Genoveva de Pariz» e, por de mais revolucionario e impio, maculou a cidade da Virgem, e offendeu a consciencia religiosa do paiz.

Permitta-se-me que eu layre aqui o meu protesto publico contra este precedente tristissimo, e sem exemplo na historia da Egreja Portugueza; e que ao mesmo tempo consigne tambem o meu pezar pelo grande desgosto que soffreu o Em.^{mo} Sr. Cardeal, Bispo do Porto, no desempenho do seu apostolado.

Tocou hoje a vez a Sua Em.^a, e amanhã poderá tocar a mim e aos meus collegas, porque todos estamos sujeitos a desgostos, cada um por seu motivo; e se Sua Em.^a não os pôde evitar no Porto com a sua auctoridade e muito saber, e de mais a mais auxiliado pelo espirito religioso d'aquella terra, mal poderemos nós tambem evital-os nas nossas Dioceses.

Demo-nos pois todos as mãos, e consolemo-nos e ajudemo-nos reciprocamente nesta lucta da verdade contra o erro, da impiedade contra a fé, e da insubordinação contra a auctoridade divina e humana; e bem sabe Sua Em.^a quanto são sinceros estes meus sentimentos, porque tive a honra de lh'os manifestar logo, e de lhe declarar que desejava collocar-me ao seu lado, e fazer tudo quanto de mim dependesse em tão difficil conjunctura.

Mas nem tudo são desgostos, desanimos e iniquidades n'esta deplorabilissima questão. Deu-se nella um facto por tal modo relacionado com o assumpto do presente livro, que não posso deixar de o notar e de o louvar como devo, porque desejo sempre ser justo para todos. Foi o de alguns jornaes catholicos não censurarem, antes louvarem e defenderem o procedimento do Em.^{mo} Prelado naquella deploravel questão.

Quando eu em Aveiro, cedendo á vontade de uma cidade inteira, á perspectiva de um grande beneficio para ella, e ás sollicitações de seus habitantes, do Governo e dos poderes publicos consenti que de um con-

vento em ruínas, e quasi prestes a acabar e a fechar de todo, se aproveitasse, com todas as formalidades legais e canonicas, uma parte d'elle já queimada, e uma pequenissima cerca e de pouco valor, para um grande melhoramento d'aquella terra, e isto sem offensa nenhuma da Religião, nem prejuizo da Religiosa que o habitava, pelas condições com que prestei aquelle meu consentimento, e que o Governo de Sua Majestade generosamente accitou e estipulou, honra lhe seja, alguns jornaes catholicos forjaram calumnias para me aggreder, falsificaram documentos publicos para me diffamar, e fizeram por muito tempo trabalhar os prelos com imprecações contra mim por aquelle motivo!

Porém a grande injustiça e iniquidade d'estes jornaes para commigo, tão altamente contradictoria com a sua mais—que—apregoadá consciencia de catholicos, não podia deixar de envergonhar a uns e de precatar outros para não aggrederem os Prelados sem o conhecimento das razões determinantes do seu procedimento, e que, embora algumas vezes pareça um mal, tem não poucas por fim o evitar outro maior, ou conseguir um grande bem, como aconteceu em Aveiro.

E felizmente já foi muito outro, e modelado talvez por estas considerações o caminho que seguiram na questão da «Capella da Agua Ardente» na qual succedeu o que é geralmente sabido, e cuja gravidade sob todos os respeitos não tem vislumbre de similhaça com o que succedeu na questão de Aveiro, que não foi nada nem merecedor do menor reparo para quem olhar para as cousas com animo limpo e despreoccupado.

Praza a Deus que seja este o principio da emenda dos mesmos jornaes no futuro, e o feliz prenuncio não da indulgencia para os Bispos em tudo (o que ninguém quer), mas do apoio justo e auxilio necessario para ser mais proveitoso o desempenho do seu sancto ministerio, apoio e auxilio concedidos não a alguns Prelados por complacencias pessoas e vistas mundanas, mas a todos por dever de consciencia e de justiça; porque só d'este modo poderão elles conformar-se com as recommendações sapientissimas do nosso glorioso Pontifice Leão XIII, e conquistar o respeito e a estima publica, e o prestigio, auctoridade e força de que precisam para não ficarem perdidos e sem fructo os seus trabalhos no serviço da Religião e da Igreja.

Carta para o Sancto Padre sobre a Encyclica—*Immortale Dei*—

Sanctissimo Padre. — Acabando de lêr, cheio de respeito e de admiração, a admiravel Encyclica de Vossa Sanctidade — *Immortale Dei* — não pude deixar de exclamar: — Quem se não applaudirá de pertencer ao Clero e ao Episcopado catholico com Vossa Sanctidade sentado na cadeira de S. Pedro? Quem não exultará de jubilo e contentamento com a gloria, prestigio e força moral que Vossa Sanctidade vai conquistando cada vez mais para o Papado e para a Igreja com a elevação do seu espirito, com a alta comprehensão do tempo em que vivemos, e com a proficuidade dos

seus ensinios, tão bem acceitos por todos e tão visivelmente abençoados pela Providencia Divina? E por tudo isto, finalmente, quem não trabalhará com gosto e do coração para agradar a Vossa Sanctidade, e para promover a salvação das almas e o bem religioso e social?

Arguem a Egreja e o Clero de ignorante, de inimigo dos Estados e do progresso e da civilisação moderna, e o seu Chefe supremo confunde e maravilha o mundo com os esplendores da sua sabedoria, com as benções que tem para todas as conquistas da sciencia e para todos os progressos legitimos da sociedade, e sobre tudo com o respeito sincero que professa pelos Imperantes e pela auctoridade civil, que deseja vêr, não absorvida, mas levantada, forte e digna. E por tal modo vão calando na consciencia publica a nobreza, abnegação e justiça d'estes sentimentos, que os mais poderosos Estados da Europa, ainda ha pouco em guerra aberta com a Sancta Sê, confiam já a Vossa Sanctidade a decisão dos seus pleitos, como acontecia nos tempos mais felizes do Christianismo.

Bem dicto seja o Senhor, que, assistindo tão visivelmente ao seu Vigario, enche de consolação, de conforto e de esperanza a todos os seus filhos!

Pela minha parte, Sanctissimo Padre, são as glorias do Pontificado de Vossa Sanctidade a minha maior consolação, não só porque ellas são igualmente as glorias do Episcopado e da Egreja, mas tambem porque não pôde deixar de despertar em mim este sentimento o entranhado amor e profundissima gratidão de que estou possuido para com Vossa Sanctidade.

Sempre firme e intransigente na defeza, tantas vezes custosa e ardente, dos direitos e da disciplina da Sancta Egreja, eu procuro conciliar sempre ao mesmo tempo com prudencias e delicadezas que não prejudicam aquelles, a benevolencia e attenção do Estado, das Auctoridades civis, e dos homens mais importantes dos differentes partidos politicos do meu Paiz, a que sou completamente extranho.

Mas, apesar das vantagens que d'aqui provêm para o governo d'uma Diocese tão importante e espinhosa como esta de Coimbra, em que desgraços para alguns não tenho incorrido tantas vezes por este motivo?! Vinham-me as difficuldades e os desgostos d'onde eu entendia que devia vir-me o apoio, e só Deus sabe quanto isto me tem custado; mas nem ainda assim mudei nunca de procedimento, porque, sem mandado de Vossa Sanctidade, a que obedeceria logo, dizia-me a consciencia e mostrava-me a observação dos factos que aquelle caminho era o unico por que nos tempos actuaes podia servir os interesses da Religião, da Egreja e da minha Diocese.

Aprouve porém a Deus Nosso Senhor compensar-me larguissimamente de todas estas contrariedades. Os ensinios sapientissimos de Vossa Sanctidade, as admoestações para uns, as censuras para outros, os conselhos para estes, a compaixão para aquelles, a justiça, caridade e benevolencia para todos, e ultimamente a Encyclica *Immortale Dei*, que, expondo e ensinando a verdadeira doutrina, deve pôr termo às hostilidades com que não poucos tanto prejudicavam o bem da religião e a salvação das almas, converteram-me a noite em dia, as tristezas em jubilos e as amarguras em consolações.

Não posso conter, mas também não sei exprimir os sentimentos que me animam para com Vossa Sanctidade; sei que é cada vez mais ardente o meu desejo de ir pessoalmente desafogal-os aos Pés de Vossa Sanctidade, e espero em Deus que o hei de realizar no proximo anno; mas, enquanto não chegar esta para mim tão suspirada fortuna, peço a Vossa Sanctidade que se digne de acceitar as minhas respeitosas e cordialissimas felicitações por aquelle monumento de sabedoria, de prudencia, de oportunidade e de alcance religioso e politico, que ha de attestar no correr dos seculos os privilegios e graças especiaes concedidas por Deus ao seu Gloriosissimo Auctor.

Assim o entendem também os meus Diocesanos, que juntamente comigo fazem votos cada vez mais ardentes pela feliz conservação de Vossa Sanctidade para bem de todos, e para lustre e esplendor da Religião e da Igreja; e com elles peço a Vossa Sanctidade com o maior respeito e submissão que se digne de abençoar esta Diocese e o seu humilde pastor.— De Vossa Sanctidade.— Filho humilde e muito obediente e dedicado.— *Manuel, Bispo de Coimbra.* — Coimbra, 28 de novembro de 1885.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Uma adhesão tão plena e obsequiosa á doutrina e norma seguida por Sua Sanctidade na ultima Encyclica — *Immortale Dei* — qual é a que V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} presta na mensagem que sujeita ao meu parecer e inclue na sua carta de 28 do passado novembro, não podia deixar de dar a Sua Sanctidade agradável satisfação e sentida complacencia.

Não hesitei por isso em pôr nas suas veneraveis Mãos o referido documento. E com muito prazer cumpri as suas soberanas ordens, louvando V. S.^a Ill.^{ma} por esta nova homenagem rendida á auctoridade do Chefe da Igreja, e participando a Benção Apostolica, que, como penhor de gratidão e benevolencia, do coração lhe concede.

Renovo por esta occasião os protestos de perfeita estima com que sou — De V. S.^a Ill.^{ma} e Rev.^{ma} — servo *L. Cardeal Jacobini.* — Mgr. E. Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra. — Roma, 7 de dezembro de 1885.

FIM.

INDEX

	Pag.
CIRCULAR AOS M. RR. ARCIPRESTES.....	III
Extinção do convento de Sá de Aveiro.....	1
Apropriação dos bens dos conventos sem o accordo da Sancta Sé.....	6
Empenho dos jornaes religioso-politicos em fazerem um Bispo mação.....	9
Parcialidade ou facciosismo dos mesmos jornaes.....	12
Visita episcopal.....	13
Questão dos arrozaes.....	14
Discursos da Academia de Sancto Thomaz d'Aquino em 1883.....	16
Romaria do Rosario a Aveiro.....	19
Confirmação do illustre Bispo de Bethsaida.....	20
Encyclica <i>Humanum Genus</i> e Beneplacito.....	20
Questão com os Capellães do convento de Sancta Thereza em 1874.....	21
Exequias de Joaquim Antonio de Aguiar em 1876.....	23
Benção do Caminho de ferro da Beira Alta em 1882.....	26
Accusação de reacção e ultramontano antes de ser nomeado Bispo.....	27
Dita de cismontano e Regalista depois da nomeação e factos comprobativos do regalismo.....	28
Interferencia dos Governos nos Seminarios e nas esmolas da Bulla da Cruzada...	29
Questão da Vigararia Capitular do Bispado de Vizeu em 1862.....	31
Informações para a apresentação dos Beneficios Ecclesiasticos, e justiça feita pelo Imperante nas d'esta Diocese.....	32
Accusações contra o Seminario de Coimbra.....	35
Proibição de cantarem mulheres na Igreja.....	40
Sepultura ecclesiastica.....	40
Honras de Conego.....	41
Harmonia entre o Clero e sua abstenção de luctas partidarias.....	41
Faltas de respeito á Religião Catholica e aos seus Ministros, e defeza da auctori- dade parochial.....	42
Intrigas e calumnias do jornal <i>A Nação</i> , e depoimento do Conselheiro Dr. Rodrigues d'Azevedo e Dr. Lima e Lemos contra estas.....	44
Delicadeza para com o Sancto Padre Pio IX antes de ser confirmado, e recusa aos pedidos d'uma carta para Sua Sanctidade.....	48
Justiça da Sancta Sé.....	49
Inconveniencias da <i>Nação</i> contra Pio IX, e os seus correligionarios de Coimbra..	49

	Pag.
Efeito das guerras da <i>Nação</i>	51
Respeito devido ao partido de que ella é órgão.....	52
Movimento religioso em Portugal.....	53
Incompetencia da imprensa do mesmo partido para o favorecer.....	53
Injustiça d'esta para com os Bispos.....	54
Censuras que lhe mandou fazer o Sancto Padre Leão XIII.....	55
Excessos e exaggerações na piedade.....	57
Incompetencia da imprensa do partido constitucional para dirigir o movimento e espirito religioso do paiz.....	61
Remedio para as inconveniencias de uma e de outra.....	63
Creação d'um partido Catholico e interferencia do Clero nos partidos.....	65
Prudencia do Episcopado Portuguez.....	67
Injustiça das informações dadas para o estrangeiro sobre o estado religioso de Portugal.....	69
Luctas religiosas do Brazil.....	71
Desculpas d'esta publicação.....	73
 COPIAS OU DOCUMENTOS.....	 75
 APPENDIX.....	 269
Circumscripção Diocesana.....	275
Faculdade de Theologia.....	281
Capella da Agua Ardente no Porto.....	283
Encyclica — <i>Immortale Dei</i>	284

ILL.^{MO} E REV.^{MO} SR.

É bem conhecida de todos a facilidade com que nestes tempos se argüe a auctoridade publica, tantas vezes sem conhecimento de causa, sem razão e sem consciencia; e seria quasi impossivel que nós, que a exercemos ha mais de 30 annos, não fôssemos tambem arguido na Imprensa, principalmente fazendo a diligencia que temos feito sempre para ser justo e imparcial em tudo.

Não nos desviam porém as suas arguições do nosso caminho, e tambem não nos molestam se não pelo receio de poderem ser acreditadas especialmente pelo nosso M. R. Cabido, pelos M. RR. Arciprestes, RR. Parochos e Clerigos, nossos Amados Irmãos e Cooperadores, porque seria triste e sem fructo o desempenho do nosso ministerio, se elles, illudidos por ellas, formassem mau conceito do seu pastor, ou se, contestando a probidade e inteireza do seu character como Bispo e como cidadão, tirassem d'aqui pretexto para se eximirem de egual inteireza no cumprimento dos seus deveres.

Felizmente nenhuns o têm feito até hoje, mercê de Deus; e a nossa vida, por mais longa que seja, não chegará nunca para testemunhar a estima e dedicação que temos por todos, e o reconhecimento que lhes devemos pelo seu apoio e estreitissima união comnosco, e pela indulgencia com que desculpam a nossa pobreza de saber e de merecimentos.

Todavia quizemos publicar e offerecer-lhes este livro como prova d'estes nossos sentimentos, e como tal lhes pedimos que o acceitem.

Rogamos a V. S.^a a bondade de mandar receber na Camara Ecclesiastica o numero de exemplares sufficiente para distribuir por cada um dos RR. Parochos do seu Arciprestado.

Deus Guarde a V. S.^a. —Coimbra, 26 de dezembro de 1885.

Manuel, Bispo Conde.

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcipreste
de _____

Mappa comparativo de algumas verbas de receita e despesa nos Seminarios de Lisboa e Coimbra e do movimento litterario em cada um d'estes estabelecimentos nos annos abaixo declarados

Annos	Alumnos internos		Refeitório		Professores		Empregados e serventes		Obras e reparos		Despezas diversas		Rendimentos proprios		Quantias recebidas da Bulla		Exames feitos		Alumnos		Padres ordenados		Quanto custou cada Clerigo aos rendimentos proprios do respectivo Seminario e á Bulla da Cruzada	
	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra	Gratuitos — Lisboa	Gratuitos e semi-gratuitos — Coimbra	Lisboa	Coimbra	Lisboa	Coimbra
1869 a 1870	79	145	6:251\$669	7:044\$925	1:203\$770	3:876\$000	1:918\$385	1:675\$260	1:104\$381	3:211\$157	5:269\$936	448\$274	15:530\$107	4:296\$155	7:027\$200 (1)	1:800\$000	132	452	41	18	6	3	3:759\$551	2:032\$051
1870 a 1871	86	140	8:381\$445	7:056\$426	1:395\$460	3:950\$000	1:698\$155	2:101\$080	1:025\$505	4:325\$788	4:939\$435	726\$196	16:287\$436	5:118\$792	6:945\$000	500\$000	114	422	42	22	3	19	7:744\$145	295\$725
1871 a 1872	85	149	7:830\$892	8:029\$129	1:628\$800	4:513\$000	2:841\$120	2:393\$775	701\$224	4:951\$081	2:077\$548	734\$346	17:778\$073	4:832\$230	6:740\$000	—\$—	118	523	47	27	5	15	4:903\$614	322\$148
1872 a 1873	98	165	9:245\$846	8:934\$414	1:628\$000	4:565\$000	3:055\$690	2:529\$508	866\$510	6:487\$903	2:169\$101	744\$824	17:142\$631	6:367\$970	6:956\$000	—\$—	162	495	56	33	1	11	24:098\$631	578\$906 (2)
1873 a 1874	99	166	10:443\$319	9:774\$042	1:591\$970	4:311\$200	2:882\$684	2:797\$182	571\$550	7:426\$500	1:868\$424	597\$960	17:585\$159	4:449\$180	8:285\$600	—\$—	176	506	56	41	10	13	2:587\$075	342\$244
1874 a 1875	92	180	9:727\$415	10:176\$248	2:448\$330	4:524\$650	3:129\$830	3:059\$090	618\$280	6:124\$545	2:178\$478	453\$195	21:350\$795	5:278\$900	6:890\$000	—\$—	105	497	42	50	6	6	4:706\$799	879\$816
1875 a 1876	89	185	11:259\$557	10:601\$543	2:111\$660	5:095\$700	2:701\$832	2:957\$291	1:164\$936	6:893\$455	1:214\$970	608\$655	19:905\$151	4:772\$340	7:193\$600	—\$—	126	498	42	46	5	14	5:419\$750	340\$881
1876 a 1877	95	203	11:240\$633	11:177\$579	2:740\$290	5:208\$900	2:978\$880	2:965\$566	913\$905	4:827\$221	1:249\$747	419\$170	48:561\$353	4:935\$790	8:345\$600	—\$—	102	486	44	52	3	8	8:969\$984	616\$973
1877 a 1878	85	244	10:821\$539	13:587\$347	2:440\$000	5:216\$800	2:961\$010	3:180\$142	703\$754	5:711\$440	1:043\$918	200\$450	19:055\$917	4:569\$090	4:182\$935 (3)	—\$—	122	597	45	57	8	11	2:904\$856	415\$371
1878 a 1879	87	327	11:341\$210	15:126\$526	2:671\$090	5:958\$200	2:697\$370	3:274\$597	662\$557	5:644\$810	1:096\$267	349\$895	21:975\$987	4:867\$910	8:142\$690	—\$—	110	606	45	59	2	5	15:059\$338	973\$582
1879 a 1880	91	300	10:943\$970	11:978\$980 (4)	2:739\$960	5:588\$800	2:557\$280	3:295\$332	1:228\$816	6:018\$025	13\$440	595\$805	18:337\$306	4:037\$720	3:720\$000	—\$—	115	516	64	64 (5)	4 (6)	10 (7)	5:514\$326	403\$772

(4) Nas quantias reeebidas pelo Seminario de Santarem da Bulla da Cruzada, e designadas neste mappa, incluem-se o subsidio, os ordenados dos conegos com obrigação de ensino, e as mezas de alumnos subsidiados pela Bulla.

(2) Este mappa, que eu digo a pagina 38 ter sido mandado para o Governo, não tinha, como é evidente, se não os dizeres até este anno, e pelas rectificações que se fizeram de novo nas diferentes parcelas quando estava para ir para a Imprensa, pôde haver alguma differença entre este que se publica e o que está na Secretaria de Estado, assim como nas parcelas designadas na pagina 38 e nas d'este mappa ha as differenças seguintes: A despesa com obras no Seminario de Coimbra em 1873 diz a sobredicta pagina que foi de 6:847\$903, e diz o mappa que foi de 6:487\$905 (troca de algarismo), e a somma dos rendimentos proprios no Seminario de Santarem no mesmo anno diz a sobredicta pagina que foi de 17:497\$879, mas no exame que se fez de novo nesta parcella conheceu-se que foi de 17:142\$631, que é o que diz este mappa. Tambem a conta da despesa do Seminario de Santarem em 1880 diz que a das diversas foi de 13\$440, como está neste mappa, o que não pôde deixar de ser engano.

(3) Neste anno não junctei a esta quantia a dos conegos com obrigação de ensino, por falta de esclarecimento seguro, e o mesmo fiz no anno de 1880; e se não obstante as minhas cautelas e a rectidão das minhas intenções, houver algum erro ou inexactidão nas diferentes verbas e parcelas d'este mappa, com relação ao Seminario de Santarem, promptamente as corrigirei, e peço ao Sr. Reitor e Empregados do mesmo Seminario as devidas desculpas.

(4) Na despesa do Refeitório no Seminario de Coimbra inclui-se tambem a das luzes — gaz e azeite, — e na somma total da mesma despesa está abatida neste mappa a economia feita com a padaria e açougue, e que na conta geral de cada anno figura como receita; e as differenças notaveis que ha nesta despesa d'uns annos para os outros são devidas a muitas causas — ou de melhoramento na alimentação dos alumnos, ou de subida e descida do custo dos generos de mais importancia, como: pão, vacca, azeite, ou de maior ou menor economia na padaria e açougue, ou da estada dos alumnos por mais tempo no Seminario, em razão de os exames dos estudos preparatorios no Lyceu terem chegado em alguns annos até ao mez de setembro,

ou finalmente de ter passado por este motivo o fim do anno economico, em que se faz a conta geral, do ultimo de julho para o ultimo de agosto.

No Seminario de Coimbra como já disse havia e ha almoço de garfo, chá e pão com manteiga, e prato de meio ao jantar todos os dias, e vinho ás quintas e domingos (hoje é tambem todos os dias). No Seminario de Santarem não havia almoço de garfo; e prato de meio só o havia ás quintas e domingos.

Tambem no Seminario de Santarem ha uma grande verba de despesa que já não ha no Seminario de Coimbra — o pagamento das quotas beneficiarias e parochiaes, provenientes da incorporação dos bens das collegiadas nos Seminarios, pagamento que foi no anno de 1870 de 4:195\$480; em 1871 de 3:681\$040; em 1872 de 3:655\$315; em 1873 de 2:902\$269; e ainda em 1883 foi de 2:612\$515.

Egualmente devo declarar que não é do tempo do Reitor do Seminario de Santarem, a que me refiro na pagina 39, mas de data anterior, o facto de o Governo não mandar entregar o subsidio d'um anno ao mesmo Seminario por falta de contas; e em justiça do mesmo Reitor devo declarar tambem que elle trabalhou muito e com muito zelo para augmentar, como augmentou,

a receita do Seminario em rendimentos proprios, o que este mappa comprova; porque de 15 contos em 1870 subiu a 21:975\$987.

(5) Este numero de alumnos gratuitos e beneficiados pelo Seminario de Coimbra tem augmentado tão progressivamente, que no ultimo anno lectivo de 1884 a 1885 foi de 81; e a somma dos beneficios feitos aos ordinandos em relação ao que pagam os alumnos, que não são ecclesiasticos, foi de 7:206\$660, como consta do mappa publicado com o do movimento litterario do mesmo anno.

(6) Estes numeros não designam os clerigos ordenados; designam os que pediram licença regia para se ordenarem no Patriarchado.

(7) A ordenação em Coimbra, felizmente, augmenta de anno para anno, e tanto que no corrente anno de 1885 a 1886 andam nos 3 annos do curso ecclesiastico superior 73 ordinandos, o que dará ordenações de mais de 20 por anno.